

CAMPO LIMPO PAULISTA: das origens ao terceiro milênio

Paulo Luiz Martinelli

Edoardo Coen



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAMPO LIMPO PAULISTA**ÍNDICE****pág.**

I	-	Apresentação Edoardo Coen.....	7
II	-	Mensagem do Presidente da Comissão encarregada do Projeto: “Campo Limpo Paulista resgata a sua história” Paulo Luiz Martinelli.....	8
III	-	Mensagem do Prefeito Municipal Dr. Luiz Antônio Braz.....	9
IV	-	Poesias sobre a Cidade.....	11
V	-	Os Inícios.....	15
VI	-	Quilombos em São Paulo e Jundiaí.....	20
VII	-	Os Imigrantes.....	21
VIII	-	As Estradas de Ferro.....	25
IX	-	Chegam as Primeiras Indústrias.....	30
X	-	O Longo Caminho até a Emancipação.....	33
XI	-	Primeiros Passos do Novo Município.....	43
XII	-	Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.....	45
XIII	-	Estrutura Organizacional da Prefeitura.....	56
XIV	-	Crônicas e Perfis de Ex-Prefeitos.....	59
XV	-	Símbolos Municipais – Hino, Brasão e Bandeira.....	64
XVI	-	Depoimentos de Pioneiros Moradores – Lembrando e Relatando.....	66
XVII	-	Vida Religiosa.....	77

XVIII	-	Educação.....	84
XIX	-	Esportes e Lazer.....	95
XX	-	Cultura e Turismo.....	103
XXI	-	“Causos” e Folclore.....	116
XXII	-	Promoção Social.....	122
XXIII	-	Dados Socioeconômicos e Geográficos.....	125
XXIV	-	Segurança Pública.....	134
XXV	-	Saúde.....	138
XXVI	-	Saneamento Básico.....	142
XXVII	-	Bairros da Cidade.....	143
XXVIII	-	Imprensa.....	151
XXIX	-	Comércio e Serviços.....	152
XXX	-	Necrópole Bosque da Saudade.....	155
XXXI	-	Serviço Telefônico Municipal.....	157
XXXII	-	Cronologia.....	158
XXXIII	-	Agradecimentos.....	168
XXXIV	-	Agradecimentos Especiais.....	172
XXXV	-	Posfácio.....	173
XXXVI	-	Bibliografia.....	174

Os Autores

- Paulo Luiz Martinelli

Brasileiro, casado com Ivanir Lanfranchi Martinelli, tem dois filhos: Victor e Renan.
Advogado e bacharel em Ciências Contábeis. Filho de Dante e Cleufe Martinelli.
Seu pai foi ativo participante do movimento de emancipação político-administrativa de Campo Limpo. Eleito Vereador na 4ª Legislatura e Vice-Prefeito na 8ª e 9ª Legislaturas da cidade de Campo Limpo Paulista.
Colaborador do jornal semanal “O Pêndulo” de Campo Limpo Paulista.
Em 2001, por designação do Prefeito Municipal, passou a presidir a comissão encarregada do projeto “Campo Limpo Paulista resgata a sua história”.

- Edoardo Coen

Nascido na Itália, chegou ao Brasil em 1946, com 16 anos.
Cursou o Colégio Dante Alighieri e formou-se em Ciências Econômicas, pela PUC, em 1954.
Colaborou, e ainda hoje colabora em vários periódicos da comunidade italiana, como: La Settimana Del Fanfulla, Il Corriere, Il Corriere Del Sudamerica, Il Giornale ítalo-brasiliano, Noi all’Estero, Oriundi, Insieme (Curitiba), Il Titano – Informativo del Consolato di San Marino,
Colaborou também com o “Jornal do Bairro”, da Mooca.
Em 2000, por conta da Cooperativa Técnico-Educacional – C.T.E., de São Paulo coordenou os trabalhos para a realização do livro “Cabreuva – nossa cidade, nossa memória”,

Dedicatória

Esta obra é dedicada aos emancipadores
de Campo Limpo Paulista, esses honrados
cidadãos que acreditaram nesta terra e na sua gente.

A História

“ A história ... é a testemunha
dos tempos, a luz da verdade,
a vida da memória,
a mestra da vida,
a anunciadora da antiguidade”.

Cícero (106-43 a.C.), Do Orador, I 1.

I - Apresentação

A história de uma cidade! Parece uma tarefa fácil quando é enfrentada de forma superficial, e apenas do ponto de vista da estatística.

Torna-se porém um trabalho árduo e de grande responsabilidade quando se penetra no real e cabal termo que o étimo comporta, já que o seu significado não se restringe apenas a conglomerado urbano.

Uma cidade, grande ou pequena, metrópole ou vilarejo, não é uma mera seqüência de dados e números, frios na sua essência, que porém conseguem mimetizar o âmago de sua verdadeira alma.

Sim, alma. Porque por mais paradoxal que possa parecer esta afirmação, uma cidade possui alma.

A alma de uma cidade é o denominador comum de seu povo, mesmo que de forma abstrata. Atua inconscientemente como um verdadeiro fio condutor invisível, para unir numa única direção todos os seus moradores, à qualquer categoria social a que possam eles pertencer.

É este um denominador formado por uma mesma aspiração: o bem-estar individual e coletivo, a tranqüilidade, e a possibilidade de uma ascensão social.

Isto, como anteriormente foi dito, não é representado através de números, mas se manifesta principalmente nos pequenos fatos e nos acontecimentos corriqueiros de todos os dias, que para um observador superficial podem até parecer de somenos importância.

Alma que teve seu início no instante em que a cidade começou a se formar, e que é transmitida como uma herança genética às gerações vindouras.

Captar o sentido dessa alma, descrevê-la, e ao mesmo tempo dar-lhe uma forma concreta, através da linguagem escrita é a finalidade deste trabalho que ora apresentamos.

Mais que um simples volume destinado a ser relegado ao canto de uma estante, representa um alerta para as futuras gerações, uma lembrança daquilo que deve ser preservado e transmitido, pois uma coletividade que desconhece o seu passado é uma coletividade sem rosto, que perdeu a sua alma e a própria identidade.

Como o leitor poderá perceber, essa obra não é apenas o produto de uma única entidade ou pessoa, mas o trabalho coletivo de toda uma população através de seus indivíduos, que com seus depoimentos e lembranças demonstraram que Campo Limpo Paulista possui alma própria, única e indivisível, e que deseja preservá-la e transmiti-la como herança moral àqueles que virão no futuro: os campo-limpenses do III Milênio.

Edoardo Coen

**II - Mensagem do Presidente da Comissão encarregada do projeto:
“Campo Limpo Paulista resgata a sua história”.**

Árdua e honrosa tarefa esta, a de escrever um livro sobre a cidade.

A responsabilidade aumenta à medida que percebemos quantos acontecimentos, histórias, “causos” e lendas estão escondidos nos baús de memórias de famílias que aqui vivem e não foram divulgados. Daí a sensação de que a obra não está encerrada; trata-se de seu esboço, do princípio de uma longa discussão da história desta terra que amamos. Certamente a 1ª edição suscitará crítica contundente daqueles que se sentirão aliados do processo, e de outros, bem informados, que identificarão incorreções no seu conteúdo. E aí, mesmo que extemporaneamente, surgirá o debate e dele, quem sabe, a luz.

Esta edição aflorará novos relatos e dados que serão incorporados às próximas edições. É a memória do município em movimento.

Não temos a pretensão de esgotar, nesta edição, a rica história de Campo Limpo Paulista, mas tão-somente provocar sua dialética. Todos estão convocados. Assim, reiteramos o apelo que já fizemos pela imprensa.

Externamos nossos sinceros agradecimentos: ao dr. Luiz Antonio Braz pelo apoio, à comissão especialmente nomeada para o projeto “Campo Limpo Paulista resgata a sua história” e, aos cidadãos que também contribuíram, mediante depoimentos, relatos, fotos e documentos para esta edição.

Nossa expectativa é a de que “Campo Limpo Paulista – das origens ao terceiro milênio”, sirva como fonte confiável de consulta à população, contribuindo, mesmo que modestamente, para construir, resgatar e conservar a identidade de seu povo e para o fortalecimento da cidadania.

Paulo Luiz Martinelli

Vice-Prefeito

III - Mensagem do Prefeito Municipal

Desde que assumi a prefeitura, já em meu primeiro mandato, senti que Campo Limpo Paulista desejava afirmar sua identidade como Município autônomo e progressista. Percebi também o desejo da população de ver a cidade desvinculada de duas situações incômodas: por um lado, confundida com um bairro de mesmo nome na Capital-SP; por outro, pelo fato de ter sido bairro de Jundiaí-SP, cidade da qual se desmembrou, em 1964/65, pela vontade expressa de seus moradores.

Minha administração começou por discutir a história e os rumos da cidade, seus planos, caminhos e destinos, no seminário “Campo Limpo Paulista – Tempo de Mudança”, realizado em 1997. Neste seminário percebemos que nossa população tem orgulho de ser campo-limpense, tem orgulho da sua história e dos seus antepassados pioneiros, que aqui constituíram família e transformaram o então vilarejo em cidade.

Tínhamos que resgatar esses valores históricos, assim como fizemos, por exemplo, com o Hino do Município que estava esquecido, obra do maestro e compositor campineiro Raul do Valle, o qual registramos em CD, em gravação feita com um coral infantil formado por alunos da primeira escola fundada na cidade; bem como a publicação, em 1997, do "Caderno Campo Limpo Paulista em Números", que mobilizou uma grande equipe, entre a Administração e a Comunidade, fazendo estudos e pesquisas, recuperando e sistematizando informações, registrando e unificando documentalmente o primeiro perfil geral de dados estatísticos do Município. Entre outras ações de resgate.

Sabemos que o livro não se encerra aqui, nesta primeira edição histórica; outras edições surgirão. Cada vez mais ricas e ilustradas de fatos e narrativas; entretanto, demos o primeiro passo.

Parabéns ao povo campo-limpense, que está ajudando a escrever, com dignidade e trabalho, a história de sua cidade.

Dr. Luiz Antonio Braz
Prefeito Municipal

**“ Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde
e pousam no livro que lêem.**

**Quando fecha o livro,
eles alçam vôo
como de um alçapão ”.**

Mário Quintana
“Esconderijo do Tempo”

IV - Poesias Sobre a Cidade

Apresentamos as cinco melhores poesias escritas por alunos das Escolas Municipais de Ensino Fundamental, as quais foram selecionadas pela Comissão encarregada do projeto “Campo Limpo Paulista resgata a sua história”. O tema, não poderia ser outro: a cidade de Campo Limpo Paulista.

O que impressionou à Comissão, na leitura de todos os trabalhos dos estudantes, foi o carinho com que lembravam do município. As poesias representam um tributo sincero desses jovens cidadãos à Campo Limpo Paulista.

A Cidade

Nesta cidade eu nasci e
 Nela eu estou crescendo
 Estudo em uma escola municipal
 Onde estou aprendendo

Aprendi a ler e a escrever
 Ainda tenho muita coisa a aprender
 Mas o principal é respeitar as pessoas
 Que fazem esta cidade crescer

A nossa cidade não é grande
 Mas também não é pequena
 Aqui vive tanta gente
 Tem clima bom e uma vida serena

Moro no campo rural
 De Campo Limpo Paulista
 Vocês que ainda não conhecem
 Venham apreciar esta bela vista

E.M.E.F. "Estância Figueira Branca"
 Natalie Francisca Menezes Moretti - 3ª série

Moro numa cidade
 Muito bela
 Às vezes vejo ela
 Como uma capela

A cidade onde eu moro
 É bonita de viver
 Ela me ensina tudo
 Que tenho que aprender

Minha cidade é pequena
 E gostosa de viver
 Nela eu passeio muito
 E me divirto prá valer

E.M.E.F. "Estância Figueira Branca"
 Cinthia Silva da Costa - 3ª série A

Cidade de Todos Nós

Campo Limpo, Campo Limpo, cidade do meu coração
Com muito orgulho e carinho, eu faço esta dedicação
Sou criança, sou pequeno, não sei o que escrever
Mas neste dia importante, um poema vou fazer

Nasci e estou sendo criado, nesta linda cidade
Cidade de paz, harmonia e muita felicidade
Que Deus possa abençoar as nossas autoridades
Prefeito, vereadores e todas as celebridades

Unidos na mesma fé, na mesma esperança
Não importa se é velho, jovem ou criança
Dizemos todos juntos, em uma só voz
Campo Limpo Paulista, cidade de todos nós

E.M.E.F. Vereador José de Souza Charrua
Lucas Quintino da Silva - 4ª série C

Nossa Campo Limpo

Eu ontem sonhei
 Que em nossa cidade
 Ao invés de termos nossas serras
 Tínhamos prédios e arranha-céus

Ao invés de flores,
 Pássaros e matas
 Tínhamos o cinza
 Da poluição

Eu vi pessoas correndo apressadas
 De um lado para o outro
 Ninguém nem se conhecia
 Ninguém nem se via

Que bom, acordei!
 E logo, recebi um bom dia!
 Os pássaros na minha janela
 E o verde da mata, então!

As pessoas todas sorrindo
 Umas vindo e eu, indo
 Elas vindo vagarosas
 Na Dellerba trabalhar
 E eu na escola do Moinho
 Estudar

Eu moro no Jardim Vista Alegre
 O nome para mim já diz tudo!
 Bem no meio de Campo Limpo Paulista
 Que é um pedacinho do meu mundo!

A você que vai me ler
 Não ofereço grandeza
 Só quero poder apresentar
 A nossa beleza

Deus fez tudo com desvelo
 Mas caprichou bem na flor
 Usando como modelo
 Fez Campo Limpo com mais amor

Campo Limpo é a flor
 Na luz clara e transparente
 Mas ela é muito mais bonita
 Brilhando no coração da gente

E.M.E.F. "Vila Constança"
 Verônica Leal Garcia - 4ª série A

E.M.E.F. “Bairro do Moinho”
Gabriela Fabretti Ribeiro - 4ª série

V - Os Inícios

Um relato da história da formação do Município de Campo Limpo Paulista, não poderá ser compreendido, e completamente aquilatado na sua essência real, sem que antes seja feita uma referência à cidade de Jundiá, já que a mesma representa o seu útero gerador, onde se desenvolveu até atingir condições de emancipação.

Com a fundação de um Colégio, em 1554, pelos jesuítas, destinado à catequese dos índios, foram lançadas as bases da metrópole que mais tarde se chamaria São Paulo, mas no momento de seu nascimento era apenas Núcleo de São Paulo de Piratininga, e que devido à sua privilegiada posição geográfica estratégica, em brevíssimo tempo se transformaria num centro de irradiação voltado à colonização e ao desbravamento do Planalto Cristalino Paulista, através daquele fenômeno histórico e social chamado “Bandeirismo”.

Um dos eixos desta penetração, que é justamente aquele que nos interessa, partia de São Paulo em direção ao Norte do País, até as Minas Gerais.

Via de regra estas expedições seguiam acompanhando o curso dos rios, em embarcações, quando navegáveis, caso contrário ladeavam suas margens. Nesse ponto o Rio Anhemby, que em seguida assumiria o nome de Tietê, prestava-se à essa finalidade, pois seu curso não se dirigia para o mar, mas sim, para o interior.

Era lógico que nessas estradas ou caminhos, nos locais onde normalmente estas expedições e os viajantes paravam para descansar iam se formando pequenos aglomerados com casebres de “pau-a-pique”. Seus habitantes fixos se dedicavam ao pequeno comércio de mercadorias de subsistência, ou apenas faziam trocas, com aqueles que transitavam pela região.

Um desses primitivos núcleos representou a “célula mater” de Jundiá que, como afirma Pedro E.Valim em seu “Álbum dos Municípios de São Paulo”: Jundiá teve início em 1615. Nesse ano, a viúva Petronilha Rodrigues Antunes, de parceria com Rafael de Oliveira, foram cúmplices de um homicídio, e sendo perseguidos pela justiça, embrenharam-se pelo sertão e assentaram vivenda onde hoje está a povoação.

Assis Cintra (Monografia de Jundiá) é mais explícito: Rafael, apaixonado por sua comadre Petronilha Rodrigues Antunes, ajudou-a no assassinato do marido: José de Camargo Antunes.

Nesse ponto surge uma pergunta: onde poderia ser essa “vivenda” citada por Pedro E. Valim? Presume-se que tenha sido uma fazenda no Jaraguá, um dos bens arrolados numa declaração de propriedades da segunda esposa de Rafael. Seria, pois essa fazenda, a área rural onde mais tarde se desenvolveria o núcleo original de Jundiá.

Sobre isso é importante considerar que naquela época as propriedades rurais cobriam áreas consideráveis do já vastíssimo e desconhecido “sertão de Jundiá”, que além do mais, tinha também a fama de “refúgio de criminosos e homiziados” (Taunay - S.Paulo no século XVI - pág. 214).

Depois de assentados, Rafael e Petronilha, construíram uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Desterro, acontecimento este muito comum na época das bandeiras, já que como afirma Cassiano Ricardo em sua “Marcha para o Oeste”:...quando se trata de cidade fundada por bandeirantes, os atos que iniciam o arraial são a capela e o curral: isto é, as duas necessidades imediatas do homem da conquista: o alimento do espírito, numa época em que as culpas cometidas no sertão exigiam esse remédio, e o alimento para a vida vegetativa que garantisse a subsistência imediata do arraial.

Pesquisas realizadas mais tarde puseram em dúvida que Rafael de Oliveira (1572 - 1648) fosse o verdadeiro fundador da cidade. De fato Rafael era vereador na cidade de S.Paulo de Piratininga, e participou ao lado de Diogo de Quadro em 1613 de uma expedição a Minas Gerais e, em 1615, numa outra, em Santa Catarina. Talvez pudesse ter passado pela região (Jundiá) em algumas delas, mas contraiu

casamento com Catarina D'Orta em S.Paulo, reforçando ainda mais as dúvidas de ter sido ele o fundador da cidade.

É confirmado também que seu filho Rafael fixou assentamento no local em 1640.

De qualquer forma, a única data precisa, onde não pairam dúvidas ou contestações, nesse verdadeiro emaranhado de hipóteses é a de 1655, ano em que o capitão-mor Manoel de Quevedo, em nome do donatário da capitania, Conde de Monsanto elevou Jundiáí à categoria de Vila, numa época em que o povoado já contava 309 pessoas, inclusive os escravos.

A Área de Jundiáí

A área que pertencia à Vila de Jundiáí era vasta, e já nos primeiros anos do século XVII, vários povoadores portugueses moravam na região.

Os primeiros documentos datam de 1642 e confirmam que Amador Bueno (o rei aclamado pelos paulistas), Cunha Gago, Garcia Rodrigues Velho, Pedro Madeira, Toledo Pisa, Petronilha Antunes, Onofre Rodrigues Velho e outros tinham adquirido sesmaria na região localizada entre os rios Jundiáí-Guaçu, Jundiáí-Mirim, Atibaia e o morro do Jaraguá, chamada de vários nomes: Habiturucaia, Boturucaia, Voturucaia, Hoviturucaia, Bitorulaia e Ivoturucaia, mudando pronúncia e grafia conforme o entendimento dos primeiros povoadores brancos.

Com a entrada cada vez maior dos desbravadores, surgiram novos povoados, com novas denominações: Campo Limpo, Campo Largo, Campo Verde, Várzea, Roseira etc., de forma que a localidade primitiva foi se tornando cada vez menor.

Os primeiros moradores destes povoados iniciais se dedicavam ao plantio de milho, mandioca, feijão, cana-de-açúcar e algodão, em suas fazendas e sítios.

A cana-de-açúcar era moída em pequenos engenhos rudimentares, produzindo açúcar e aguardente. Criavam também gado, porcos, aves como galinhas e perus, como também eqüinos, tornando-se assim cada fazenda ou sítio praticamente auto-suficiente, e vendendo ou trocando o produto excedente com os viajantes que normalmente transitavam pela região, indo ou voltando das Minas Gerais.

Era uma sociedade rústica, onde não podia haver luxo ou requinte. As residências eram edificadas no sistema de "pau-a-pique". Apenas os mais abastados podiam construir suas casas com blocos de argila secada ao sol, chamados "taipa de pilão", cobrindo-as com telhas cozidas, enquanto os outros usavam o sapé como telhado.

Delineavam-se, dessa forma, os núcleos das futuras vilas e cidades, onde por enquanto a vida transcorria plácida e serena, com as atividades dos moradores voltadas para o trabalho nas fazendas.

Era uma sociedade com seus parâmetros adaptados e definidos pelo ambiente, onde as relações entre os habitantes estavam alicerçadas numa simbiose entre o campo, o homem e o braço escravo.

Esta tríade - campo, homem e escravo - deu as bases para a estrutura social que atravessou todo o período da Colônia e do Império.

Uma descrição do ambiente é dada por Antonil, que em um de seus escritos afirma: "O senhor é título a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado de muitos, os escravos são os pés e as mãos do senhor".

Em Campo Limpo, caminho das tropas para Atibaia, desde os primeiros anos do povoamento português, o panorama não era diferente. Durante muito tempo teve apenas uma grande fazenda, que segundo registros históricos levantados por Manoel Tavares da Silva, era de propriedade de João Antônio da Silva e sua mulher. Ainda em 1880, esta fazenda integrava o bairro de Ivoturucaia, ao qual, o então vilarejo Campo Limpo pertencia.

O Ciclo do Açúcar

Desde os inícios da colonização, depois do ciclo da extração do “pau-brasil”, realizado de forma predatória, ao ponto de praticamente exaurir este produto, a principal lavoura da Colônia tornou-se a da cana-de-açúcar.

Na Capitania que incluía Jundiaí, e por extenso também a futura Campo Limpo Paulista, a era canavieira começou com atraso em relação ao Nordeste do país.

Apesar de Jundiaí formar com Piracicaba, Sorocaba e Mogi-Guaçu, um quadrilátero açucareiro, no início a produção era bem modesta, por não ser compensatória a plantação da cana, e a conseqüente produção de açúcar, pois o Nordeste, grande produtor desse artigo, se encontrava geograficamente muito mais próximo da metrópole portuguesa, e absorvia quase toda a produção para revendê-la aos outros países da Europa.

No entanto, com o florescimento e o desenvolvimento das cidades, principalmente em Minas Gerais, houve um aprimoramento dos usos e costumes, devido a um maior poder aquisitivo da população, que começou a querer o açúcar para seu uso.

Começou assim, com uma tímida demanda de açúcar que o Nordeste não podia atender, pois a sua produção estava voltada para a exportação. Estava se formando um vácuo que era necessário preencher, e foi justamente nesse momento que o quadrilátero do açúcar começou a dar sinais de vitalidade, favorecido também pelas características do solo que se prestava a esse tipo de cultura.

As fazendas locais com grande extensão territorial, impulsionadas pelo braço escravo, transformaram suas terras em verdes canaviais. Estava implantada a monocultura. Foram colocados em funcionamento, apenas em Jundiaí, que em 1818 contava com 5061 habitantes, 16 engenhos para a produção de açúcar.

Porém, os ciclos econômicos não são eternos. Têm sua duração estabelecida pelas flutuações de mercado, e pela imponderabilidade dos acontecimentos.

Em 1822, um primeiro sinal de alarme tocou para estes fazendeiros quando viram a entrada na Europa do açúcar de beterraba produzido localmente, e que acarretou a perda dos mercados europeus.

Todavia esse sinal de alarme não foi ouvido. Foi necessário esperar até 1830, quando os preços despencaram definitivamente, levando à falência muitos fazendeiros e usineiros. Tinham continuado com o sistema da monocultura da cana sem perceber os alertas que avisavam que um ciclo estava se fechando. Era imprescindível adaptar os sistemas de trabalho e os meios de produção à Revolução Industrial, que da Inglaterra estava se espalhando para todo o mundo.

Era necessário, pois, preparar o terreno para um novo ciclo que já batia imperiosamente às portas: o ciclo do “Mestre Café”.

A chegada do “Mestre Café”

“A quem viaja pelo sertão do Nordeste paulista empolga o espetáculo maravilhoso do pomar do café. A onda verde nasceu humilde em terras fluminenses, tomou vulto, desbordou para São Paulo e fraldeando a Mantiqueira veio morrer detida pela fralda do clima, à orilha da Paulicéia. Mas não parou. Transpôs o baixadão geento e foi espriar-se em Campinas. Aí começa Mestre Café a perceber que estava em casa”.

Monteiro Lobato - A Onda verde

A crise do açúcar, em 1830, mesmo levando à falência numerosos usineiros e fazendeiros, não causou danos irreparáveis à economia da região. Os fazendeiros que tinham conseguido salvar-se da bancarrota compreenderam que uma época tinha terminado o seu curso, e era necessário adaptar-se aos novos tempos, determinados pelos ventos da Revolução Industrial, já em curso na Europa, e de onde vinham claros ecos do fermento revolucionário do proletariado que, mesmo trazidos com considerável atraso ao Brasil, pelos lentos navios da época, não deixavam de tocar uma sineta de alarme.

Os mais esclarecidos chegaram à conclusão que o sistema do trabalho escravo tinha sido abalado e ameaçava desorganizar a produção das grandes fazendas. Uma medida, mesmo sendo paliativa,

foi aquela de recrutar homens livres e pobres que viviam às margens dos latifúndios, e procurar diversificar a produção de suas terras, mesmo não deixando completamente aquela da cana, sabedores que uma outra cultura estava avançando rapidamente: a do café.

Desde o final do século XVII, o sargento-mor Santos Prado, em uma chácara de Jundiá, produziu sementes de café, difundindo-as para outras cidades que iniciaram uma economia rural que se espalhou por toda a Província. Na medida que as terras se esgotaram, novas terras eram procuradas, principalmente no oeste paulista.

Sérgio Silva, em seu livro *“Economia cafeeira”* relata: *“A produção brasileira de café cresce muito rapidamente durante todo o século XIX. No começo da segunda metade do século ela toma proporções muito importantes: a cifra se aproxima de 3 milhões de sacas por ano de média. A partir da década de 1870, e sobretudo a partir de 1880, quando a produção média ultrapassa os 5 milhões de sacas por ano, o café torna-se o centro motor do desenvolvimento do capitalismo no Brasil”.*

Produção de café 1821/1900 (em milhões de sacas)

Anos	Produção
1821 - 1830	0,3
1831 - 1840	1,0
1841 - 1850	1,7
1851 - 1860	2,6
1861 - 1870	2,9
1871 - 1880	3,6
1881 - 1890	5,3
1891 - 1900	7,2

O vertiginoso crescimento da produção cafeeira a partir da década 1871-1880, segue uma mudança do centro geográfico dos cafezais. É exatamente nesta década que a produção paulista supera a do Rio de Janeiro. Os cafezais do Vale do Paraíba foram substituídos por aqueles do Planalto de São Paulo.

Nos anos que vão de 1852 a 1857, o porto de Santos embarcava apenas o 6% da produção nacional, uma diferença astronômica quando comparada com aquela do porto de Rio de Janeiro que escoava 92% das exportações de café brasileiro.

Nos anos sucessivos essa diferença vai diminuindo sempre mais, até ultrapassar o ano de 1870, quando a Província de São Paulo se torna a principal responsável da expansão cafeeira.

Nesse ponto, para se ter uma idéia exata do porquê deste rápido crescimento de produção e deste deslocamento geográfico, é necessário considerar as mudanças simultâneas que ocorreram no nível das relações de produção. De fato, conquistando os planaltos paulistas, os cafezais começam a abandonar o trabalho escravo, substituindo-o pelo trabalho assalariado. Com isso, a produção de café conhece uma primeira mecanização parcial.

Sérgio Silva apresenta as razões do sucesso: *“O desenvolvimento da economia cafeeira não teria sido possível sem as estradas de ferro. As antigas tropas de mulas não podiam escoar uma grande produção espalhada por milhares de quilômetros. Com as estradas de ferro as distâncias deixam de representar um obstáculo importante. Todo o interior de São Paulo estava pronto e apto a ser conquistado pelos pioneiros do café”.*

As plantações não seriam mais esmagadas sob o peso das colheitas impossíveis de serem escoadas. Em 1858, a São Paulo Railway Co.Lt. era organizada na Grã Bretanha. Ela se encarregou de construir uma estrada de ferro ligando o planalto de S.Paulo ao porto de Santos.

Jundiá representou pois, o ponto inicial dessa estrada de ferro, onde convergiam as tropas de mulas, vindas das fazendas das regiões próximas, carregadas de sacas de café para serem embarcadas no porto de Santos para o exterior.

O verdadeiro fator de expansão foi, contudo, o café, que se desenvolveu intensamente na região, dando origem a grandes latifúndios e à formação e distribuição de riquezas.

L. Zacharias de Lima em seu livro: *A política do café em São Paulo* cita os três fatores que incrementaram a produção cafeeira em terras paulistas: *“As qualidades peculiares do solo e do clima de São Paulo à cultura do café, não teriam tido todo o maravilhoso aproveitamento do que se orgulha a mais diligente*

das unidades da República brasileira, sem o concurso de três outros fatores, a saber: a iniciativa particular dos paulistas na construção de suas grandes redes de estradas de ferro, o comércio comissário de Santos, com suas funções capitalistas de fornecedor de custeio à lavoura e a imigração estrangeira”.

A crise da Bolsa de Valores de New York, em 1929, que praticamente arrasou a cafeicultura brasileira, levando à falência um grande número de fazendeiros, os assim chamados “barões do café”, que tinham apostado todas suas fichas na monocultura; embora isso não tenha provocado excessivos percalços na economia de Jundiaí, pois muitas de suas propriedades agrícolas tinham adotado o sistema da policultura. Iniciou-se, por influência dos italianos imigrantes, o cultivo da videira, o que adiante deu a Jundiaí o título de “Terra da Uva”.

Justamente por representar um ponto de entroncamento de duas estradas de ferro: a SPR e a Bragantina, cuja principal finalidade era o transporte do café para o porto de Santos, o Instituto de Café de S. Paulo, nos primeiros anos do século passado, tinha construído dois grandes depósitos, que deveriam servir como reguladores dos estoques de café, com uma capacidade de 1 milhão e duzentas mil sacas e onde, entre o 1935 e 1941, foram queimadas milhões de sacas, seguindo a orientação da política exportadora do governo federal.

Lembram os velhos moradores, que o cheiro do café queimado era tão forte e intenso que alcançava a área central de Jundiaí, distante 11 quilômetros.

Esses depósitos, localizados onde hoje está estabelecida a Krupp, ficaram praticamente abandonados. Somente nos anos de 1948 e 1949, com o fim da II Guerra, foram reutilizados para servir de alojamento provisório para uma leva de imigrantes trazidos pela ONU.

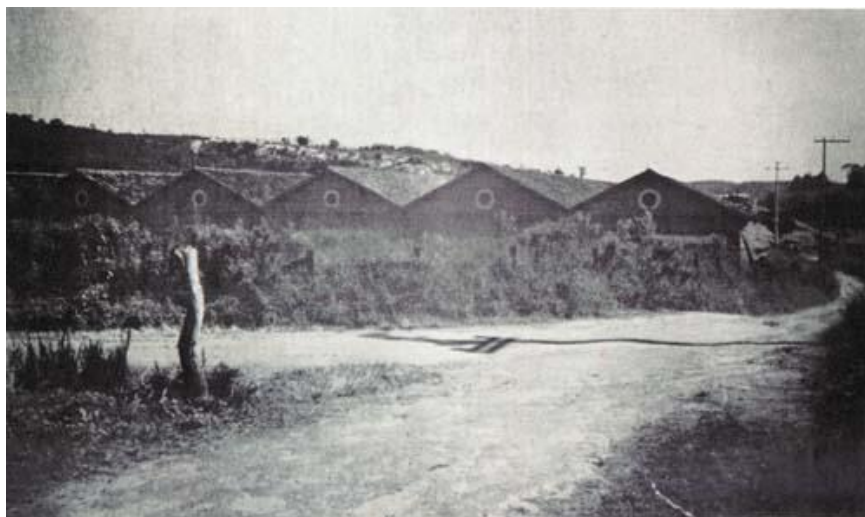
Lembra Ludmilla Vorobieff (Lúcia, imigrante russa) que em 1948, com 2 anos de idade, com seus pais ficou hospedada nesses locais, que isso se deu porque a Hospedaria dos Imigrantes em S. Paulo estava sendo ocupada pela Escola Técnica de Aeronáutica. Segundo ela, que pesquisou o assunto, por falta de divulgação, a Hospedaria da Estação de Campo Limpo não aparece na história das últimas imigrações, somente sendo lembrada nos testemunhos dos que passaram por ali.



A Bragantina e o café



Estação de Campo Limpo, 1930, no alto à esquerda a Canela de São Benedito



Antigos depósitos do Departamento Nacional do Café, onde posteriormente foi instalada a Krupp

VI - Quilombos em São Paulo e Jundiáí

Sempre se acreditou que o fenômeno dos quilombos fosse restrito ao Norte, Nordeste brasileiro, no entanto um regimento da Comarca de São Paulo, de 1733, caracterizava o quilombo como “o *ajuntamento mais de 4 escravos vindos em matos para viver neles e fazerem roubos e homicídios*”.

A presença negra se tornou dominante no cenário paulista em resposta à expansão das fazendas canavieiras no eixo que vai de Piracicaba a Jundiáí, e das fazendas de café do Vale do Paraíba e do oeste paulista, que conheceu os cafezais, a partir de meados do século XIX.

Foi a partir daí, que as autoridades e senhores paulistas, começaram a registrar com crescente preocupação a correria de “quilombolas”, que colocavam a tranqüilidade dos centros agrícolas paulistas em constante sobressalto. Assim, por exemplo, num processo criminal de 1831, relativo a um homicídio de senhor-moço, pelo escravo de D.Maria Joaquina de Araújo, proprietária de um engenho de açúcar localizado em Jundiáí, lê-se que cometido o crime os escravos envolvidos haviam fugido e se internado num quilombo.

Capturados foram estes escravos interrogados e julgados, sendo que Elesbão, considerado culpado pela morte do filho da proprietária, foi morto na forca e teve seus pés e mãos decepados (Dep.do Arquivo do ESP - Processo crime de Campinas -1831).

“O quilombo em São Paulo caracterizou-se por uma ocupação provisória de abrigos e ranchos em torno das fazendas, e muitas vezes apropriando-se de território literalmente dentro das fazendas”.

“Este foi o caso que veio à tona com a prisão de Josué Mourthé, escravo do major João Francisco de Andrade Franco que *“como quilombola pertence a grupos de outros da mesma denominação que achavam-se aquilombados na fazenda de Francisco Braga, administrada por seu irmão Jacinto Braga, cujo quilombo era um galinheiro grande dos escravos da mesma fazenda, retirado do tanque 30 metros no pasto, e a 500 metros mais ou menos da casa principal*”.

“Este quilombo foi desbaratado em 1886, momento em que a escravidão na província entrava na sua fase final”.

“Abrigados no galinheiro dos escravos, à vista de todos, 6 escravos fugidos haviam se apropriado das aves dos escravos para se alimentar e se manterem fortemente armados, desafiando o poder senhoril e as autoridades policiais”.

“Capturado e interrogado Josué Mourthé declarou que o seu grupo pertencia a um quilombo maior que estava se formando nestes anos em Jundiáí, quilombo este extensamente descrito na documentação da polícia e nos jornais dos anos 1880, e acusado de invadir fazendas e assassinar moradores”.

Leitura - Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado.



“O capitão-do-mato foi descrito em todas as épocas como personagem traiçoeira e solitária, que rondava os quilombolas e aprisionava o escravo foragido em troca de pagamento”

VII - Os Imigrantes

As fazendas que se formavam no “portão do Sertão”, ou seja, como era chamada a primitiva Jundiaí, devido às distâncias que as separavam umas das outras, se tornaram por necessidade autônomas, autárquicas do ponto de vista de consumo. Uma situação similar àquela dos castelos feudais da alta Idade Média européia; antes que, nas encostas, onde estavam localizados, surgisse o “burgo”, que no nosso específico caso estava se formando em volta de uma capela, e que com o passar dos tempos se tornaria sucessivamente um arraial, freguesia, vila e município.

Com a chegada do ciclo do açúcar, no século XVIII, e em seguida com o do café, essas fazendas se transformaram em empreendimentos rurais, com uma produção voltada para a exportação e movida pelo motor da força do braço escravo.

No entanto, a importação, ou melhor dizendo, “a trata” dos escravos africanos, que beirava os 40 mil por ano inteiramente absorvidos pelos fazendeiros, paulatinamente começou a diminuir, isso devido à guerra que a Inglaterra movia aos navios negreiros, como também pelo movimento abolicionista que estava ganhando forças e novos adeptos no próprio Brasil.

Assim o interesse dos barões do café, dos latifundiários, principalmente paulistas, voltou-se para a Europa, para a Itália fundamentalmente.

Os Italianos

A Itália tinha conseguido unificar-se em 1861, com a proclamação do Reino da Itália, causando com isso acentuado desequilíbrio entre as várias regiões, antes independentes, com seus governos e moedas. Todavia, é necessário reconhecer que a real mola propulsora, que praticamente despovoou algumas regiões italianas (Véneto e Sul peninsular, com um êxodo que continuou sem interrupções de 1880 até 1914) foi a miséria; e, a impossibilidade dos camponeses conseguirem dinheiro vivo, que lhes era cada vez mais necessário, o que obrigou inteiras populações a atravessar o Oceano Atlântico.

Sori E. em seu livro “A imigração italiana da Unidade à Segunda Guerra Mundial” relata com clareza esse drama: Os tormentos monetários que afligiam o campo italiano, e que estiveram na origem de muitas decisões de imigração e migração interna, para ir ganhar onde se encontrava aquele dinheiro que não chegava a passar por mãos camponesas. Chamavam-se impostos fundiários, de registro de transmissão, dívidas hipotecárias e colônica, usura e altos encargos de transmissão.

Uma canção da época, cantada por estes imigrantes, reflete bem o sentimento de esperança que os animava, e ao mesmo tempo refletia um desejo de desforra em relação aos proprietários fundiários italianos:

*Andremo in Merica
in tel bel Brasil
E qua i nostri siori
lavoreran la terra col badil!*

(Iremos para a América - para aquele belo Brasil - e aqui nossos senhores - trabalharão a terra com a pá).

Uma estatística dos anos que vão de 1850 a 1899, dá a idéia do fluxo imigratório italiano em direção das áreas cobertas pelos cafezais de S.Paulo.

Decênio	Imigrantes em todo o Brasil	Imigrantes entrados em São Paulo
1850 – 1859	108.045	6.310
1860 – 1869	106.187	1.681
1870 – 1879	203.961	11.730
1880 – 1889	453.788	183.349
TOTAIS.....871.981.....203.070.....

Os primeiros contatos do imigrante com a fazenda costumavam ser traumáticos. Embora habituados a uma vida de fadiga e privações, os camponeses italianos haviam conhecido na pátria um certo grau de liberdade pessoal que no Brasil faltava. O mundo do café era um ambiente fechado, impenetrável, sujeito a leis próprias, onde o fazendeiro era o senhor absoluto.

Essas levas que nas fazendas iriam substituir o braço escravo, eram em sua grande maioria analfabetas, porém eram possuidoras de uma tradição, herança de uma história milenar de lutas para a sobrevivência.

A soma dessas experiências, tinha lhes dado uma consciência política e social em relação aos direitos e deveres de um cidadão.

Ligados há várias gerações à terra como servos da gleba, a maior ambição deles era aquela de um dia tornarem-se proprietários. Mesmo de forma empírica, conheciam por experiência e tradição, a técnica do sistema de rotação das culturas, a forma melhor de desfrutar ao máximo os recursos da terra, sem contudo esgotá-la.

Pela mesma origem neolatina, que une o italiano ao elemento luso-hispano-brasileiro, o imigrante italiano, principalmente em São Paulo, não demorou integrar-se completamente e em pouco tempo conseguiu realizar o seu sonho: muitos chegaram rapidamente a possuir a terra almejada.

Chegando na nova terra, o destino de muitos destes imigrantes foi as fazendas de Jundiaí. Seus descendentes, hoje tendo atingido altas posições no tecido social da cidade, são membros considerados e respeitados na comunidade.

Na década de 1880 tentou-se uma imigração controlada. Foi então, fundado o Núcleo Colonial Barão de Jundiaí, tendo o seu centro no atual Bairro da Colônia. Vieram então muitos imigrantes italianos, parte dos quais já tinha trabalhado como colonos em fazendas de café no interior do Estado, e que desejava adquirir a própria terra.

Na mesma época, os italianos se fixaram em outros bairros de Jundiaí, como Traviu, Caxambu, Roseira, Toca, Mato Dentro, etc.

Depois de esgotados os lotes disponíveis na Colônia, várias famílias adquiriram sítios em Igoturucaia. Eram os Bianchini, Di Carli, Ricci, Bugliero, Articano, Tosi, Ledia, Zanata, Dea, Charraria, Furlan, Ferigato, Rossi, Aricó, Biasin, Serroferro, Leardini entre outros.

Diz o dr. Walter Grossner, quando escreve sobre Igoturucaia (Museu de Jundiaí), “que os imigrantes trabalhavam tanto e em atividades tão árduas, que os pretos que ainda havia na região não conseguiam realizar, e chamavam as tarefas de trabalho de italiano”.

Com a chegada dos italianos começou em Jundiaí o “Ciclo da Uva”, plantava-se a variedade “Izabel”, para a uva de mesa e a “Barbera”, para o vinho. A fábrica da Cassatela, em Campo Verde, adquiria as uvas viníferas da região, assim como a Cereser e Borin.

Os Japoneses

Os japoneses não tiveram a mesma presença que os portugueses e os italianos na formação de Campo Limpo, mas, também, foram importantes pra o seu desenvolvimento, assim como os árabes, que se concentraram no comércio.

Vejamos o depoimento do sr. Yuchio Ichida, o sr. “Kyô”, que todos os campo-limpenses com raízes aqui conhecem e respeitam. Nascido na cidade de Kyoto, no Japão, em 5 de janeiro de 1931, aportou no Brasil em 1934 com seus pais, e em Campo Limpo, então bairro de Jundiaí, em 1945. Casou-se com Dona Rosa, possui três filhos: Sônia, Sérgio e Silvio, e atualmente é colaborador da Escola de Educação Especial Jornalista Waldemar Gonçalves - APAE de Campo Limpo Paulista.

Seus pais se instalaram nas proximidades onde hoje há a loja Maderoa, no Jardim Guanciaie, nas terras arrendadas da família que empresta o nome ao bairro. Plantavam milho, feijão, tomate, arroz e

batata onde atualmente se localiza a Necrópole Bosque da Saudade; e, no local em que se situa a Churrascaria Tordilho Negro cultivavam morangos e verduras.

Em 1958 adquiriu o armazém do sr. Patelli, na Rua Herman, e posteriormente construiu e inaugurou, em 1964, novo estabelecimento ao lado da Igreja, onde funciona hoje uma sorveteria.

Recordou algumas famílias nipônicas possivelmente pioneiras em Campo Limpo Paulista, como o sr. Antônio K. Kariya, do armazém de secos e molhados próximo à estação; da família Oda, que possuía uma granja onde hoje se localiza o Hospital Nossa Senhora do Rosário, dos Ogawa, que exploravam um depósito de material de construção na Av. Washington Luiz; dos Miyata; dos Tanigaki, que plantavam verduras e batatas e possuíam uma granja na região da Figueira Branca; dos Yasuda, que também construíram granja nas imediações da Rua Júlio Prestes; dos Nakagoshi; dos Ito, que eram donos de um bar na Rua do Comércio; da família Tanaka, proprietários de uma granja e faziam plantação de morangos e verduras no Jardim Europa, abrindo posteriormente um armazém na Rua do Comércio, e dos Endo, que mantinham um bar onde está a Praça Castello Branco (atualmente são proprietários da Escola Modelo).

Lembra o Sr. Kyô que o Jardim América era área de cultivo de morangos, verduras e palma, e as famílias Noda, Sakaguti, Ota, Hirose e Saito trabalhavam naquela várzea, sendo que esta última tinha uma granja onde é o Jardim Vera Regina.

O ex-Vereador Pedro Utida, cuja família chegou, sr. Kyô acredita que no início dos anos 60, possuía armazém na região da Praça Castello Branco, depois mudou-se para a Rua Nossa Senhora do Rosário, alterando sua atividade comercial para depósito de gás, ainda existente. O sr. Pedro presidiu a S.R.B. Nipo-Brasileira e sempre participou da diretoria do Clube.

Nosso entrevistado cursou o Primário em Campo Limpo Paulista, na escola que fica ao lado da Estação, da família Pereira Pinto (transformada em clínica veterinária). Participou, em 1947, da primeira turma de formandos de Campo Limpo (antes a formatura era realizada em Jundiá). Estudou o Ginásio no Anglo-Latino em São Paulo. Cursava o Científico em Jundiá quando teve que paralisar seus estudos para trabalhar, contribuindo com a renda familiar. Laborou na Elekeiroz e como motorista, no caminhão de seu pai, Riyokichi Ichida, falecido em 1984, ex-presidente da S.R.B. Nipo-Brasileira.

Observa que em 1951 havia somente cinco caminhões em Campo Limpo contando com o de seu pai, o do Censi, o do Patelli, o do Zé Pinotti e o do Donato, cujo ajudante era Zé Poli (ex-Vereador José Poli).

Carros de praça eram dois, do Manezinho (já falecido, pai da ex-Vereadora Irani do Carmo Teixeira) e do Manelão.

A diversão dos jovens, destaca, era freqüentar o Nacional A.C. e passear na Estação da Bragantina. A chegada e saída dos trens, com suas locomotivas a vapor, representavam, sem dúvida, uma atração.

Outras famílias chegaram ao Município após a emancipação, como os Oura, a do sr. João da quitanda e a do dr. Seji, dentista e ex-Vereador.

Na política a família nipônica muito contribuiu para a cidade, seja no movimento de emancipação, seja elegendo grandes nomes para o Legislativo e um Prefeito. Na primeira Legislatura foram eleitos os vereadores Antônio K. Kariya e Mitiharu Tanaka, que repetiram a performance na segunda Legislatura; na terceira, foi eleito o sr. Pedro Utida; na quarta, o dr. Seji Oura; na quinta, o Odair Ito; na sétima, Rosalina Yosko Kawamoto. E em 1982, após memorável pleito, elegeu-se o saudoso Mitiharu Tanaka, que governou o município por apenas 68 dias.

O sr. Kyô comenta a construção da sede da Sociedade Recreativa e Beneficente Nipo-Brasileira, realizada pela própria comunidade em mutirões; que obteve apoio dos prefeitos Adherbal da Costa Moreira e Jorge de Maio Vellasco, e da primeira doação de tijolos feita pelo sr. Aksel Ernits, que possuía olaria no bairro de Campo Verde.

A comunidade, muito unida e solidária, mantinha, naqueles tempos, um time de futebol que jogava na Promeca em Várzea Paulista, e no campo da Vila Tavares. Praticamente quatro famílias formavam

o time: Oda, Itida, Tanigaki e Ogawa. Os sócios da Várzea e Campo Limpo, desde a fundação, mantêm a Nipo-Brasileira e a atual presidente, Rosa Nozaki, é de Várzea Paulista.

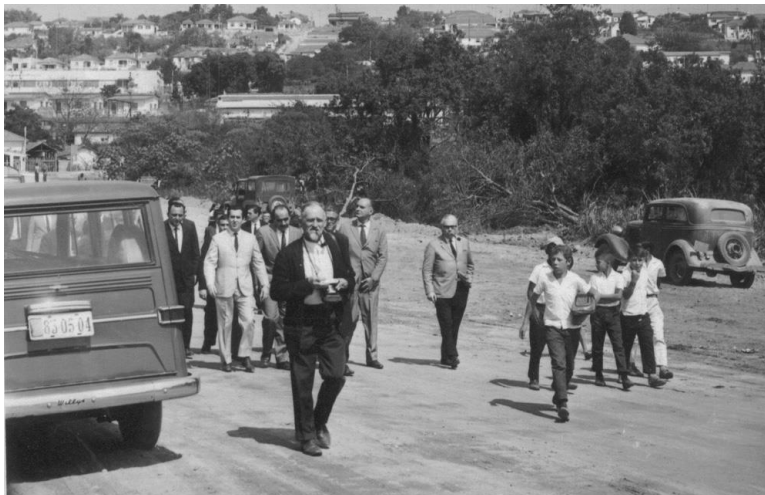
Como podemos observar por este depoimento, a colônia japonesa contribuiu decisivamente no processo político do Município, elegendo vários de seus membros e participando da emancipação político-administrativa, com a ação determinada de personalidades como Kariya e Tanaka.

Mas, deve-se também ressaltar sua importância no desenvolvimento econômico, fomentando o comércio e a agricultura, esta última a base da atividade produtiva, principal fonte de renda e a nossa identidade regional.

Alemães e Húngaros

Depois da II Guerra Mundial tivemos importante imigração de alemães e húngaros em Campo Limpo, então Distrito de Jundiáí. Fixaram-se, majoritariamente, na região da Estância Figueira Branca, cuja paisagem e clima de montanha lembravam a Europa, e em Botujuru, concentrados nas atuais Vila Chacrinha e Vila Botujuru. Com a vinda da Krupp a imigração alemã se fortaleceu na região da Figueira Branca.

Várias famílias tiveram papel de relevo no desenvolvimento do Município, tais como Lenke, Kallmeyer, Oerther, Hassmann, Mogor, Weimerth, Kantor, Krause, Müller, Kohler, Parachin, Johansen, entre outras.



Paraschin - o fotógrafo do Exército e de Campo Limpo caminhando na então Rua do Comércio



“seu Kyô”



Dona Helena Vargyas Von Weimerth, em seu restaurante na Figueira Branca

VIII - As Estradas de Ferro

As estradas de ferro surgiram oficialmente quando a *Rocket*, a locomotiva construída por George Sthepenson, conquistou a vitória no concurso de Rainhill (Inglaterra) em 1829.

A locomotiva a vapor, naquele momento, se tornou o instrumento incontestável da tração ferroviária.

A primeira grande linha especializada no transporte de passageiros e mercadorias foi inaugurada na Inglaterra em 1830, sobre os 58 quilômetros que separavam Liverpool e Manchester, e marcou o início do desenvolvimento das estradas de ferro em todo o mundo.

No Brasil foi necessário esperar mais 20 anos para se ter uma primeira linha: a Estrada de Ferro Mauá, com 16,2 quilômetros, inaugurada em 1854, ligando o porto do mesmo nome, na Baía de Guanabara, à Raiz da Serra, a caminho de Petrópolis.

“Santos a Jundiá”

A sua inauguração, em 1867, representou para o Brasil e principalmente para São Paulo como *o toque de avançar num acampamento de guerra*, como o engenheiro Adolfo Pinto, numa forma metafórica a define. Marca o início efetivo de um sistema ferroviário que em poucos anos se estenderia por toda a Província de São Paulo, propiciando o surgimento de novas empresas, retalhando com seus trilhos o território paulista, *“aí traçando os sulcos mais benfazejos que jamais se abriam no seio da terra”* (Pinto A.).

Em meados do século XIX, o desenvolvimento que já se manifestava na agricultura em São Paulo, onde além da produção de açúcar, a cultura do café começava a invadir os municípios do Nordeste, requeria a construção de uma linha férrea, para fazer a comunicação do Interior, dominado pela “onda verde” dos cafezais, com o Litoral.

Esta necessidade preocupava as autoridades públicas provinciais, empenhadas em dotar a província deste importante melhoramento.

O conselheiro José Antônio Saraiva, então presidente de São Paulo, em 1855, num discurso na Assembléia Legislativa tocou no problema com bastante clareza: *“Estou persuadido - afirmava Saraiva - que essa empresa (ferroviária) pode vingar e que a nossa situação econômica a reclama com urgência”*, o presidente ao mesmo tempo estimava em 2 milhões de arrobas a produção de café, açúcar e outros gêneros, que poderiam ser transportados pela estrada de ferro projetada, mais 500 mil arrobas de gêneros não levados ao litoral por falta de transporte, além de 1 milhão de arrobas de artigos importados, totalizando 3,5 milhões de arrobas que poderiam ser transportadas por via férrea.

Chegou-se pois ao ano de 1856. Com o decreto 1759, de 26 de abril do mesmo ano, concedia-se ao Marquês de Monte Alegre, a Pimenta Bueno e a Mauá, o privilégio pelo período de 90 anos para a construção, uso e gozo de uma estrada de ferro que, partindo de Santos se aproximasse de São Paulo e se dirigisse para Jundiá.

Em 24 de novembro de 1860 teve início a construção da estrada. A escarpa do planalto, com uma diferença de nível de 800 metros, constituía sério obstáculo aos trabalhos da ferrovia. Com o projeto técnico desenvolvido por um grupo de engenheiros ingleses, sob a liderança de James Brunlees, presidente da Associação dos Engenheiros Civis de Londres, foi adotado o sistema funicular, exigindo grandes investimentos, o que permitiu aos ingleses assumirem o controle total do empreendimento, livrando-se de Mauá e de seu grupo. Foi assim que transcorridos apenas 4 anos, com a presença do presidente da Província, barão Homem de Melo, inaugurava-se o primeiro plano inclinado da serra.

Em 1886 a linha atingia São Paulo para atingir no ano sucessivo Jundiá, num percurso de 140 quilômetros, apresentando, notadamente no trecho Santos – São Paulo, importantíssimas obras de arte, que por muito tempo causaram admiração.

Assim estava dado, pois, o primeiro passo para o desenvolvimento ferroviário de São Paulo. Até a década de 1930, o sistema São Paulo - Santos da chamada “São Paulo Railway” (SPR), assegurou o monopólio dos transportes ferroviários entre o litoral e o planalto.

Nos anos que se seguiram, a ferrovia começou a perder a importância que tinha desfrutado nas décadas anteriores. Colaboraram com essa queda as sucessivas crises cafeeiras, e por fim a abertura das estradas Anchieta e Anhanguera.

No dia 13 de outubro de 1946, o Decreto-Lei 8969 incorporou a “São Paulo Railway” ao patrimônio da União.

“Bragantina”

**Conta-se que os velhos ferroviários da Bragantina
que ainda moram em Campo Limpo Paulista,
no meio de certas noites acordam assustados.
No silêncio noturno, ouvem claramente o resfolegar
das velhas locomotivas a vapor, seus profundos
apitos, o característico ruído das rodas de ferro
passando pelas junções dos trilhos.**

Trata-se de uma lenda, ou melhor, poderia ser uma lenda, devido a uma simbiose entre as lembranças da Estrada de Ferro Bragantina e os velhos moradores da cidade. Nesse momento é preciso levar em conta que, um dos pontos iniciais ou finais da ferrovia era justamente o entroncamento das 2 estradas de ferro: a Santos - Jundiá e a Bragantina. O lugar chamava-se “Parada Campo Limpo” e estava localizado num sítio a 11 quilômetros de Jundiá, que pertencia ao bairro de Ivoturucaia de propriedade de João Antônio da Silva e sua mulher. Havia também um pequeno posto telegráfico com um telegrafista numa casa de tábuas; “a célula mater” da futura Campo Limpo Paulista.

Para não fugir à regra, a Estrada de Ferro Bragantina também foi construída, não com o intuito de promover integração, mas para atender aos interesses dos cafeicultores, recolhendo o produto de suas fazendas e baldeando-o para a São Paulo Railway, com destino ao porto de Santos para seguir fora do País.

A E. F. Bragantina foi criada através da Lei Provincial nº 36, de 6 de abril de 1872: “O governo contractará com o Coronel Luiz Manoel da Silva Leme e outros a construção de uma estrada de ferro de bitola estreita, a qual partindo do ponto mais conveniente da linha férrea de Santos a Jundiáhy, dirija-se à cidade de Bragança e raias da província de Minas Geraes, com privilégio exclusivo de 90 anos e garantia de juros de 7 por cento sobre o capital de 1.400:000\$000 até a referida cidade, e sobre o de 400:000\$000 para o prolongamento até as raias da referida província (...)”.

Em 1883 foi edificada a estação, propriedade da E.F.Bragantina, que foi aberta ao tráfego em 1884, fazendo parte de sua diretoria membros da citada família Leme. A Estrada quase sempre apresentou resultados financeiros deficitários, independentemente dos lucros auferidos pelos cafeicultores com o aumento da produção e o escoamento de seus produtos.

Em 1895 suas ações foram adquiridas por um grupo encabeçado pelo Dr. Luiz de Oliveira Lins de Vasconcellos, e este senhor seria tido como “testa de ferro” dos ingleses, como veremos mais adiante.

Por outro lado, no final do século passado, a Cia. Mogiana, cujo Km. 0 era em Campinas, efetuou um estudo para levar suas linhas ao litoral norte do Estado, saindo então o futuro ramal de Socorro (Amparo ou Monte Alegre do Sul) e chegando a São Sebastião, onde as condições operacionais do porto, em se tratando de calado e portanto peso bruto de navios, eram melhores que as de Santos.

Em 9 de dezembro de 1919 era assinada a Lei nº 1675-D pelo então Presidente do Estado de São Paulo, Dr. Altino Arantes, que autorizava a construção da E. F. São Sebastião - Campinas. A concessão foi dada inicialmente a Luiz Pereira Barreto Filho, que em 1925 cedeu a empreitada à Cia. Melhoramentos do Litoral. Pelo projeto a Mogiana teria que atravessar a faixa de domínio da Bragantina, o que não seria interessante para os ingleses da SPR, pois eles dominavam o transporte para o litoral e, logicamente, não permitiriam a travessia. Daí, surgem duas versões para o fracasso do projeto. Uma versão seria, para que o projeto da Cia. Mogiana desse certo, seria:

- encampação da SPR pelo governo,
- que o governo desse prioridade à Cia. Melhoramentos do Litoral para executar as obras, e
- que o projeto da E. F. Sorocabana fosse abandonado.

Como a SPR não foi encampada nos anos 20 e a Sorocabana construiu sua linha para o litoral, a E. F. S. Sebastião-Campinas, infelizmente, ficou somente no papel.

A outra versão seria que a Cia. Mogiana teria tentado um financiamento junto aos bancos londrinos para a construção da nova linha. Apesar das garantias oferecidas pela Mogiana e do evidente sucesso que seria o empreendimento, o empréstimo foi negado. Além disso, a Mogiana encontraria o mesmo problema de cruzar a linha da E. F. Bragantina. Já em agosto de 1903 a SPR havia adquirido as ações de posse do Dr. Lins de Vasconcellos, prevendo fechar o caminho da Mogiana em direção ao litoral, por isso a idéia que o Dr. Vasconcellos fosse o tal “testa de ferro” dos ingleses. E daí por diante a SPR começou a consolidar a sua posição na região para fechar efetivamente o caminho da Mogiana.

“Barrada no baile”, a Mogiana tratou de levar seus trilhos de Monte Alegre do Sul a Socorro e quem sabe, os levaria até Vargem, o que mais uma vez ameaçaria a SPR. Esta logo efetuou um estudo similar, isto é, também levar seus trilhos até Socorro no ano de 1907. A construção da linha é aprovada pelo governo estadual, porém em regime de livre concorrência com a Cia. Mogiana. Sendo assim, a SPR desiste do intento e leva a linha tronco somente até Vargem e constrói o ramal de Piracaia, este saindo de Atibaia. O tráfego até Vargem foi aberto em janeiro de 1913. Logo após foram iniciadas as obras do ramal. Nessa época a São Paulo Railway, além de construir as estações até Vargem e as do ramal, substituiu os trilhos da época da antiga Bragantina, de 18 Kg/m, e as estações já existentes foram substituídas por outras de estilo inglês, de tijolos à vista.

Chega o ano de 1929, quando se verifica a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque e isso reflete diretamente nas exportações de café, que caem vertiginosamente. Como foi visto anteriormente, as ferrovias foram construídas em função do transporte da produção cafeeira.

Além disso, já no ano seguinte, começa a tomar vulto um transporte que, depende não só do café, mas de qualquer outra carga e pode levá-la a quase todo lugar: o rodoviário. É fácil chegar à conclusão que aí se inicia a queda das ferrovias.

Como já não era mais interessante aos ingleses, estes entregaram a E. F. Bragantina ao governo do Estado. Em 1946 a linha tronco da SPR passa para o governo federal. A Bragantina não pôde ser incluída por ser de concessão estadual. Foi então doada ao governo de São Paulo, ficando sob a responsabilidade da Secretaria Estadual dos Transportes e administrada pela E. F. Sorocabana a partir de 1948.

Na década de 50, e até à sua extinção, a Bragantina utilizou-se de locomotivas da Cia. Mogiana e da E. F. Sorocabana. As locomotivas a vapor das séries 400 e 500 (ten-wheeler) da Sorocabana, foram muito utilizadas na linha-tronco e no ramal de Piracaia (com a mesma numeração), e as diesel Cooper-Bessemer da Mogiana foram muito usadas na linha tronco, porém essas tiveram que pagar o uso.

Nessa época a linha tronco foi lastreada com brita (as linhas eram assentadas sobre o próprio terreno). Foram feitos alguns estudos para a ligação da Bragantina com a Sorocabana. O projeto previa a ligação entre Cumbica e Guaxinduva, porém não foi concretizado.

Em 1958 foi aberta ao tráfego a rodovia Fernão Dias, o que foi mais um golpe na Bragantina, pois a viagem a São Paulo era mais rápida.

E para tristeza de muitos (e alegria de poucos) chegam ao fim as operações da Estrada de Ferro Bragantina. O ramal de Piracaia e o trecho de Bragança a Vargem deixaram de funcionar no dia 6 de janeiro de 1967, e em 21 de junho do mesmo ano correu o último trem da Bragantina, puxado pela Cooper-Bessemer nº 18.

Para se ter uma idéia de como a Estrada de Ferro Bragantina fazia parte do imaginário e do cotidiano da população de Campo Limpo Paulista, basta ler o artigo “**Fim de Linha**”, de autoria de Celso

Kinjô, publicado no “O Estado de S.Paulo” em 22 de julho de 1967 e tendo como subtítulo: “**O velho homem que chora**”.

“Como de costume. Amadeu apareceu na plataforma da estação de Campo Limpo com sua gravata mal ajustada, camisa estampada e calça velha de mescla, à espera de um aviso do governo sobre sua aposentadoria, porque trabalhar em outro lugar significa um grande sacrifício:

*- As coisas não procuram o bem-estar da gente. Trabalho há 29 anos aqui na Bragantina. Criei, eduquei meus filhos aqui. E não falo por mim que sou chefe de trem, não. Falo por esses sitiantes de beira de estrada. O senhor vai ver um montão de placas **vende-se terreno**, penduradas aí perto dos trilhos. Fechou a estrada, tudo se acabou. Ninguém mais compra nada, assim desabafava com o maquinista aposentado Olivérios Salgado de Castro, que viera para testemunhar a derradeira partida do trem, pois ele foi o primeiro maquinista a morar em Campo Limpo Paulista.*

Amadeu Sargiani, contrariando seus hábitos e sua vontade, começou a chorar quando o trem chegou a Campo Limpo. Eram quatro e quinze da tarde, havia muito sol e muita gente aglomerada na plataforma. Ele se afasta para um canto vazio e resmunga:

- Bem que esses repórteres deviam vir aqui para homenagear a Bragantina. Nunca para fazer o enterro dela.

Os velhos ferroviários se reuniram em Campo Limpo para a última saída do trem. O chefe da composição, Amadeu Sargiani, explicava com os olhos vermelhos, a estrada construída pelo braço do escravo:

- Foi feita em 1878, sim senhor. E sempre serviu direito a esse povo. Nunca ninguém pôde falar mal do serviço da Bragantina...

Até o ajudante-chefe da estação de Caetetuba, o moço Sérgio Aparecido Pedroso, apareceu para viajar - tímido, enxugando os olhos com o lenço úmido e falando dos outros para disfarçar:

- O senhor nem queira saber, seu Amadeu. Meu pai se aposentou na segunda feira. Quando soube que a Bragantina ia fechar, chorou uma noite inteira. Até minha menina, a Filomena, abriu um berreiro que dava dó. Ela só tem dois anos, por aí o senhor vê o desespero do povo.

Feijão verde, ervilhas, mandioca, hortaliças e verduras - artigos diretamente ao consumidor, servindo dos velhos vagões da Bragantina para o transporte das chácaras às feiras de Jundiaí ou Campo Limpo. Uma tradição dos sábados, incorporada com a própria estrada à paisagem local. O comentário é de Aparecido Pedroso, que continua a falar dos outros:

*- É. Pior está o meu irmão que é **conserveiro**, o homem que cuida dos trilhos. Está com os filhos doentes. Se transferem ele, como vai fazer? Tem casa lá em Caetetuba, não pode sair assim.*

Na última viagem da locomotiva diesel da Bragantina - Campo Limpo a Bragança - os cinco vagões da composição estavam quase lotados. às 16h 40, a primeira campainha de aviso da partida. Não há uma manifestação ruidosa porque, conforme as palavras de Bertinho, chefe substituto da estação, o silêncio do povo e os lenços nas mãos dão a medida do protesto contra o fechamento da Estrada de Ferro Bragantina.

O maquinista Melquisedec Donati, membro de uma velha dinastia de ferroviários, já foi avisado: a sirena fica soando cinco minutos, desde a partida, para comunicar a toda a população de Campo Limpo, que a estrada acabou. Um homem de poucas palavras, preocupado com as alavancas da locomotiva e o serviço dos ajudantes Valdemar, Colombo e Bertolini:

- Tudo representa muito numa estrada de ferro, uma porca solta, um óleo no trilho. Isso pode repercutir num acidente grave. Daí que todo mundo deve prestar uma grande atenção no serviço. É por isso que o senhor talvez não compreenda a tristeza da gente. O senhor vê: quem diria que o Amadeu podia um dia chorar?

Os 404 empregados da Bragantina, a partir de hoje, estão à espera das ordens do governo. Devem ir para a Sorocabana. Mas ainda têm esperança de que a sua Bragantina volte a andar”.

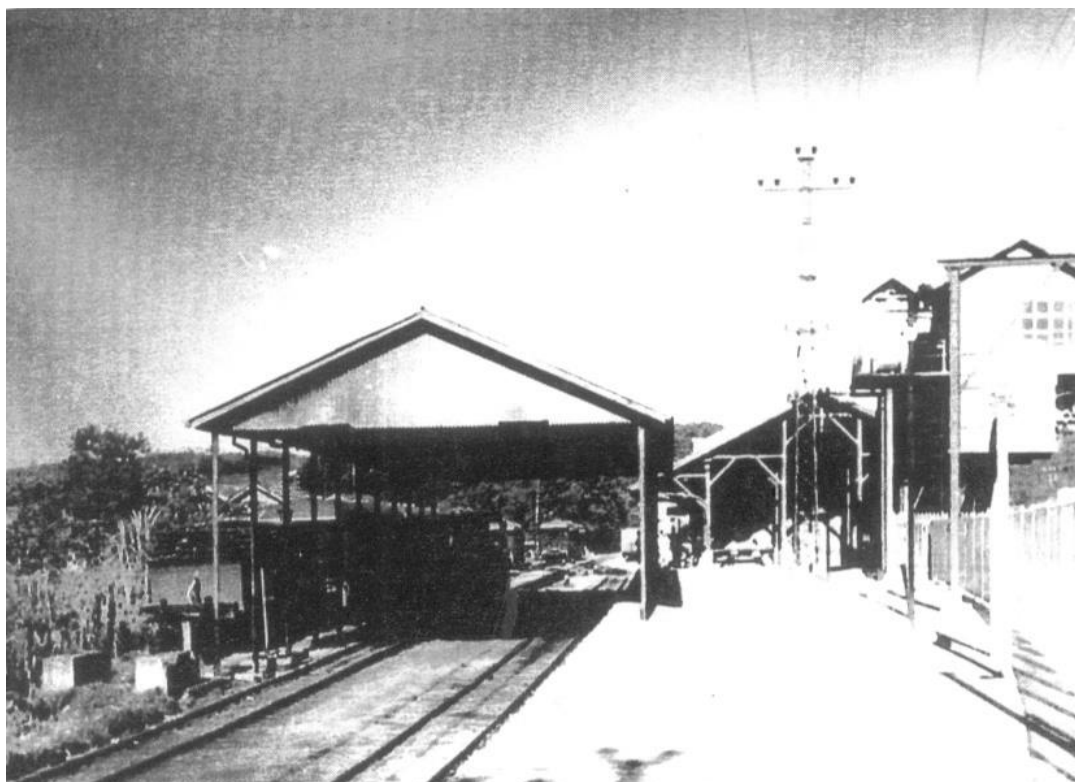
Viajando de Caetetuba a Campo Limpo

“Após nosso pequeno descanso na Estação Caetetuba, da Estrada de Ferro Bragantina, lá vamos nós serpenteando pelas planícies do município de Atibaia, onde nossos olhos não se cansam de observar as nuvens de pássaros-pretos e o colorido das flores silvestres que ali desabrocham, os quais nos deixam tão entretidos que não percebemos que estamos chegando a nossa próxima parada: a Estação Maracanã onde, apressados, os ambulantes aguardam na plataforma para nos vender as deliciosas frutas ali produzidas. Dada a partida, a ferrovia como uma tela de TV nos vai apresentando um novo cenário. Embora ainda deslizando por planícies, observamos que a topografia começa a se ondular e intensificam-se as plantações de cereais e pomares, entremeados por cafezais. Logo a Estação Campo Largo já desponta e aqui permanece por alguns minutos. Após o forte apito, lá vai a locomotiva com suas composições iniciar a escalada nas escarpas da Mantiqueira, rumo à Estação Iara onde o trem mata sua sede no enorme posto de abastecimento de água.

Nessa altura, já entrecortando as matas nativas da Serra da Mantiqueira, sentimos que o clima fica úmido e a temperatura amena. O foguista não se cansa de colocar lenha na fornalha da fumegante locomotiva, pois nesse instante, ela está entrecortando, em ferradura, um íngreme trecho, em cujas encostas, florescem lindas hortênsias. Pouco depois, chegamos à Parada Engenheiro Mestre Gebim.

Enquanto a composição vai vencendo as escarpas para novamente atingir as planícies, os passageiros ansiosos vão se compondo e arrumando suas bagagens, pois já está próxima a Estação Campo Limpo, local de baldeação para São Paulo”.

“Conhecendo a Região Bragantina”
Amílcar Barletta



Estação Campo Limpo



Estação Campo Limpo



Estação Campo Limpo



Estação Campo Limpo



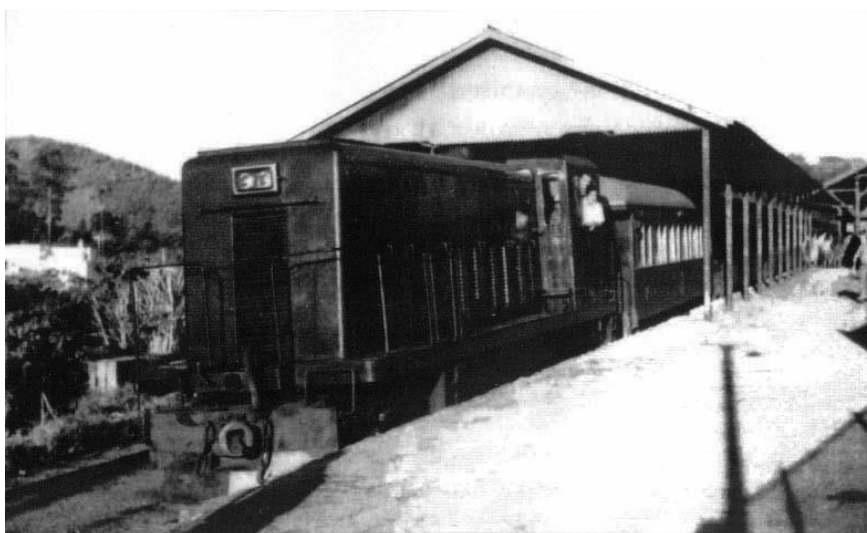
Gare de Campo Limpo Paulista, 21 de junho de 1967



Festa de Natal, na gestão do prefeito Adherbal, ao fundo a Bragantina



Gare de baldeação, Campo Limpo, 21 de junho de 1967



Locomotiva diesel-elétrica nº 8, cedida pela Mogiana. Tipo Cooper Bessemer (classe C+C), tracionando o derradeiro trem da Bragantina. Pátio de Campo Limpo, 21 de junho de 1967



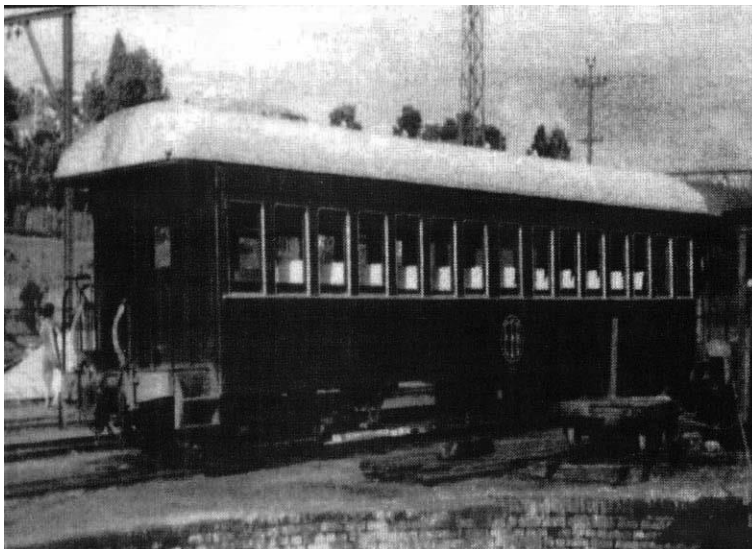
Maquinista da Bragantina, Olímpio Baptista, já aposentado, retorna ao estribo da famosa nº 5, no Natal de 1952



A Bragantina indo para nunca mais voltar...



Estrada de Ferro Bragantina – Raul Roncoletta e amigos



E. F. Bragantina, carro de passageiros de 1ª classe. Pátio de Campo Limpo, 21 de junho de 1967



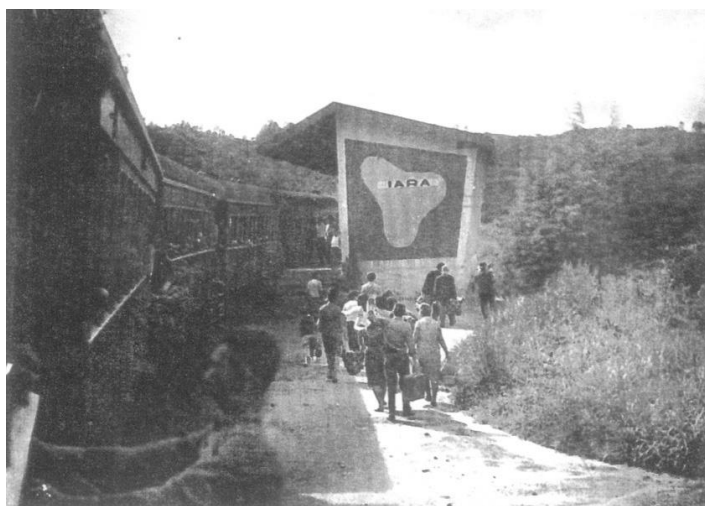
E. F. Bragantina, trecho da serra próximo a Campo Limpo Paulista



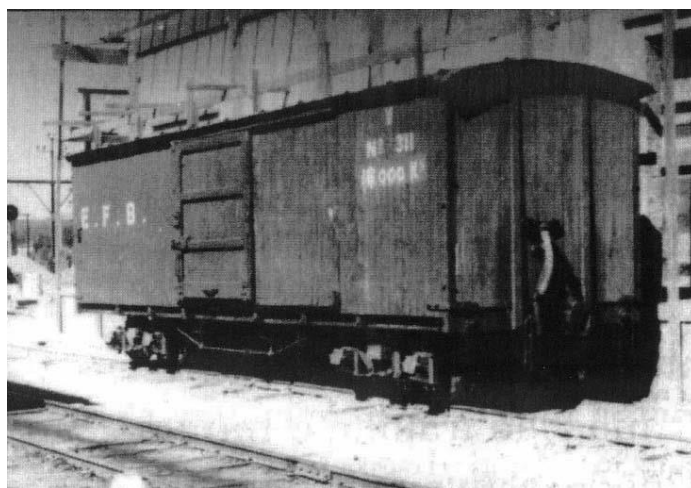
João Botuca e seus colegas ferroviários na década de 40



Vista da última viagem, 1967, da E.F.B., chegando na Estação Caetuba



Estação Iara



Vagão fechado para cargas em geral. Pátio de Campo Limpo, 1967



Composição da Cia Paulista de Estradas de Ferro, em Botujuru



Composição da Cia Paulista de Estradas de Ferro, em Botujuru



Antiga Estação de Botujuru - fev/76



Atual Estação de Campo Limpo Paulista



Antiga Estação de Botujuru



Passarela da Estação de Botujuru, hoje



Atual Estação de Botujuru

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, que se deu em 1945, começou no Brasil a se esboçar aquela tendência que mirava a uma política de industrialização, que iria subverter desde as bases a mentalidade que, até aquele momento, tinha se alicerçado prevalentemente na agricultura e na exportação de matérias-primas e produtos naturais.

Essa tendência começou a dar seus primeiros passos no transcorrer do período bélico, quando o Brasil, pelas dificuldades apresentadas nas importações, teve que substituir muitos artigos, antes importados pela produção nacional.

Campo Limpo, então apenas um bairro de Jundiaí, por sua posição geográfica, que integrava duas estradas de ferro (Santos-Jundiaí e Bragantina) e por sua proximidade de uma moderna rodovia (Anhanguera), mesmo não podendo oferecer uma estrutura de serviços satisfatória, começou a despertar o interesse de grupos industriais, por ter grandes áreas à disposição para a instalação de complexos fabris.

Fábrica de Fogos Dois Anões

Foi justamente no período de 1946 que a Loja da China, um importante e tradicional estabelecimento comercial da Capital, resolveu instalar em Campo Limpo (Botujuru - Vila Ipê), a “Fábrica de Fogos Dois Anões”.

Mesmo não constituindo um complexo industrial de grandes proporções, a Dois Anões representou a primeira indústria a se estabelecer na cidade, onde funcionou durante 17 anos, sendo por fim desativada em 1963.

Manah Fertilizantes

Em 1951 a Manah Fertilizantes, uma empresa de proporções bem maiores que a Dois Anões, resolveu se instalar em Campo Limpo com uma fábrica no terreno onde ficavam os antigos galpões para estocagem de café, que pertenciam ao Governo Estadual, ao qual era pago um aluguel para a sua utilização.

Em seguida, com a venda deste terreno para a Krupp, que em 1958 aí iniciava a construção do seu estabelecimento industrial, a Manah teve que mudar-se para uma área pertencente a Manoel Tavares da Silva, onde ainda hoje podem ser vistos os esqueletos das instalações que foram abandonadas em 1978, quando a empresa se transferiu para Cubatão.

Segundo Joaquim Tavares da Silva, que trabalhou na Manah durante 22 anos, a escolha de Campo Limpo pela Manah se deu pelo entroncamento ferroviário existente da Santos a Jundiaí e da Bragantina. O sr. Joaquim, ex vice-prefeito do Município, foi gerente e acionista da Manah.

E quanto à causa do fim da Manah na cidade, isso se deu - sempre segundo Joaquim Tavares - pela extinção do transporte de cargas pela Santos a Jundiaí. A matéria-prima utilizada era importada e vinha de Santos, e o seu transporte, não podendo ser feito por estrada de ferro era realizado por rodovia, processo esse que encarecia os custos, fazendo que Campo Limpo se tornasse financeiramente inviável para a empresa.

Atualmente a Manah é apenas uma marca, já que a empresa foi absorvida por uma multinacional: a Bunge Fertilizantes.

KRUPP - A Alavanca da Emancipação

Pode parecer até um paradoxo usar para a instalação da Krupp em Campo Limpo Paulista, a manchete publicada por um jornal americano, na ocasião em que o físico Albert Einstein se transferiu definitivamente da Alemanha para a América do Norte: “A chegada de Einstein nos Estados Unidos, terá as mesmas conseqüências da transferência do Papa em Washington”.

Querer levar esta manchete para a realidade de Campo Limpo Paulista, como antes foi dito, pode parecer um paradoxo, mas não é quando se considera a instalação de uma empresa gigantesca e tradicional como a Krupp em Campo Limpo, um pequeno distrito distante 11 quilômetros de uma cidade do

interior paulista, Jundiaí. Se a Krupp, na realidade não pode ser associada a um Papa, é sempre um dos cardeais mais conceituados no universo da siderurgia mundial.

As boas relações Brasil - Krupp datam de 1837, quando foi despachado pela empresa o seu primeiro pedido transoceânico: 2 cilindros entalhados para a cunhagem de moedas.

O estabelecimento e o cultivo das relações eram para Alfried Krupp (1812-1887) de importância fundamental para as parcerias comerciais. Desde 1859, ele se correspondia regularmente com o imperador D. Pedro II, que realizou várias visitas a Essen, sede da empresa. Um colaboracionista daquela época recordava: "O imperador do Brasil muitas vezes andava sozinho pelas oficinas, buscando informações aqui e ali com os operários. Ele subia a enorme chaminé e a torre d'água, visitava centros de treinamento e outras instituições".

Com o desenvolvimento da malha ferroviária a empresa forneceu ao Brasil, entre 1872 e 1896, milhares de toneladas de trilhos, desvios, rodas e acessórios vários, e em 1929, por exemplo, foram enviadas 53 locomotivas.

Por isso, a decisão de construir no Brasil, em 1958, a sua primeira fábrica no estrangeiro pela Krupp, nada mais é que o fruto dessas relações, e foi uma demonstração de fé no futuro desse País, com o qual mantém relações comerciais desde 1837.

A escolha de Campo Limpo deu-se pela sua posição geográfica, vindo de encontro ao crescente desenvolvimento da indústria automobilística brasileira, e à exigência do governo de nacionalizar peças e componentes num período relativamente curto. Resultado da guinada dada pelo presidente Juscelino Kubistcheck, que tendo compreendido que o ciclo baseado na agricultura e na exportação de matérias-primas tinha terminado, lançou o seu programa de governo (Plano de Metas), marcado por uma enorme expansão da construção civil e o fortalecimento da indústria.

A própria Krupp, numa visita que Juscelino fez à empresa, nos primeiros meses de seu governo, ofereceu soluções técnicas para a construção de usinas hidroelétricas, fábricas de cimento, modernização dos portos e ampliação da indústria pesada. A maior locomotiva diesel do mundo, fornecida nos anos 50 para a rede ferroviária brasileira, é um exemplo das estreitas relações entre a Krupp e o Brasil na época.

A construção das instalações foi iniciada em 1958 nos antigos galpões desativados do DNC (Departamento Nacional do Café, depois IBC), numa área de 900.000 m², e a produção de peças para automóveis se deu em 1959, na forjaria de matrizes e na oficina mecânica para usinar as peças forjadas no Estado de S.Paulo.

Em 17 de março de 1960, terminou-se a usinagem mecânica do primeiro virabrequim forjado em Campo Limpo para a Mercedes-Benz do Brasil.

No entanto, como sempre acontece, o início da produção antecipou os festejos da inauguração. Somente dois anos depois, em 1961, a fábrica foi oficialmente inaugurada pelo Presidente da República, Jânio da Silva Quadros, e pelo último proprietário da empresa, Alfried Krupp Von Bohlen und Halbach.

Apesar das oscilações do mercado, os índices de produção da usina puderam ser gradativamente aumentados, provando que a decisão de se estabelecer em Campo Limpo foi correta.

De 1961 a 1971, a forjaria da usina forneceu para os 2,6 milhões de automóveis produzidos no Brasil, cerca de 50 milhões de peças forjadas, obtendo a Krupp uma cota de 40% do mercado de peças de montagem.

Evidentemente uma empresa desse porte, e com tal tradição na bagagem, não se restringiu apenas à mera fabricação de peças. Os industriais da nova geração compreenderam que havia necessidade de uma interligação mais ampla entre a mão-de-obra, que movimentava o processo de fabricação, e o "staff" dirigente. Enfim, devia-se dar à empresa o cunho de uma grande família com interesses comuns, com uma hierarquia bem definida, onde cada elemento, que não devia representar apenas uma simples engrenagem de um processo produtivo, mas ser consciente de suas responsabilidades no conjunto, voltado para o bem comum da sociedade e do País.

Acompanhando a tradição de sua matriz na Alemanha, a Krupp brasileira dispensa grande atenção ao aspecto social do pessoal empregado, que atualmente compreende 2567 pessoas. Assistência médica e dentária gratuita para todos os operários e suas famílias, condução gratuita e refeições por preços reduzidos em moderna cantina, assim como serviços sociais prestados, de outra forma, contribuem para intensificar a solidariedade para com a empresa, e para conferir a todos um maior senso de segurança pessoal.

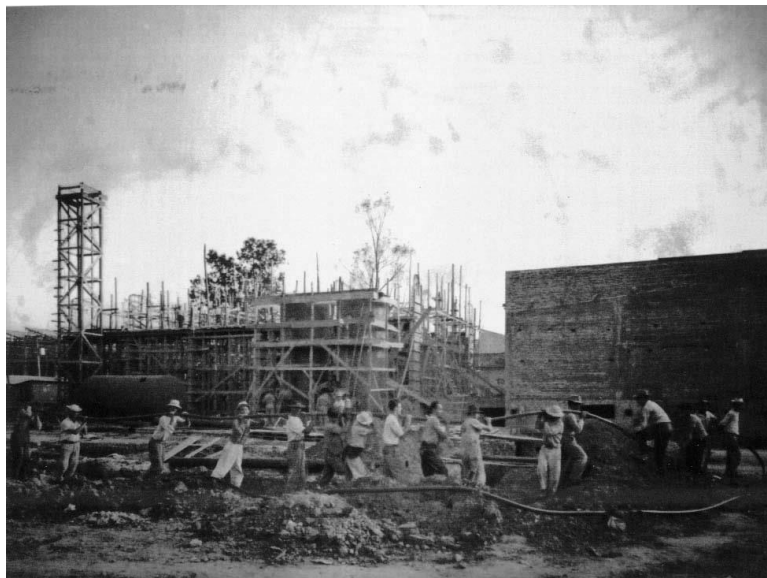
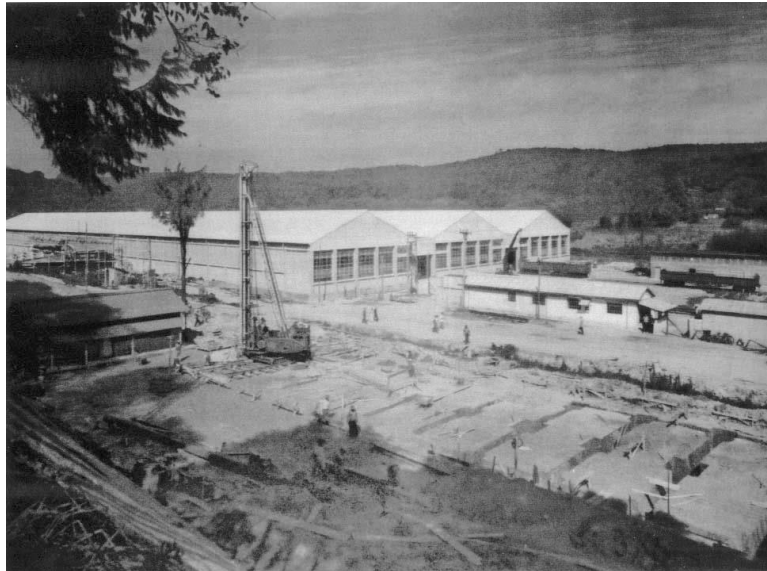
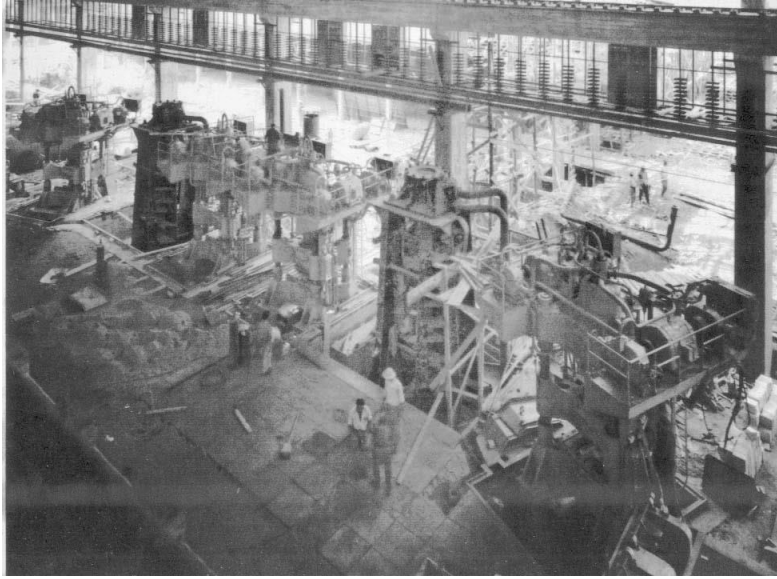
Disso pode-se deduzir que a instalação da Krupp em Campo Limpo representou uma real e benéfica transfusão de sangue. Foram criados novos postos de trabalhos, novas atividades, novos organismos sociais, e principalmente um maior intercâmbio com outros setores do País.

Mas o maior benefício que a Krupp trouxe para o então bairro de Jundiaí, foi o despertar de uma nova mentalidade, mais arejada, mais responsável, de uma consciência da importância adquirida no cenário nacional.

A união desses sentimentos representou a mola propulsora que conseguiu aglutinar todos os homens ligados ao progresso do distrito, em volta de uma finalidade comum, já que haviam percebido que chegara o momento propício para se movimentarem unidos. Para pleitearem que Campo Limpo assumisse a posição que a importância econômica lhe conferia.

Esses homens foram os “Emancipadores”, que desde sempre tinham acalentado a aspiração de transformar o distrito de Campo Limpo num município independente de Jundiaí.

Construção da Krupp





Inauguração da Krupp, descerramento da fita inaugural



O presidente Jânio Quadros inaugurando a Krupp, em 17 de junho de 1961



Inauguração da Krupp



Atual portaria da Krupp

Krupp

Inauguração da Krupp



Presidente Jânio Quadros, Alfred Krupp e Carvalho Pinto, então governador do Estado





Inauguração da Krupp, Jânio Quadros inspeciona a fábrica



Inauguração da Krupp, apresentação do Hino Nacional Brasileiro



Inauguração da Krupp



Retorno de helicóptero do presidente Jânio Quadros, após a inauguração da Krupp

X - O Longo Caminho até a Emancipação

Os agrupamentos humanos, ou sejam, as cidades, no sentido que hoje damos à palavra, sejam elas metrópoles ou meros vilarejos, desde a mais remota antiguidade, seguem sempre a mesma regra: surgem e se desenvolvem ao longo das naturais vias de comunicação, como os rios, ou as estradas percorridas pelo homem.

Isso vai se repetindo exaustivamente ao longo de toda a história. Grandes cidades da antiguidade conhecida, a exemplos, Cairo, Roma, Paris e Londres, como também as posteriores São Paulo, Buenos Aires e New York, são as provas cabais dessa tendência.

Se como vimos, a necessidade de dispor de uma facilidade para a comunicação representa um dos principais fatores para o surgimento e desenvolvimento de um conglomerado urbano, chegaremos facilmente à conclusão que, a área onde surgiu a cidade de Campo Limpo Paulista, tinha em seu bojo reunidos três desses fatores de progresso:

- Desde os primeiros séculos do povoamento português, representou o caminho natural das tropas que se dirigiam para Atibaia.

- Um rio corre pelo seu território: o Jundiá

- A partir da segunda metade do século XIX, se transformou no entroncamento de 2 importantes e estratégicas Estradas de Ferro: a Santos a Jundiá e a E. F. Bragantina, por onde escoava para o porto de Santos a grande produção dos cafezais, a fim de ser exportada.

Mas foi justamente devido a esse último fator, que entre apitos e o resfolegar de velhas “marias-fumaças”, ouviu-se as primeiras manifestações de vida de Campo Limpo Paulista.

O Difícil Início

O início do povoamento se deu praticamente com a chegada dos imigrantes portugueses, que aqui vieram para trabalhar na construção da E. F. Bragantina.

Em 1883 estava terminado o edifício da Estação de interligação das 2 linhas férreas. Esta interligação é considerada o principal fator de impulso para o vilarejo, pois a ferrovia viu-se obrigada a instalar seus funcionários em moradias próximas à Estação. Estava, pois, marcado, mesmo que de forma embrionária o traçado da futura cidade. Estas casas e seus habitantes estáveis provocaram, como é lógico, a vinda de comerciantes para a localidade, que hoje podemos identificar na Rua Joaquim Pereira Pinto (“Rua da Estação”), que representava a principal rua do vilarejo, e que recebeu justamente esse nome em homenagem ao imigrante português que muito colaborou para o desenvolvimento do lugar.

O Registro dos Primeiros Anos

Para falar sobre os primeiros acontecimentos ocorridos nesses iniciais anos de vida de Campo Limpo Paulista, temos o relato de Manoel Tavares da Silva, conforme registro original de seu livro histórico.

“Naquela época eram comerciantes em Campo Limpo o sr. Luiz Jacinto Borges, sócio de José Bento Ferreira, que tinha o apelido de Margarido. Este faleceu, sendo executado por um credor de Santos. Foi a casa em praça, sendo arrematada pelo Joaquim Pereira Pinto, que aos 21 anos tinha casado com uma rica viúva de um tal Capitão que perseguia escravos (e que acabou sendo vítima de um destes), e alugou parte do imóvel para José Felipe Xavier da Silva, que manteve no local uma pequena casa de pensão. Dando-se o conflito em que a casa de Luiz Borges foi apunhalado o Francisco de Lima, e saindo este ferido foi à casa dele, donde hoje é a casa do chefe da estação e que era uma casa de pau-a-pique, coberta de palha, buscar uma espingarda para vingar a agressão sofrida, vindo a falecer no caminho em consequência do ferimento recebido. Quando o cozinheiro de Luiz Borges, em certo caminho, vinha espiar o ferido, em seu regresso foi alvejado com certo tiro na cabeça por arma de fogo, vindo a falecer no dia seguinte”.

Surge a Capela de Santa Cruz

“Nesta confusão de desordem o Luiz Borges, desgostoso retirou-se para Jundiaí, alugando a casa a Benedito Ortiz e Laranjeira. Este, combinado com o João Antônio da Silva, erigiram uma capela a qual denominaram Santa Cruz em 1886. Estes, em acordo com o sr. João Antônio, cederam à Santa Cruz terreno de 1/4 de terra para servir de arraial e recinto. Os negociantes Ortiz e Laranjeiras decaíram; foi a casa novamente alugada para Antônio Soares; este decaindo, Luiz Borges vendeu-a para Joaquim Pereira Pinto em 1888.

Vindo para conferente nesta Estação o sr. Antônio Ferreira Neto, trabalhou na reforma da Capela em 1895, uma comissão. Fizeram uma escada que dá à entrada e mandaram soalhar em 1901 com donativos provenientes de leilão, foi erigida a torre, e adquirido um sino e outro já estava ela dotada por donativo adquirido por um certo Eduardo Penedo, que se dava por Eduardo Penedo & Cia. que fugiu dando prejuízo à praça e mandando gravar no sino “Eduardo Penedo & Cia.”, sendo censurado que era donativo e não propriedade dele, passou a raspar com talhadeiras a gravura, isso em 1897. Este sino esteve dependurado em um poste de madeira, até que foi edificada a torre em 1901, sendo neste ano mandada forrar e edificada a Sacristia em 1898.

O sr. Joaquim Pereira Pinto dotou a Capela com um altar e uma imagem titulada Nossa Senhora da Conceição.

Em 18 de maio 1907, o sr. Vigário de Jundiaí, Padre Marcelo, organizou uma comissão como consta no livro principal da Capela, de que a Comissão formasse uma cota de Rs. 500, para uma missa mensal, sendo dessa data em diante celebrada por um frade da ordem dos Franciscanos de Piracicaba (**O nome completo do padre que rezou a primeira missa em Campo Limpo foi Marcelo Anunciato, como consta nos registros da matriz de Jundiaí**).

Na casa que adquiriu Joaquim Pereira Pinto, estabeleceu-se, ganhou dinheiro e fez construção de três casas unidas e a donde ele mora em frente ao portão da Companhia. Casou-se em segundas núpcias com Da. Felícia Pereira Pinto, de origem napolitana, em 22 de fevereiro de 1896.

Eu, autor desta nota, era empregado dele desde 1º de dezembro de 1894 até 30 de novembro de 1899, data em que me retirei, para em 1º de dezembro de 1899 estabelecer-me na casa que foi de Manoel Pessoa. Este Manoel Pessoa construiu a casa e não podendo competir com Pinto, vendeu-a por Rs 4.000:000 para Pinto e retirou-se para a terra nossa. Mais tarde o Pinto comprou de Benedito Pires d’Avila a 4ª parte das terras da Olaria e em 1901 adquiriu outra 4ª parte de João Victório Ferreira”.

O Século XX Inicia Com Mais Tiros

“ O José Felipe, em 1897, vendeu-a para a Companhia Inglesa, a sua casa com terreno que depois de reparada pela Empresa serve hoje de residência do Chefe da Estação e o botequim passou a ser propriedade de José da Silva Ferreira que, em 9 de setembro de 1904, foi vítima de dois tiros de carabina, disparados por um tal Vicente Oliva, napolitano, que em desafronta de uma alteração por um pedaço de várzea, fugindo por ação da justiça deixando a casa entregue, de recente construída, à mulher e filhos, que no ano seguinte foi vendida para um certo João Rosa e este, em 1908, vendera para Francisco Rossi, que levantou uma olaria.

O conferente Antônio Ferreira Leite, retirou-se para São Paulo, deixou aqui um bocado de terreno, que em 1902 o genro dele Ernesto Lino Leite edificou uma casa. Sendo esta alugada para um turco Simão Miguel, que por ficar atrasado na praça entregou à Ernesto Lino Leite, passando a morar na mesma até 13 de junho de 1909 e em julho de 1909 vendeu-a ao autor desta nota, que construindo a de negócio junta em 1910, passou a residir nela com minha mulher em 17 de abril de 1910”.

É um relato, quase uma crônica dos 30 anos iniciais da vida de Campo Limpo Paulista, escrita de forma simples e impessoal, por alguém que viveu de pessoa, e “in loco”, os acontecimentos dos quais foi testemunha.

Parece quase assistir a uma projeção de um velho filme mudo, preto-e-branco, isso para ressaltar a sua dramaticidade, na qual apesar da precariedade das imagens que surgem na tela, percebe-se

as nuances de uma vida dedicada ao trabalho diário, à família, e à religiosidade, pautada pelo decorrer das horas do dia.

Percebe-se que apesar dessa aparente tranqüilidade, quase bucólica, fervem em seu interior paixões violentas, que unidas ao desejo prepotente do progresso a qualquer custo, às vezes explodem na violência do crime.

É a representação de uma sociedade ainda fluida, que se desenvolve numa área marginal da sociedade organizada, com seus direitos naturais estabelecidos, na maioria das vezes se sobrepondo àqueles que regem as sociedades já consolidadas.

No entanto existe também, e isso se percebe claramente, um lento mas ininterrupto avanço para um aqodamento definitivo, tendência para uma adaptação com a sociedade com a qual se deseja partilhar o presente e o futuro, fazendo com ela parte integrante, isso, mesmo se essa tendência encontra-se no momento embutida na consciência coletiva.

Praticamente trata-se de um “ambiente de fronteira”, no qual, porém já pode ser visualizado o caminho que levará o novo núcleo urbano a uma completa integração com os outros centros, assumindo definitivamente a posição devida no contexto nacional “.

Desenvolvimento

A primeira metade do século passado, para Campo Limpo, como bairro de Jundiaí, representou um compasso de espera, uma preparação, permanecendo apenas como um bairro carente de todos os serviços.

Para a Educação existiam duas classes mistas, que funcionavam numa antiga casa localizada em frente à estação ferroviária, onde eram administrados apenas os cursos de 1º e 2º ano primário, com professores vindo de São Paulo diariamente de trem. A Saúde era representada por um “prático” de nome Eugênio Lessi, ferroviário da SPR, que nas horas vagas atendia aos enfermos em sua residência, onde hoje existe uma praça com o seu nome. Os partos eram de responsabilidade de “parteiras”, enquanto a primeira farmácia foi inaugurada apenas em 1945, pelo farmacêutico campineiro Romualdo de Assis. A Segurança era atribuição de um “inspetor de quarteirão”, que dependia da Delegacia de Jundiaí, e não era remunerado.

A malha viária, principalmente a via de acesso a Jundiaí era precária, dificultando o trânsito, especialmente nos dias de chuva, a tal ponto que em 1923, quando o primeiro automóvel conseguiu chegar em Campo Limpo, levou mais de 2 horas para percorrer os 11 quilômetros que separavam o bairro de Jundiaí. Não querendo repetir o calvário da ida, o proprietário do veículo, Hermínio Pereira Pinto, preferiu despachar o automóvel pela estrada de ferro.

Um melhoramento das condições dos moradores de Campo Limpo, se deu em 1941, com a chegada da energia elétrica trazida pela Light, o que permitiu a substituição dos antiquados lampiões a querosene.

No entanto a verdadeira mudança de rota na vida de Campo Limpo Paulista se deu na segunda metade do século, depois da Segunda Guerra Mundial. Parecia mesmo que todo o fermento de paciência e sacrifício, usados nos anos precedentes, improvisadamente começasse a apresentar os resultados almejados.

Em 1951 uma importante indústria resolve estabelecer-se em Campo Limpo: a Manah S/A Produtos de Adubos, aluga um dos armazéns do IBC pelo período de 6 anos. Mais tarde transferiu-se para uma área de propriedade da família Tavares da Silva.

Nesse processo de desenvolvimento, em 20 de dezembro de 1953, pela Lei Municipal 2456, Campo Limpo foi elevado a Distrito de Jundiaí. O primeiro passo para a completa emancipação tinha sido dado.

Mas foi em 1961 que o caminho da emancipação entrou na reta final. Instala-se a Krupp, a famosa e centenária empresa da siderurgia alemã, que adquire do IBC 1 milhão de m² de área onde estavam

localizados os armazéns reguladores de café, e abre a primeira “Indústria Nacional de Locomotivas”, para em seguida inaugurar a “Krupp Metalúrgica Campo Limpo Ltda.”, a maior forjaria da América Latina, para a produção de peças automotivas, isso devido à instalação da indústria automobilística no País.

Como podemos ver, os acontecimentos se deram numa rápida seqüência, num curto espaço de tempo, compreendido entre os anos de 1950 e 1961, convencendo os moradores do distrito que havia chegado o momento de cortar, definitivamente, o cordão umbilical que os unia a Jundiaí. Estavam convencidos de que já possuíam todos os meios, todas as qualidades, e principalmente, homens talhados ao desafio, para prosseguirem sozinhos, sem a necessidade da tutela de ninguém.

A Emancipação - o longo caminho

“Meus senhores, minhas senhoras. Vamos iniciar a sessão de instalação do Município de Campo Limpo”.

Com estas palavras, pronunciadas no dia 21 de março de 1965 pelo Dr. Duílio Nogueira de Sá, juiz de Direito e Eleitoral da Comarca, na sede do Nacional A. C., se encerrava o longo caminho, iniciado há 350 anos.

O antigo distrito de Jundiaí tornava-se oficialmente o Município paulista de Campo Limpo, e seus moradores “campo-limpenses”. No início chegaram a ser chamados de campistas, mas não pegou.

Do longínquo 1615, ano em que a tradição popular indica como a data em que Rafael de Oliveira e Petronilha Antunes, procurados pela justiça, refugiaram-se na área onde está situada a cidade de Jundiaí, como afirma o historiador Pedro E.Valim, em seu “Álbum dos Municípios de São Paulo”: “...*embrenharam-se pelo sertão, e assentaram vivenda onde hoje está a povoação*”, passaram-se exatamente 350 anos, o tempo necessário afim de que Campo Limpo, de bairro pertencente a Jundiaí, onde no século XIX, havia o entroncamento de duas estradas de ferro, a SPR e a E. F. Bragantina, que escoavam para o porto de Santos a produção cafeeira da região, se transformasse na dinâmica cidade que hoje conhecemos.

Querendo dar um quadro cronológico das diferentes etapas dessa caminhada para a sua emancipação, poderíamos datar o seu início por volta de 1850, quando o Governo Imperial, e a administração provincial, no intuito de modernizar o País com a instalação de uma rede de estradas de ferro, resolveu dar uma garantia de juros, com pagamento em ouro, aos empreendedores desse, pela época, moderno, meio de locomoção.

Foi com esta medida, que garantia o apoio governamental, que Irineu Evangelista de Souza, mais tarde nomeado Barão de Mauá, se propôs a construir a primeira ferrovia da Província de São Paulo.

Assim, em 1867, a SPR (S.Paulo Railway), depois de ter assentado seus trilhos partindo de Santos para São Paulo, após ter vencido o desafio do desnível da Serra do Mar, alcançava a cidade de Jundiaí.

Para Campo Limpo, este fato representou apenas o começo. A segunda etapa, que seria a definitiva para o crescimento da cidade, se deu 17 anos depois, em 1884, quando foi inaugurada a E. F. Bragantina, que partindo da cidade de Bragança, tinha seu terminal na “Parada Campo Limpo”.

Em Bragança o acontecimento foi festejado durante três dias, durante os quais foram devidamente lembrados e homenageados os dois engenheiros que dirigiram os trabalhos: Martiniano Brandão e Matheus Hausler.

Para Campo Limpo, se o caminho percorrido até aquele momento tinha sido lento e vagaroso, agora o passo procedia com rapidez. Os poucos moradores daquele tempo perceberam que o bairro distante e abandonado de Jundiaí começava a pisar em terreno firme e sólido. Podia-se deslumbrar um futuro.

Com as sucessivas crises que a produção cafeeira teve que atravessar, principalmente na primeira metade do século XX, Campo Limpo, para sair do atoleiro da estagnação de uma agricultura decadente, baseada na monocultura, procurou encontrar novos espaços no cenário industrial e tecnológico do País, que a partir dos anos 50 teve um grande impulso, estimulado pela política do governo da época.

A instalação de grupos industriais, sólidos e tradicionais, com a conseqüente criação de novas oportunidades de trabalho, geradoras de renda com o aparecimento de atividades comerciais paralelas, produziu uma corrente de desenvolvimento que não podia mais ser detida.

O progresso foi acontecendo num ritmo sempre mais acelerado.

No dia 30 de dezembro de 1953, com a promulgação da Lei no. 2.456, de “bairro”, que então era, Campo Limpo se transforma em “Distrito”.

Passaram-se apenas 11 anos, quando em 28 de fevereiro de 1964, a Lei 8092 do Estado de S.Paulo, eleva o distrito de Campo Limpo à categoria de Município, desmembrando-o definitivamente de Jundiaí.

Quando eclodiu o golpe militar de 31 de março de 1964, apenas um mês depois da promulgação da Lei 8092, uma das primeiras medidas impostas pelo novo regime foi aquela de suspender a instalação de novos Municípios.

Para Campo Limpo criou-se, pois, uma situação estranha, oficialmente era um município, sem contudo poder exercer as atividades que a qualificação exigia.

Os Emancipadores

O direito à liberdade é um bem inalienável que nasce com o próprio homem, e nele permanece, já que a ele está intimamente ligado. É um sentimento este que continua existindo mesmo nas condições mais adversas, e como não pode ser anulado, muitas vezes sublima-se em outras manifestações.

Mas a liberdade não se restringe apenas ao significado que a palavra em si comporta. Assume várias e múltiplas facetas, das mais simples, como a liberdade da vida privada, ou seja, o direito que todo o indivíduo têm à inviolabilidade de suas atividades, até àquela mais complexa que se refere ao direito à liberdade de iniciativa.

Este último conceito, de liberdade, se o levamos para um plano coletivo, como no caso de uma determinada sociedade humana que poderia ser representada por um agrupamento de indivíduos formando um conglomerado urbano, veremos que se transforma em desejo de independência, ou seja, de busca à emancipação.

É necessário, porém, levar em conta que essa aspiração ou desejo, para efetivar-se, está diretamente relacionado com a existência de uma possibilidade concreta.

No específico caso, ou seja, no caso de Campo Limpo, foi justamente depois da instalação, em seu território, da poderosa Krupp, que a equação: aspiração-possibilidade encontrou a sua solução.

Isso foi compreendido por alguns moradores, os emancipadores; estes, aglutinando e estimulando essa aspiração coletiva, iniciaram o difícil processo que levaria à emancipação.

Por isso foi lançada uma campanha de esclarecimento, para conscientizar todos os moradores e membros da comunidade sobre a importância da independência, e que terminou com a realização de um plebiscito, que viu a esmagadora vitória do SIM.

Pelo relato do dr. Roque José Agostinho, o “Roquinho”, em seu “Tempo de emancipação de Adherbal e outros tempos” publicado no jornal “O Pêndulo”, de 18 de março 1995, foi no bar do Otávio que a semente da emancipação foi lançada por Antônio Kariya, que para isso contava com o apoio do governador do Estado, Adhemar Pereira de Barros, e do general Aldévio Barbosa de Lemos, seu compadre e Secretário da Segurança Pública do Estado de São Paulo.

Pelos relatos e depoimentos daqueles que viveram e empreenderam esta caminhada da emancipação, percebe-se uma certa pitada de saudade. A saudade de uma época verde da própria vida, com seus entusiasmos aliados à vontade de lutar por algo em que se acreditava.

De qualquer forma, se na seara foi lançada uma boa semente, a colheita será com toda certeza farta.

Assim foi feito. O resultado está à frente dos nossos olhos: Campo Limpo Paulista, um município que em poucos anos alcançou um lugar de destaque no conjunto dos municípios paulistas, e chegou a se colocar dentre os primeiros, no tocante à renda “per capita” e quanto à produção industrial.

Depoimento do Dr. Roque José Agostinho sobre a Emancipação

“O “Bar do Octavio” tinha apenas duas mesinhas no salão principal. Havia ainda o salão de “snooker” e o salão de refeições. Em uma noite qualquer, o saudoso “Tio Geraldo” foi portador de um convite do Kariya para que eu participasse de uma reunião do Partido Social Progressista – PSP, que era o partido do dr. Adhemar de Barros, recém-eleito governador do Estado de São Paulo, a fim de que preenchesse a vaga que seria aberta em consequência do afastamento do ferroviário Duílio Balioni, pois o mesmo seria indicado para as funções de sub-delegado de Polícia. Aceitei, deixei a mesinha e fui à reunião. De lá sai secretário do Diretório do PSP e o Balioni para as novas funções policiais.

Naquela noite, o prestativo Kariya lançava as sementes da emancipação, apostando no dr. Adhemar e no prestígio de seu compadre, o general Aldévio Barbosa de Lemos, que estava comandando a Secretaria de Segurança Pública e que, para felicidade de todos, vinha, nos fins de semana, para sua propriedade localizada no Moinho (atual área da Prensa Jundiá).

Antônio K. Kariya, com sua visão de estadista e de líder nato, foi mais além. Convidou o seu companheiro de partido Lauro Oswaldo de Almeida Nicodemos - este, ainda hoje chamado de pioneiro, desbravador e semeador da cidade de Campo Limpo - para organizar e gerenciar o movimento de emancipação.

Enquanto o Kariya, com aquele entusiasmo peculiar, ia desfilando as propostas otimistas em relação ao futuro do distrito de Campo Limpo, eu ia anotando os nomes dos precursores do movimento de emancipação, freqüentadores do Bar do Octávio e sonhadores com essa hipótese: João Ignácio Vellasco, Octávio Agostinho, João Tavares da Silva, Brasília Gonçalves de Souza, Brasília da Light, José Camargo e o Silvio Bertolini. Embora todos fossem companheiros de trucada do Quim Pinto (Joaquim Pereira Pinto), não se atreveram a convidá-lo, por saberem proprietário de muitas terras e, de acordo com os boatos que corriam, dando conta de que os impostos seriam abusivos, esse fato que manteria o Quim Pinto afastado e até bronqueado com a idéia de seus parceiros de memoráveis trucadas e peixadas.

Minha querida mãe, dona Ignez, com a autoridade de seus 80 janeiros bem vividos, lembra que preparava um baita dourado e que via o lucro escapar através de algumas jornadas infelizes do truqueiro Octávio! Voltemos ao Bar do Octávio, e vamos contemplar aquele Diário Oficial do Estado, trazido pelo “Juanito”, desfalcando a coleção do tabelião de seu Cartório, seu filho Jorge Vellasco, onde estavam as exigências para que os distritos pudessem ser desmembrados.

A chegada da poderosa Krupp foi a causa dessa preocupação dos seguidores do João do Cartório. Não havia tempo disponível e provavelmente as exigências não seriam cumpridas. Todos acataram a orientação do saudoso João Vellasco: “vamos aguardar a próxima lei quinquenal, pois o ano de 1963 chegará logo e com ele a nossa grande chance”.

Na folhinha estampando a propaganda de “Doces Bela Vista”, o ano era 1958; quem sabe após os gols de Mazzola, Vavá e Pelé na Copa da Suécia. Muitas edições do Diário Oficial continuavam freqüentando as duas mesinhas do salão principal do Bar do Octávio, cujo nome verdadeiro, batizado pelo famoso Zé Mineiro (José Dini) era Bar do Ponto, merecendo do ilustre freguês-amigo uma vistosa placa identificadora. Aqueles jornais indicavam que a semente da emancipação continuava povoando o entusiasmo do vanguardeiro João Vellasco e de sua equipe. Ou melhor, exército!

Enquanto o boníssimo e progressista Antônio Kariya alinhava suas idéias a respeito do entrosamento do PSP local e o governo do chefe Adhemar de Barros, já em 1962, eu continuava vendo as reuniões do Bar do Octávio, sob a batuta do respeitado João do Cartório. Só deixei o PSP para atender à solicitação do companheiro Waldomiro Gonçalves, que, em 1964, articulava o diretório do Partido Republicano, para concorrer às primeiras eleições municipais, realizadas em 7 de março de 1965.

Mas, antes desse acontecimento histórico devemos retornar às reuniões do PSP, agora com a liderança do dinâmico Lauro Nicodemos. Este, sempre apaixonado por Campo Limpo e com aquela coragem e simplicidade que transformou o mesmo em Emancipador nº 1 de nosso distrito, agradeceu a indicação do mestre Kariya, mas preferiu que alguém entrosado com a Assembléia Legislativa e com estrutura pessoal para missão tão nobre, quanto árdua, ficasse com essa responsabilidade. Ao receber apoio de todos a essa tese, Lauro Nicodemos declina emocionado o nome de seu amigo, dotado de sensibilidade e entusiasmo para a emancipação, que era, nada mais, nada menos, que o incrível Adherbal. Sim, Adherbal da Costa Moreira, loteador da Vila Constança, em Botujuru, e ex-presidente do Esporte Clube Internacional, além de criador e Presidente da Sociedade Amigos de Botujuru e famoso por ser o gerente comercial da Companhia Vidraria Santa Marina, considerado “Príncipe dos Viajantes do Brasil” por várias entidades de classe, as quais veneravam o talento e a profissionalização do Adherbal.

Todas as reuniões foram realizadas na sede do Nacional Atlético Clube, com exceção de apenas duas: uma, que foi feita no Bar do Octávio, mais parecendo uma homenagem àqueles precursores liderados pelo João do Cartório, agora substituído pelo seu filho Jorge de Maio Vellasco, eleito primeiro secretário da Comissão Executiva Pró-Emancipação de Campo Limpo. E outra, na residência do casal Domingos e dona Izolina.

Foi no embalo desses ventos libertários que construí, despretensiosamente, o lema daquela memorável jornada municipalista, aprovada e acatada, pela equipe, sob os aplausos do insubstituível Adherbal da Costa Moreira: “Com Campo Limpo independente, tudo diferente!”.

A Comissão foi assim escolhida: general Aldévio Barbosa de Lemos – Presidente de Honra, Adherbal da Costa Moreira – Presidente, Lauro Nicodemos – 1º Vice-Presidente, Joaquim Tavares da Silva – 2º Vice-Presidente, Jorge de Maio Vellasco – 1º Secretário, Waldomiro Gonçalves – 2º Secretário, Paulo Peixoto – 1º Tesoureiro e João Tavares da Silva – 2º Tesoureiro.

Eu tive a honra de ser distinguido com o honroso cargo de coordenador, sendo que no dia 2 de dezembro de 1963, quando festejávamos a vitória do “Sim”, ainda na sede do Nacional A.C., recebi elogios e agradecimentos do próprio Adherbal, pelos serviços que prestei à causa da emancipação. Jamais esqueci e nem vou esquecer aquele prêmio e recompensa, de iniciativa de um dos mais virtuosos líderes que tive o prazer de conviver e tentar seguir seus ensinamentos vida afora: Adherbal! (em 1º de dezembro de 1963, num domingo, com 391 votos sim, 29 não, e 25 votos entre nulos e abstenções, o povo de Campo Limpo, em plebiscito, disse sim à emancipação).

Os livros de atas também documentam esta minha participação, ao me darem o privilégio de haver sido o companheiro que compareceu a todas as reuniões. Sim, jamais faltei aos compromissos da Comissão Executiva Pró-Emancipação de Campo Limpo, dada minha vocação municipalista e amor à causa abraçada. A campanha foi colocada nas ruas e todos os eleitores e membros da comunidade foram despertados para a importância da independência.

Louvem-se as autoridades de Jundiaí, que jamais criaram obstáculos para o movimento. Muitos devem ser considerados emancipadores. Em outra oportunidade tentaremos relacionar os nomes de tantos quantos participaram da emancipação de Campo Limpo, em todas as suas fases. Toda a documentação foi entregue na Assembléia Legislativa, sendo que o presidente Adherbal confiou o trabalho legislativo para o conceituado deputado dr. Camilo Ascahr, considerado como o “padrinho” da emancipação de Campo Limpo.

Após essas iniciativas políticas e burocráticas a Assembléia aprovou a emancipação político-administrativa de Campo Limpo, sendo que a Lei correspondente ganhou o nº 8.093, de 28 de fevereiro de 1963. Quando eclodiu a Revolução de 31 de Março, uma das primeiras iniciativas do regime foi suspender as instalações de novos municípios. Em 7 de março de 1965 as eleições são convocadas. Até então havia sido criada a Sociedade Amigos de Campo Limpo.

Nesse lapso de tempo, entre a lei e a designação do dia para as primeiras eleições, a Sociedade Amigos de Campo Limpo preencheu o vazio e foi à luta por novos horários de trens para São Paulo e em favor da instalação do Ginásio de Campo Limpo.

A Sociedade Amigos de Campo Limpo foi mais além, ao iniciar a construção, com recursos de seus simpatizantes, de mais três salas de aula no Grupo Escolar Dr. Francisco Monlevade e muitas outras iniciativas comunitárias. No dia 7 de março de 1965, as siglas dos mais diferentes partidos estavam buscando

os votos do eleitorado, culminando com a vitória da dobradinha Adherbal e Quim, juntamente com os vereadores Charrua, Pardal, Tanaka e Kariya, pelo PSP, Roque, Rubens e Paulo Silva, pelo PR, Joel de Souza pelo PDC e Venâncio pelo PTN.

No dia 21 de março a Justiça Eleitoral determinou que seria instalado o Município de Campo Limpo, com a posse dos eleitos. Às 10 horas, ainda na sede do Nacional A.C., o dr. José Duílio Nogueira de Sá, Juiz de Direito e Eleitoral da Comarca, abriu a sessão histórica da seguinte maneira: “Meus senhores, minhas senhoras. Vamos iniciar a sessão de instalação do Município de Campo Limpo. Convido o vereador Roque Agostinho para secretariar os trabalhos”. Eis aí uma honraria que me deixa sempre comovido e emocionado. O primeiro nome oficialmente vinculado ao Município de Campo Limpo foi o de Roque Agostinho, em virtude de ser escolhido pelo Juiz para secretariar aqueles trabalhos. É muita honra para um pobre mortal!

O Município foi instalado através da posse e juramento solene de todos os 9 vereadores. Em virtude de compromissos profissionais anteriormente agendados o prefeito eleito Adherbal da Costa Moreira não compareceu, sendo que o vice-prefeito Joaquim Tavares prestou juramento e foi empossado, deixando, entretanto, o cargo de Prefeito vago e provocando uma crise institucional, sendo que o Município de Campo Limpo ficaria entre os dias 21 e 29 daquele mês de março sem seu Administrador, criando um problema sem precedentes no mundo da política. Na semana de instalação do Município nada de excepcional aconteceu. No dia 29 do mesmo mês o prefeito Adherbal é empossado, prometendo fazer o Município avançar em todas as direções. A partir dessa data o Município começa a experimentar uma onda de progresso, que reflete até os dias de hoje, pois o saudoso Adherbal da Costa Moreira conseguiu abrir as mais diferentes frentes de trabalho e definir os rumos de Campo Limpo. Previu a abertura da Rua João Julião Moreira, nome de seu pai, que estava sendo ocupada indevidamente por um lavrador.

No dia 7 de junho de 1968 os rumos traçados para Campo Limpo começaram a mudar. Todos nós mudamos também, ao ficarmos tristes, estupefatos e decepcionados em consequência da morte trágica do mestre e pioneiro Adherbal da Costa Moreira, por quem continuamos orando e deixando escapar, de quando em quando, uma lágrima de saudade! Com Campo Limpo Independente: Tudo Diferente!!!“

Jornal “O Pêndulo” – 18 de março de 1995

Homenagem aos Emancipadores

Texto da Ata da 1ª Reunião para a Emancipação da Cidade

“ Aos 16 dias do mês de março de 1963, reuniram-se pessoas interessadas na emancipação política de Campo Limpo, em outras palavras, interessados em tornar o distrito em sede de Município, fazendo-o independente de Jundiá. Abertos os trabalhos da reunião pelo sr. Antônio K. Kariya, este passou imediatamente a palavra ao sr. Lauro Oswaldo de Almeida Nicodemos, que ressaltou o motivo primordial da reunião, qual seja: Convocar-se o povo em geral para juntos tratarem da criação do Município de Campo Limpo.

Houve trocas de idéias, sendo acolhidas várias sugestões dos presentes. Em seguida leu o sr. Lauro, a lei que contém os requisitos indispensáveis para o sucesso desse trabalho: estando Campo Limpo perfeitamente enquadrado com as mesmas, ou seja: população suficiente, renda e número de eleitores e inclusive população bastante, como foi frisado. O orador colocou sua palestra em termos práticos. Fez ver aos presentes as vantagens oriundas da elevação de Campo Limpo a Município, o que fará com que tenhamos condições de vida própria, indispensáveis ao progresso do distrito, que uma vez independente, tornar-se-á sempre mais forte. Fez questão de frisar que essa luta caracteriza-se pela NEUTRALIDADE DE BANDEIRAS PARTIDÁRIAS, visando unicamente o bem-estar do povo.

Os trabalhos decorreram dentro de um clima saudável, tendo cada pessoa espontaneamente demonstrado, sem reservas, a satisfação em poder de qualquer forma cooperar para a concretização das idéias expostas. Dadas por findas as diversas considerações, passou-se imediatamente à eleição para a formação de diversas comissões que trabalharão visando somar forças para aquela empreitada.

As comissões ficaram assim compostas:

COMISSÃO EXECUTIVA:

Presidente de Honra	- general Aldévio Barbosa de Lemos
Presidente	- sr. Adherbal da Costa Moreira
Vice-presidente	- sr. Lauro Oswaldo de Almeida Nicodemos
1º Secretário	- sr. Waldomiro Gonçalves
2º Secretário	- sr. Jorge de Maio Vellasco
1º Tesoureiro	- sr. Antônio K. Kariya
2º Tesoureiro	- sr. João Tavares da Silva

MEMBRO: sr. Paulo Peixoto

ASSESSOR JURÍDICO: dr. Francisco Augusto Pinto Junior

RELAÇÕES PÚBLICAS: Padre Daniel Jansen

COMISSÃO DE PROPAGANDA: Antônio K. Kariya, Waldomiro Gonçalves, Duílio Ballioni, Paulo Peixoto, Roque José Agostinho, Anivaldo Monteiro da Silva, dr. Seji Oura, José Antônio de Lima, Mário Marchetti, Venâncio Gonzaga Ramos, Walter Rossi, Octávio Agostinho e Benedito Luiz Prado.

DELEGADOS DE BAIROS:

CENTRO: Antônio Larrubia, Octávio Luiz Filho, Anivaldo Monteiro da Silva, Joaquim Tavares da Silva, Romualdo de Assis, Waldomiro Gonçalves, Geraldo Bento da Silva, Manoel Teixeira, Dante Martinelli, Roque José Agostinho, Venâncio Gonzaga Ramos, Emílio Gatera, José Dini, Nelson André, Geraldo Silva, Odovílio Rossi, Waldemar Rossi, Felício Consentino, Pepino Melle, Professor Waldomiro Thibes Cordeiro, Armando Lenhaioli, Bruno Censi, Benedito Maria Lima, Josef Lenke, João Ferreira dos Santos, Francisco Oliveira, Mário Vellasco, Yuchio Ichida, Rubens Vellasco, Horácio A. Censi, Francisco Censi, Ítalo A. Censi, Ernesto Ogawa, Jocelir Chiovato, João Sacrini, Manoel de Souza Cunha.

VILA TAVARES: Alceu Albarello, Fioravante Moreira de Souza, José Tavares da Silva, Joaquim Tavares da Silva, Benedito Geraldo Ferreira, José Otoni.

BAIRRO MOINHO: dr. Augusto Pinto Junior, Manoel Lopes.

VILA IMAPE: Antônio de Pádua Suzano, Sexto Patelli, Nativo Pimentel, Alcebíades Grandizoli, Maurício Ergusman e Oswaldo Grandizoli.

BAIRRO IVOTURUCAIA: José Nicolini, Lauro Oswaldo de Almeida Nicodemos, Paulo Peixoto, Octávio Luiz Filho.

BAIRRO DE CAMPO VERDE: dr. Izidoro Devechi, Hugo Sardella, Aksel Ernits e Germano Gustavo Grossklauss.

BAIRRO BOTUJURU: Faustino Bizetto, Leopoldino de Campos, Salvito Magalhães Eugênio, José de Souza Charrua, José Bisetto, José de Lima, dr. Guilherme Flatz.

FAZENDA NOSSA SENHORA DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE MARIA: José Carbonari, Antônio Barranco.

BAIRRO DA FIGUEIRA BRANCA: sr. Aroldo e sr. Meneses.

VILA SÃO PAULO: Domingos Rodella Garcia, Hélio Romualdo de Toledo, Fioravante Moreira de Souza, Joel Moreira de Souza, Manoel de Souza Cunha.

VILA CARDOSO: Manoel Caetano de Almeida, Jorge de Maio Vellasco, Anivaldo Monteiro da Silva, Oswaldo Frizzo, Dionísio Braghetto, Henrique Bonilha, Armando Bizetto, Pedro Cícero dos Santos, Gabriel Melle,

Gonçalo Silvério da Rosa, Alfredo Rossi, João Francisco Guerra, Francisco Biasi, João Ignácio Vellasco, Milton Pessoa Pinto, Donézio J. Arruda.

COMISSÕES essas que foram votadas e eleitas por unanimidade, ficando na obrigação de dispenderem dos melhores esforços durante 45 dias, para a elucidação da conquista almejada. Todos os elementos escolhidos para tomarem parte nas comissões, caso venham a desconhecer o plano de emancipação, deverão entrosarem-se diretamente à comissão executiva. Ainda temos para nos amparar A GRANDE COMISSÃO, comissão esta, integrada pelo POVO de Campo Limpo. É mister lembrar, que a independência Política só será conseguida através de nossa luta unida, desprezando coligações partidárias.

Estiveram presentes na mencionada reunião as seguintes pessoas: srs. Adherbal da Costa Moreira, Lauro Oswaldo de Almeida Nicodemos, Waldomiro Gonçalves, Jorge de Maio Vellasco, Antônio K. Kariya, João Tavares da Silva, Paulo Peixoto, dr. Seji Oura, Geraldo Bento da Silva, Roque José Agostinho, José Ghisland Neto, Sexto Patelli, Romualdo de Assis, Anivaldo Monteiro da Silva, Octávio Luiz Filho, Sebastião Batista, Angelino Martinelli, Dante Martinelli, Gomildo Batista, Manoel Lopes, Sérgio Felix, Duílio Balioni, Benedito Martins de Azevedo, Antônio Larrubia, Sebastião de Oliveira, Cosmo Francesconi, Izael A. Moraes, Benedito Pinto “.



Foto da família da dona Mariquinha ao lado da Capela de São Benedito que ficava localizada na esquina da rua Nossa Senhora do Rosário com a rua dos Ferroviários



Casario antigo da "Ruazinha" (rua da Estação Ferroviária)



Foto da família do sr. Justo Ricardo Castillo, no local onde está hoje instalada a APAE



Antiga Capela de São Benedito



Rio Jundiá, onde é hoje a Ponte 29 de Março, na avenida Adherbal da Costa Moreira



Reunião da comissão de emancipadores com o governador Adhemar de Barros, no Palácio do Governo



Adherbal da Costa Moreira votando no Grupo Escolar Dr. Francisco Monlevade
(por ocasião do plebiscito para emancipação)



Emancipadores reunidos no pátio do Monlevade



Encontro de emancipadores em frente ao armazém de secos e molhados do Kariya



Da esq. p/ dir. Geraldo Silva (Juiz de Paz), João Ignácio Vellasco (tabelião), Essio Grandisoli (líder comunitário e progenitor do prefeito Pardal)



Lavratura da primeira ata da Câmara de Vereadores, em 21 de março de 1965



Primeira semana de dezembro de 1963, após o plebiscito do dia 1º



Comitê Central do Partido Republicano, em 1965, na Rua do Comércio (acima e abaixo)





Reunião dos adhemaristas, com Kariya e os irmãos Pinto: Quim e Mário



Primeira semana de dezembro de 1963, após o plebiscito do dia 1º



Casario que restou da antiga Rua da Estação



Integrantes da Banda da S.P.R.



Antiga Rua do Comércio, atual avenida Adherbal da Costa Moreira

X I - Primeiros Passos do Novo Município

Se em 21 de março de 1965 tinha chegado ao fim o espinhoso caminho, percorrido pelos Emancipadores que finalmente viam coroado o sonho acalentado por longo tempo de tornar Campo Limpo um Município independente, também iniciava-se um outro percurso que implicava uma responsabilidade bem maior. Cabia aos eleitos no dia 7 do mesmo mês, administrar o novo Município.

Tratava-se de dotar a cidade, com serviços essenciais, para levá-la a um futuro desenvolvimento social e econômico progressista, consoantes com o novo “status”.

Um trabalho deveras árduo, já que o espólio herdado era realmente deficitário, do ponto de vista administrativo, para levar a termo o que se propunham, o bem-estar dos campo-limpenses.

Uma simples, e mesmo superficial, verificação da situação encontrada, dava-lhes uma idéia crua, do volume de trabalho que os esperaria, para dar a seus administrados as condições mínimas para levar a termo o que almejavam: dar aos moradores da cidade as condições mínimas para uma vida urbana, com superação das carências presentes.

Eis o quadro da situação verificada no primeiro ano do Município, de acordo com os dados registrados no Plano Diretor, datado de janeiro de 1967:

População - 5.044 habitantes, sendo 3.539 na zona urbana e 1.505 na zona rural. O grupo de até 18 anos representava a maioria, 50 % do total. O índice médio de alfabetização era considerado bom para a época, cerca de 62,5 %. Pela projeção demográfica, considerado o índice de então, Campo Limpo Paulista teria somente 30.634 habitantes em 2.000. O censo de 2.000 apontou, entretanto, 63.707 habitantes.

Organização Administrativa - A Prefeitura dispunha de 40 funcionários sob regime de legislação trabalhista, 15 efetivos e 6 contratados sob forma de prestação de serviços, totalizando 61 servidores. Os Poderes Executivo e Legislativo funcionavam precariamente na sede do Nacional A.C.

Assistência Médica - A equipe de saúde era constituída por um médico, uma enfermeira diplomada, que também fazia as vezes de parteira, dois cirurgiões-dentista e quatro auxiliares de enfermagem.

Educação - A zona urbana dispunha do G. E. Dr. Francisco Monlevade. Na zona rural havia escolas no Moinho, na Estância São Paulo, no Campo Verde e na Figueira Branca. Em maio de 1966 foi inaugurado o Ginásio Estadual com 3 salas de aula e 10 professores. Atendia 37 alunos em duas classes da primeira série e 22 alunos no curso de admissão.

Energia Elétrica - Registravam-se 889 consumidores da Cia. de Eletricidade São Paulo -Rio, subsidiária da Light, e 303 luminárias instaladas na rede de iluminação pública.

Ferrovias - A cidade contava com a E.F. Santos a Jundiá e a E. F. Bragantina, que ligava Campo Limpo a Vargem, nos limites do Estado de Minas Gerais, e pelo ramal Piracaia, ligava o município a Atibaia. Dentro dos limites municipais havia uma pequena parada da Bragantina, a Mestre Gebim no Km. 7.

Indústria - Krupp Metalúrgica Campo Limpo S/A, empregando 3.118 pessoas, e Manah S/A, empregando 39 pessoas. Campo Limpo também contava com duas vinícolas: Grandizoli e Cassatela, e dispunha ainda de 26 olarias e um pequeno laboratório de produtos farmacêuticos.

Agricultura - Pouco desenvolvida, com destaques para a cultura da uva, tipo Isabel e à horticultura. A produção extrativa vegetal era significativa, em especial de eucaliptos.

Zona Urbana - Os bairros que formavam a zona urbana eram: Jardim Europa, Jardim Santa Lúcia, Vila São Paulo, Estiva (entre a Vila São Paulo e o Jardim Santa Lúcia), Vila Imape (conhecida por Cruzeiro, pois havia um cruzeiro no local da atual Praça Thomaz Larrubia), Vila Tavares, Jardim Santa Marta, Jardim Bandeirantes, Vila Thomazina e Vila Cardoso.

Jornal - Havia um único jornal, o “Jornal de Campo Limpo”, quinzenal e gratuito, com notícias locais.

Correios e Telégrafos - Pequena Agência Postal, localizada na Rua do Comércio (atual Av. Adherbal da Costa Moreira), na residência do sr. Venâncio Gonzaga Ramos.

Segurança Pública - Os serviços eram coordenados por um soldado da Força Pública, que comandava o Sub-Destacamento Policial, com 3 soldados e 5 guardas municipais.

Feira Livre - Aos sábados à tarde, na Av. Presidente Vargas, entre as ruas Campos Salles e Arthur Bernardes, na Vila Tavares.

Cemitério - Estava em fase de construção a Necrópole Bosque da Saudade, com 35.000 m² e 3.570 lotes.

Saneamento Urbano - O Município não dispunha de sistemas de abastecimento de água e de coleta de esgotos.

Lixo - O recolhimento dava-se somente na parte central da zona urbana, feito por meio de 3 carroças à tração animal. Os detritos eram jogados em 2 terrenos baldios, um à beira do rio Jundiá e outro no Moinho.

Atividades Recreativas - Na zona urbana localizavam-se o E.C. Internacional e o Nacional A.C. Na zona rural havia a Sociedade Amigos de Botujuru, estando em projeto a construção de sua sede, numa ilha no lago central de Botujuru, e o Clube Estância Figueira Branca, com uma pequena sede.

Atividades Religiosas - A religião católica era a cultuada pela grande maioria da população, existindo a Igreja Nossa Senhora do Rosário, ainda inacabada. Existiam também três templos evangélicos: Igreja Cristo do Brasil, Assembléia de Deus e Igreja Brasil para Cristo.

Nos primeiros anos do novíssimo Município - embora a paralisação da E. F. Bragantina, em 1967, tenha representado significativo percalço à economia local - em 1969, com o início da construção da rodovia SP-354 (Edgard Máximo Zambotto), ligando a Via Anhanguera à rodovia D. Pedro I, surgem perspectivas otimistas de desenvolvimento para a região.



Construção da Ponte da Rua do Comércio (Ponte 29 de Março)



Adherbal vistoria obras da futura Praça Castello Branco



A Praça Castello Branco quando ainda era depósito de tubos



Inauguração do Parque Infantil Monteiro Lobato, na Vila Tavares, pelo prefeito Adherbal, ao seu lado a diretora do Ginásio Estadual, Elza Facca Martins Bonilha



O alargamento da Rua do Comércio



O viaduto interditado, após a queda de uma viga em 1963



Desfile do Papai Noel (José Bragheto) no Natal de 1966, na antiga passagem de nível



Deputado Camilo Ascahr, o patrono da emancipação é homenageado no E. C. Internacional



Dom Gabriel Paulino Couto e Adherbal da Costa Moreira



Os primeiros 9 vereadores após a posse de 21 de março de 1965



O prédio da Câmara e a logomarca municipal "Incrementum Duco" (*Conduzo ao desenvolvimento*)



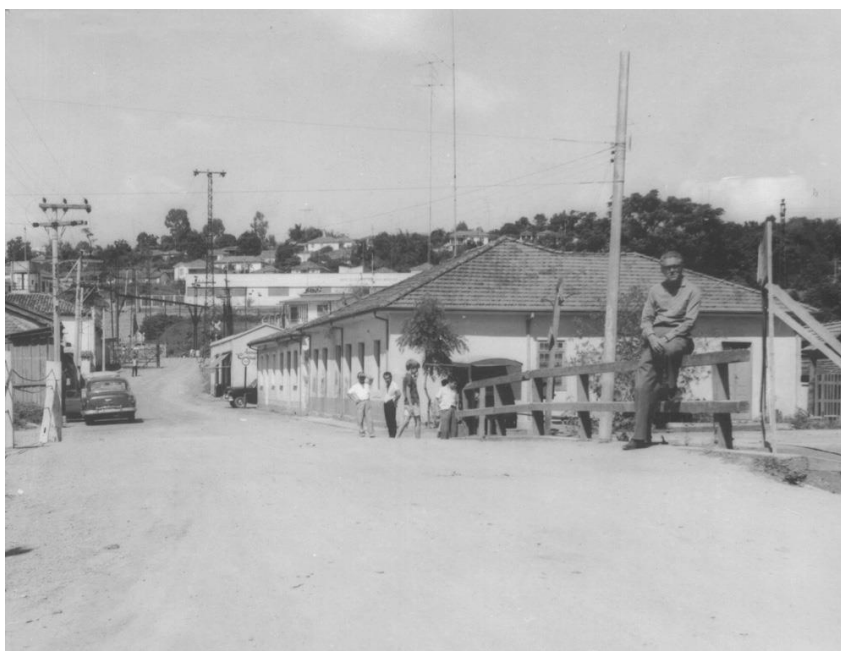
A sede do Nacional AC e a casa do zelador



Reforma da casa da Família Ferreira que abrigaria a sede da Prefeitura, antes do surgimento do Jardim Santa Catarina



Depois de inaugurar a ponte de concreto da Rua do Comércio, as autoridades e os convidados seguiram para a agência improvisada da Caixa Econômica Estadual, também inaugurada



Adherbal da Costa Moreira, no local onde seria instalada uma ponte



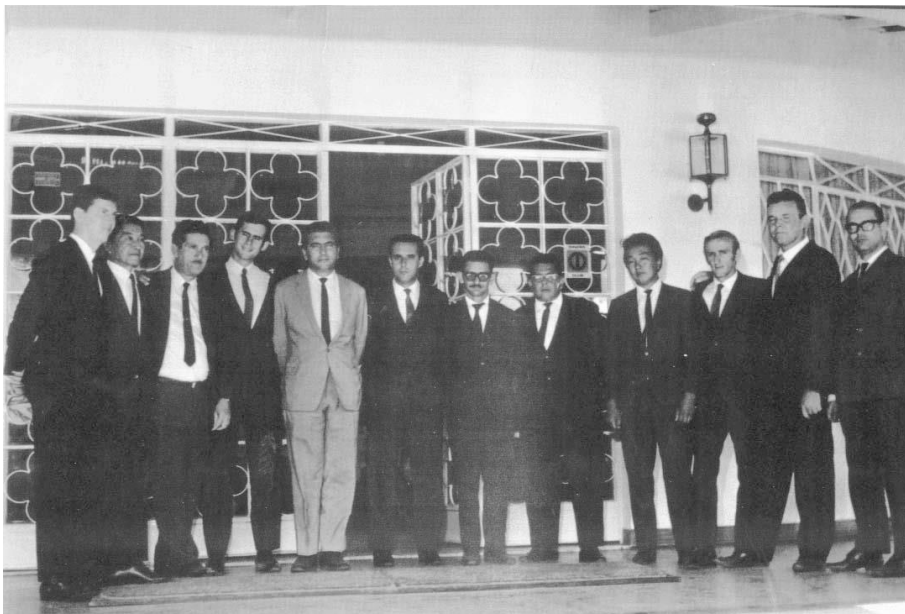
Adherbal e Quim



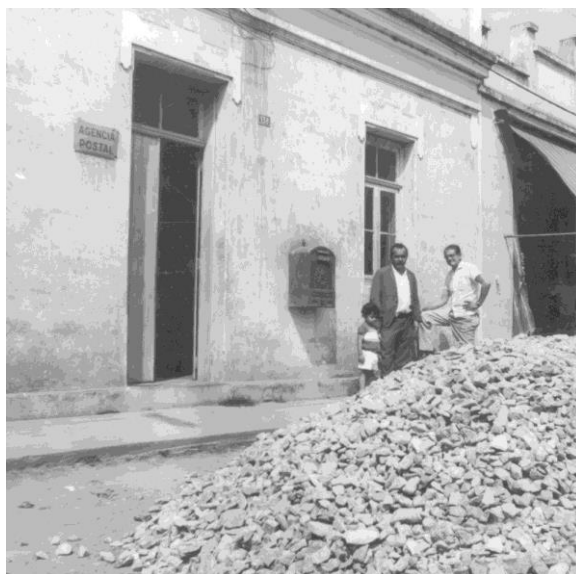
Executivo e Legislativo da 1ª legislatura se confraternizam



O presidente da Câmara Rubens Vellaco (sentado) e os vereadores, em 1966



Segunda Legislatura, tendo da esq. p/ dir. os vereadores José Roberto de Assis, Antonio Kariya, José de Souza Charrua e Adilson Tavares da Silva; vice-prefeito "Pardal", prefeito Jorge de Maio Vellasco, vereadores Manuel Caetano de Almeida, Paulo Silva, Mitiharu Tanaka e Germano Gustavo Grossklauss



Agência Postal na então rua do Comércio



Adherbal orador com João Aprilanti, prefeito de Várzea Paulista

XII - Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário

1ª Legislatura:

Prefeito Municipal: Adherbal da Costa Moreira (empossado em 27 de março de 1965)

Prefeito Municipal: Joaquim Tavares da Silva (assumiu o cargo em 7 de junho de 1968, em virtude da falecimento de Adherbal da Costa Moreira)

Vereadores da 1ª Legislatura (21.03.65 a 21.03.69)

Alcebíades Pardal Grandizoli

Antônio Kan-Ity Kariya

Joel Moreira de Souza

José de Souza Charrua

Mitiharu Tanaka

Paulo Silva

Roque José Agostinho

Rubens de Maio Vellasco

Venâncio Gonzaga Ramos

Presidentes da Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista

de 21.03.65 a 31.12.66 - Alcebíades Pardal Grandizoli

de 01.01.67 a 31.12.68 - Rubens de Maio Vellasco

de 01.01.69 a 20.03.69 - Alcebíades Pardal Grandizoli

Principais Conquistas e Realizações: Instalou e projetou o Município - Distritos Industriais - Biblioteca Assis Chateaubriand - Primeiro prédio do Ginásio Municipal na Av. Marechal Deodoro da Fonseca - Jardim Marsola através do BNH - Necrópole Bosque da Saudade (concluída pelo prefeito Jorge de Maio Vellasco) - Hospital Bom Samaritano (atual Hospital Nossa Senhora do Rosário), concluído pelo prefeito Jorge de Maio Vellasco - Instalação da Guarda Municipal - Viaduto sobre os trilhos da CPTM, próximo ao Forum - Ambulatório Médico Cândido Fontoura - Iluminação pública e domiciliar, urbana e rural - Ponte 29 de Março, na atual Av. Adherbal da Costa Moreira, próxima ao viaduto - Linha de ônibus Campo Limpo - Atibaia - Praça Baltazar Fidélis em Botujuru - Instalação da Caixa Econômica e Coletoria Estadual - Parque Infantil Monteiro Lobato, na Vila Tavares - Implantação do DAAE (concluído pelo prefeito Jorge de Maio Vellasco) - Correção dos níveis e grades das ruas centrais e colocação de guias - Praça Castello Branco (concluída pelo prefeito Jorge de Maio Vellasco) - Ampliação do G.E. Dr. Francisco Monlevade - Serviço de Água e Esgoto (concluído pelo prefeito Jorge de Maio Vellasco, que instalou o DAAE).

2ª Legislatura:

Prefeito Municipal: Jorge de Maio Vellasco (empossado em 21 de março de 1969)

Vice-Prefeito: Alcebíades Pardal Grandizoli

Vereadores da 2ª Legislatura (21.03.69 a 31.01.73)

Adilson Tavares da Silva
Antônio Kan-Ity Kariya
Germano Gustavo Grossklauss
José Poli de Oliveira Dorta
José Roberto de Assis
José de Souza Charrua
Manoel Caetano de Almeida
Mitiharu Tanaka
Paulo Silva

Presidentes da Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista

de 21.03.69 a 21.03.70 - José de Souza Charrua
de 21.03.70 a 31.01.72 - José Roberto de Assis
de 01.02.72 a 30.01.73 - Germano Gustavo Grossklauss

Principais Conquistas e Realizações: Implantação do DAAE - Extensão de 19 quilômetros da rede de esgoto - Extensão de 26 quilômetros da rede de água - Instalação e funcionamento do Hospital “O Bom Samaritano” (atual Nossa Senhora do Rosário) - Construção do Matadouro Municipal - Necrópole Bosque da Saudade - Praça Castello Branco - Estradas Matadouro – Ivoituruaia e Campo Limpo - Botujuru - Duplicação da Av. Adherbal da Costa Moreira - Colégio 15 de Outubro - Alargamento de 50 quilômetros de estradas municipais - Retificação do Rio Jundiá - Extensão da rede de iluminação pública e domiciliar em toda a cidade - Posto de Saúde Central - Estação Ferroviária de Botujuru - Posto dos Correios - Símbolos Municipais - Escola Elza Facca M. Bonilha - Escola do SESI - Início das obras de drenagem e pavimentação do centro da cidade (concluídos pelo prefeito Alcebíades Pardal Grandizoli).

3ª Legislatura:

Prefeito Municipal : Alcebíades Pardal Grandizoli (empossado em 31 de janeiro de 1973)

Vice-Prefeito: José Roberto de Assis

Vereadores da 3ª Legislatura (31.01.73 a 31.01.77)

Adilson Tavares da Silva

André Zilioli

Antônio Carlos Carneiro de Assis

Armando José Boraldo

Duilio Balioni

Jair Pereira dos Santos

Oswaldo Grandisoli

Pedro Utida

Silvino Nolasco de Rezende

Presidentes da Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista

de 31.01.73 a 31.01.75 - André Zilioli

de 01.02.75 a 31.01.77 - Antônio Carlos Carneiro de Assis

Principais Conquistas e Realizações: Paço Municipal - Centro Esportivo Municipal - Centro de Recreação, no trevo de acesso da cidade - Pavimentação da Estrada da Figueira Branca - Almoxarifado Central - Pavimentação do centro da cidade (iniciada pelo prefeito Jorge de Maio Vellasco): Vila Tavares, Vila Cardoso, Vila Thomazina, Vila São Paulo, Vila Imape e Jardim Marsola - Extensão das redes de energia elétrica, água e esgotos - Escola de Educação Infantil André Zilioli, no Jardim Marsola - Ampliação do Hospital Bom Samaritano.

4ª Legislatura

Prefeito Municipal: José Roberto de Assis (empossado em 1º de fevereiro de 1977)

Vice-Prefeito: Adilson Tavares da Silva

Vereadores da 4ª Legislatura (01.02.77 a 31.01.83)

Aldo Grandisoli
Anísio Jacintho de Arruda
Antônio Carlos Carneiro de Assis
Antonio Faustino Bizetto
Bruno João Patelli
Helena Vargyas Von Weimerth
José Poli de Oliveira Dorta
Mauro Larrubia
Paulo Luiz Martinelli
Pedro Miguel
Seji Oura

Presidentes da Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista

de 01.02.77 a 31.01.79 - Antônio Carlos Carneiro de Assis

de 01.02.79 a 31.01.81 - Anísio Jacintho de Arruda

de 01.02.81 a 31.01.83 - Antônio Carlos Carneiro de Assis

Principais conquistas e realizações: Escola Mário Pereira Pinto - Escola da Vila Ipê - Escola de Jardim Laura - Escola Nair Ronchi Marchetti - Canil Municipal - Creche Central (Av. Marechal Deodoro da Fonseca) - Ginásio de Esporte "Fubazão" - Monumento do Cristo Redentor - Centro Comunitário do Bairro do Pau Arcado - Centro de Lazer do Trabalhador em Botujuru - Praça de Esporte Joaquim Pereira Pinto, na Vila Cardoso - Quadra de Esporte da Vila Cardoso - Reservatório de água do Jardim Vitória, Jardim Europa, Jardim Santa Isabel, Parque Loja da China, Outeiro das Paineiras e Vila Constança - Aumento da capacidade de tratamento de água do DAAE de 45 para 120 litros por segundo - Extensão de 22 quilômetros de rede de esgoto - Viaduto Brigadeiro Eduardo Gomes - Pavimentação do Jardim Santa Lúcia (parcial) - Conclusão do Centro Esportivo Municipal - Avenida Alfred Krupp - Pavimentação da Estrada Faustino Bizetto - Conjunto Habitacional São José - Sistema DDD/DDI de telefonia.

5ª Legislatura

Prefeito Municipal: Mitiharu Tanaka (empossado em 1º de fevereiro de 1983, faleceu em 9 de abril de 1983)

Vice-Prefeito: Bruno João Patelli (assumiu como prefeito no dia 10 de abril de 1983)

Vereadores da 5ª Legislatura (01.02.83 a 31.12.88)

Antônio José de Toledo
 Cacilda Nascimento Grandizoli
 Carlos Alberto Nicola Garcia
 Claudio Rossi
 Gevair Antônio Salgado de Castro
 Joaquim Viscaíno Filho
 José Custódio da Rosa
 José Poli de Oliveira Dorta
 Luiz Fernandes Gonçalves Cardoso
 Manoel Caetano de Almeida
 Odair Ito
 Orlando Sebastião da Silva
 Valdevar Barroso

Presidentes da Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista

de 01.02.83 a 31.01.85 - José Poli de Oliveira Dorta

de 01.02.85 a 07.02.86 - Manoel Caetano de Almeida

de 07.02.86 a 31.01.87 - Luiz Fernandes Gonçalves Cardoso

de 01.02.87 a 08.02.88 - Cacilda Nascimento Grandizoli

de 08.02.88 a 31.12.88 - Manoel Caetano de Almeida

Principais Conquistas e Realizações: Ginásio de Esporte Nenê Assis (concluído pelo prefeito José Roberto de Assis) - Cine Teatro Ayrton Senna (iniciado pelo prefeito José Roberto de Assis) - Pavimentação do Jardim Vitória - Pavimentação do Jardim Santa Lúcia (parcial) - Pavimentação do Jardim Guanciaie - Pavimentação do Jardim Europa (parcial) - Pavimentação do Jardim Vera Regina - Pavimentação das estradas vicinais: Vila Ipê, Jardim Laura, Bezerra de Menezes na Vila Cardoso, Marginal do Marsola e Pau Arcado - Primeira Estação Rodoviária - Colégio Frei Dagoberto Romag - Praça de Esporte Anísio Ribeiro de Lima (Jardim Santa Lúcia) - Construção do Posto Médico de Botujuru - Pontes Metálicas no Parque Internacional e Estância São Paulo - Ponte de acesso na Marginal do Rio Jundiá e Av. Alfried Krupp (na APAE) - Pavimentação da Estrada da Bragantina - Pavimentação da Marginal do Lapesca e acesso do Jardim Vera Regina à SP-354 - Creche do Jardim Santa Lúcia - Posto de Saúde do Jardim Santa Lúcia - Escola Estadual Prof. Luiz de Carvalho, na Vila Chacrinha.

6ª Legislatura

Prefeito Municipal: Alcebíades Pardal Grandizoli (empossado em 1º de janeiro de 1989)

Vice-Prefeito: Aécio Larrubia

Vereadores da 6ª Legislatura (01.01.89 a 31.12.92)

Abrão Braghetto
Adroaldo Fontanetti
Antônio José de Toledo
Benedito Luiz Donizetti da Silva
Carlos Henrique Albarello
Dorival de Souza Melo
Dorval Augusto de Lima
Irani do Carmo Teixeira
Joaquim José de Almeida
José Custódio da Rosa
Nairto Eustáquio Gomide
Pedro Miguel
Sebastião de Faria
Sérgio Risso Censi
Victor Manoel de Melo Duarte

Presidentes da Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista

de 01.01.89 a 31.12.90 - Sérgio Risso Censi

de 01.01.91 a 31.12.92 - Joaquim José de Almeida

Principais conquistas e realizações: Pavimentação da Estrada Aksel Ernits (Campo Verde) - Pavimentação do Jardim Campo Limpo - Creche Yolanda C. Moreira - Escola Oswaldo Grandisoli - Pavimentação Av. dos Emancipadores - Delegacia de Polícia (novo prédio na Av. Alfred Krupp) - Modernização da Estação de Tratamento de Águas - Ampliação do Conjunto Habitacional São José (São José II) - Ampliação da pré-Escola do Jardim Marsola - Construção de Reservatórios de Água no Jardim Europa e Colina do Pontal - Ampliação do efetivo da Guarda Municipal - Ampliação da E.E. Elza Facca M. Bonilha - Desassoreamento de Córregos - Construção de Adutoras para Vila Cardoso e Jardim Vitória.

7ª Legislatura

Prefeito Municipal : José Roberto de Assis (empossado em 1º de janeiro de 1993)

Vice-Prefeita: Maria Catarina Buononato Buckvieser

Vereadores da 7ª Legislatura (01.01.93 a 31.12.96)

Abrão Braghetto
 Antônio Carlos Farina
 Cícero Augusto de Lima Neto
 Dário Alabi Amaral
 Dorival Gomes de Couto
 Edson Dagmar Grossklauss
 Irani do Carmo Teixeira
 José Custódio da Rosa
 Kenhiti Yaginuma
 Luiz Carlos Gago
 Rubens de Maio Vellasco
 Rosalina Yosko Kawamoto Honorato
 Sebastião Alves de Lima
 Valdir de Jesus Alvarez
 Valdir de Oliveira Dorta

Presidentes da Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista

de 01.01.93 a 31.12.93 - Valdir de Jesus Alvarez
 de 01.01.94 a 31.12.94 - Irani do Carmo Teixeira
 de 01.01.95 a 31.12.95 - Valdir de Oliveira Dorta
 de 01.01.96 a 31.12.96 - Abrão Braghetto

Principais Conquistas e Realizações: Ampliação do Colégio Estadual Profª. Georgina Helena Fortarel (iniciada pelo prefeito Alcebíades Pardal Grandizoli) - Posto avançado da Guarda Municipal no Conjunto Habitacional São José - Rotatória do Jardim Santa Lúcia - Trevo de acesso Jundiá - São Paulo - Rotatória área Central - Reservatório apoiado na Vila Cardoso - Recapeamento da Av. Alfred Krupp - Reforma do Hospital Nossa Senhora do Rosário - Reforma e Ampliação do Posto de Atendimento 24 horas – Pavimentação: Vila Olímpia, Jardim São Domingos, Jardim Santo Antônio, Jardim São Conrado e dos Conjuntos Habitacionais São José I e II - Reforma e Ampliação: EMEI Dom Bosco, Escola do Jardim Laura, Escola da Vila Ipê, Escola de Vila Constança e Escola Dr. Francisco Monlevade - Reforma da EMEI André Zilioli - Reforma e Reurbanização da Praça Castello Branco - Ponte da Rua Cafelândia em Botujuru - Delegacia de Polícia no Distrito de Botujuru - Recapeamento da Estrada Faustino Bizetto - Conclusão do Ginásio de Esportes Nenesão (iniciado pelo prefeito Bruno João Patelli) - Creche do Parque Internacional - Posto de Atendimento Médico do Conjunto Habitacional São José - Ampliação da Escola Elza Facca Martins Bonilha - Ampliação da Escola Prof. Luiz de Carvalho.

8ª Legislatura

Prefeito Municipal: Luiz Antônio Braz (empossado em 1º de janeiro de 1997)

Vice-Prefeito: Paulo Luiz Martinelli

Vereadores da 8ª Legislatura (01.01.97 a 31.12.2000)

Abrão Braghetto
 Adroaldo Fontanetti
 Antônio Carlos Farina
 Carlos Henrique Albarello
 Cícero Augusto de Lima Neto
 Denis Roberto Braghetto
 Dorval Augusto de Lima
 José Custódio da Rosa (falecido em 07.09.99)
 José Manoel da Silva
 Nairto Eustáquio Gomide
 Nelson José Nogueira
 Odilon Barbosa de Queiroz
 Orlando Sebastião da Silva (assumiu em 10.09.99)
 Pedro Miguel
 Pedro de Souza Rezende
 Sebastião Alves de Lima

Presidentes da Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista

de 01.01.97 a 31.12.98 - Abrão Braghetto

de 01.01.99 a 31.12.2000 - Pedro Miguel

Principais Conquistas e Realizações: Pavimentação do Jardim das Palmeiras, Vila Chacrinha, Vila Botujuru, Parque Loja da China, Jardim Europa (parcial), Parque Internacional (parcial), Jardim Marchetti, Jardim Laura, e Jardim América - Canalização do Córrego Mãe Rosa - Galeria sob os trilhos da CPTM, em Botujuru - Escola José de Souza Charrua - Creche da Vila Chacrinha (iniciada pelo prefeito José Roberto de Assis) - Estação Juventude do Conjunto Habitacional São José - Estação Juventude do Jardim Monte Alegre - Ampliação do Curso Supletivo - Centro Esportivo prefeito Jorge de Maio Vellasco, no Conjunto Habitacional São José - Recapeamento da Marginal Direita do Rio Jundiá e alça de acesso para a Rodovia Edgar Máximo Zambotto - Reabertura Plena do Hospital Nossa Senhora do Rosário - Instalação do Posto Médico do Conjunto Habitacional São José (iniciada pela administração anterior) - Usina de Reciclagem de Lixo - Estação Rodoviária - Integração das linhas de ônibus urbanos com a linha Campo Limpo-Jundiá - Marginal Esquerda do Rio Jundiá - Pavimentação da Estrada Velha de Botujuru até a Colina do Pontal - Reurbanização e Recapeamento da Av. D. Pedro I - Recapeamento da Av. da Saudade e Rua Maria José Rodrigues - Modernização e Ampliação do Velório - Ponte Metálica no Campo Verde - Quadra de skate no Centro Esportivo - Quadras Poliesportivas no Jardim Europa e no Jardim Corcovado - Pavimentação da Rua Rio Tejió - Ampliação da Escola Nair R. Marchetti - Pavimentação da Vila Constança (parcial) - Programa Pró-Ação de promoção social em parceria com entidades assistenciais civis e eclesiásticas - Pavimentação da Estrada até o Champ's Privés, no Pau Arcado - Centro Comunitário do Jardim Califórnia - Quadra de areia no Jardim Marsola - Recapeamento das vias centrais - Recuperação do restaurante do Mirante do Cristo Redentor e do Centro de Lazer do Trabalhador (Lapesca) - Concessão do DAAE à SABESP - Programa Ação Cidadão (bolsas-auxílio aos desempregados) - Banco do Povo Paulista.

9ª Legislatura

Prefeito Municipal: Luiz Antônio Braz (empossado em 1º de janeiro de 2001)

Vice-Prefeito: Paulo Luiz Martinelli

Vereadores da 9ª Legislatura (01.01.2001 a 31.12.2004)

Abrão Braghetto
Aléssio Otorino José Grandizoli
Antônio Carlos Farina
Cicero Augusto de Lima Neto
Denis Roberto Bragheti
Dorval Augusto de Lima
Espanã Perrino Hurtado Ziviani
Joel Pereira
José Luiz Pedroso
José Roberto Donizete Segalla
Luiz Carlos Gago
Maria do Espírito Santo Paranhos Pires
Marilda de Fátima Amâncio
Odilon Barbosa de Queiroz
Rosalina Yosko Kawamoto Honorato
Rui Fernando Murari
Ubiratan Ferreira Vellasco

Presidentes da Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista

de 01.01.2001 a 31.12.2002 - Ubiratan Ferreira Vellasco
de 01.01.2003 a 31.12.2004 - José Roberto Donizete Segalla

Principais Conquistas e Realizações: Escola Governador Mário Covas - Escola Governador Franco Montoro - Ponte sobre o Rio Jundiáí, no Conjunto Habitacional São José - Pavimentação das Vilas Marieta e Firenze - Quadra poliesportiva coberta no Centro Esportivo “Prefeito Jorge de Maio Vellasco” no Conjunto Habitacional São José - Instalações para o Grupo Conviver da 3ª Idade - Projeto Floração (ajardinamento das áreas públicas) - Obras contra enchentes no Jardim Santiago e Jardim Marchetti - Conjunto Habitacional na Vila Chacrinha, com 100 unidades (em andamento) - Quadra Poliesportiva no Jardim Vera Regina (Praça de Esportes Anísio Ribeiro de Lima) - Unidade Básica de Saúde-UBS do Jardim Santa Lúcia - Escolas do Jardim Vista Alegre e no Jardim Vitória (em andamento) – Recapeamento das vias centrais da cidade.



Jorge Vellasco, Faria Lima e Pardal



Posse do prefeito Jorge Vellasco, discurso do dr. Tarcísio Germano de Lemos



Posse do prefeito Jorge Vellasco, 21 de março de 1969

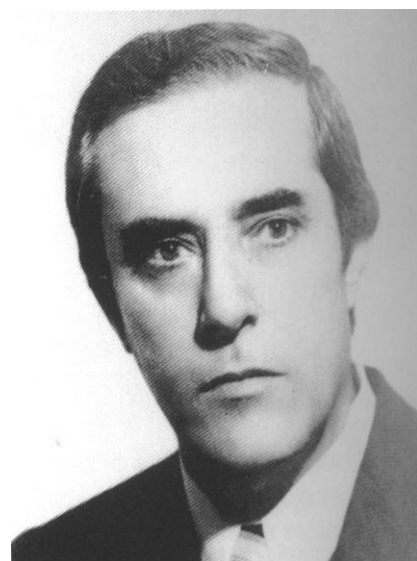
Galeria de prefeitos



Adherbal da Costa Moreira



Joaquim Tavares da Silva



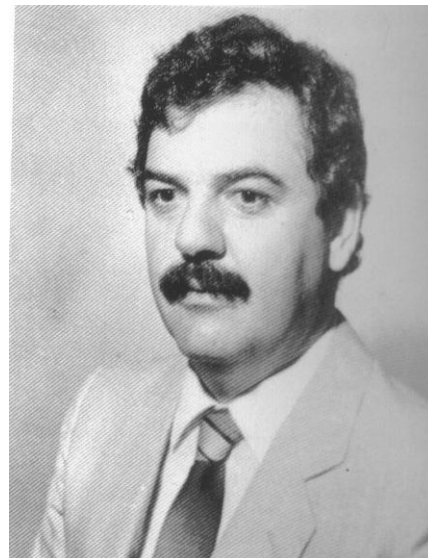
Jorge de Maio Vellasco



Alcebíades Grandizoli



Mitiharu Tanaka



Bruno Patelli



José Roberto de Assis



Luiz Antonio Braz



Paróquia Nossa Senhora do Rosário ainda não acabada, com a visita do Prefeito Adherbal e autoridades



Apresentação do Brasão do Município pelo prefeito Jorge Vellasco



Vereador Manoel Caetano de Almeida discursando na convenção do MDB - 1976



Um dos primeiros "pontos de ônibus"



Dia da Árvore no Parque Infantil Monteiro Lobato

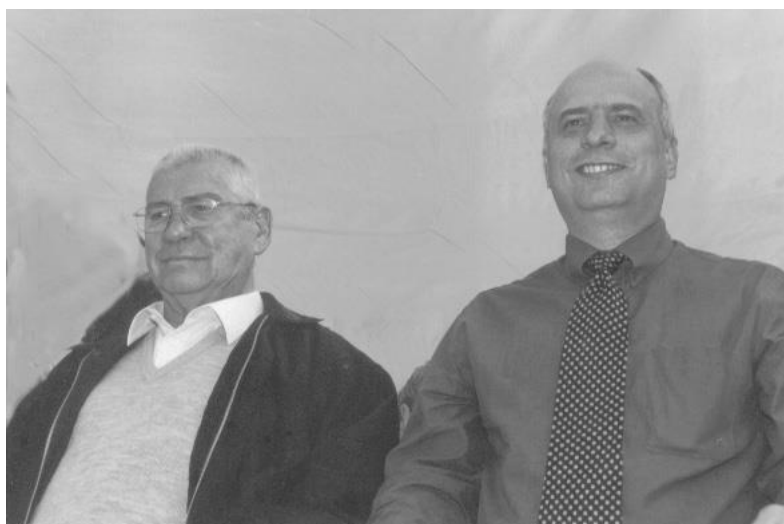


Foto aérea da Praça Castello Branco, construída pelo prefeito Adherbal da Costa Moreira. Na extrema esquerda da praça, vê-se um bonde doado pela prefeitura de Santos que era utilizado como gabinete de leitura. Abaixo, há um conjunto de casas que era conhecido por Vila Chico Turco



Acima e abaixo: vista aérea do centro da cidade (início dos anos 70)





Governador Mário Covas e prefeito Luiz Antonio Braz



Governador Geraldo Alckmin e prefeito Luiz Antonio Braz

PODER JUDICIÁRIO

FORO DISTRITAL DE CAMPO LIMPO PAULISTA

No ano de 1983 instalou-se, inicialmente, no atual prédio da Biblioteca Municipal Assis Chateaubriand, depois foi transferido para um prédio locado na Av. Marechal Deodoro da Fonseca, na Vila Tavares, em 1996.

1ª Vara Judicial

Instalação em 14.06.83

1º Juiz de Direito: Carlos Alberto Giarusso Lopes dos Santos

Juíza Titular: Andréa Leme Luchini Silvestre

Promotora: Denny Angelo da Silva de Caroli

Seções

1º Ofício Judicial, Tribunal do Júri e Execuções Criminais

Tribunal do Júri

Instalação em 23.07.99

Realização do 1º Júri: 09.03.2000

2ª Vara Judicial

Instalação em 23.07.99

Juiz Titular: Fernando Dominguez Guiguet Leal

Promotora: Cláudia Krahenbuhl Leitão de Almeida

Seções

2º Ofício Judicial, Seção de Administração Geral, Seção de Distribuição Judicial e Cartório Eleitoral

3ª Vara Judicial

Criada em 29.11.99 pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, mas ainda não foi instalada

JUSTIÇA DO TRABALHO

Está instalada em prédio locado na Rua Francisco Miguel, Vila Cardoso.

Vara do Trabalho de Campo Limpo Paulista

Data da Instalação: 15.07.1994

1ª Juíza que é ainda Titular: Ismênia Diniz da Costa

Juiz em exercício: Robson Adilson de Moraes (Substituto)

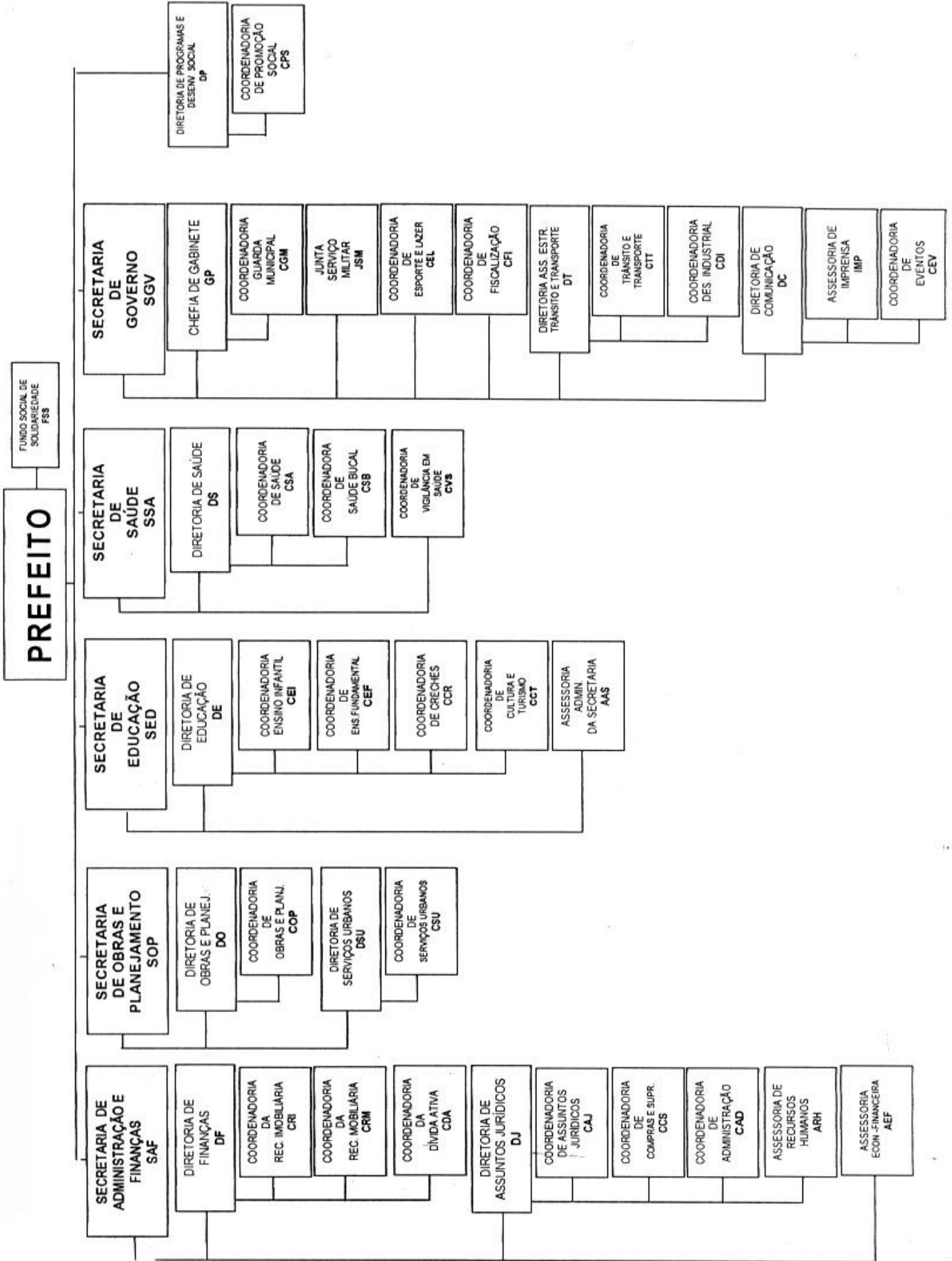


Biblioteca Municipal quando da inauguração, e que em 1983 abrigaria o 1º prédio do Fórum Distrital



Atual prédio do Fórum Distrital

XIII - Estrutura Organizacional da Prefeitura – outubro de 2002



ÁREA	TITULAR
CHEFE DO EXECUTIVO	LUIZ ANTONIO BRAZ
FUNDO SOCIAL DE SOLIDARIEDADE	MARIA CECILIA MAZON BRAZ
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS	
DIRETORIA DE FINANÇAS	MARCO ANTÔNIO VISCAINO
COORDENADORIA DA RECEITA IMOBILIÁRIA	APPARECIDO MAURICIO DA SILVA
COORDENADORIA DA RECEITA MOBILIÁRIA	MARIA APARECIDA DE TOLEDO
COORDENADORIA DA DÍVIDA ATIVA	MARIA DE LOURDES A. DO PRADO BIAZZI
DIRETORIA DE ASSUNTOS JURÍDICOS	
COORDENADORIA DE ASSUNTOS JURÍDICOS	SUELY BELONCI VELLASCO
COORDENADORIA DE COMPRAS E SUPRIMENTOS	ANA CRISTINA GASPARI
COORDENADORIA DE ADMINISTRAÇÃO	BERENICE RANALLI APARECIDA TREVISAN
ASSESSORIA DE RECURSOS HUMANOS	REGINA HELENA VIDO
ASSESSORIA ECONÔMICO-FINANCEIRA	
SECRETARIA DE OBRAS E PLANEJAMENTO	
DIRETORIA DE OBRAS E PLANEJAMENTO	CLÁUDIO LINS VIDAL
COORDENADORIA DE OBRAS E PLANEJAMENTO	MARILDA DE MORAES FERREIRA
DIRETORIA DE SERVIÇOS URBANOS	CARLA PERUCHI DE CÂNDIA
COORDENADORIA DE SERVIÇOS URBANOS	SÉRGIO VICENTE AMATO
	SEBASTIÃO ALVES DE LIMA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO	
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO	ROSALINA Y.KAWAMATO HONORATO
COORDENADORIA DE ENSINO INFANTIL	
COORDENADORIA DE ENSINO FUNDAMENTAL	
COORDENADORIA DE CRECHES	MARIA LINA GONÇALVES DE CARVALHO
COORDENADORIA DE CULTURA E TURISMO	
ASSESSORIA ADMINISTRATIVA DA SECRETARIA	
SECRETARIA DE SAÚDE	
DIRETORIA DE SAÚDE	KOMEI SAMEJIMA
COORDENADORIA DE SAÚDE	
COORDENADORIA DE SAÚDE BUCAL	SEBASTIÃO BATISTA BUENO
COORDENADORIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE	MARTA RAMOS
SECRETARIA DE GOVERNO	
CHEFIA DE GABINETE	NATALINO BERARDINO CALDERARO
COORDENADORIA DA GUARDA MUNICIPAL	JOAQUIM JOSÉ DE ALMEIDA
JUNTA DO SERVIÇO MILITAR	ROBERTO JANUÁRIO
COORDENADORIA DE ESPORTES E LAZER	ODAIR ITO
COORDENADORIA DE FISCALIZAÇÃO	JOÃO MATHIAS RODRIGUES
DIRETORIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS, TRÂNSITO E TRANSPORTES	MARISE BALIEIRO NIGRO
COORDENADORIA DE TRÂNSITO E TRANSPORTES	
COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL	
DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO	PATRICIA IGLESIAS MIRANDOLA
ASSESSORIA DE IMPRENSA	
COORDENADORIA DE EVENTOS	
DIRETORIA DE PROGRAMAS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL	VERA DE LOURDES GONÇALVES
COORDENADORIA DE PROMOÇÃO SOCIAL	



Fachada do atual Paço Municipal



Monumento ao Trabalhador, em frente ao Paço, obra de Tal Sgulda



Paço Municipal e o conjunto aquático do Centro Esportivo

XIV - Crônicas e Perfis de Ex-Prefeitos

Adherbal, Jorge, Pardal e Tanaka – Prefeitos que devem ser lembrados

Política é definida como a ciência do governo dos povos. Para Aristóteles, no seu tratado de oito livros sobre a matéria, “política é inseparável da ética”, o homem, que ele definiu como animal político, apenas é capaz de viver, no meio da sociedade.

Uma sociedade no entanto é composta em seu tecido por vários segmentos que se equilibram entre os diferentes conflitos de interesses, relacionados aos fatores de ordem econômica e social.

Sobre essa situação paira, porém, o interesse coletivo, que em teoria deveria representar o denominador comum, isso para harmonizar os diferentes interesses; e, equilibrá-los a fim de que não entrem em conflito entre si.

Justamente por isto representa uma das tarefas mais árduas e espinhosas, para aquele, que por idealismo, consegue ascender ao cargo de proa no governo de uma sociedade manter esse instável equilíbrio e, ao mesmo tempo, ter como principal objetivo, aquele de operar em benefício da coletividade, considerando-a como um todo, mesmo que para isso tenha que contrariar interesses que não se enquadram na aspiração do bem-estar comum.

Quando esse trabalho é realizado numa sociedade ainda fluida, como era o caso de Campo Limpo Paulista, em que há pouco tinha conseguido o status de município, estes conflitos de interesses, entre o coletivo e o particular, tornam-se mais ásperos, podendo degenerar em atos violentos.

Os assassinatos dos prefeitos Adherbal da Costa Moreira e Mitiharu Tanaka representam bem as provas tangíveis desses conflitos.

Um Exemplo que Jamais Perecerá - Adherbal

O primeiro número do “O Jornal de Campo Limpo” é datado de 28 de março de 1966. A redação e a administração ficavam na Rua do Comércio, 58 (atual Av. Adherbal); o diretor-redator responsável era o sr. Roque José Agostinho, e o proprietário o sr. Paulo Assis. A primeira página é destinada aos editoriais. Paulo Assis fala que “com este jornal alimentamos um sonho que há de se tornar realidade o mais breve possível: promover o conagraçamento da família campista, tornar todos amigos, esquecendo divergências passadas de qualquer natureza, e fazer com que todos só pensem num futuro feliz para Campo Limpo e os seus habitantes”. Aqui vale a pena lembrar que, na época, o cidadão de Campo Limpo Paulista ainda era chamado de campista, o que não pegou. Ficou valendo a denominação mais correta, que é campo-limpense. Roque também escreve nessa página. Diz que “O Noticiário (o primeiro jornal local) inspirou-nos e proporcionou-nos os primeiros contatos com a imprensa. Muito aprendemos, quase nada esquecemos”.

O prefeito Adherbal apresenta sua prestação de contas à população, sob o título “Doze Meses de Governo Municipal”.

Destacamos alguns trechos: “O Plano Diretor, dentro de trinta dias, deverá emitir a nova planta da cidade, com as limitações, recuos de alinhamentos, áreas reservadas à utilidade pública, alargamento de ruas, abertura de praças, jardins, parque infantil, cadeia pública estadual, mercado, estádio municipal, etc. Instalou-se e encontra-se em plena atividade a Guarda Municipal; está com o serviço de instalação adiantadíssimo a Rede Telefônica Municipal, automática, moderna; está em plena atividade o serviço de coleta de lixo domiciliar. Hoje já se vislumbra, para mais sessenta dias, a instalação do Executivo em próprio municipal; já funciona o almoxarifado e já se constrói a residência do almoxarife, em área em que se situará a indústria de guias, sarjetas e tijolos e, ainda, o curral para guarda dos animais apreendidos; se processa, em regime adiantado as negociações para a vinda de mais uma grande indústria ...; no terreno habitacional, as negociações anteriores diretamente entabuladas com o Banco Nacional de Habitação, terão agora efetiva continuidade para a sua realização em moldes mais objetivos e convenientes para Campo Limpo Paulista; o serviço de abastecimento de água, ... está adiantadíssimo, pois a firma Nível Engenharia Ltda, já executou, em primoroso trabalho, os relatórios econômico e técnico indispensáveis para a instrução do processo de

financiamento junto ao F.N.M. e Aliança para o Progresso, devendo, pois, neste ano ainda, as obras serem iniciadas; o cemitério municipal, desde 28 de fevereiro p.p., já está com a imissão de posse despachada favoravelmente ...; reforma-se, amplia-se totalmente o Grupo Escolar Francisco Monlevade ...; abre-se uma nova rua dando acesso do asfalto para a divisa da E.F.Bragantina, ... constroem-se duas novas escolas nos bairros do Jardim Santa Lúcia e Vila Imape; construíram-se vários abrigos de ônibus e já está projetada a extensão de linhas de ônibus ao Cruzeiro (onde é hoje a praça Thomaz Larrubia, no Jardim Marsola) ...; retifica-se parte da estrada que liga Campo Limpo a Jarinu, construindo-se duas novas pontes; trabalha-se sistematicamente junto aos órgãos burocráticos para a instalação do já decantado Ginásio Estadual (Ginásio 15 de Outubro) ...; levou-se iluminação domiciliar aos bairros do Jardim Europa e Jardim Santa Lúcia ...; desenvolveu-se persistentes e extraordinários esforços junto às autoridades estaduais para o término do viaduto sobre o leito da E.F.S.J. (viaduto próximo ao Fórum) e para a construção do ramal rodoviário Anhanguera-Campo Limpo e da estrada estadual Campo Limpo – Jarinu (Rodovia Edgard Máximo Zambotto) ...; realizam-se os estudos técnicos para a abertura da avenida Marginal do Rio Jundiá; igualmente estuda-se a avenida do contorno que ligará a parte alta da cidade à Estrada Nova (Estrada Faustino Bizetto) a ser construída para Botujuru ... Pode a população estar certa de que ao suceder dos anos deste governo, o Município se modificará, ganhando sucessivamente aquelas nuances e características urbanas, que lhe darão posição de cidade adulta, moderna e consciente de seu grande destino”.

Impressionante o dinamismo e a visão do prefeito Adherbal, não é mesmo?

Instalou o Município, planejou o D.A.A.E., o cemitério, escolas e ginásio, rede telefônica e iluminação pública, habitação, estradas, a rodovia Edgard Máximo Zambotto e os núcleos industriais ...

Tudo isso apenas no primeiro ano de mandato. O Plano Diretor, então, era uma ousadia para a época, pouquíssimos municípios dispunham desse instrumento de planejamento urbano. Faleceu tragicamente em 1968, e mesmo sem concluir o seu mandato, Adherbal deixou um exemplo que jamais perecerá.

A Morte de Adherbal

Aquela sexta-feira, 7 de junho de 1968, nasceu ensolarada. Depois da tragédia que acometeu a cidade, como se o tempo tivesse percebido, o céu escureceu e fez-se noite.

Naquela tarde-noite, Campo Limpo Paulista chorou a morte trágica de seu primeiro prefeito. Estudávamos no Ginásio Estadual 15 de Outubro, no prédio das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, no Parque Internacional.

A escola foi uma conquista de sua gestão. Adherbal apreciava visitá-la, percorrendo cada sala de aula em companhia de sua diretora, dona Elza Facca Martins Bonilha, onde fazia inflamados discursos. Os alunos, deslocados em vários ônibus, compareceram ao seu enterro, no cemitério do Araçá, na Capital.

O crime foi premeditado e executado pelo agricultor japonês Hideyuki Shiraishi, então com 58 anos, casado, pai de um filho com 21 anos, e morador no bairro de Botujuru.

Tomando o trem em Botujuru, Hideyuki chegou à sede do Município, no Jardim Santa Catarina (atual prédio da Polícia Militar), por volta das 9 horas. Trouxe consigo a arma, uma Bereta 7.65, e escondeu-a próximo à prefeitura.

Consta que imaginava obter um acordo a respeito da área pública que ocupava e, não sendo possível, mataria o alcaide. Eram 10 horas quando foi atendido por Adherbal da Costa Moreira. Permaneceram cerca de 20 minutos a sós no gabinete. Hideyuki saiu da sala pela porta de serviço, pegou a automática que havia ocultado e retornou pela mesma porta.

Determinado, com ódio por não ver atendido seu pleito, não notou a presença do assessor jurídico da prefeitura, dr. Bento do Amaral Gurgel. Atirou no prefeito, ferindo-o mortalmente com dois tiros na cabeça e três acima da cintura. Adherbal morreu na mesa de trabalho. Sua cabeça pendeu dentro da gaveta que abrira para retirar documentos do Serviço Telefônico Municipal, sobre os quais conversava com o advogado.

Hideyuki morava em propriedade vizinha à do sr. Adherbal, em Botujuru. Utilizava cerca de 4.000 m² de área pertencente à prefeitura, onde plantava hortaliças e uvas. Alegou que antes da emancipação de Campo Limpo, Adherbal o autorizou a usar “as terras sem dono”. Ao assumir o cargo de prefeito, porém, requisitou a referida área para o Município. O agricultor não concordou em deixar as terras e daí iniciou-se uma séria desavença entre os vizinhos.

Adherbal dizia que a prefeitura necessitava da área para o prolongamento da Rua 4 (atual Rua João Julião Moreira), ao lado da qual seria construída uma praça.

Hideyuki chegou a pedir ao seu filho que escrevesse cartas ao prefeito, vereadores e até ao presidente da República. Solicitava que o deixassem continuar nas terras. Segundo os vereadores ele se dirigia às autoridades em tom de ameaça.

Para a autoridade policial afirmou que o prefeito não lhe concedeu o prazo desejado. Pediu três anos para desocupar o imóvel, pois pretendia colher as uvas que plantara. Disse ainda que o sr. Adherbal mandaria derrubar, na próxima segunda-feira, o barracão que construiu no terreno, apesar de seu pedido para que não efetivasse a demolição.

O homicídio, às 10h25, foi na presença do dr. Amaral Gurgel. “Fiz o que deveria ter feito há cinco anos”, foram as primeiras palavras do homicida.

Instado pelo advogado sobre o motivo do crime, respondeu: “Questão de terras”. Em seguida, colocou sobre a escrivaninha do prefeito a arma e o seu chapéu. Dirigiu-se às aterrorizadas funcionárias do gabinete que acorreram à sala: “Chamem a polícia”, e ficou aguardando a sua prisão.

Adherbal liderou o movimento de emancipação político-administrativa do Município, do qual foi o primeiro prefeito. Dinâmico e empreendedor, projetou e instalou a cidade. Foi um grande líder, um homem público como poucos e sua administração é até hoje admirada.

Nosso Tabelião – Jorge Vellasco

Quando éramos Distrito de Jundiá já tínhamos cartório, estabelecido na antiga e movimentada “Rua da Estação” (Rua Joaquim Pereira Pinto), cujo casario foi demolido e transformado o local, por algum tempo, no largo da feira. Na oportunidade o tabelião era o saudoso João Ignácio Vellasco, seu honrado pai, a quem sucedeu. Em seguida o cartório foi transferido para o prédio, defronte à estação, de propriedade da família Pereira Pinto.

Trabalhou pelo movimento de emancipação político-administrativa de Campo Limpo Paulista e em 1968, com méritos, elegeu-se Prefeito com consagradora votação popular, dirigindo os destinos da cidade por quatro anos.

Estamos falando do ex-prefeito Jorge de Maio Vellasco, nosso tabelião, personalidade da história recente do Município.

Jorge, para quem não viveu os tempos do Nacional A.C., foi um dos maiores atacantes de futebol da região, dono de um potente chute no pé esquerdo. Numa falta, ninguém queria ficar na barreira quando ele era o cobrador. Como esportista destacou-se tanto na condição de atleta como na de dirigente, apoiando e incentivando os clubes e as competições locais.

Dante Martinelli foi encarregado de manutenção do DAAE na sua Administração, e tinha pelo Jorge uma profunda consideração, em razão de sua coragem, seu caráter e sua disposição para o trabalho.

Seu governo foi caracterizado pelo elevado contingente de obras públicas, notadamente na área de infra-estrutura. Posso citar, dentre outras, a conclusão e inauguração do Hospital Bom Samaritano, a Necrópole Bosque da Saudade, a Escola 15 de Outubro, a implantação das redes de água e esgotos, a pavimentação da cidade, o Posto de Saúde Central, a Av. Adherbal da Costa Moreira, e tantas outras obras, algumas iniciadas por seu antecessor e amigo Adherbal.

Se de um lado, Jorge foi realizador, foi também austero com a gestão do erário, ríspido com políticos inconseqüentes, intolerante com desmandos e irregularidades.

A seriedade de sua conduta, que deveria servir de inspiração e exemplo, ao contrário, isolou-o de vários políticos.

Participamos juntos de batalhas inglórias, como as do famoso fidalgo Dom Quixote De La Mancha; mas, às vezes cismo: o que seria de nossa existência sem aventuras, sem sonhos de um mundo melhor e mais justo?

Creio que é esse espírito, esse ideal que mantém vivos e atuantes homens como Jorge Vellasco.

Certas atitudes são perpetuadas pelo exemplo que nos revelam.

Em 1982, quando lutávamos desigualmente com os demais candidatos, sem recursos, com ínfima equipe e nem sequer solidariedade, recordamos que nos últimos dias de campanha Jorge recebeu propostas (indecorosas) de acordos com candidatos que despontavam nos primeiros lugares nas pesquisas. Rechaçou-as com energia e veemência, conforme sua personalidade.

Não cederia, como não cedeu, um milímetro sequer em seus princípios éticos.

Ainda nessa jornada, que reputávamos cívica, disse: Paulo, quando se dirigir ao povo fale de nossa terra, do seu pai que ajudou a construir esta cidade, de suas raízes aqui e de seu amor por Campo Limpo Paulista.

Nunca esquecemos dessas palavras.

Espero que a cidade nunca esqueça de Jorge Vellasco, que faleceu, precocemente, em 13 de julho de 1999.

Lá Estará Tanaka . . . (crônica escrita logo após sua morte)

Campo Limpo Paulista, calada e apreensiva, vive dias de intensa expectativa. A população, assustada, aguarda com desalento a solução para o trágico assassinato de seu prefeito. Poucos ainda acreditam na apuração do crime, e a impunidade incentiva, alimenta a violência. Mas o povo não se acostumou a viver sem o Tanaka. Na prefeitura, onde ocupou vários cargos até culminar com a eleição para Prefeito, na Câmara, onde foi Vereador por duas legislaturas, ou nos campos de futebol (foi presidente da Comissão Municipal de Esportes), onde sua presença era obrigatória, todos procuram pelo Tanaka, indistintamente. Ainda sentem sua presença: “ Lá está o Tanaka, sempre bem humorado, sorridente, cumprimentando e sendo atencioso “.

Tanaka tinha adversários políticos, mas mesmo esses nutriam admiração pelo seu trabalho e comportamento igualitário, sem revanchismo e rivalidades pessoais. Não podiam odiá-lo. Tanaka não permitia. Quando encontrava seus adversários políticos, tratava-os com cortesia. Era um pacificador. Não guardava mágoas. Em 15 de novembro de 1982, durante as eleições, seus cabos eleitorais foram às ruas com camisetas. Um “slogan” pintado no peito dizia: “ PAZ COM TANAKA “. Enquanto isso, um grupo de moças que o apoiavam, distribuíam rosas às senhoras que se encaminhavam para votar. Também na campanha eleitoral, um de seus comitês foi criminosamente incendiado. Não tinham meios de atingi-lo pessoalmente, então destruíram seu comitê eleitoral. Tanaka, conformado, não fez nenhuma acusação nem prometeu represália. Não possuía recursos financeiros. Sua campanha foi modesta, financiada por alguns amigos mais abastados. Venceu pela popularidade.

Formou sua equipe de colaboradores e administrou Campo Limpo Paulista sessenta e oito dias. Com autoridade, competência e desembaraço. Descentralizou, nesse curto período, o poder das mãos do Prefeito, delegando responsabilidades aos seus auxiliares diretos. Imprimiu uma política de austeridade na administração, coibindo abusos, gastos supérfluos e desmandos de qualquer natureza. Se com essas atitudes Tanaka surpreendia aqueles que não acreditavam no seu governo, feria aliados que passaram a ser observados e exigidos. Um novo estilo de gestão se implantava e as naturais resistências eram notadas. A

administração caminhava com as dificuldades geradas pela falta de recursos decorrentes do comprometimento do orçamento municipal. Indiferentes à situação econômico-financeira da prefeitura e irresignados com o resultado do pleito, os principais opositores de Tanaka articulavam várias ações judiciais objetivando inviabilizar seu mandato. Tanaka a tudo assistia sem dizer palavra.

Afinal, não tinha inimigos. Dispensou policiamento em sua residência e dirigia seu próprio automóvel, um fusca. Não tinha carro oficial. Acreditava que com o tempo, o inconformismo de seus adversários desapareceria e a calma se restabeleceria nos lares de Campo Limpo Paulista. Cidade onde nasceu, construiu seu lar e aprendeu a amar. “ Lá está o Tanaka, cumprimentando adultos e crianças em frente ao Paço Municipal. Está entrando na Prefeitura, estende a mão aos guardas municipais no saguão de entrada. Vai subindo as escadas e cumprimenta novas pessoas. Cumprimenta os funcionários que vai encontrando no percurso “. O popular Tanaka. Amigo de todos, pobres e ricos, por diversas vezes nos confidenciou: “ Desejo ser prefeito de Campo Limpo Paulista, esse é meu único ideal. Nada além disso “.

“ Quero cumprir meu mandato, realizar uma excelente administração e voltar para casa com a consciência tranqüila “. Tanaka não realizou integralmente o que sonhava, não houve tempo. Como um profeta, antecipou que venceria nas últimas seções eleitorais. Não arredou os pés do Francisco Monlevade. A vitória veio na última urna. Sofrida, escassa, mas com méritos inegáveis. O povo e Tanaka comemoraram o resultado na noite memorável de dezessete de novembro de 1982. Naquela ocasião esperávamos um desabafo, uma crítica aos adversários que tanto o perseguiram, caluniaram e humilharam ao longo da campanha eleitoral. Tanaka mais uma vez sorriu. Distribuiu elogios e agradeceu a todos, indiscriminadamente. Venceu por quarenta e quatro votos e com quarenta e quatro anos, em 09 de abril de 1983, num sábado à noite, perdeu a vida, vítima da cobiça do homem. Tanaka, saudades do amigo!

Mas estejam certos que enquanto houver em Campo Limpo Paulista: um jogo de futebol; uma sessão na Câmara; uma mão estendida; um comício na Praça . . . Lá estará o Tanaka. “ Lá estará ele, sorrindo, estendendo a mão . . . “.

Pardal – Raro Talento Político

Desde quando foi eleito vereador de Campo Limpo Paulista, em 7 de março de 1965, Alcebíades Grandizoli – Pardal, marcou presença em todas as eleições do Município, com votações espetaculares. Tudo começou com a emancipação de Campo Limpo, ocorrida em 1963. Em seguida Pardal estava trabalhando pela Sociedade Amigos de Campo Limpo. Antes já participava da diretoria do Esporte Clube Internacional, sendo presidente, várias vezes. Empossado vereador em 21 de março de 1965, foi eleito o primeiro Presidente da Câmara Municipal. Nas eleições seguintes foi eleito vice-prefeito, com Jorge de Maio Vellasco, prefeito. Quatro anos depois era consagrado como prefeito de Campo Limpo Paulista. Ao deixar a Administração Municipal, laureado com o título de “Administrador do ano de 76”, pela imprensa de Jundiá, Pardal é convidado para integrar o “estado maior”, do candidato a governador Paulo Maluf. A eleição ainda era indireta, e Pardal visita os delegados partidários e é reconhecido pelo governador eleito como um dos baluartes e líderes daquele movimento. Logo ao ser empossado o governador Paulo Maluf nomeia Pardal para ser o Subchefe da Casa Civil para Assuntos do Interior, sendo um dos primeiros ex-prefeitos de cidade de pequeno porte a ocupar cargo de tamanha relevância.

Em 1979 a sua desenvoltura e amizades repercutem em todo o Estado, conhecendo com intimidade os “delegados partidários do governador” e em conseqüência dessa popularidade, recebe publicamente elogios de Maluf como ninguém havia conseguido. Em 1980 assume a Assessoria direta do vice-governador José Maria Marin. Em 1981, é designado como Administrador Regional da Freguesia do Ó. Em 1982 retorna ao gabinete do Governador e lança seu nome para concorrer novamente à Prefeitura de Campo Limpo. Sai sozinho, enfrentando três ferrenhos adversários do PMDB: Jorge de Maio Vellasco, Adilson Tavares da Silva e Mitiharu Tanaka. Vence os três, mas perde para Tanaka na soma das sublegendas.

Em 1988, novamente é eleito Prefeito Municipal de Campo Limpo Paulista.

Às 22 horas de um domingo, 9 de maio de 1993, faleceu, em sua residência, Pardal, uma das maiores expressões políticas da região.



Adherbal em sua residência na avenida Casa Branca



Adherbal da Costa Moreira



Baile do Flamengo F. C. da Vila Cardoso, 1967, onde três futuros prefeitos se encontravam: Jorge, Tanaka e Pardal



Pardal discursando

X V - SÍMBOLOS MUNICIPAIS - HINO, BRASÃO E BANDEIRA

Com o advento da emancipação política, os administradores do novo Município, entre as várias tarefas que o novo status comportava, se defrontaram também com aquela de aglutinar todos os habitantes em volta de um comum objetivo.

Afinal algo tinha mudado na estrutura e na substância. Os moradores de um simples distrito da cidade de Jundiá, agora tornaram-se “campo-limpenses”, cidadãos de pleno direito, do Município de Campo Limpo Paulista.

Tornava-se, pois, necessário, através de símbolos concretos, criar no imaginário coletivo, algo que representasse uma consciência cívica em relação ao novo Município.

Estes símbolos são justamente: o hino, o brasão e a bandeira, que representaram a memória histórica e a identidade própria da cidade, como também a coroação de um lento processo, iniciado no século XVII.

Hino

Já na gestão do primeiro prefeito eleito, Adherbal de Costa Moreira, em 1967, foi promovido um concurso para a escolha do hino oficial do Município.

Entre as várias composições apresentadas, a Comissão julgadora proclamou vencedora aquela composta por Raul Thomaz Oliveira do Valle, professor do Departamento de Música da Universidade de Campinas (Unicamp) e esta se tornou oficializada em 1971.

Numa entrevista dada na ocasião ao “O Jornal de Campo Limpo”, o autor do hino vencedor, assim declarava: *“Espero que o hino seja de agrado da população. Ele foi escolhido num concurso por uma comissão. Mas quem deve julgar é o público. Eu gostaria demais que o povo cantasse. Porque quando todos aprenderem e conseguirem cantar, é porque caiu no gosto do povo. E é para o povo que eu o fiz, e não para ganhar o concurso”*.

Hino a Campo Limpo Paulista

**“Entre serras e colinas
Que emolduram teu semblante
Com o selo do progresso
Esperança Bandeirante”**

**“ Oficinas, lavouras, escolas tens,
Chão paulista de valor
Campo Limpo te saudamos
Com um hino de louvor”**

**“ Tens indústrias, culturas que são labor
E grandeza dos filhos teus
Tens no clima privilégio,
Doação do próprio Deus”**

Brasão

Este símbolo, com vários significados heráldicos, foi oficializado, juntamente com a bandeira e o hino, através da Lei Municipal de nº 264, de 29 de março de 1971.

O escudo utilizado para representar o brasão de armas de Campo Limpo Paulista, foi do estilo introduzido em Portugal, por influência francesa, herdado pela heráldica brasileira junto aos colonizadores.

A coroa mural, símbolo universal dos brasões de domínio é prateada com seis torres, das quais quatro são visíveis no desenho, classificando a cidade como sede de município. A prata é o símbolo de paz, trabalho, amizade, prosperidade, pureza e religiosidade. As engrenagens, colocadas no centro do brasão, registram o parque industrial liderado pela Krupp. Os dois eucaliptos, lembram as áreas verdes, sendo que a ponta verde que aparece entre as duas espécies, registra a formação montanhosa do município, lembrando a Serra dos Cristais e a de Botujuru, além do Pico do Mursa com toda sua altura, simbolizado pela elevação abaixo da engrenagem maior. O verde, é símbolo de civilidade, cortesia, alegria e abundância. A faixa prateada, representa o rio Jundiáí. A locomotiva, lembra o importante entroncamento ferroviário de outrora, constituído da Estrada de Ferro Bragantina e da São Paulo Railway Company, atual CPTM, responsável pelo surgimento do povoado, que inicialmente foi constituído unicamente por ferroviários. A cor vermelha, simboliza sabedoria, moderação, austeridade e honestidade. Em ambos os lados exteriores vislumbram-se videiras, que representam a região jundiaiense, de onde Campo Limpo foi desmembrado. No listel, aparece o nome do município de Campo Limpo Paulista, ladeado pelos anos 1953 data em que passou a distrito, e 1964 quando de sua emancipação política.



Bandeira

A bandeira do Município, assim como os dois outros símbolos, o hino e o brasão, foram oficializados através da Lei Municipal no. 264, de 29 de março de 1971. O seu formato e características são definidos no art. 6º e no parágrafo 1º, da referida lei.

A bandeira Municipal de Campo Limpo Paulista é de autoria do heraldista Aricinoé Peixoto de Faria, da Enciclopédia Heráldica Municipalista. Será esquartelada em sautor, sendo os quartéis do verde constituídos por quatro faixas brancas carregadas de sobrefaixas vermelhas, dispostas de duas em duas de banda e em barra, e que partem dos vértices de um retângulo central branco onde o Brasão Municipal é aplicado.

O estilo da bandeira obedece à tradição heráldica portuguesa, da qual herdamos os cânones e regras; as bandeiras municipais devem obedecer aos estilos oitavados, sextavados, esquartelados ou terciados, tendo por cores, as mesmas constantes do campo do escudo do Brasão, sendo este, aplicado em uma figura geométrica na bandeira, firmado ao centro ou na tralha.



XVI - Depoimentos de Pioneiros Moradores – Lembrando e Relatando

Várias pessoas, no decorrer de suas vidas, foram testemunhas do desenvolvimento de Campo Limpo Paulista. Presenciaram e até participaram, colaborando para o progresso da cidade.

São, pois, depositários de muitos acontecimentos, ora tristes, ora alegres, que pontuaram o longo e árduo caminho, a fim de que um bairro de Jundiá se transformasse na pujante e progressista cidade dos nossos dias.

Recolher alguns depoimentos sobre essa jornada, entre os tantos que foram colhidos, representa um legado para ser transmitido aos que aqui estão, e aos que virão no futuro.

É um capítulo de nossa história, que não é composto apenas de grandes e épicas realizações, mas também, das pequenas obras, de homens simples, porém de férrea têmpera, como aqueles que ora apresentaremos através dos relatos.

A história de uma comunidade, de uma cidade, não se restringe apenas a fatos importantes que a marcaram de forma indelével. Muitas vezes, são os pequenos acontecimentos corriqueiros, trechos de vida, às vezes tristes, outras vezes jocosos, que tiveram como protagonistas as pessoas do lugar.

Suscitem apenas na memória, de forma esparsa, mas representam as pequenas pedras de um grande mosaico, que unidas formarão um quadro completo, onde será possível vislumbrar a entidade, que, mesmo de forma impalpável e etérea, é o verdadeiro espírito da cidade.

Sétimo Patelli “in memoriam” – decano do serviço público municipal

Sétimo Patelli, primeiro Secretário da Fazenda do Município e avô do ex-prefeito Bruno Patelli deu seu depoimento num artigo para o número 1 de “O Noticiário” (primeiro jornal de Campo Limpo), cujo redator responsável era Januário A.C. Moreira, filho do saudoso Adherbal da Costa Moreira. Ele volta aos tempos em que Campo Limpo Paulista era apenas um bairro de Jundiá.

“Perguntaram-me quais os progressos de Campo Limpo que mais me impressionaram durante os 43 anos de minha vida no sítio nesta localidade (perdão...sede municipal!).

Resposta fácil, pois tudo em geral foi surgindo progressiva e proporcionalmente tão rápido, que não se pode firmar a atenção sobre particularidades, que identifiquem quais as causas que mais influíram sobre este progresso, sendo que foi, como diz o caboclo: uma coisa puxando a outra.

Vejam, por exemplo, na parte de edificações.

No começo de 1921, quando vim para cá, do lado de cima da estrada de ferro (SPR) só havia a capela e perto a moradia de Olegário Cunha (dono do bar da estação), moradia e venda do Maneco Tavares e mais duas ou três casinhas. Mais para baixo, acompanhando a linha, havia o armazém, com agência do Correio, de Joaquim Pereira Pinto e mais uma fileira de casinhas (ainda existentes) que iam até a atual subestação e que formavam a então chamada “ruazinha”, a qual era considerada o “centro”.

Da parte de baixo da SPR, havia (ainda há), uma fileira de casinhas (ponto inicial da atual Rua do Comércio), sendo que, pegado à linha da Bragantina (onde está o Kariya), tinha a venda de João Turco; mais para baixo um pouco (onde será instalada a churrascaria), tinha a venda de Chico Turco e, na última casa (onde está a Tica), a venda do Zé Turco. Na frente desta (onde estão o Odovílio e o Dema) estavam a venda do Mansur e mais outro sírio, que era barbeiro e padeiro também.

O espaço até o rio era usado para descanso das tropas que traziam carvão das bandas de Itatiba, e também para deixar os animais dos que vinham...à cidade! Este espaço era conhecido por “Largo do Piraí”, em atenção à cachaça preferida naquela época e que nesse local comercial era consumida...generosamente. Pudera! Também, fora da cerveja, do conhaque (Jules Robin), do fernet (Branca) e do capilé, não havia outra bebida!

Do lado de lá do rio, havia o armazém do italiano Biagio Germelli (eu disse Germelli e não Marchetti - este veio mais tarde) e a olaria de Joaquim Pereira Pinto, terminando aí a parte urbana de Campo Limpo. Duas dúzias de casas e duas ruazinhas!

Para ferrar-se um animal, era preciso ir ao bairro do Moinho, de lá para Várzea e em seguida para Jundiaí. Perdia-se um dia inteiro!

Hoje temos essa grande artéria, que está aí toda “sulfatada”, e que nos põe, em poucos minutos em contato com Jundiaí. À noite, daqui do Cruzeiro (atual praça Thomaz Larrubia, no Marsola), olhando-se para Campo Limpo só se via alguma luzinha de cor vermelha ou verde dos lampiões a querosene da SPR, e o resto era escuridão.

Hoje, a qualquer hora da noite, vê-se aquela farândola de luminárias que dá a impressão de uma cidade e que bem marca a quantidade de ruas existentes.

No quilômetro¹ da Bragantina existia a Vila Rossi (atual área da Krupp), com a olaria dos irmãos Rossi. Estes fabricavam cada tijolo, que exigia boa musculatura do pedreiro. Com um par de milheiros de tijolos construía-se uma casa à prova de terremoto!

Em 1925 ou 26, não me lembro bem...mas, isto vamos deixar para...outra vez. Quem sabe, até lá a memória me ajude melhor”.

Raul Roncoletta “in memoriam” – músico e ferroviário

Este, aqui chegou no ano de 1932, e a sua inicial residência foi a olaria de Joaquim Pereira Pinto, onde trabalhou por um tempo como oleiro.

Passou em seguida a trabalhar no DNC - Departamento Nacional do Café (atual área da Krupp), por indicação do filho de dona Thomazina (dona Thomazina deu nome à vila onde morou), esposa de Olegário Brandão, que tinha uma pensão e era concessionário do bar da Estação da SPR.

No DNC, tinha como tarefa aquela de carimbar sacos de café, colher amostras e emitir guias. Nesse tempo, depois de ter morado numa casa com quintal fazendo fundos com o Rio Jundiaí, localizada onde se encontra hoje o Paço Municipal, fixou residência na Vila Rossi, uma pequena rua com casario que ficava na área do DNC.

Em 1936 entrou como funcionário da Estrada de Ferro Bragantina, onde permaneceu até 1966, logo depois a ferrovia encerrou as atividades. Lembra com orgulho que na Bragantina passou por diferentes funções: escriturário, conferente, encarregado do ponto e da correspondência.

Quando as suas lembranças voltam para Campo Limpo da década de 30, lembra que tudo se restringia à ferrovia, a algumas atividades agrícolas e a um incipiente comércio. Cita alguns estabelecimentos comerciais da época: a venda de Mentore Rossi (pai do Dema), onde nas horas livres trabalhava como balconista; a loja de tecido e o armazém de secos e molhados de Joaquim Pereira Pinto, bem em frente à estação; o alojamento, onde fica o Dema; e, o armazém de Chico Turco (pai do dr. Pedro Miguel), na Rua do Comércio (atual Av. Adherbal da Costa Moreira).

Depois da 2ª Guerra Mundial, os depósitos do DNC ficaram praticamente inativos, e por isso foram utilizados como alojamento para um grupo de imigrantes da Europa central, que chegaram aqui por encaminhamento da ONU. Como às vezes tinham que despachar mercadorias pela Estrada de Ferro, era Raul Roncoletta, que com a ajuda de um intérprete preenchia os documentos necessários.

Morou também na Rua da Estação, no prédio do Cartório de Registro Civil, cujo tabelião era João Ignácio Vellasco, pai do ex-prefeito Jorge de Maio Vellasco.

Mas não era apenas o trabalho que ocupava o tempo de Raul Roncoletta. O seu “hobby” era a música. Foi o 1º trombone de harmonia da banda da SPR, cujo maestro era Antônio Lopes Filho.

Em Campo Limpo a banda tocava no coreto ao lado da Igreja Velha, que ficava na esquina da Rua dos Ferroviários com a Nossa Senhora do Rosário.

Sobre a política da cidade, Raul Roncoletta, com satisfação lembra que trabalhou na eleição inaugural do Município, no Monlevade, como primeiro secretário. Havia apenas duas seções eleitorais e a disputa entre Adherbal e Gino Dártora foi bastante acirrada.

Um véu de tristeza parece aflorar no seu rosto, quando constata que nada foi preservado das antigas casas e da arquitetura primitiva da cidade. Tudo foi demolido pela picareta da modernidade, e por fim surge claro o espírito do velho ferroviário: “Podiam ter conservado pelo menos uma velha locomotiva da Bragantina...!”.

O sr. Raul Roncoletta faleceu em 11.01.2002, com 86 anos. Completaria 87 dia 23 do mesmo mês.

Venâncio Gonzaga Ramos - o vereador “Tergal”

Com 91 anos, Venâncio Gonzaga Ramos, ou “seu Venâncio” como é mais conhecido, é praticamente um dos arquivos vivos da história desses últimos 60 anos de Campo Limpo Paulista.

Para sermos exatos são 62, já que “seu Venâncio” aqui se fixou no ano de 1940, vindo da nativa Campinas, cidade onde nasceu em 1911.

“Aqui, quase nada havia - lembra - Campo Limpo era uma fazenda, ou melhor, tinha todos os aspectos de uma grande fazenda. Não havia energia elétrica, e as mulheres lavavam as roupas no rio. Os maiores proprietários de terras eram os Pereira Pinto, que conseguiram tanta terra devido às dívidas que as pessoas contraíam em seu armazém. Assim, em vez de dinheiro, eles recebiam terras como pagamento”.

Logo que chegou “seu Venâncio” se estabeleceu com um salão de barbeiro, localizado na Rua do Comércio, hoje Av. Adherbal da Costa Moreira, onde trabalhou por mais de 40 anos. No lugar havia um concorrente. Era um funcionário da Estrada de Ferro SPR, Antônio Larrúbia que conseguia - como diz “seu Venâncio” - fazer-lhe concorrência porque “o seu chefe fechava um olho, quando o mesmo se ausentava para trabalhar como barbeiro”.

O nosso personagem foi casado com Hilda Koeller Ramos, falecida em 1979, primeira agente do Correio do lugarejo.

A “agência” ficava na sala de sua casa, na Rua do Comércio, e os malotes eram transportados de trem.

O casal teve uma filha, Lucyá, contadora da Prefeitura que vive com o pai, no Jardim Vitória, na Rua que leva o nome de sua mãe.

“Seu Venâncio” sempre teve um interesse pela política, e quando com ilustres cidadãos ajudou a emancipar Campo Limpo, com desprendimento e ousadia fundou o Partido Trabalhista Nacional, o PTN, agremiação oposicionista ao Governo do Estado. Apoiou no inaugural pleito da cidade, o candidato Gino Dártora, ex-prefeito de Caieiras, contra Adherbal da Costa Moreira. Nesta ocasião elegeu-se vereador com 46 votos, num colégio eleitoral de 600 eleitores.

Como vereador liderou a oposição com sobriedade e firmeza, o que lhe rendeu a amizade e o respeito de Adherbal, que via nele um político comprometido com as causas públicas, e profundamente arraigado na cidade.

“Eu era do contra - afirma convencido “seu Venâncio” - e foi justamente por isso que me deram o apelido de “vereador Tergal”. Nesse ponto, quem revela porquê do apelido é a própria filha Lucyá: “Acontecia que quando um projeto na Câmara dos Vereadores era aprovado, todos permaneciam sentados. Confirmando sua vocação para a oposição, meu pai procedia em sentido contrário, levantando com frequência”.

Para quem não sabe, “Tergal” era um tecido que, como qualidade principal, tinha aquela de não amarrotar. Os mais velhos devem lembrar um comercial veiculado na TV, onde um executivo atarefado, no decorrer do dia, levanta e senta inúmeras vezes, sem que o terno, feito evidentemente de “tergal”, perdesse o vinco.

Lembra com saudade dos tempos em que Campo Limpo Paulista era como uma grande família, um lugar agradável para viver, onde todos se conheciam e se ajudavam mutuamente.

De suas realizações como vereador, uma particularmente o satisfaz: a construção da ponte (Ponte 29 de Março), localizada no início da Av. Adherbal da Costa Moreira, em frente ao supermercado Dema, que substituiu uma velha ponte de madeira, quase sempre interditada; é o resultado de um seu projeto apresentado.

Um outro fato curioso, revelado por “seu Venâncio”, se refere à fundação do Esporte Clube Internacional. A idéia foi lançada através de conversas no seu salão de barbeiro. O dinheiro necessário para a fundação foi arrecadado por Zé Ito, dono do armazém do bairro Iara.

Sempre sorrindo, como que lembrando imagens que somente a ele pertenciam, “seu Venâncio” recorda que trabalhava em seu salão, que era também a sede do Clube, barbeando seus clientes, no meio de camisas, chuteiras e meias.

Hoje, em homenagem a um dos seus fundadores, uma quadra do Esporte Clube Internacional de Campo Limpo Paulista, tem justamente o nome de Venâncio Gonzaga Ramos. O sr. Venâncio Gonzaga Ramos, emérito cidadão campo-limpense, faleceu meses após ter concedido esta entrevista, em 11.12.02.

Professor Justo – um orgulho para a cidade

O professor João Justo Dias de Sá é paulistano, tendo nascido no bairro Bom Retiro, em 1919.

O seu encontro com Campo Limpo Paulista se deu em 1950, quando junto com seus parentes adquiriu 10 alqueires de terra, onde hoje é o bairro de Vila Olímpia.

Logo de início, o álbum de lembranças do professor se abre no capítulo do Posto de Puericultura, que ficava numa área, hoje ocupada pela Krupp. Sua esposa, dona Wanda, formada em Enfermagem de alto padrão, por 33 anos trabalhou nesse Posto. “Não teve criança que não passasse pelas mãos dela” afirma o “professor Justo”, com orgulho.

Uma outra enfermeira lembrada, e da qual hoje pouco se fala é dona Lucila Ávila, proprietária das terras que foram desapropriadas pelo presidente Jânio Quadros para a instalação da Krupp.

Duas vezes por semana, a médica do Posto de puericultura, acompanhada por dona Wanda ou dona Lucila, faziam o percurso completo da Bragantina para consultar as crianças e as mães necessitadas. Para esse fim, transformavam um vagão ferroviário adaptado em consultório móvel, que permanecia estacionado por uma semana em cada uma das estações da linha.

Voltando a conversa para a instalação da Krupp em Campo Limpo Paulista, o professor Justo conta que, na época se dizia que o presidente Juscelino desejava a ida da empresa para Minas Gerais, enquanto o presidente Perón empenhava-se em levá-la à Argentina.

Por fim, porém, a Krupp veio para Campo Limpo, e então surgiu o comentário que o clima da cidade era propício à tempera do aço. Mas, as dificuldades não se restringiam apenas àquelas descritas antes. Havia também entraves no âmbito estadual, já que os interesses envolvidos eram de grande monta. Foi assim que se formou uma comitiva de cidadãos locais - composta por Sétimo Patelli, prof. Justo, Biaggio Marchetti, Mário Pinto, José Tavares da Silva e outros - que em visita à Assembléia Legislativa, conseguiu demover o deputado estadual Cantídio Sampaio, que se opunha à vinda da Krupp ao Município.

O prof. Justo ingressou na política partidária levado pelo ex-governador Franco Montoro, então vereador na Capital, pelo Partido Democrata Cristão - PDC. O professor era inscrito no curso de Serviço Social, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, e trabalhava nesse tempo na Santa Casa como assistente social.

Lembra também com orgulho que participou da FEB - Força Expedicionária Brasileira, durante o Segundo conflito mundial. Combateu na Itália durante um ano e um mês. Comandava um pelotão de transmissão. Durante o conflito estreitou amizade com o então capitão Aldévio Barbosa de Lemos, que em seguida, como general, foi Secretário de Segurança do governador Ademar de Barros e possuía um sítio onde está situada a Prensa Jundiáí.

Retornando à política, o prof. Justo chegou a se eleger vereador em Jundiáí, quando Campo Limpo ainda era distrito. Locomovia-se de trem à Câmara, que ficava num prédio defronte à Paulicéia. Quando chovia muito, relembra, voltava de 13 (como era chamado o carro da Polícia) para Campo Limpo.

Além dele, somente o falecido Duílio Garbatti, que residia onde está instalado o Senai local, foi vereador em Jundiáí por Campo Limpo. Duílio, os mais antigos sabem disso, era uma figura folclórica. Semi-analfabeto e extremamente perspicaz. Dentre seus “famosos” pronunciamentos consta que, em campanha eleitoral, havia prometido “apedrejar e sulfatar” a estrada de Campo Limpo a Jundiáí.

O prof. Justo trabalhou no Hospital São Vicente de Paula, em Jundiáí, sendo por treze anos secretário, e por seis anos provedor. Retornando à área acadêmica, também chegou a estudar teologia e a concluir o curso de Direito.

Com respeito à música, uma de suas paixões, o prof. Justo cita que no Conservatório Paulista de Canto Orfeônico foi aluno do imortal compositor Heitor Villa Lobos, e, no Seminário Central do Ipiranga, estudou órgão com o maestro Fúrio Franceschini, grande organista e mestre de capela (regente de coral sacro).

Em Campo Limpo regeu durante vários anos a banda local. Por volta de 1950, os músicos usavam os instrumentos da extinta banda da São Paulo Railway - SPR, com apresentações na Capela de São Benedito, nas quermesses e nas procissões, e era conhecida como Banda de Santa Cecília.

Para concluir, o prof. Justo confessa que tem até hoje uma caminhonete branca do ano 1951, uma verdadeira preciosidade. Ele conta que com ela levava as crianças para o Monlevade. Entre as crianças seus dois filhos: Cecília e Luis, o Pardal, o Bruno Patelli, entre outros. Além disso, carregava até defuntos, presos e bêbados, pois era a única caminhonete da cidade.

O prof. Justo exerce, atualmente, a regência do coral da Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

Vereador Paulo Silva – político por idealismo

O sr. Paulo Silva é natural de Piracaia, interior do Estado de São Paulo, onde sua família possuía uma fazenda, que acabou sendo abandonada quando resolveram se mudar para Campo Limpo, em 1939. A razão da mudança seu Paulo desconhece, pois ainda era muito menino na época; nasceu no dia 10/02/1926, tendo, portanto, somente 13 anos de idade quando chegou ao então bairro de Campo Limpo.

Assim que chegaram se instalaram em barracões alugados, “não tinha uma casa que prestasse em Campo Limpo, havia ali a vila Chico Turco, a vila Gabriela, a vila Cardoso, Marchetti com meia dúzia de casas”. Foram trabalhar na roça, pois “Campo Limpo era menos do que uma fazenda do interior, não tinha iluminação elétrica, só tinha a SPR, a estrada de ferro inglesa”.

Ainda garoto seu Paulo trabalhou no que pôde para poder ficar mais perto do núcleo urbano e, com isso não ter que voltar mais para a roça. Até que, com 18 anos, em 1944, seu Paulo conseguiu um emprego na SPR, trabalhando na queima de café “Primeiro emprego meu bom foi na queima do café, lá eu ganhei muito dinheiro, e era moleque! Dava duro, mas ganhava dinheiro”. Depois foi trabalhar na baldeação de carga entre um trem e outro e, lembra que carregava sacos de café podre que servia de adubo. O movimento era muito grande, serviço dia e noite, o que impulsionou o crescimento da cidade.

Durante os 31 anos em que seu Paulo trabalhou na ferrovia, o que ele mais tem saudades é do time de futebol SPR, dos bailes do Nacional A.C. e dos encontros dos namorados em frente à estação de trem aos domingos.

Seu maior cargo na estrada de ferro foi o de "agente do movimento", cargo este de extrema importância; foi assim que se aposentou em 1975.

Os que não eram funcionários da ferrovia trabalhavam na agricultura ou então no comércio, neste último havia os estabelecimentos do Chico Turco, do Marchetti e do Consentino.

Seu Paulo lembra, porém sem ter muita certeza, que na primeira eleição houve cerca de 1200 votos e, Benedita, sua esposa, atenta à entrevista interrompe para dizer que seu Paulo recebeu exatamente 37 votos. Seu Paulo foi vereador desde a primeira legislatura, participou da política do município por 12 anos (de 1964 a 1976), inclusive fez parte da comissão emancipadora de Campo Limpo, "a emancipação foi fácil, era só uma questão de lei, o difícil foi administrar". Diz que foi uma felicidade ser eleito vereador, "felicidade daquele jeito, tinha que ter amor porque não ganhava nada não. Eu trabalhei de 64 a 75 de graça, só comecei a receber um subsídio no meu último ano".

A política de Campo Limpo sempre foi muito difícil, seu Paulo lembra do ímpeto do prefeito Tanaka. "Eu dizia pra ele: Tanaka, você tá sendo muito durão, tem coisa aí por dentro, tem gente perigosa. - Ele falou pra mim: Paulo, eu fui eleito prefeito de Campo Limpo e aqui na prefeitura quem manda sou eu". Durante um churrasco em sua casa Tanaka foi atender a campanha e foi assassinado.

Sua esposa, Benedita conta que no exato momento em que Adherbal foi morto o céu escureceu e que Campo Limpo foi atingido por uma forte ventania. Isto também é dito por várias outras pessoas da cidade. Outro caso que dona Benedita conta é que, certa vez, um fiel bateu muito num padre, e este padre enraivecido amaldiçoou a cidade.

Seu Paulo diz que foi o criador da Banda e da Guarda de Campo Limpo. Foi ele quem sugeriu a desapropriação de cerca de 10 alqueires para a instalação de indústrias, e para isto criou leis de incentivos fiscais.

Quim Tavares – história e progresso da cidade

" Consta em livro de registros históricos escritos por Manoel Tavares da Silva, meu pai, que no século passado, João Antonio da Silva e sua mulher adquiriram aqui um sítio desmembrado da Fazenda Ivoturcaia. O Sítio Lagoa Branca, nome pelo qual era conhecida a fazenda, no decorrer do tempo foi sendo dividido e vendido a outros que para cá vieram. Foi bairro de Jundiá até o ano de 1953, ocasião em que passou à categoria de Distrito e, dez anos mais tarde, graças ao movimento cívico promovido por um grupo de pessoas, criou-se a Sociedade Amigos do Bairro. Liderado por Adherbal da Costa Moreira, o grupo promoveu a emancipação político-administrativa, cabendo ao próprio Adherbal a honra de ser o primeiro prefeito municipal, eleito em 1964.

Em julho de 1964 era editado o primeiro jornal denominado "O Noticiário", para informar aos campo-limpenses as conquistas e realizações do novo Município. Quis o destino que nossa cidade fosse tristemente abalada com o crime que tirou a vida do primeiro prefeito, no dia 7 de junho de 1968, assassinado em seu gabinete de trabalho.

Eu, Joaquim Tavares da Silva, então vice-prefeito, assumi a administração dando continuidade ao grande trabalho que Adherbal vinha desenvolvendo, transformando o bairro carente numa cidade respeitada. Memorizando essa época, lembro-me que era, de fato, um bairro muito carente em todos os setores.

A Educação, por exemplo, possuía duas classes mistas, que funcionavam numa casa antiga, localizada à frente da Estação Ferroviária. Lá eram ministrados os cursos de 1º e 2º anos primários, por professores que vinham diariamente de São Paulo, viajando de trem. Havia na Saúde, um curandeiro chamado Eugênio Lessi, ferroviário da São Paulo Railway, que nas horas vagas atendia aos enfermos em sua residência. Hoje no local, há uma praça com seu nome, bem em frente à Igreja Católica.

Algumas parteiras assistiam às parturientes, entre elas a minha mãe, dona Rosalina. A primeira farmácia foi estabelecida por Romualdo de Assis, um farmacêutico vindo de Campinas.

Na segurança, um inspetor de quarteirão era o "Xerife" que representava o Delegado de Polícia de Jundiá e desempenhava a função sem receber remuneração.

Já no transporte, existiam as estradas de ferro S.P.R. (São Paulo Railway), e a Bragantina. As carroças que transportavam materiais e produtos eram puxadas por burros que percorriam as ruas de terra do bairro. Na década de 30 foi aberta a primeira estrada de rodagem ligando Jundiá ao bairro de Campo Limpo.

No início do século passado havia uma linha de pequenas vagonetas sobre trilhos, puxadas por animais que traziam o café e outros produtos das fazendas da região de Jarinu, para embarque na ferrovia.

Antes da abertura da estrada para Jundiá, em 1923, chegou a Campo Limpo o primeiro automóvel, que levou mais de duas horas para percorrer as ruas de terra. O protagonista da aventura foi o senhor Hermínio Pereira Pinto, que não querendo se arriscar em sua viagem de retorno, despachou o Chevrolet importado pela estrada de ferro.

Em fins de 1941, chegava a energia elétrica a Campo Limpo, trazida pela Light, substituindo assim os lampiões a querosene, dando maior conforto à população, que passou a fazer uso de eletrodomésticos.

Por ser um ponto de entroncamento ferroviário, foram construídos pelo Instituto do Café do Estado de São Paulo, dois grandes armazéns reguladores de estoque, com capacidade para um milhão e duzentos mil sacos. Os armazéns eram ocupados pelo Departamento Nacional do Café (DNC) e, durante dez anos, entre 1935 e 1945, foram incinerados dois milhões de sacos de café em razão da política de exportação adotada pelo Governo Federal. Com a extinção do DNC, os armazéns reguladores foram desativados.

Terminada a Segunda Grande Guerra, em 1945, esses armazéns serviriam de alojamento, por algum tempo, aos deslocados de países envolvidos no conflito, enviados ao Brasil.

Em 1951, a Manah S.A. Indústria de Fertilizantes alugou um desses armazéns, instalando a primeira indústria em nossa cidade; até que em 1956, o Governo do Estado vendeu esses imóveis à Krupp Metalúrgica, grande empresa alemã que proporcionou condições financeiras para que a emancipação político-administrativa se concretizasse".

(Joaquim Tavares da Silva foi o primeiro vice-prefeito do Município e deu este depoimento ao Caderno Campo Limpo Paulista em números, em 1997).

Francisco Miguel "in memoriam" – a saga de um "Chico Turco"

Para os que passam pela Rua Francisco Miguel freqüentemente, no centro da cidade, e desconhecem a história desse que lhe emprestou o nome, reunimos alguns dados ao conversarmos com um dos filhos do homenageado, o dr. Pedro Miguel.

O "Chico Turco", como era conhecido, por ser de origem libanesa, foi casado com dona Gabriela Maria da Conceição, nascida em Caetetuba, na região Bragantina, a quem conheceu em Botujuru, e com quem teve treze filhos. Estão vivos Pedro, José Alcides, Gentil, Maria, Olinda e as gêmeas Neide e Neusa.

Pedro lembra que seus pais, somente depois de longos anos de harmoniosa vida em comum, decidiram oficializar o casamento. Isso ocorreu na Igreja de S. Benedito, já demolida, que ficava na esquina da Rua Nossa Senhora do Rosário com a Rua dos Ferroviários. Curiosamente, entre a platéia da cerimônia, estavam seus filhos.

"Chico Turco" conheceu Campo Limpo, então pertencente a Jundiá, na condição de caixeiro-viajante ou mascate, como se dizia, vendendo roupas aos ferroviários e aos camponeses locais. Herdou a secular vocação comercial de seus ancestrais.

Aqui decidiu se fixar, e montou um armazém na Rua do Comércio, defronte ao estabelecimento do sr. Mário Marchetti, posteriormente transferido ao Tanaka. Comercializava secos e molhados, e artigos

para sitiantes. Era comum a prática do escambo; os fregueses trocavam produtos agrícolas e pecuários por mercadorias do “Chico Turco”.

Os sitiantes e os ferroviários eram seus principais clientes, sendo que dentre os últimos colecionou inúmeras amizades.

Ao prosperar no comércio, investiu numa gleba situada entre as Ruas Herman e Campos Salles, que abrangia do Bradesco à barbearia do Aroldo, na Praça Castello Branco. Lá construiu 32 casas, inclusive a sua, onde ainda residem suas filhas Neide e Neusa. Seu conjunto residencial passou a ser conhecido por Vila Chico Turco, e os moradores, majoritariamente, eram ferroviários e músicos, que tocavam na Banda SPR. Os ensaios da banda davam-se na sua residência, sob a regência do maestro Lopes.

Na inaugural Administração do Pardal (1973 a 1976), por não dispor de infra-estrutura adequada, este desapropriou as edificações da Vila, destinando o material da demolição aos moradores.

Na Praça Castello Branco, recorda Pedro Miguel, havia um campo de futebol. Os circos que aqui passavam se instalavam no local, e os circenses eram recepcionados pelo seu pai, um apreciador da música e das artes em geral.

A Vila representava uma família e a solidariedade predominava. Não há registros de desavenças ou conflitos importantes naquela comunidade. Destacamos os nomes de algumas pessoas que residiram na Vila Chico Turco: Gabriel da Silva, Antônio Moreira de Souza, Benedito Peranovik (Beija-Flor), “Zé Gordo”, Sebastião Mathias, Francisco Pinto, Ricardo Castilho, “Bentinho”, Sebílio Mota e Isaac.

Montou, posteriormente, num pequeno beco nas proximidades do armazém, um empório onde vendia pinga, vinho e fumo.

A Rua do Comércio agrupava na época, a partir da estação ferroviária, o armazém do Kariya, o comércio de bananas do Zé Gomes, a barbearia do sr. Antônio Larrubia, a sapataria do sr. Antônio Cazamassa (o “Veneno”), a venda do “Chico Turco”, os bares do Eugênio Dini e do Acácio de Oliveira, além do armazém do Mentore Rossi.

“Chico Turco” faleceu numa viagem a Jundiá, em 1948, com apenas 54 anos, e dona Gabriela faleceu em 1992, então com 78 anos.

Olinda, na ausência do pai, assumiu os negócios da família, e Pedro, nosso entrevistado, ingressou na Polícia Militar e é hoje tenente da reserva, e lembra ainda, emocionado, quando assumiu o comando da PM na cidade, como 2º Sargento, em 03 de agosto de 1967.

O destacamento era situado numa travessa da Rua do Comércio, e contava com três soldados: José Braghetto, Ildo Faria e Zulmiro de Souza.

As ocorrências, esporádicas, eram circunscritas a desentendimentos nos bares e a episódios de alcoolismo. Aos domingos, o plantão policial se dava no Nacional A. C., em razão dos piqueniques que atraíam inúmeros visitantes.

Na hipótese de grande tumulto o destacamento contava com a inestimável colaboração do “João Butuca”, inspetor de quarteirão de elevada estatura e igual força física. O “Butuca” dispersava qualquer briga.

“Chico Turco” não só criou numerosa prole como também, generoso, acolheu várias crianças carentes que procuravam guarida em sua casa. Com seu inseparável cigarro de palha, surrado paletó e chapéu, era de hábito simples, hospitaleiro e caridoso.

Justo Ricardo Castillo Gervilla – folheando o livro da memória

“Parei, meditei e fui folheando o “livro” da memória”.

A Chegada a Campo Limpo

" Eu com meus queridos pais e três irmãos, chegamos nesta hospitaleira terra em 1926. Fomos morar no sítio Barrocão (hoje Marajoara). Para se ter idéia, Campo Limpo era um lugarejo menor que muitas fazendas que cultivavam café no interior paulista. As casas eram contadas nos dedos e as famílias também. Passo a discriminar: Joaquim Pereira Pinto, Manoel Tavares da Silva, Gonçalves, Bocaina Migliorini, Bonamigo, Lima, Barbosa, Larrubia, Herculano, Biagio Germelli, Antenor Rossi (não era da família do Dema), Patelli, Chico Bé, José Vicente, Henrique Guislande, Sebílio Mota, Antonio M. Souza, Domingo Donate, João Gomes, Eugênio Lessi, Antonio Barcheta e cinco famílias árabes. Lembro-me de Chico Turco, João Jorge e Mansur.

Das casas do lado de cima da estação, cerca de quinze, uma era ocupada pela escola onde estudei. As ruas e as casas eram tão poucas que não havia necessidade de identificá-las por nomes e números. No início da rua Felícia P. Pinto, lado direito como quem sobe, existe (digo que existe porque foi reformado) um casarão onde morava a família Joaquim Pereira Pinto, e subindo do lado esquerdo, antes de chegar ao fim, tinha uma casa no barranco (como era perigoso!), onde morava o sr. Joaquim Rosa, que posteriormente mudou para Belém (atual Francisco Morato). Do lado direito, na esquina da Estrada do Moinho (Rua Nossa Senhora do Rosário), permanece a casa da família Tavares (reformada), e nas proximidades da Eletropaulo (CPFL), morava o sr. José Lima. Mais adiante, lado direito, ainda na Estrada do Moinho, em frente à igreja, moravam as famílias Eugênio Lessi e Antonio Barcheta. Do lado esquerdo, perto da família Tavares, morava o sr. João Lima, irmão do sr. José Lima. Continuando a narrativa, no início da Rua dos Ferroviários ficava a Capela Santa Cruz. Nos fundos morava a família Olegário Brandão, proprietária do Bar da Estação Ferroviária. O estabelecimento atendia aos passageiros que faziam baldeação, com diversos petiscos, café e bebidas.

Na parte baixa da estação ferroviária, na ruazinha (Av. Adherbal da Costa Moreira), perfilavam oito casas até a ponte do Rio Jundiáí, e do outro lado outras sete. Nas imediações do Paço Municipal existia a olaria do sr. Joaquim Pereira Pinto, onde surgiu esse belo Jardim América. O local era um taboal (brejo). Na Vila Rossi, que deu lugar à Krupp, havia umas dez casas. A Krupp incorporou os terrenos das extintas Vila Rossi, Estrada de Ferro Bragantina e dos Reguladores de Estoque de Café, nºs 1 e 2. Os reguladores chegaram a armazenar 1.000.000 de sacas de café, que foram queimadas nos anos de 1938 e 1939. O Jardim Santa Catarina agrupava seis casas. Os moradores eram Francisco Rodrigues, Manoel Rodrigues, Primo Migliorini, José Francisco, José Soares e Vítório Morandini. No bairro do Campo Verde também havia seis famílias: Santo Gago, Italo Censi e Salvador Cassatela, as mais notórias. As demais não conheci. Nos arredores do Jardim Laura (naquele tempo o bairro não existia, assim como a Figueira Branca) moravam três famílias, sendo duas espanholas (José Carrino e José Collao), e a outra japonesa (Otani). Em Botujuru recordo-me das famílias Narcizo, César e Faustino Bizetto, que moravam do lado direito da ferrovia como quem vai para São Paulo. Do lado esquerdo morava a família Biaggio Marchetti. No Pau Arcado residiam as famílias Grandizoli, Zem Rossi, Bressanim e Bulgeiro. Encerrando esta exposição, esclareço que naqueles tempos vivíamos despreocupados. A população dormia com as portas abertas e ninguém invadia a propriedade alheia. Muito menos ocorriam assaltos. Tempos que se foram e não têm retorno".

Trabalho na Lavoura

" Do sítio do Barrocão, em 1927, fomos trabalhar na lavoura. Numa chácara alugada do sr. Joaquim Pereira Pinto, onde laboramos até o mês de setembro de 1933. Quando então mudamos para Santos, e dessa cidade para o bairro da Lapa, retornando a Campo Limpo em abril ou maio de 1934. Após esse espaço de tempo, não passou de nove meses, fomos morar onde hoje está localizada a APAE, e voltamos a trabalhar na agricultura. No ano de 1940, em 06/03, faleceu meu pai, e no mesmo ano, em 06/09, fui admitido na antiga S.P.R. Aqui continuo morando. Até quando, não sei. Naqueles tempos o Rio Jundiáí não era retificado. Na estação das chuvas transbordava, inundando as partes baixas. As águas só voltavam ao leito em março ou abril, e a ruazinha (hoje Adherbal da Costa Moreira), ficava alagada. Era necessário usar canoa para passar de um lado para o outro da rua. Esclareço que naquela época havia muitas espécies de peixes, pássaros e répteis em Campo Limpo".

Transporte

" Não existia outro tipo de transporte a não ser o de tração animal, que usava-se para puxar carroça, carro de boi, charrete e como montaria. A lenha e o carvão eram usados nos fogões e caldeiras. Enfim, nos equipamentos adequados para produzir energia. Nestas redondezas muitas pessoas

comercializavam lenha e carvão, transportados por carroças com seis burros e carros com oito bois. Às tardes, das 14h em diante, chegavam para descarregar os produtos no pátio da estação ferroviária, que ficava onde hoje é a estação de luz e força da CPTM, para despacho. As conduções tinham que passar pelo leito da linha ferroviária, e a seguir deparavam com a subida até onde está o Monlevade. Principalmente nos dias chuvosos, os animais chegavam cansados e não tinham forças para terminar o aclave. Encalhavam e eram chicoteados pelos carroceiros. Dava pena, mas era a situação da época. A ladeira foi inutilizada por esse viaduto que veio embelezar nossa cidade, e, mais ainda, melhorar consideravelmente o fluxo de veículos".

O Tempo foi Passando

" Em 1929 tivemos a felicidade de receber, vindo de Santos para chefiar a estação ferroviária desta localidade, o sr. Maximino Rocha. Tratava-se de pessoa de sentimentos nobres e progressistas. Notando que por aqui não existia nenhum tipo de lazer ou cultura, introduziu o futebol. Posteriormente teve a idéia de formar uma banda musical, contratando o maestro Antônio Lopes Filho. Além de ser profundo conhecedor da matéria, o maestro era exímio trompetista. Em pouco tempo a banda já abrilhantava as festas religiosas e cívicas locais, e também de outras praças. Tivemos (digo tivemos porque eu fazia parte), a honra de nas festas cívicas do G.O. (Grupo de Obuses), ir na frente, puxando o desfile, marchando e tocando. Em Jundiaí existiam duas ótimas bandas, mas não marchavam tocando como nós. E por falar no sr. Maximino, era extremamente democrático, pois embora sua filosofia religiosa fosse outra, nas festas da Igreja católica ele auxiliava em tudo o que estivesse ao seu alcance. No que diz respeito ao lazer, organizava excursões às praias de Santos, e no local onde o pessoal ficava hospedado, promovia bailes animados pelo conjunto Jazz Band (dos próprios músicos da banda). E o time de futebol local (S.P.R.) jogava contra o time de Santos. Concluindo, procurava dar a este povo um pouco de alegria. As excursões eram em trem especial cedido gratuitamente pela alta cúpula administrativa da S.P.R., visto que o sr. Maximino gozava de estima e consideração da direção. Continuando a narração, em 07/09/1933 a banda inaugurou seu uniforme com muita alegria, pois já tinha vencido uma etapa de sucesso. O evento deu-se numa casa que ficava do lado de baixo, a uns 70 ou 100 metros, da antiga estação ferroviária. A banda promovia o nome de Campo Limpo, e suas apresentações eram de porte militar. Chegava marchando (meia volta à esquerda, à direita), tocando e bem uniformizada. Apresentava-se disciplinadamente tal qual uma banda militar. Mais um detalhe, no dia acima citado, lá pelas 13h30, desabou um forte temporal. O vento arrancou parte do telhado do depósito onde as máquinas da Bragantina se recolhiam, arremessando-a perto do Rio Jundiaí. Voltando a falar do sr. Maximino Rocha, em 1938 foi transferido para a estação da Lapa, deixando muitas saudades".

O Progresso foi Chegando

De 1935 em diante foi surgindo a Vila Chico Turco (criada por Francisco Miguel), com umas 25 casas. Por falar no sr. Chico Turco, foi pessoa boníssima; apaixonado por música, a ponto de construir um salão e costumeiramente convidar a banda para ensaiar. Ficava feliz da vida quando ouvia as melodias que a corporação executava. Na década de 40, o sr. Aníbal Lopes Cardoso loteou o terreno que lhe pertencia, surgindo a Vila Cardoso. A seguir, para nossa felicidade, em 1941, fomos presenteados com a instalação da luz elétrica. Como melhorou. Deixamos de usar lamparinas, lampiões, velas, e a escuridão desapareceu. Em treze de junho de 1945, o boticário, sr. Romualdo de Assis, transferiu-se de Campinas para esta localidade. Abriu farmácia na Vila Chico Turco. Para nós foi bom por duas razões: uma porque em matéria de saúde nada tínhamos, e ele fazia o papel de boticário e enfermeiro, saindo altas horas da madrugada para atender chamados e aplicar injeções. A segunda porque atendia a todos e fazia tudo o que estivesse ao seu alcance. Pessoa humilde e bom amigo, até os dias de hoje mantemos boas relações de amizade e de respeito (o sr. Romualdo faleceu logo depois deste depoimento, em 23/10/2001). No ano de 1948, vieram para cá imigrantes da Hungria. Alojaram-se no depósito regulador de café nº 1, onde hoje está instalada a Forjaria da Krupp. A seguir, em 1949, no depósito regulador de café nº 2, onde está a Mecânica, instalou-se a fábrica de fertilizantes Manah. Quando o governador de São Paulo era Jânio Quadros, surgiram rumores que a Krupp viria para Campo Limpo, e a partir de 1959 começaram os preparativos. Em 1956, mudou para Campo Limpo o sr. João de Maio Vellasco. Instalou o Cartório Civil numa casa sem número na Rua da Estação, o que muito nos beneficiou. Pois tudo o que dependesse de cartório, era necessário o cidadão ir a Jundiaí. Posteriormente vieram seus filhos Mário, Jorge e Rubens. Jorge foi nosso prefeito e, por sinal, administrou a contento os quatros anos de sua gestão. Rubens foi vereador por duas vezes, e o sr. Mário é uma pessoa de predicados nobres. Terminando este tópico, em 1959, como foi esclarecido, começaram as providências para a vinda da Krupp. Nessa década, o sr. Manoel Tavares da Silva loteou a gleba de sua propriedade, construindo essa bela Vila Tavares, que todos nós admiramos.

O Progresso se Acelerou

Com a vinda da Krupp o progresso se acelerou. Começaram a despontar vilas na periferia: Marchetti, Imape, Santa Lúcia, Guanciale e muitas outras. Em setembro de 1964 o sr. Luiz F. Monticelli (Luiz da farmácia), vindo de Jundiá, montou farmácia na Rua do Comércio (hoje Adherbal da Costa Moreira). Tratando-se de pessoa de sentimentos nobres, cativou este povo. Sempre recebeu a todos cordialmente, não importando cor, raça, credo político ou religioso. Em 1965 um grupo unido de cidadãos campo-limpenses levou adiante o movimento de emancipação. O movimento teve pleno êxito, pois em vinte e um de março estávamos livres do jugo de terceiros e pudemos organizar o nosso próprio Município. Consumado tal intento, foi organizada a eleição popular. O povo, através do voto livre, escolheu os seus representantes tanto no Legislativo como no Executivo. Registrando que o primeiro prefeito foi o nosso saudoso Adherbal da Costa Moreira, e o vice o sr. Joaquim Tavares da Silva, filho desta santa terra. Devo ressaltar que ambos tiveram ótimo desempenho, revertendo o trabalho em benefício do povo. A partir da emancipação o progresso se acelerou, e continua sem parar. Venho citando Campo Limpo, pois PAULISTA só foi acrescentado posteriormente. Há um bairro, nos arredores da Capital, com o nome de Campo Limpo, que se confundia com o nosso Município. Foi necessário acrescentar Paulista, visto que naqueles tempos tudo dependia da ferrovia. Seguidamente vinham parar aqui passageiros, mercadorias e correspondências que se destinavam ao bairro de Campo Limpo, causando enorme transtorno. Quero ressaltar que a ferrovia foi marco de progresso para esta localidade, e até que se prove o contrário, é o transporte mais econômico e seguro”.



Vereador Venâncio Gonzaga Ramos, logo atrás o emancipador Lauro Oswaldo de Almeida Nicodemos



Sr. Francisco Miguel, o "Chico Turco"



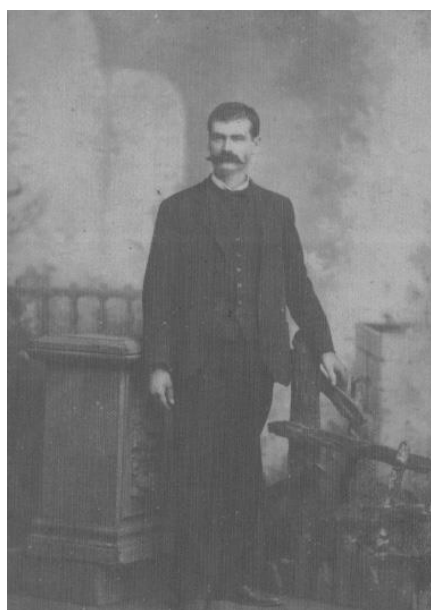
Vereador Paulo Silva, o segundo da esquerda para a direita



Sr. Felício Fernandes Braga, 90 anos,
ex-ferroviário, projetista do Cine Aurora e
fundador do E. C. Internacional



Octavio Agostinho, o mascate Abrão,
Zé Biazzi e Piracaia



Sr. Manoel Tavares da Silva,
pai do sr. Quim Tavares



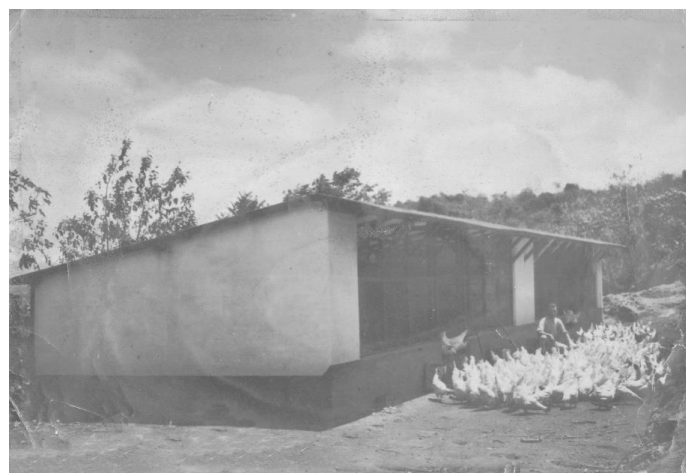
Posse do prefeito Jorge Vellasco, sendo cumprimentado pelo prefeito Joaquim Tavares da Silva que deixava o cargo e pelo seu vice-prefeito, Alcebiades Pardal Grandizoli



Professor João Justo Dias de Sá, ao lado de Mithiharu Tanaka



Banda Municipal Carlos Gomes, onde se vê na segunda fila, o 2º da dir. p/ esq., o "sr. Castilho", e na primeira fila o 1º da esq. para a dir., o prof. Justo



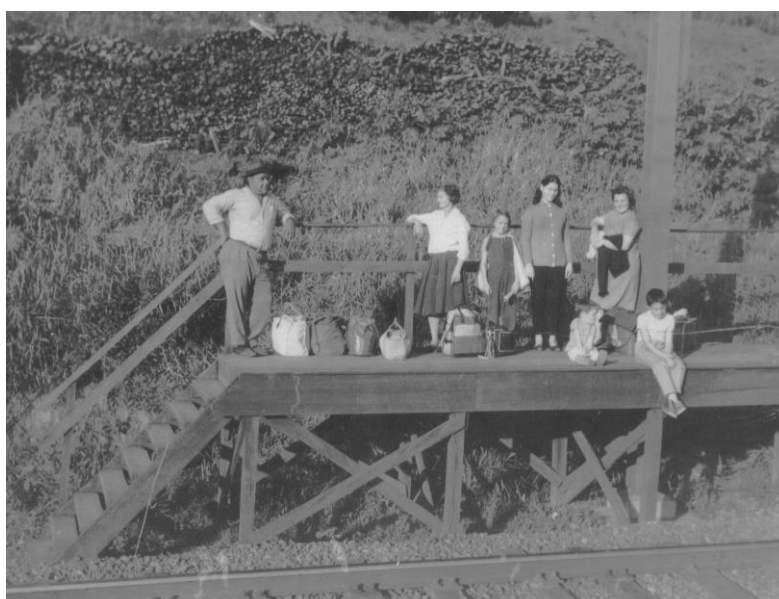
Sétimo Patelli em sua granja, instalada em 1930, atual Vila Olímpia



Pioneiros moradores de Campo Limpo Paulista, em pé o 4º da esq. p/ a dir., é o sr. Raul Roncolleta



Família do sr. Justo Ricardo Castillo (seu Castilho) na atual área onde está construída a APAE



Seu "Mimo" e família Lavoratto na plataforma de Botujuru

XVII - Vida Religiosa

Catolicismo

É a maior religião do Brasil e do Município. Sua influência no País é forte desde o descobrimento.

A separação entre a Igreja e o Estado, e a conseqüente garantia de liberdade religiosa só aconteceu em 1890, após a proclamação da República.

Protestantismo

Em Campo Limpo Paulista podemos dizer que temos protestantes históricos, pentecostais tradicionais e neopentecostais.

Dentre os protestantes históricos podem ser lembrados os metodistas, presbiterianos e batistas.

Já os pentecostais, representados pela Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular e Deus é Amor, agregam a maioria dos evangélicos do Município.

Os neopentecostais, cujo expoente é a Igreja Universal do Reino de Deus, também têm presença na cidade.

Cristãos Independentes

Os cristãos independentes, não vinculados ao catolicismo e ao protestantismo, são pertencentes às Igrejas Adventistas e Testemunhas de Jeová, também tradicionais na cidade.

Religiões Orientais

O Budismo e a Igreja Messiânica, estão instalados no Município.

Religiões Afro-Brasileiras

Tiveram início no Candomblé, que chegou ao Brasil entre os séculos XVI e XIX com o tráfico de escravos negros da África Oriental. Derivada do Candomblé surgiu a Umbanda, no Rio de Janeiro, nos anos 20. O Candomblé assim como a Umbanda estão presentes na cidade.

Espiritismo

Introduzido no Brasil em meados do século XIX.

Impulsionado com as obras do professor francês Allan Kardec, há também núcleos kardecistas no Município.

A Igreja Católica em Campo Limpo Paulista

Com a primeira Missa celebrada no dia 26 de abril de 1500, por frei Henrique, dito de Coimbra, no ilhéu da Coroa Vermelha, na baía de Porto Seguro, quatro dias apenas da data oficial do descobrimento do Brasil, demonstrava-se o profundo apego dos descobridores à religião católica.

Também Martin Afonso de Souza, quando escolheu o local para instalar a “colônia regular”, que em seguida se tornou a Vila de São Vicente, quis que o acontecimento tivesse como primeiro ato uma solenidade religiosa.

“...arvorou-se uma cruz, junto ao altar, armado em frente à praia, onde o pároco, reverendo Gonçalo Monteiro celebrou o ofício divino com o auxílio dos frades franciscanos. Assistiram ao ato os índios regionais, sob a chefia dos caciques Tibiriçá e Caiubí, dando mostra de aliança com os primeiros colonizadores ...” - (Dr. Max Fleuss - Martin Afonso - Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S.Paulo).

Esse profundo apego ao espírito religioso dos colonizadores pode ser comprovado também pelas denominações que foram dadas aos lugares descobertos, a começar pelo nome dado inicialmente à nova terra: Terra de Santa Cruz, e em seguida aos outros povoados que iam se formando: São Vicente (1532); Santo André da Borda do Campo; São Paulo de Piratininga; Baía de Todos os Santos; São Cristóvão (1590), e assim por diante.

Em Campo Limpo, que até o dia 21 de março de 1965, pertencia à cidade de Jundiaí, os primeiros moradores do bairro podiam freqüentar as cerimônias religiosas na Igreja Nossa Senhora do Desterro, localizada no centro da cidade.

Em 1886, porém, foi edificada a Capela de Santa Cruz por obra dos moradores Benedito Ortiz, Laranjeiras e João Antônio da Silva, que em 1895 foi reformada por intervenção do conferente da Estação da SPR, Antônio Ferreira Leite, que com a cooperação de uma comissão construiu a escada de acesso, assoalhou o piso, e em 1891, através de donativos angariados através de leilões erigiu a torre com um outro sino, já que aquele existente, que tinha sido doado por Eduardo Penedo, estava fixado num poste de madeira na entrada.

O altar com a imagem de Nossa Senhora da Conceição, foi um donativo de Joaquim Pereira Pinto.

Na gestão do prefeito Alcebíades Grandizolli (Pardal), as exigências para dar a Campo Limpo Paulista uma conotação urbana mais apropriada às necessidades de uma cidade em expansão, decretaram a demolição da Capela. A Capela de Santa Cruz, junto com as outras que tinham surgido nos bairros do Moinho, Campo Verde e Botujuru, era uma página que deveria ser preservada.

As Paróquias

Hoje, com o aumento da população, Campo Limpo Paulista possui duas Paróquias:

Paróquia Nossa Senhora do Rosário (Matriz) - Inicialmente era apenas uma Capela que pertencia à Paróquia Nossa Senhora do Desterro de Jundiaí. Foi em 1928 que passou a denominar-se Nossa Senhora das Dores, com cultos administrados pelos religiosos Salvatorianos, procedentes da Igreja Matriz de Vila Arens em Jundiaí.

Eram realizadas procissões e animadas quermesses, reunindo assim em torno da Capela toda a nascente comunidade católica, realizadas com a colaboração dos diretores e professores do Grupo Escolar Francisco Monlevade, e abrilhantadas com a presença da Banda Musical da SPR.

A presença do padre, para a celebração da missa e outros ofícios religiosos, aos sábados, e principalmente aos domingos, eram anunciados por um repique insistente do sino da capela.

A capela era administrada por uma comissão de pessoas da comunidade, através de uma diretoria eleita periodicamente. Os recursos financeiros, tanto para a manutenção da Capela, como para a espórtula dos religiosos, eram obtidos através de donativos da comunidade, que freqüentemente eram em espécie.

Fato notório, segundo dados recolhidos no “livro do tombo” da atual Igreja Matriz de Campo Limpo Paulista, é que a antiga capela teria sido construída por um devoto de São Benedito por volta de 1920.

Os padres salvatorianos nas suas atividades pastorais, encontraram importantes reforços nas freiras do Convento das Irmãs Franciscanas de Maria, também recém-instalado em Campo Limpo Paulista ,e que tinha como capelão o padre franciscano “Frei Dagoberto Romag” o que facilitou a união entre salvatorianos e franciscanos nas atividades religiosas na cidade.

Foi em 1940 que a capela começou a ser conhecida como de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Mas, em 1953, foi que surgiu a intenção dos salvatorianos, junto às religiosas franciscanas com o Frei Dagoberto da elevação de Campo Limpo à Paróquia. Todavia, a capela não era bastante ampla para comportar uma crescente participação dos fiéis em seu recinto. Foi assim que ficou clara a necessidade da construção de uma nova Igreja. Nomeou-se, pois, uma comissão que procurou agir rapidamente, enquanto os salvatorianos apresentaram dois projetos para a nova Igreja, elaborados por Damião Prenke, um sacerdote especialista na construção de templos religiosos.

A comissão, nomeada no ano de 1953 compareceu à Cúria Metropolitana da Arquidiocese de São Paulo, recebida pelo Chanceler do Arcebispo, Monsenhor Paulo Rolim Loureiro; e, nesta ocasião, o prof. João Justo Dias de Sá expôs a solicitação que Campo Limpo fosse elevada à Paróquia. Como primeira medida, foi destacado o padre Arnaldo Arruda, que tinha adquirido uma propriedade rural em Campo Limpo, e que iria responder pela capela, enquanto a nova Igreja não estivesse pronta, mas, no entanto pouco permaneceu, ficando ainda os padres salvatorianos respondendo pela capela.

Por fim, foi escolhido o terreno da família de Olegário Brandão, que pela localização oferecia melhores vantagens.

Padre Vilfrido, que tinha substituído padre Pio no atendimento da Capela, em 1954 providenciou o lançamento da primeira pedra da Igreja com a presença de D. Paulo Rolim Loureiro. Em 1960, Campo Limpo, com sua igreja já em estado avançado de construção passa a ser oficialmente elevada à Paróquia pela Cúria Metropolitana de São Paulo. Finalmente, como coroação dos esforços daqueles que acalentaram o sonho, a Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Campo Limpo foi instalada e constituída canonicamente no dia 8 de julho de 1962.

Párocos:	Padre Daniel Hubert Jansen	de 1962 a 1963
	Padre Sebastião Santana	de 1963 a 1968
	Padre Hanibal Martinelli	de 1968 a 1970
	Padre Cândido Gonzalez	de 1971 a 1972
	Padre Marcos de Almeida	de 1972 a 1982
	Padre Salésio Schmidt	de 1982 a 1988
	Padre Arlindo Binotto	de 20.03.1988

As Capelas ou Comunidades da Paróquia: Santa Lúcia - Marajoara - Rainha dos Apóstolos - Moinho - Jardim Laura - Campo Verde - Figueira Branca

Paróquia de São Francisco de Assis - Localizada no Jardim Marchetti, onde durante 25 anos funcionou a Casa de Formação para Novas Religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

Houve sempre por parte das Irmãs, e também dos padres que davam assistência às religiosas, um atendimento social e catequético à população local.

Nos últimos anos, com o falecimento do frei Dagoberto Romag, que se deu em 1982, as celebrações religiosas foram espaçadas; porém, a catequese, as visitas às famílias continuaram através das irmãs e também de parte de leigos.

No dia 6 de março de 1987, a Irmã Terezinha, acompanhada por um grupo de jovens, solicitou ao Bispo da Cúria Diocesana de Jundiáí, um padre para acompanhar a comunidade. No dia 22 de março do mesmo ano, o Bispo Dom Roberto Pinarello de Almeida, destacou o padre, Joaquim Justino Carreira, reitor do Seminário Diocesano para que iniciasse os trabalhos e preparasse a instalação da Paróquia de São Francisco.

O pequeno local cedido pelas Irmãs se demonstrava insuficiente, e assim a Congregação resolveu oferecer o terreno para a construção do Centro Paroquial São Francisco de Assis.

O projeto da nova paróquia foi do arquiteto Jefferson Nerasti.

A Paróquia localiza-se no centro de vários bairros periféricos de Campo Limpo Paulista que formam a comunidade paroquial: Jardim Santa Maria; Conjunto Habitacional São José I e II; Jardim Europa; Jardim Santo Antônio I e II; Parque Internacional; Jardim Califórnia; Jardim Marchetti; Jardim Santiago; Pau Arcado e o Distrito de Botujuru.

Atualmente, a Paróquia tem como padre Luiz Marin, e como diáconos, João Silvestre da Rosa para a comunidade de Jardim Europa, e Antônio Cláudio Rodrigues para a comunidade de Botujuru.

No dia 4 de outubro é realizada a festa tradicional da Paróquia, comemorando o Padroeiro São Francisco de Assis.

Registros da Igreja

Extraídos do livro de tomo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, seguem fragmentos de registros históricos da vida religiosa de Campo Limpo Paulista, datados de 19/03/81:

" Os primeiros moradores construíram uma capela que em 1895 foi restaurada, recebendo escadaria, torre e sinos... (esquina da Rua Nossa Senhora do Rosário com a Rua dos Ferroviários).

Outras Capelas foram surgindo pelos bairros do Moinho, Campo Verde e Botujuru.

As Irmandades eram a do Rosário, Apostolado da Oração, ...União dos Filhos de Maria, Congregação Mariana, Vicentinos, Damas de Caridade e Cruzada Eucarística...

Celebrava-se a festa da Padroeira a 7 de outubro com novena, Natal com novena, a Semana Santa, o mês de maio e o mês de outubro. Havia também quermesses animadas....

Até o final de 1922 a capela pertencia à Paróquia de Jundiá e à Arquidiocese de São Paulo... A 13 de dezembro de 1922 foi criada a paróquia de Nossa Senhora da Conceição na Vila Arens, à qual passou a pertencer a Capela de Campo Limpo. Os padres salvatorianos da Vila Arens vieram prestar seu ministério na capela e nas capelas filiais. A missa era realizada uma vez por mês. A partir de 1953 a capela passou aos cuidados dos padres salvatorianos do Sítio São José de Várzea Paulista..., no dia 16 de abril esteve na capela Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, auxiliar do Cardeal Arcebispo de São Paulo. Crismou-se nesse dia 389 pessoas. No dia 27 de novembro de 1955, Dom Paulo Rolim Loureiro, outro auxiliar do Cardeal Arcebispo, benzeu a pedra fundamental da nova igreja. Em 1955 começou a vir a Campo Limpo o padre Vilfrido, salvatoriano..., sempre, até o ano de 1960. Por seu intermédio a família Olegário Brandão doou o terreno para a nova igreja (na Vila Thomasina). Ele também, ajudado pelo padre Pio, acompanhou as obras até o telhado, o madeiramento foi doado pela Krupp, a pedido do padre Vilfrido. Além dos padres salvatorianos, prestaram relevantes serviços à capela e às capelas os padres capelães do Convento. Destaque especial merece o Frei Dagoberto Romag... Chegou ao Convento no dia 02 de outubro de 1959, vindo de Petrópolis onde era professor no Convento dos Franciscanos, escrevendo uma apreciada história da igreja em dois volumes.

... Ajudou muito no ministério da capela e encaminhou diversos jovens para o seminário de sua ordem. Um é o frei Vitório, já sacerdote. Também o padre João Bucher ele ajudou muito. Ele era vigário de Belém, atual Francisco Morato. Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria chegaram aqui no dia 29 de setembro de 1945. Sempre como ainda agora vêm ajudando, principalmente na catequese e nas comunidades de base. Entre elas destaca-se a irmã Fátima. Foi ela quem conseguiu da família Tavares um terreno para a nova igreja. Dom Paulo Rolim preferiu o terreno doado pela família Olegário Brandão. Este terreno ou melhor aquele terreno da Vila Tavares foi posteriormente vendido. Outras irmãs dedicaram-se ao catecismo paroquial e escolar. Destaque merece a irmã Terezinha.

... Leigos que se destacaram... nas obras da capela: Manoel Tavares da Silva e seu filho João; Joaquim Pedroso e João Gabriel; os chefes da estação, Luis Silveira, Maximino Rocha e Siqueira.

As santas missas na capela eram celebradas uma vez por mês, geralmente com batizados. Nas capelas só de quando em quando. Casamentos eram raros. Todos os anos havia a primeira eucaristia.

... Em 1960 o padre Policarpo, salvatoriano, começou a celebrar na nova igreja. Entre 1960 e 1962 o piso foi atijolado. O forro foi colocado em 1966. Já antes, em 1962, os bancos foram colocados.

A casa paroquial é de 1962. Até o dia 7 de novembro de 1966 Campo Limpo pertencia à Arquidiocese de São Paulo. Nessa data foi criada a Diocese de Jundiá e nomeado o primeiro bispo, Dom Gabriel Paulino do Couto, carmelita, que tomou posse a 6 de janeiro de 1967... A partir de 1972 era auxiliar Dom Roberto Pinarello de Almeida, até o dia 6 de agosto de 1980, quando a Santa Sé o designou bispo coadjutor com direito à sucessão em Jundiá.

A criação da paróquia de Campo Limpo foi no dia 21 de abril de 1960, dia da inauguração de Brasília. Criada a paróquia ainda continuaram a vir a Campo Limpo os padres salvatorianos do Sítio São José, o Frei Dagoberto e outros. A nomeação do primeiro vigário, padre Daniel Hubert Janssen, holandês, só ocorreu no dia 11 de junho de 1962. A instalação da paróquia e a posse do padre Janssen foi no dia 8 de julho de 1962, por Dom Paulo Rolim Loureiro e assinou a ata juntamente com os padres Alberto..., vigário de Vila Arens, Frei Dagoberto, João Bucher, Gabriel..., provincial dos salvatorianos e alguns leigos.

A Festa de São Gonçalo – uma tradição popular

As informações sobre essa festa são dadas por dona Lourdes do Carmo Aleixo Nascimento, de 57 anos, dos quais 48 vividos em Campo Limpo Paulista.

Lembra que seus avós, Pedro da Cunha e Benedita Maria de Jesus eram de Atibaia e transferiram-se para Jarinu. Participavam da Festa de São Gonçalo, assim como seus pais, Benedito e Maria do Carmo Aleixo, cuja tradição passa de geração para geração. Além de sua família, dona Lourdes cita dona Maria, no Parque Internacional, e o sr. Antônio em Botujuru, como festeiros de São Gonçalo.

As festas são realizadas sábado à noite, com rezas, danças e cantorias que avançam pela madrugada, não terminando antes das 5h30. Não há um período certo para a festa que só não ocorre durante a quaresma. Os preparativos ocupam todo o sábado. O altar é feito de papel crepom colorido e o local da festa é enfeitado com bandeirinhas de papel e bambus.

Tem também fogueiras e fogos de artifício, como numa festa de São João.

A janta tem horário certo para terminar: 20 h. Depois disso são servidos bolos, doces, café, quentão, vinho quente e lanche pela madrugada.

Os alimentos são doados especialmente para serem consumidos na reza. Não pode faltar comida, se isso ocorrer o dono da casa deve completar. Caso sobrar, os alimentos devem ser doados para alguma família carente.

A festa é aberta a todos os devotos e às pessoas que desejam assistí-la, sem restrição. Os rezadores ou folgazões são em número de oito, tocam viola e cantam durante a festa. São seis voltas de cantorias, três para as mulheres e três para os homens, acompanhadas por dois folgazões. Os devotos são impulsionados pela fé, por graças recebidas em promessas feitas a São Gonçalo.

Embora muitos antigos participantes tenham falecidos, dona Lourdes realça que a fé não acaba nunca e a reza é transmitida de pai para filho. Quando eventualmente quebra uma imagem, ela é trocada no Santuário de Nossa Senhora Aparecida ou em Bom Jesus de Pirapora. As promessas a São Gonçalo, como vimos transformam-se em festas comunitárias. Os devotos recolhem as doações para a comida da festa, cuja reza vai até o dia seguinte.

Dona Lourdes não sabe dizer se a Igreja aprova a festa, no entanto consta que o catolicismo proibiu esta dança.

Sendo uma dança de caráter religioso, há muito respeito. O dono da casa, antes do início da reza apela aos presentes, solicitando-lhes o respeito devido, para não haver risadas, namoros e que não fumem no salão “porque é uma dança de respeito e de religião”.

Há relatos que, São Gonçalo do Amarante viveu e morreu durante o século XII d.C. em Douro, Portugal. Era um homem comum, trabalhador, construiu uma Igreja de Nossa Senhora em cima de um rochedo, e diversas pontes sobre rios. Dedicou-se a fazer o bem e a transmitir o amor de Deus. Nas suas peregrinações levava consigo uma viola, invocava o povo através de suas melodias, tocadas nas rodas de danças formadas ao ar livre. Há também uma versão de que foi um padre português, que celebrava a missa com uma viola e, ao encerrá-la, pedia a todos que dançassem.

Em Portugal, a imagem de São Gonçalo não aparece com a viola na mão, esta é uma criação brasileira. Os violeiros tem São Gonçalo como seu padroeiro - “porque é um santo folião”.

“São Gonçalo do Amarante
protetor dos violeiro
Venha beijá São Gonçalo
que é o santo casamenteiro”

Diz também a lenda que o santo é casamenteiro das velhas:

“São Gonçalo do Amarante
casamentêro das velhas
fazei casar as moças
que mal fizéro elas ?”

Igrejas Evangélicas em Campo Limpo Paulista

Em Campo Limpo Paulista há várias Igrejas Cristãs, e é expressivo o número de evangélicos na cidade.

Nos primeiros dias do novo Município, em 1965, Campo Limpo contava com apenas três templos evangélicos: Igreja Cristo do Brasil, Assembléia de Deus e Igreja Brasil para Cristo.

Na época, o farmacêutico Romualdo de Assis, assinava no “O Jornal de Campo Limpo” uma coluna evangélica.

No Brasil, país eminentemente católico, depois da II Guerra Mundial, devido a um intercâmbio mais intenso com os países anglo-saxônicos, começaram a se difundir doutrinas religiosas de Igrejas cristãs, não católicas que se baseiam na autoridade soberana da Bíblia em matéria de fé, na força de testemunho interior do Espírito Santo, pelo qual o crente aprende a palavra de Deus, que se manifesta nos livros sagrados, e na crença da salvação pela fé que é dom de Deus.

Os representantes de todas as denominações das Igrejas da cidade, ou sejam, os pastores se reúnem no “Conselho dos Pastores” uma vez por mês para definir os planos de atuação e de confraternização, em todas as áreas de trabalho. O atual presidente do Conselho é o pator Valdemir Campos Rocha.

A “Semana Evangélica”, um evento instituído com o apoio do atual prefeito em Campo Limpo Paulista, é antecipada ao “Dia da Bíblia”, que oficialmente se realiza no segundo domingo do mês de dezembro em todo o País. O encerramento dessa semana se dá justamente no “Dia da Bíblia”, com um grande evento no estádio da cidade, e chega a reunir aproximadamente cinco mil pessoas.

Dentre as inúmeras igrejas, são mencionadas três, embora todas tenham importância na história da cidade:

Igreja Batista

Iniciou seus trabalhos em 1966, com o pastor Benedito Peçanha, auxiliado por sua irmã. Em seguida, no ano de 1968, substituindo o pastor Peçanha, Armando Ferreira da Silva com a família deram continuidade ao trabalho batista na Rua Dama da Noite, no Parque Internacional. Nessa época, o responsável da Igreja Batista de Vila Zatt era o pastor Motta.

Em 1971, foi organizada uma congregação batista, na Av. Amazonas, nº 3.066 (atual Av. André Garcia), pertencente à Igreja Batista de Vila Zatt, no bairro de Pirituba – São Paulo.

Em 1985, na Igreja Batista do Calvário é organizada uma outra congregação, tendo como pastor Jessé Geraldo Cerqueira.

Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Perus

A Igreja se instalou em Campo Limpo Paulista por volta de 1962. Hoje, só na região há onze Igrejas, que se espalham nos bairros do Pau Arcado, Parque Internacional, Santa Maria, São José II, Jardim Europa, Jardim Marsola, Jardim Laura, Lagoa Branca, Jardim Santa Lúcia, Promeca, Jundiá Mirim, Mato Dentro e Nova Trieste. A sede das Igrejas encontra-se em Campo Limpo Paulista, no Jardim Santa Lúcia, cujo pastor é Valdemir Campos Rocha, e filiadas a ela estão as Igrejas de Jarinu, Jundiá e Várzea Paulista.

A Igreja Assembléia de Deus de Campo Limpo Paulista depende do Ministério de Perus, que é vinculado à Madureira, no Rio de Janeiro.

Os pastores que permaneceram por mais tempo na cidade: João de Campos, um dos primeiros, João Vitorio e Manoel Campos Rocha.

Os eventos mais importantes da Igreja são: o “Aniversário da União Feminina” que se realiza uma vez por ano, no último final de semana de julho, e conta com o “Conjunto Vocal das Irmãs”, com 250 mulheres, e o “Congresso da Mocidade”, também anual, que se realiza na primeira semana de maio.

Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Belém

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus foi fundada no dia 07 de março de 1983, pelo pastor José Amaro da Silva em Campo Limpo Paulista, na Rua Itália, nº 434, Jardim Europa. O presidente nacional da Assembléia de Deus no Brasil é o pastor José Wellington Bezerra da Costa.

Passado 19 anos de trabalho foi erguido um novo templo-sede, com uma dimensão de 15 x 25 metros, localizado na Rua Rio Tiête, nº 126, Jardim Santo Antônio.

Hoje a Igreja possui 13 congregações situadas em diversos bairros como: Jardim Santa Lúcia, Jardim Guanciale, Jardim Vista Alegre, Jardim América, Jardim Marchetti, Jardim Brasília, Conjunto Habitacional São José I e II, Jardim Santo Antônio II, Botujuru, Parque Internacional, Iara e bairro do Pau Arcado, com um total de 1.500 membros e congregados, entre eles pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos e cooperadores, que estão sob a liderança do pastor Ângelo F. dos Santos.



Capela de Santo Antônio, em Botujuru, dezembro de 1940



A capela de Nossa Senhora do Rosário, já desativada, e sede da Sociedade São Vicente de Paulo



Antigo Noviciado das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria



Primeira Comunhão no G. E. M. Francisco Monlevade



O sacristão Orestes Ferrari registrou mais uma Primeira Comunhão, ainda na década de 40



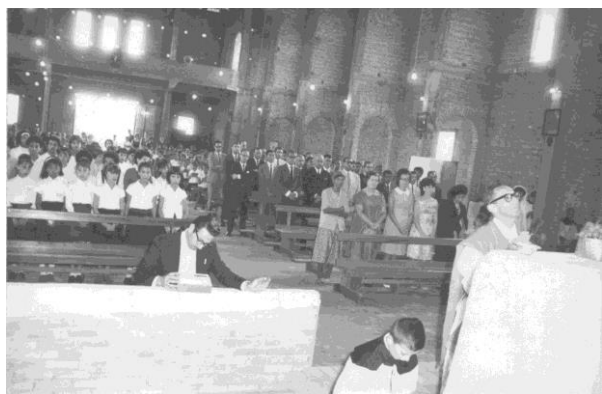
A procissão de Nossa Senhora do Rosário, com a participação dos Congregados Marianos e as Filhas de Maria



Capela abandonada na Fazenda Santa Paula, em Botujuru



Capela abandonada na Fazenda Santa Paula, foto tirada pela fresta da porta, que está trancada



O pároco padre Sebastião Santana



Capela de Nossa Senhora do Carmo, bairro do Pau Arcado



Capela de Santa Lúcia, no Jardim Santa Lúcia



Paróquia São Francisco de Assis, Parque Internacional



Paróquia Nossa Senhora do Rosário



Capela em forma de arca, no Acampamento Betel



Central da Igreja Assembléia de Deus –
Ministério do Belém, Jardim Santo Antônio



Igreja da Congregação Cristã no Brasil,
Jardim Marchetti



Central da Igreja Assembléia de Deus
Ministério de Perus, Jardim Solange

XVIII - Educação

No Brasil, o direito à educação é assegurado por lei. O poder público, seja ele federal, estadual ou municipal, é obrigado a fornecê-lo. A lei também assegura à iniciativa privada a liberdade de ensino em qualquer grau, desde que os estabelecimentos sejam legalmente autorizados e reconhecidos.

Tornando-se emancipado da cidade de Jundiá em 1965, da qual era um distrito, Campo Limpo Paulista, na época com apenas 5.044 habitantes sendo 3.539 na zona urbana e 1.505 na rural, entre as várias responsabilidades que a municipalização comportava, herdou também a obrigação de colaborar com o Estado na educação de seus jovens.

Para isso contava com uma rede de estabelecimentos de ensino formada pelo G. E. Dr. Francisco Monlevade, a mais antiga escola do novo Município, com 9 salas de aulas, e as escolas no Moinho (2 salas de aula, 1 funcionando), na Estância São Paulo (1 sala), no Campo Verde (1 sala), em Botujuru (2 salas) e na Figueira Branca (1 sala).

O número de habitantes alcançava 5.044. Uma projeção demográfica, considerando o índice de então, apontava para o ano 2.000, uma população de 30.634 habitantes. O censo de 2.000 indicava, entretanto, para um número que dobrava com sobras, àquele previsto pela projeção demográfica.

Se esta projeção tivesse sido levada em conta no tempo em que foi realizada para projetar a rede de ensino municipal, para um futuro próximo, hoje o déficit educacional alcançaria um nível de grandes proporções.

Mas isso não aconteceu. Os administradores que se sucederam, compreenderam que não era apenas o índice demográfico a exercer influência sobre a quantidade populacional. Era necessário levar em conta a industrialização que ia se delineando, acarretando um fluxo imigratório no território municipal, com a conseqüente formação de novas camadas sociais.

Esse raciocínio que considerava o futuro, e não apenas o presente, criou os alicerces da política municipal para a habitação, a saúde e, neste caso, para a educação.

A atual política educacional da Administração busca, cotidianamente, capacitar os professores da rede municipal, mediante cursos, palestras e seminários, de forma a mantê-los pedagogicamente atualizados.

O Ensino Fundamental foi amplamente municipalizado na administração do dr. Luiz Antonio Braz, que, de 70 alunos, em 1997, passou para mais de 7.000 alunos em 2002.

Pode-se avaliar, através de uma declaração da Secretária de Educação do Município, o quanto essa política tenha sido acertada e previdente:

“O Município de Campo Limpo Paulista possui 70 mil habitantes e o seu investimento em educação tem sido significativo nos últimos anos, de modo a erradicar de vez o analfabetismo, haja vista as preocupações da administração com a oferta de ensino na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), permitindo a continuidade de seus estudos no nível básico, isto é, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Por outro lado, existe a preocupação em se definir uma linha de trabalho pedagógico que realmente tenha como foco a melhoria da qualidade do ensino ministrado”.

As Escolas Municipais - 2002

EMEFEI LÁZARO GAGO - (Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil) - Criada em 1951, como Escola Mista do Bairro Campo Verde, sendo a sua primeira professora Agnes Thereza Dolce da Silva. Na gestão do prefeito Adherbal da Costa Moreira, foi construído o prédio escolar que hoje, na gestão do atual prefeito, Dr. Luiz Antônio Braz, está sendo ampliado e reformado. O terreno para a construção do prédio foi doado por Lázaro Gago. Em 1997, foi municipalizada, assumindo a denominação atual. Tem 2 classes com 68 alunos. A diretora atual é a prof^o Aparecida Dalva de Camargo Stein Lusvarghi.

EMEF JARDIM LAURA - Da união de 3 primitivas escolas, municipalizadas em janeiro de 2000, surgiu a atual. O nome é aquele da filha de Luiz Martucci, que sendo o primeiro proprietário das terras do bairro, doou o terreno para a construção do prédio escolar. Em suas dependências funcionam 6 classes em 2 períodos: 1 para a Educação infantil, 1 para a pré-escola e 4 para as 4 séries iniciais do Ensino Fundamental. Os alunos matriculados nessa unidade escolar totalizam 128. A sua primeira diretora foi a profª Janete Yatim Vaz, e a atual, profª Aparecida Dalva de Camargo Stein Lusvarghi.

EMEF BAIRRO DO MOINHO - Na década de 50 foi criada a Escola Mista de Emergência da Fazenda do Moinho. Em 1970, a escola foi transformada em Escola Isolada da Fazenda do Moinho, e municipalizada em 2000, assumindo a atual denominação. Funciona em 2 períodos com 3 classes em cada um. Os alunos matriculados totalizam 113, dos quais 21 na Educação infantil. Sua primeira diretora foi a profª Aparecida Dalva de Camargo Stein Lusvarghi, e a atual é a profª Alzira Bezerra Barbini.

EMEF VEREADOR JOSÉ DE SOUZA CHARRUA - Criada e inaugurada em 2 de agosto de 1999 no Distrito de Botujuru. O nome foi uma homenagem ao primeiro vereador eleito pelo bairro. Os alunos matriculados são 610, distribuídos em 8 salas em 2 períodos; tem também uma classe no período noturno de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sua diretora é a profª Janete Yatim Vaz.

EMEF NAIR RONCHI MARCHETTI - Fundada em janeiro de 1981, foi municipalizada no dia 3 de abril de 2000, assumindo a atual denominação. A escola administra o Ensino Fundamental da 1ª até a 4ª série, e 1 sala para Educação de Jovens e Adultos (EJA). Conta com 29 salas de aula nos 3 períodos (manhã, tarde e noite) para 1035 alunos matriculados, distribuídos nos referido períodos. O nome da Escola é uma homenagem à sra. Nair Ronchi Marchetti que doou o terreno onde foi construído o prédio escolar. A diretora atual é a profª Virginia Rodrigues de Melo.

EMEF VILA CONSTANÇA - Criada em 24 de fevereiro 1993, foi municipalizada em 19 de março de 1999, quando passou a ter a denominação atual. Atende aproximadamente 280 alunos do Ensino Fundamental da 1ª até a 4ª série. A sua primeira diretora foi a pedagoga Alzira Bezerra Barbini, e a atual é a profª Doralice de Almeida Pereira.

EMEF GOVERNADOR ANDRÉ FRANCO MONTORO - Com o nome de EEPG de Vila Ipê, iniciou seu funcionamento em 23 de fevereiro de 1981. Assumiu a denominação atual em ocasião de sua municipalização que se deu em 3 de janeiro de 2000. Sua modalidade corresponde ao atendimento da EJA (Educação de Jovens e Adultos), Educação Infantil, e Ensino Fundamental até a 4ª série do 1º grau. Os alunos matriculados totalizam 345 assim divididos: 42 na pré-escola, 214 da 1ª até a 4ª série, 15 do Projeto Aprender (EJA), e 74 da Estação Criança, estes últimos freqüentam a escola num horário oposto às aulas, num curso que tem a duração de 6 meses. Sua diretora atual é a profª Edilene de Jesus Guedes Lima.

EMEF FIGUEIRA BRANCA - A escola foi fundada por volta de 1957, contando nesta época com uma comunidade de imigrantes alemães. No início era denominada “Escola Isolada Estância Figueira Branca”, passando em 1987 para “Escola Agrupada Estância Figueira Branca”, e tinha como diretora a profª Maria Helena Krause. Com o processo de municipalização das escolas estaduais de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, em dezembro de 1999 assumiu a atual denominação. Hoje conta com 6 salas de aula para um total de 160 alunos matriculados, divididos em dois períodos, manhã e tarde. A atual diretora é a profª Anésia M. C. de Souza.

EMEF GOVERNADOR MÁRIO COVAS - Municipalizada em 9 de maio de 2001. Tem 37 salas em funcionamento para o Ensino Fundamental da 1ª a 4ª série para aproximadamente 1200 alunos. A diretora é a profª Nivania Marino de Castro.

EMEF MÁRIO PEREIRA PINTO - Escola municipalizada em 4 de fevereiro de 2002. Funciona em dois períodos, da manhã e da tarde, atendendo 425 alunos da 1ª a 4ª série, distribuídos em 14 salas de aula. O nome da escola é uma homenagem ao sr. Mário Pereira Pinto, antigo morador da cidade. A escola foi construída em 1978. Sua diretora é a profª Salete Regina Casarin Anselmo.

EMEF PROF. LUIZ DE CARVALHO - A escola foi inaugurada em 29 de março de 1988 na administração do prefeito Bruno Patelli, e atende crianças da 1ª a 8ª série, num total de 617 alunos matriculados. Para isso dispõe de 10 salas para 2 períodos, manhã e tarde. A escola recebeu o nome, inicialmente, de EEPG da Vila Chacrinha, e posteriormente, o de EE Prof. Luiz de Carvalho, uma homenagem a esse professor que prestou relevantes serviços educacionais à região. Foi o primeiro diretor do Monlevade.

A escola, nesse ano de 2002, passou de EE para EMEF, pois foi municipalizada no dia 1º de fevereiro desse mesmo ano. A escola atende ainda 3 classes da pré-escola, em 3 períodos, num total de 73 alunos. A diretora atual é a profª Raquel Cristina da Silva Martini.

EMEF OSWALDO GRANDIZOLI - A escola foi fundada no dia 3 de fevereiro de 1992 e municipalizada em 4 de fevereiro de 2002. Administra cursos que vão da 1ª a 8ª série, em 6 salas de aula, totalizando 15 classes para os 478 alunos matriculados, divididos em 3 períodos (manhã, tarde e noite). O nome da escola é uma homenagem a Oswaldo Grandizoli, vereador da cidade de 1973 a 1976. A atual diretora é a profª Maria Rosa Ziviani Pagna.

EMEF DR. FRANCISCO MONLEVADE - Esta escola é registrada com destaque, pois foi o estabelecimento de ensino pioneiro da cidade; a escola onde se forjou o caráter de gerações de campo-limpenses, alguns dos quais se transformaram em figuras de proa na campanha para a emancipação de Campo Limpo Paulista, como também, foram conduzidos pela vontade popular para o mais alto grau da administração do Município, como é o caso dos ex-prefeitos Mitiharu Tanaka, Alcebíades Pardal Grandizoli, Bruno Patelli e José Roberto de Assis.

Mas, a escola Dr. Francisco Monlevade não lembra apenas alunos ilustres, lembra também figuras carinhosas, como aquela de Maria Aparecida de Lima, mais conhecida por todos como “Dona Mariquinha”, que representa um símbolo de afeto na lembrança de todos aqueles que passaram por seus bancos escolares, como também de Hilda Spinucci Castilho. São pessoas estas que sempre acreditaram no papel do ensino e colaboraram na formação e educação de muitos campo-limpenses.

Tudo começou em uma casa situada na Rua Felícia Pereira Pinto, bem em frente à estação ferroviária, onde funcionava provisoriamente a Escola Mista do bairro de Campo Limpo. A escola contava apenas com duas salas de aula, de 1ª a 3ª série do primário, modo como então era chamado o curso de 1º grau. Para concluir o curso, ou seja, a 4ª série, era necessário freqüentar uma outra escola no centro da cidade (de Jundiáí, já que Campo Limpo era apenas um bairro distante).

Depois de algum tempo a Escola Mista passou a chamar-se Grupo Escolar Dr. Francisco Monlevade, como homenagem ao engenheiro da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, cujo trabalho, além daquele de engenheiro, estava voltado para o ensino aos funcionários da Companhia.

Com o decorrer dos tempos a escola iniciava o seu caminho de progresso, e, em 1946, se formava a primeira turma da 4ª série. Já em 1951, inaugurava-se o novo prédio do Grupo Escolar, sempre nas proximidades da estação ferroviária, na rua Maria do Carmo Cardoso, onde está até hoje. Isso se deu pelo esforço do seu primeiro Diretor, professor Luiz de Carvalho, do Delegado de Ensino, prof. Augusto Guelli, pela colaboração dos moradores e, pela doação de parte do terreno para a construção do novo prédio, sede do Grupo Escolar, pelos irmãos Joaquim e Mário Pereira Pinto, associados com o Estado.

Com as novas instalações aumentou o número de alunos, aproximadamente 600, vindos de todas as vilas do bairro de Campo Limpo (Pau Arcado, Moinho, Campo Verde, Botujuru, etc), pois o Grupo Escolar era a única escola do bairro.

Apesar do número de alunos que freqüentavam a escola, o quadro de funcionários era pequeno, pois havia somente dona Mariquinha, e um servente para cuidar da limpeza e organização da escola, além do Diretor e dos professores.

Do antigo Grupo Escolar sobraram muitas recordações e saudades. Hoje municipalizada, a EMEF Dr. Francisco Monlevade abriga 1200 alunos, distribuídos em 38 salas, de 1ª a 5ª série, e possui, além da sala dos professores, refeitório, secretaria e demais dependências, também sala de vídeo e informática.

A escola conta ainda com um “coral”, formado por alunos, que resgatou num CD, o hino da cidade, há muito tempo esquecido.

Escola pioneira, o Monlevade, como é chamada carinhosamente pela população da cidade. Acreditando no trabalho árduo e no respeito, na dedicação e na solidariedade, e, acima de tudo, no amor continua formando cidadãos honestos, competentes, autoconfiantes e solidários.

Uma declaração de amor à Monlevade, dada pela sua diretora, professora Inês Castillo Bueno

“É uma satisfação e ao mesmo tempo uma grande responsabilidade ocupar o cargo de diretora da escola pioneira da rede de ensino da cidade. A educação administrada hoje não é evidentemente igual àquela por nós recebida, afinal os tempos mudaram.

Hoje existe uma ligação, poderíamos classificá-la mais afetiva, íntima entre docentes e discentes, ou seja, entre mestres e alunos. A integração escola-aluno-pais é mais estreita, mais unida, e esta união é que forma o cidadão consciente de seus direitos e deveres.

É este o papel da escola ao qual me dedico, já que mais que um trabalho, o considero um dever comigo e com a sociedade, relacionado com a profissão que escolhi.

Quero agora ressaltar que comecei justamente aqui o meu caminho escolar, no Monlevade em 1956, cursando a pré-escola, e foi aqui que cursei até a 4ª série. Aqui retornei como professora, em seguida como vice-diretora, e desde o 1996 ocupo com muita honra e orgulho o cargo de diretora ”.

O depoimento de uma saudade – “Dona Mariquinha”

Para muitos campo-limpenses dona Mariquinha é o símbolo de uma época feliz. Representa a época verde da vida, quando se pode deslumbrar um amplo horizonte de oportunidades, sem se preocupar com os percalços que nos esperam no decorrer da vida. Enfim, representa a despreocupada juventude.

Conversar com ela é como folhear um álbum de antigas fotografias, que, se nos deixa surpresos, deixa também traços de sombra permeados de um sentimento de doce saudade.

Maria Aparecida de Lima, esse é o verdadeiro nome de dona Mariquinha. Paulista, tendo nascido em 1920, em São João da Boa Vista. Com apenas 3 anos de idade, com os pais, transferiu-se para a Capital, onde foi criada. Mais tarde conheceu o seu futuro marido, Benedito Maria de Lima, na fábrica onde os dois trabalhavam.

Casaram-se em 1937, e logo em seguida se mudaram para Campo Limpo onde o seu marido tinha conseguido um emprego na antiga Estrada de Ferro São Paulo Railway.

Nas eleições de 1950, o marido conseguiu para dona Mariquinha um emprego na Escola Mista de Campo Limpo, a futura Monlevade, onde começou a trabalhar em 1953 aposentando-se em 1983, depois - como ela mesma diz com satisfação - de 30 anos e 5 meses.

Quando dona Mariquinha lembra esses 30 anos, é que a sua memória, apesar dos 82 anos vividos, começa a desenrolar com perfeição de detalhes, fatos e acontecimentos.

“Fazia faxina, matriculava alunos, coava café, cozinhava e até controlava o livro de ponto. Era também dentista quando era necessário aliviar uma dor de dentes nos alunos, enfermeira para socorrer e quando alguém se machucava nas brincadeiras. Durante um ano inteiro tive que trabalhar sozinha, depois é que contrataram funcionários para ajudar-me nas tarefas”.

Gosta de lembrar com um sorriso nos lábios, as peraltices dos garotos, que para ela continuam sempre os garotos daquela época, mesmo que, com o decorrer do tempo, tenham se transformado em homens maduros.

“Zé Roberto (é assim que para ela continua chamar-se José Roberto de Assis, ex-prefeito da cidade), era muito desenvolvido para a sua idade. Gostava de ficar no corredor, onde para brincar passava o pé nos menorzinhos.

Um outro prefeito, Alcebíades Grandizoli, que dona Mariquinha lembra como “Pardal”: “era danado. Um dia com sua bola, jogando futebol, quebrou uma vasilha na escola. Como castigo apreendi a bola. Começou a chorar desesperado até consegui-la de volta. Foi a professora Helena Pereira Pinto, que depois de um sermão a devolveu, mas somente na hora da saída”.

Agora um sorriso aflora no rosto de dona Mariquinha, quando lembra das puxadas de orelha que aplicava nos alunos mais peraltas: “mas não eram muito fortes, serviam apenas para ensinar. Me fazia de brava, mas na verdade não era. Ainda hoje, quando revejo antigos alunos da escola, muitos brincando me perguntam se continuo brava e se ainda puxo as orelhas...!”.

Mas dona Mariquinha, na Escola Dr. Francisco Monlevade, não representava apenas a disciplina, representava também o refúgio seguro para todos aqueles que precisavam de uma palavra amiga e de compreensão, e é sobre esse seu aspecto que ela, comovida, nos fala:

“Até hoje, uma antiga aluna passa aqui em casa e me abraça chorando. Quando ela era pequena tinha problemas com os pais. Quando a via, aqui na escola chorando nos cantos, era sempre eu que procurava consolá-la, cuidando afim que o sorriso voltasse em seu rosto”.

Neste depoimento de dona Mariquinha, quantas lembranças voltam à nossa memória, e quanta saudade...!.

O Patrono da EMEF Dr. Francisco Monlevade

O Engenheiro da Ferrovia

Chamava-se Francisco Paes Leme de Monlevade, e entrou para a história da ferrovia brasileira como Engenheiro Monlevade. Seu nome hoje batiza escolas, ruas, locomotivas... Mas afinal, quem era e o que fez esse engenheiro?

Carioca em São Paulo

Nascido no Rio de Janeiro, em 1860, Monlevade estudou engenharia na Escola Politécnica de sua cidade natal. Formado em 1882, passou a trabalhar nos Estaleiros da Ponta de Areia. Emprestou seu talento para algumas empresas, até chegar à Companhia Paulista de Estradas de Ferro em 1897.

Chefe de Locomoção

Na Companhia Paulista, onde fez carreira, começou como chefe de locomoção em 1906, após a saída do engenheiro Manoel Pinto Torres Neves, assumiu o cargo de Inspetor Geral, o responsável da parte técnica e operacional da empresa. Exerceu tal função até 1925 quando aposentou-se.

Dormentes novos

Dentre as novidades que implantou na Paulista, conta-se a instalação de dormentes de madeira assentados sobre pedras e não mais sobre argila. Além de mais resistente, a base de pedra não fazia o trem deixar um rastro de poeira onde passava. Mas seu grande projeto técnico estava por vir: a eletrificação dos trens.

Sem Energia

Já em 1916, Monlevade percebia que a lenha usada para as locomotivas (as antigas maria-fumaça) estava ficando cada vez mais cara e inviável. O engenheiro passou então a estudar o uso da energia elétrica nos trens. Percorreu diversos países pesquisando a eletrificação.

Até Campinas

Em 1921, o primeiro trecho eletrificado da Paulista foi inaugurado. Ia de Jundiaí a Campinas. A empresa foi ampliando a tração elétrica pelo interior do Estado e transformou-se em referência nacional para outras ferrovias.

Muitas Homenagens

Depois de aposentado continuou trabalhando em projetos sociais. Uma de suas grandes preocupações era a educação, e desde os tempos da ferrovia, lutou para que a empresa investisse na formação de seus profissionais, Monlevade faleceu em 23 de novembro de 1944, em São Paulo, e foi enterrado no cemitério Nossa Senhora do Desterro, em Jundiáí, a cidade que ele adotou.

Ferrovário e Professor

Um cidadão que não pode ser olvidado é Vitalino de Oliveira Júnior, ferrovário da SPR, onde exercia as funções de escriturário. Homem culto, acostumado à leitura, e esportista, era centroavante do Nacional A. C. No período noturno, após cada dia de trabalho, dedicava-se a alfabetizar os moradores do então Bairro de Campo Limpo.

As Escolas Municipais de Educação Infantil - 2002

Essas escolas, como o significado do nome indica, são reservadas à pré-escola, para alunos de 5 a 6 anos, e tem como objetivo tornar acessível a todas as crianças, indiscriminadamente, informações de cunho pedagógico e cultural, de maneira a promover o desenvolvimento e a inserção social dos alunos.

A Educação Infantil cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação. Oferece às crianças condições para que a aprendizagem ocorra através de brincadeiras e de situações pedagógicas intencionais ou orientadas pelo educador. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de naturezas diversas, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil.

Escolas Municipais de Educação Infantil

EMEI Ana Justino Ferreira Néri - Av. São Paulo, 19 - Jardim Santa Lúcia - Homenagem à heroína e primeira enfermeira do Brasil, criada pelo Decreto 1.406, de 10/07/1980.

EMEI Dom Bosco - Av. Alfried Krupp, s/nº - Jardim Europa - Homenagem ao frei italiano Dom Bosco, que realizou inúmeros trabalhos com crianças e jovens na área da educação, criada pelo Decreto 1.127, de 30/08/1978.

EMEI São José - Rua Valter Pacheco, 180 - Conjunto Habitacional São José. Início das aulas em 02/02/1980.

EMEI Vereador André Zilioli - Rua 1º de Dezembro, s/nº - Jardim Marsola - Homenagem ao sr. André Zilioli, vereador da 3ª Legislatura, o qual ocupou a Presidência da Câmara Municipal desta cidade, início das aulas em 15/02/1975, Decreto 1.616, de 22/09/1981.

EMEI Parque Internacional - Rua Dama da Noite, s/nº - Parque Internacional - Início das aulas em 02/02/1980.

EMEI Vila Ipê - Rua Pedro Lobo, s/nº - Vila Firenze – Botujuru - Recebe o nome do bairro onde esteve instalada antes da transferência à EMEF André Franco Montoro. Início das aulas em 02/1993.

EMEI Vila Chacrinha - Rua das Américas, s/nº - Vila Chacrinha – Botujuru - Esta escola está localizada nas dependências da EMEF Luiz de Carvalho. Início das aulas em 02/1991.

EMEI Estância Figueira Branca - Estrada da Figueira Branca, s/nº - Figueira Branca - Esta escola está localizada nas dependências da EMEF da Figueira Branca. Início das aulas em 02/1990.

EMEI Jardim Laura - Av. da Integração, s/nº - Jardim Laura - Esta escola está localizada nas dependências da EMEF do Jardim Laura.

EMEI Vila Constança - Rua Águas da Prata, 1162 - Vila Constança - Botujuru - Esta escola está localizada nas dependências da EMEF da Vila Constança. Início das aulas em 02/1994.

EMEI Lázaro Gago - Estrada Aksel Ernits, 2117 - Bairro Campo Verde - Homenagem ao sr. Lázaro Gago, pioneiro morador do bairro, que doou o terreno à escola. Esta escola está localizada nas dependências da EMEF Lázaro Gago. Início das aulas em 02/1991.

EMEI Bairro do Moinho - Estrada do Moinho, 2300 - Bairro do Moinho - Esta escola está localizada nas dependências da EMEF do Bairro do Moinho.

EMEI Dr. Francisco Monlevade - Rua Francisco Miguel, 440 - Vila Cardoso - Homenagem ao engenheiro da Cia. Paulista de Estradas de Ferro. Esta escola está localizada nas dependências da EMEF Dr. Francisco Monlevade, teve início em 02/1973, sendo a 1ª classe de Educação Infantil do Município.

EMEI Bairro dos Pinheiros - Estrada Moacir Grandizoli, s/nº - Bairro do Pau Arcado - Esta escola está localizada nas dependências da EMEF Bairro dos Pinheiros. Início das aulas em 02/1987.

EMEI Monteiro Lobato - Rua João Julião Moreira, s/nº - Bairro de Botujuru - Homenagem ao imortal escritor e grande patriota.

A Educação Infantil propicia informações, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada, e que contribuem para o desenvolvimento das capacidades infantis.

Atualmente funcionam 15 EMEIS com 58 professores, que ministram aulas para 1.319 crianças.

O Programa das Creches

Uma atenção especial é dada pelas autoridades municipais para o programa das creches. Isso pela importância que essas escolas representam para a tranquilidade dos núcleos familiares, pois na maioria das vezes os pais trabalham durante o dia, e por isso é muito importante ter onde deixar os filhos no período em que estão ocupados. Um outro fator importante é a educação que estas crianças recebem nas creches, onde aprendem desde cedo como comportar-se socialmente, desenvolvendo ao mesmo tempo sua capacidade de aprendizagem, que será útil quando freqüentarem as sucessivas etapas do currículo escolar.

Em Campo Limpo Paulista são quatro as creches à disposição das crianças de um ano e sete meses a cinco anos e seis meses, distribuídas nos seguintes bairros:

Creche Yolanda Coccoza Moreira, no distrito de Botujuru.

Creche Santa Lúcia, no Jardim Santa Lúcia.

Creche Criança Feliz, no Parque Internacional.

Vila Chacrinha, no bairro de mesmo nome.

Cada uma dessas unidades comporta 86 inscritos, para o período das 6h 30 às 18 horas.

Durante o período de funcionamento é fornecida para as crianças uma alimentação completa composta de: café da manhã, suco hidratante, almoço, lanche e jantar.

Mensalmente são ministrados cursos de capacitação para os professores, dados por pedagogos convidados, com duração de 4 horas.

Também são ministrados para os pais das crianças cursos profissionalizantes de eletricista, manicure, depilação e maquiagem. Serão, oportunamente, incluídos os cursos de informática e jardinagem.

Além disso, há também um programa especial denominado “Crechendo” voltado para os pais e educadores, sempre ministrado por palestrantes especializados no assunto, programa este, realizado em “encontros” na creche.

O Programa EJA

O programa EJA – Educação de Jovens e Adultos, mantido pela Prefeitura de Campo Limpo Paulista, está voltado para uma camada da população que por razões de ordem econômica, como também social não puderam ter acesso, no devido tempo, ao ensino básico.

É o que diz a sua coordenadora: *“Trata-se de uma espécie de curso supletivo, o que corresponde a grosso modo aos primeiros quatro anos do Ensino Fundamental, reservado para as pessoas que não conseguiram completar o primeiro ciclo de estudos”*

São onze as classes destinadas a esse programa, distribuídas estrategicamente nas áreas onde, devido à composição social e cultural dos moradores, torna-se mais necessária essa forma de ensino.

Estação Juventude

Em 1998, com a inauguração da Estação Juventude no Conjunto Habitacional São José, teve início um programa pioneiro no município voltado ao público adolescente. A Estação é um espaço destinado aos adolescentes onde são ministrados cursos de idiomas, teatro, pintura, violão, capoeira, informática, maquiagem, bordado e outros para informação, cultura e aprendizado dos jovens.

A Estação Juventude promove encontros, palestras e seminários para o debate de assuntos de interesse dos adolescentes, de maneira a contribuir com a sua formação intelectual e o fortalecimento de seu caráter.

No ano de 1999, a Estação Juventude teve sua primeira expansão com a instalação da Parada Monte Alegre, localizada no Jardim Monte Alegre. A partir daí as comunidades dos bairros passaram a reivindicar sua Parada, o que levou a Administração Pública Municipal a planejar a Estação Juventude do Distrito de Botujuru. Depois do sucesso da Estação Juventude, surgiu o programa Estação Criança, direcionado a crianças de 7 a 11 anos.

ESCOLAS ESTADUAIS - ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO - 2002

Campo Limpo Paulista conta com uma eficiente rede de escolas estaduais de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, ainda não municipalizadas.

E. E. 15 DE OUTUBRO

Rua João Ignácio Vellasco, 65 - Vila São Paulo

Diretora: Rosana Maria Venditti

Homenagem aos professores – Dia do Professor

Foi o primeiro Ginásio Estadual de Campo Limpo, instalado em 1966 no prédio das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria na Av. Marechal Deodoro da Fonseca. Em 1968 foi transferido para o noviciado das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria no Parque Internacional (Casa do Cursilho), instalando-se, definitivamente, no prédio atual nos anos 70. A primeira diretora do Ginásio Estadual 15 de Outubro foi a profª Elza Facca Martins Bonilha, educadora emérita.

E. E. MÁRIO PEREIRA PINTO

Rua Jacutinga, s/n - Jardim Santa Lúcia

Diretora: Margareth Aparecida Peroni de Jesus

Homenagem a pioneiro morador de Campo Limpo Paulista, representante de tradicional família local

E. E. VICTOR GERALDO SIMONSEN

Rua Espanha s/n - Jardim Europa

Diretora: Sheila Frizzo Buckvieser

Homenagem a notável empresário paulista, incentivador das artes e da cultura

E. E. PROFª GEORGINA HELENA FORTAREL

Rua Flor de Maio, 30 - Parque Internacional

Diretora: Maria Margarete Trausula

Homenagem à emérita educadora jundiáense

E. E. FREI DAGOBERTO ROMAG

Rua José Valter Pacheco, 56 - Conjunto Habitacional São José

Diretora: Rosaura Aparecida de Almeida

Homenagem ao notável frei franciscano, professor e escritor, que residiu no Noviciado das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria

E. E. ELZA FACCA MARTINS BONILHA

Rua João Julião Moreira, s/n - Botujuru

Diretora: Rosalva Teixeira Barros

Homenagem à emérita educadora, a primeira diretora do primeiro Ginásio Estadual do Município, o "15 de Outubro"

Bibliotecas

O município dispõe de duas bibliotecas, a municipal Assis Chateaubriand, projeto do prefeito Adherbal da Costa Moreira, localizada na Rua Borba Gato, e a da Fundação Alfred Krupp, na Rua Papa João XXIII, ambas no centro da cidade e abertas ao público.

A biblioteca municipal é administrada pela Secretaria da Educação.

Cursos Superiores

Faculdade Campo Limpo Paulista - FACCAMP

Rua Guatemala, 167 - Jardim América

Mantida pelo Instituto de Ensino Campo Limpo Paulista S/C Ltda

É a única faculdade instalada no Município. Iniciou suas atividades em 1999 a partir do curso superior de Administração com habilitação em Comércio Exterior. Atualmente possui uma estrutura de 3 prédios, sendo o prédio mais recente construído há 8 meses. Toda a estrutura, cursos e respectivos equipamentos, assim como o corpo docente foram inspecionados e aprovados pelas comissões do MEC, recebendo por oito vezes consecutivas conceito "B" nas avaliações.

Os cursos administrados são:
 Normal Superior
 Publicidade e Propaganda
 Relações Públicas
 Jornalismo
 Administração com habilitação em Serviços de Turismo
 Administração com habilitação em Comércio Exterior
 Administração com habilitação em Análise de Sistemas
 Ciência da Computação
 Engenharia de Telecomunicações
 Direito

O diretor da FACCAMP é o professor universitário e escritor Nelson Gentil.

CENTRO DE TREINAMENTO SENAI “Alfried Krupp”

Histórico

O Centro de Treinamento SENAI “Alfried Krupp” surgiu para atender uma exigência da modernização industrial de São Paulo: formar e aperfeiçoar supervisores de primeira linha - elo entre a concepção e a execução do trabalho - das indústrias da região.

Sua concepção é o resultado de esforços conjuntos empenhados por duas instituições atuantes na área educacional:

a **Fundação Alfried Krupp von Bohlen und Halbach**, da República Federal Alemã, que o construiu integralmente, aplicando recursos que totalizaram 5,2 milhões de marcos alemães.

o **SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial** de São Paulo, que o recebeu em doação e assumiu o encargo técnico de colocá-lo em operação.

Inaugurado oficialmente no dia 8 de abril de 1983, o Centro de Treinamento está instalado em Campo Limpo Paulista, próximo a importantes regiões industrializadas do interior paulista, e distante aproximadamente 57 quilômetros do centro da capital.

Com uma área construída de 3.600 m², num terreno de 20.000 m², o SENAI “Alfried Krupp” tem hoje capacidade para atender 250 alunos por período, permitindo o atendimento a 750 alunos por dia.

O Centro de Treinamento é dirigido pelo professor Izidoro José de Matos.

Desde o início de suas atividades, o Centro de Treinamento tem como clientes algumas das principais empresas do país, e atende, na sua região, a mais de 80 empresas das mais diversas áreas de produção e prestação de serviços, além de manter convênios com as prefeituras dos municípios de Campo Limpo Paulista, Cajamar, Francisco Morato, Franco da Rocha e Caieiras. É um importante parceiro da Prefeitura de Campo Limpo Paulista, onde colabora com diversos programas sociais e de qualificação profissional.

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campo Limpo Paulista

O sonho de ter a APAE em Campo Limpo Paulista, começou a se concretizar em 1976, quando Romeu e Vera Sarti iniciaram sua luta em prol dos deficientes da cidade, tendo ao lado Luiz F. Monticelli, o “Luiz da Farmácia”, atual presidente da entidade, e vários outros voluntários.

A primeira sede da instituição foi instalada na Av. São Paulo, num salão de uma antiga escola, com apenas duas salas, no Jardim Santa Lúcia.

O local foi ficando pequeno e a cidade se conscientizou da necessidade de dar à APAE um local mais amplo e condigno para abrigar suas crianças especiais.

Foi fundada assim, em 12 de outubro de 1979, a APAE de Campo Limpo Paulista, uma entidade civil, sem fins lucrativos, de caráter privado e assistencial, destinada a "... promover a prevenção, educação, reeducação, a formação profissional, a integração ou reintegração social e tudo mais que necessário se faça ao bem-estar e à proteção do portador de deficiência mental, ou física, sem distinção de raça, cor, condição social, credo político ou religioso, independente de idade ou sexo".

Tem, pois, a APAE, a missão de defender os direitos das pessoas portadoras de deficiência mental e/ou física, orientar e apoiar as famílias no objetivo de oferecer uma melhor qualidade vida e um futuro digno dentro da nossa sociedade.

As pessoas que se reuniram naquele 12 de outubro (data em que se comemora o "Dia da Criança") para fundar a Associação foram: José Roberto de Assis; Ivonete M. C. Assis; Adilson T. Silva; Mitiharu Tanaka; Sérgio R. Censi; Waldemar Gonçalves; Nobuo Ota; Arnaldo Carraro; Márcio N. Patroni; Flávio Del Prá; Waldevar Barroso; Romualdo de Assis Filho; Antônio Benedito de Souza; Manoelito de Souza; Ubirajara Marinho; Maria de Lourdes S. Marinho; Aécio Larrubia; Levy Farina; Vera Lúcia Sarti; Ana Maria Paganelli; Geny Stefani; Maria Emília Castro Rodrigues, Mário Buckvieser; Fernando Seixas Ribeiro; Romy Bessa Ribeiro Bastos; Thiago Villaverde Prior; Luiz Felipini Monticelli; Décio Rodrigues da Silva; Pedro Alexandrino Spinacci; Ariel Ferraz Busch; Antônio José de Toledo; Maria de Lourdes Ávila do Prado; Maria Antonieta Aparecida de Marci; Dalva Marques da Silva; Sebastião Alves de Lima; Odete de Oliveira Pinto; Nelson Mathion; José Benedito Rizzato; Neide Aparecida Moreira, Mina Tuchiya Ogawa; Maria Elisa Carignato Censi e Joaquim Gonçalves de Souza.

A segunda etapa, depois de ter vencidos os itens burocráticos, era a de construir a própria sede, num terreno de 9 mil metros quadrados doado pela Prefeitura Municipal, localizado na Av. Alfried Krupp.

Em setembro de 1982, a professora Ivonete Maria Censi de Assis, presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, de comum acordo com o Conselho Superior da Entidade, solicitou a Luiz Filippini Monticelli, providências junto à comunidade a fim de organizar uma Comissão Especial, com poderes de angariar recursos destinados à construção do prédio próprio da APAE.

A Comissão foi formada por Luiz Felipini Monticelli, Décio Rodrigues da Silva; Edson Perez; José Tavares da Silva; Ireno de Biazzi; Alceste Falaschi Júnior; Fiori Manara; Márcio Nadalin Patroni; Maria Aparecida Paes; Horácio Censi; Nelson Pierucci; Romeu Sarti; Sebastião A. Lima; Waldemar Paiva; Benedito S. de Lima; Victor Atolino e Miguel Rodrigues Prado.

Essa comissão, entrou em contato com os representantes da indústria e comércio de Campo Limpo Paulista, bem como promoveu festividades e quermesses junto à comunidade, com o intuito de angariar recursos financeiros necessários às obras do Centro de Reabilitação dos Excepcionais. Graças ao apoio da população a sede da APAE foi inaugurada oficialmente no dia 17 de fevereiro de 1984.

Além do "Luiz da Farmácia" outros cidadãos ilustres ocuparam a presidência da APAE, entre eles Antonio José de Toledo, Ivonete M. Censi, Irani do Carmo Teixeira, Maria Tereza Teixeira e Maria de Lourdes A. do Prado Biazzi.

A APAE mantém convênio com a Prefeitura Municipal de Campo Limpo Paulista, que responde pela área educacional. A diretora pedagógica da instituição é a pedagoga Ivanir Lanfranchi Martinelli.



G. E. Dr. Francisco Monlevade



Antigo pátio do G. E. Dr. Francisco Monlevade



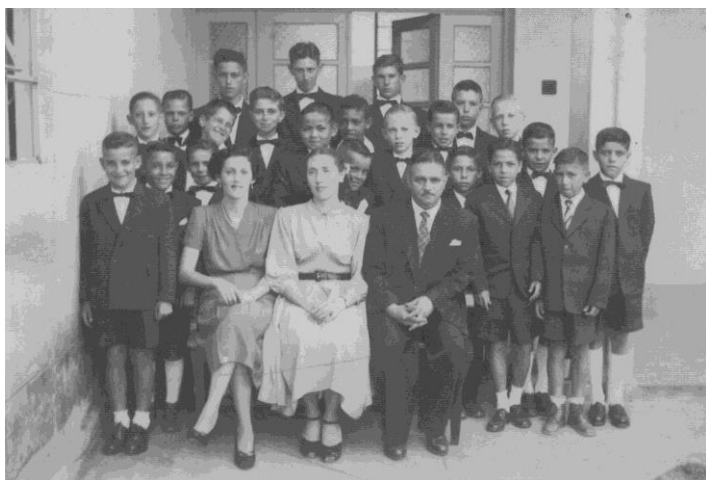
O salão das obras sociais Santa Clara é adaptado para o 1º Ginásio de Campo Limpo Paulista



Formatura no G. E. Dr. Francisco Monlevade



Formatura no G. E. Dr. Francisco Monlevade



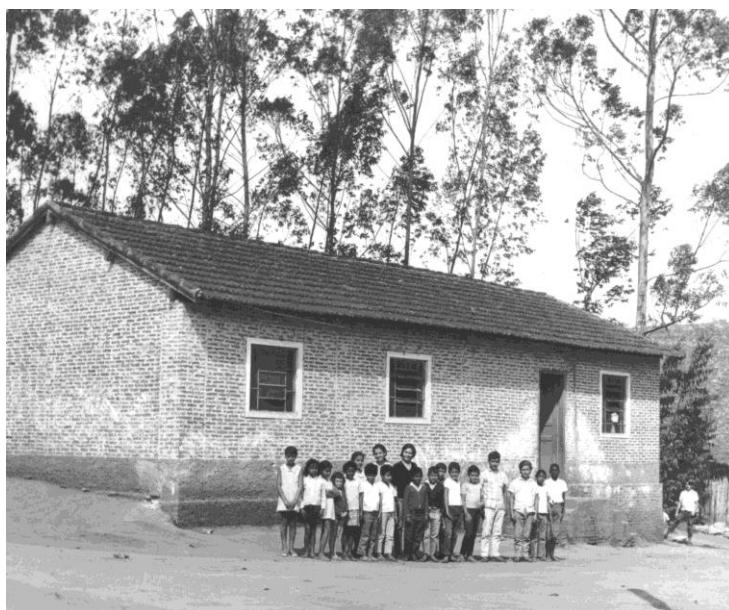
Formatura no G. E. Dr. Francisco Monlevade



Prédio da EMEF Dr. Francisco Monlevade, já reformado e ampliado



Comemorações do Dia da Árvore no Monlevade, onde aparecem Dona Mariquinha e o vereador Germano Gustavo Grossklauss



Antiga Escola Mista da Estância São Paulo, 1966



Professoras do G. E. Dr. Francisco Monlevade



Construção do Colégio Estadual "15 de Outubro"



Antiga Escola Mista de Botujuru, 1966



Inauguração da nova Escola do Campo Verde pelo prefeito Adherbal.
A segunda da dir. p/ esquerda é possível ver a professora Hayvé



EMEF "Governador Mário Covas"



Escola de Educação Especial "Jornalista Waldemar Gonçalves" - APAE



Centro de Treinamento SENAI Alfried Krupp

XIX - Esportes e Lazer

As atividades esportivas, praticamente abandonadas pelo homem, no decorrer dos séculos, como uma manifestação de competição, foram redescobertas pelo povo inglês no século XIX, que as dividiu em modalidades com suas regras definidas, e ao mesmo tempo, expandindo-as pelo resto do globo. Atualmente não existe país, estado ou cidade, que não tenha em sua administração um departamento destinado a promover essas atividades lúdicas.

Com Campo Limpo Paulista não podia ser diferente, pois a Coordenadoria de Esportes e Lazer, subordinada à Secretaria de Governo, desenvolve um extenso trabalho de iniciação e de incentivo às práticas esportivas.

Atividades Esportivas

Evidentemente o esporte mais praticado no município é o futebol, que penetrou fundo na formação do povo brasileiro. No ano de 2002 foram 62 times que disputaram as várias modalidades de campeonato organizado pela Prefeitura, através da Coordenadoria Municipal de Esportes e Lazer: júnior, master, super master e mega master, como também a 1ª e 2ª divisão de amadores, envolvendo cerca de 1.500 atletas e 300 dirigentes.

Toda essa organização começou depois da emancipação, quando foi realizado no campo do Nacional A.C. o 1º Campeonato Municipal, sagrando-se campeão o Flamengo, sendo o Palmeirinha vice. No decorrer dos anos esses campeonatos continuaram acontecendo; no último, realizado em 2001, teve a presença de 18 times na 1ª divisão e 20 times na 2ª divisão.

O Estádio Municipal General Aldévio Barbosa de Lemos, com uma capacidade para 10 mil espectadores, dos quais, 3 mil sentados, foi inaugurado em 1976.

Muitos jogadores que aqui iniciaram, conseguiram se projetar profissionalmente, pois foram contratados por grandes times do nosso futebol, entre os quais podemos citar Grafite, que já passou pelo Grêmio porto-alegrense e atualmente está no Santa Cruz de Recife, Nenê e Claudinho, que estão na Ponte Preta de Campinas.

A cidade já possui três times de futebol profissional: Corinthians Futebol Clube, que disputou a 3ª divisão em 1976; a Associação Atlética Campo Limpo Paulista, que participou da 3ª divisão em 1981 e da 2ª em 1982, quando foi promovida, e o Sport Club Campo Limpo Paulista, que disputou a série B-2 em 2000.

Outras Modalidades Esportivas

Mas não é apenas no futebol que as atenções da Prefeitura estão voltadas. São 19 as modalidades esportivas que são incentivadas, tais como: atletismo, basquete, vôlei, handball, xadrez, jiu-jitsu, judô, entre outras.

Nos Jogos Regionais, realizados em 2002 na cidade de Itatiba, os atletas campo-limpenses conseguiram os seguintes feitos:

handball feminino - medalha de ouro, jiu-jitsu masculino - medalha de ouro, prata e bronze, judô feminino - medalha de bronze, atletismo masculino - medalha de prata e xadrez masculino - medalha de bronze.

Esses resultados, obtidos numa competição que reunia representantes de 52 cidades, deram a Campo Limpo Paulista o 10º lugar na classificação geral.

Instalações Esportivas

Além do Estádio Municipal, Campo Limpo Paulista possui campos de futebol no Jardim Santa Lúcia (Praça de Esportes Anísio Ribeiro de Lima), na Vila Cardoso (Praça de Esportes Joaquim Pereira

Pinto), em Botujuru, no Conjunto Habitacional São José (Centro Esportivo Prefeito Jorge de Maio Vellasco) e no bairro do Pau Arcado, e ainda dois ginásios cobertos: Nenê Assis e “Fubazão”.

O **Nenê Assis** com duas arquibancadas laterais e uma lotação de 3 mil pessoas é o maior da cidade. A sua construção foi iniciada em 1986 pelo prefeito Bruno Patelli, e inaugurado em outubro de 1995, pelo prefeito José Roberto de Assis.

O **Fubazão** foi inaugurado em 1978, na primeira gestão do prefeito José Roberto de Assis. Não possui arquibancadas e tem uma lotação de aproximadamente 1200 pessoas.

O nome um tanto estranho deve-se ao fato de que, num baile de carnaval chovia muito, e por isso o diretor de Esportes, Mitiharu Tanaka, para que não se formasse lama na pista de danças, resolveu espalhar pelo chão o conteúdo de 50 sacas de fubá adquirido em Jarinu. Resultado: de fato a lama não se formou, mas em compensação levantou-se uma poeira amarela que cobriu todos os foliões participantes do baile.

Um terceiro ginásio coberto, construído pela administração do atual prefeito Luiz Antônio Braz, no Conjunto Habitacional São José, deverá ser inaugurado ainda durante o exercício de 2002.

Três apitos e inicia a reação

Conta Odair Ito, atual Coordenador de Esportes, que quando se jogava ainda no campo do Nacional, às vezes acontecia do time da casa começar perdendo. Porém às 17, 17h10 partia da estação um trem da Bragantina, com a “maria-fumaça” emitindo os 3 apitos regulamentares. Era o sinal para iniciar-se uma reação do Nacional, que conseguia virar o placar, e vencer. E isso...quase... sempre acontecia.....!.

Primeiro Campeonato de Futebol

O primeiro campeonato de futebol do Município ocorreu em 1967. As partidas eram realizadas aos sábados à tarde, no campo do Nacional A. C. Houve turno e retorno e cinco equipes participaram: C. R. Flamengo da Vila Cardoso, Grêmio da Vila Thomazina, S.E. Palmeiras da Vila Tavares, Comercial E.C. do Centro e Veteranos A.C. O campeão foi o Flamengo, sendo vice o Palmeiras ou Palmeirinha, como era chamado pelos torcedores.

O jogo decisivo, às 15h30 do dia 21 de outubro de 1967, terminou com o placar de 2 a 2 entre Flamengo e Palmeirinha. O Flamengo formou com: Chico, Nestor, Tito, Gela, Luiz (depois Pitanha), Carlão, Canário, Hermínio, Oscar, Ticão e Moacir. O Palmeirinha com: Ticão, Bugrinho, Bilú, Augusto, Qüina, Zé Roberto, Cata, Nenê, Dinho, Bodinho e Fernando.

O árbitro foi o Bagéca, os marcadores foram: Oscar e Tito para o Flamengo e Bodinho e Dinho para o Palmeirinha. Os técnicos eram Candinho – Flamengo e Dante Martinelli – Palmeirinha.

As Sociedades Esportivas e Recreativas

O Nacional Atlético Clube

Fundado no dia 3 de março de 1933 com a denominação inicial de SPR Athletic Club, por influência da Companhia Inglesa que administrava a Estrada de Ferro SPR, cujos trilhos passavam justamente pelo então bairro de Campo Limpo, onde havia o entroncamento com a Bragantina.

Outras estações sediavam clubes da SPR, tais como Jundiá, Lapa e Água Branca, sendo que nessa última estava localizada a sede central.

Como atividade principal tinha o futebol, e nesse ponto é necessário levar em conta que foram justamente os ingleses os modernos inventores dessa modalidade esportiva, e que aqui no Brasil foi introduzido, no início do século passado, pelo empenho de Charles Miller, que trouxe da Inglaterra, pela primeira vez duas bolas de couro para esse esporte.

No entanto, além de dedicar-se ao futebol, o SPR Athletic Club, possuía também duas sedes sociais com piscina, campo de bochas e um grande parque com churrasqueiras.

O presidente que marcou época no clube foi Armando Lenhaioli, ferroviário e grande esportista, e, ainda hoje, é um nome reverenciado.

O nome de Nacional Atlético Clube foi adotado em 1946, quando a Estrada de Ferro SPR foi nacionalizada pelo Governo Federal; sua sede era onde hoje se localiza o depósito de sucata da Krupp, que adquiriu a área em 1977. Compra essa que ocasionou movimentos de protestos, liderados por antigos ferroviários e desportistas da cidade que não se conformavam com a perda do clube e do único campo em condições de jogo, pois o Estádio Municipal General Aldévio Barboza de Lemos ainda não estava concluído.

As atividades do Nacional Atlético Clube foram intensas. Promovia bailes carnavalescos e recebia convescotes em finais de semana e feriados, especialmente da Capital. Pela manhã, aos domingos e feriados, jogavam as equipes infantil e juvenil, e à tarde, os amadores ou veteranos.

Nos anos 70, o Nacional chegou a montar um time de futebol feminino, incentivado pelo falecido árbitro Dulcídio Vanderlei Boschila, que residia no Jardim Marsola. Montou igualmente uma poderosa equipe “dente-de-leite” que conseguiu sagrar-se campeã regional, dirigida pelo saudoso esportista Thomaz Ito.

Marcaram época no Nacional de Campo Limpo Paulista, nomes como: Walter Rossi, Quica, Talico, Bugrinho, Ninhão, Bolero, Jorge Vellasco, Tito (goleiro), Tito Padeiro, Nardinho, Hermínio, Moreno, Galega, Gela, Nestor, Carlão, Nenê Assis, Bodinho, Dinho, Oscar, Canário, Pitanha, Nelson Marin, Sabiá, Ticão Pachola e tantos outros.

Em 1977, ano em que a sua sede foi vendida à Krupp, o Nacional A. C. deu o “canto do cisne”. Com uma talentosa geração de atletas, o time de Campo Limpo, cuja base era o Nacional, obteve o vice-campeonato de futebol nos Jogos Regionais de Piracicaba. O time era composto por: Spinucci, Índio, Claudinho, Cláudio, Ito e Fedô, Geraldinho e Rãzinha, Wilson, Landinho e Lula. O técnico era Odair Ito, auxiliado pelo Luiz Bola.

Esporte Clube Internacional

Com o incremento da população surgiu a necessidade de um clube maior para Campo Limpo. A idéia foi de Venâncio Gonzaga Ramos que almejava um clube melhor, e em conversa com José Ito, nasceu a proposta da fundação. As primeiras reuniões foram realizadas na casa de Venâncio com a presença de José Ito, Juliano Morandini, Feliciano de Almeida, Antônio Geraldo Ferreira, Odivílio Rossi, Waldemar Rossi, Jorge Camargo e Hilda K. Ramos, esposa de Venâncio que muito colaborou nos trabalhos.

O nome E. C. Internacional nasceu de um comentário do sr. Antônio K. Kariya, comerciante local, ao lembrar que um clube de origem nipônica, de mesmo nome, tinha deixado de funcionar.

A sugestão foi bem aceita pelos participantes do encontro, e, a partir disso, começaram os trabalhos para organizar a diretoria, e para filiar o clube na liga de Jundiaí.

Foi de Brasília Gonçalves de Souza a proposta de uma sede própria. O terreno de propriedade de João Tavares da Silva, começou a ser pago somente cinco anos depois de sua aquisição. A sede foi construída através da arrecadação obtida nos bailes (em salões alugados), livros de ouro e doações de comerciantes de Campo Limpo, Jundiaí e da Lapa. A mão-de-obra foi de Isaac de Camargo, João Tavares da Silva, Norberto Fazini e outros sócios fundadores.

Os sócios fundadores foram:

Felice Consentino, João Tavares da Silva, Sétimo Patelli, Antônio K. Kariya, Odivílio Rossi, Venâncio Gonzaga Ramos, Fioravanti Fazzini, Sexto Patelli, Willy Kohler, Oswaldo Grandizoli, Horácio Ângelo Censi, Ulderico Gianelli, Cecílio Rodrigues, Francisco Censi, Paulo Henrique Oliveira, José Tavares da Silva, Waldemar Rossi, Isaac Domingos de Camargo, Joaquim Pereira Pinto Filho, Carlos Kohler, Aksel Ernits, Adherbal da Costa Moreira, Benedito Geraldo Ferreira, Ugo Sardela, Germano Gustavo Grossklauss, Artur

Grandizoli, Domingos Consentino, Gonçalo Silvério da Rosa, João Ignácio Vellasco, Geraldo Silva, Paulo Ferreira, Luiz Simões Camargo, Juliano Morandini, Rodolfo Walter, Alcebíades Grandizoli, Benedito S. Godoy, Brasília Antônio Pereira, e Felício Fernandes Braga.

O primeiro presidente do E. C. Internacional, fundado em 1º de fevereiro de 1950, foi Jorge Camargo. Também ocuparam a presidência os ex-prefeitos Adherbal da Costa Moreira, Alcebíades Pardal Grandizoli e José Roberto de Assis.

Em 15 de outubro de 1975 foi oficialmente inaugurado o conjunto aquático do E. C. Internacional, na Rua Maria José Rodrigues – Jardim Solange.

O E.C. Internacional sempre constituiu o grande clube social da cidade, ponto de encontro e local de inesquecíveis bailes de gala e festas monumentais. Era comum famosos artistas se apresentarem em seu salão, bem como orquestras de renome. Dos conjuntos musicais da cidade o que mais se destacou foi “Os Brasas”, na época da Jovem Guarda, e brilhou muitos bailes no E. C. Internacional.

Sociedade Recreativa e Beneficente Nipo-Brasileira

A Sociedade Recreativa e Beneficente Nipo-Brasileira foi fundada em 18/06/1963.

Mais que para o esporte, essa sociedade está voltada para as atividades socioculturais, e para isso dispõe de uma sede própria, onde periodicamente são realizados festivais ligados às tradições japonesas.

Atualmente é freqüentado por associados que não são necessariamente da comunidade de origem japonesa. Uma demonstração a mais da vocação cosmopolita de Campo Limpo Paulista, onde todas as nacionalidades se congregam formando um conjunto único voltado para o progresso da cidade.

A finalidade principal do clube é manter viva a cultura japonesa, desde a culinária, danças folclóricas, costumes tradicionais e prática do karaokê. Com isso, objetiva desenvolver a amizade e a união entre os associados, incentivar e promover atividades culturais e esportivas.

Nos anos 60, as comunidades nipônicas de Campo Limpo Paulista e Várzea Paulista eram unidas e mantinham um time de futebol, o Nipo.

Com a ajuda da prefeitura, que doou a área, e da comunidade que trabalhou em forma de mutirão, os japoneses de Campo Limpo Paulista, seus filhos e netos, construíram, do final dos anos 60 até início dos anos 70, ainda na gestão de Jorge de Maio Vellasco, a sede social da Sociedade Recreativa Beneficente Nipo-Brasileira, inaugurada em fevereiro de 1971.

Até então, as reuniões e confraternizações da comunidade eram realizadas no sítio do sr. Taketo e casas de associados.

Entre os pioneiros do Nipo podem ser citados Hajime Ogawa, Antônio K. Kariya, Teruo Tanigaki, Riyokiti Ichida, Gonzaemon Saito, Takashi Tanigaki, Toshio Kuma e Pedro Utida dentre outros.

Ocuparam a presidência do clube: Hagime Ogawa, Riyokiti Ichida, Toshio Kuma, Pedro Utida, Yoshihito Katsuragui, Tokusaburo Morimoto, Massami Yamazaki, Roberto Yaguinuma e Masako Rosa Paes, a atual presidente.

Entre Campo Limpo Paulista e Várzea Paulista contam com cerca de 300 associados, de 63 famílias.

As festas tradicionais do clube são a do Dia das Mães, Dia dos Pais, Festa do Yakissoba (mês de julho) e comemoração do final do ano.

Crônicas do Esporte

Destacamos algumas crônicas sobre este esporte que é a maior paixão brasileira: o futebol. São episódios locais, envolvendo personagens tradicionais do futebol, que construíram vibrantes e apaixonadas histórias.

Nosso Maior Craque – Nenê Assis

Passou pela vida feito um cometa. Não havia como tratá-lo com indiferença. Carismático, inquieto, irradiava simpatia e juventude. Sorriso fácil, estampava, na face, a alegria de viver.

Concluiu o primário no Monlevade, em 1964. Inteligente e sagaz, destacava-se na turma.

Líder inato, logo despertou o interesse dos políticos. Eleito vereador por duas vezes, ocupou a presidência da Câmara por três mandatos. Revelou-se brilhante orador e hábil articulista político.

No futebol foi o maior craque da cidade. Lembramos dos rachas nas ruas empoeiradas da Vila Tavares e no campo repleto de “barba-de-bode”, na várzea do Rio Jundiá. O primeiro a ser escolhido no par-ou-ímpar. Driblava, cabeceava, chutava com perfeição, veloz, goleador...

Ele não soube avaliar o seu enorme potencial de atleta e de líder político.

Estamos nos referindo a Antônio Carlos Carneiro de Assis, o Nenê Assis.

Despontou no Nacional A. C. de Campo Limpo. Por aqui atuou praticamente em todos os times e também jogou no juvenil do Santos F.C. Convidado a jogar no Comercial de Jundiá, a melhor equipe amadora da região, foi o artilheiro do campeonato. Um dos diretores do clube era proprietário da sapataria Martini, na Rua Barão de Jundiá. Nenê prometia gols em troca de sapatos. Tinha uma coleção de calçados em casa.

Sua permanência no Comercial chamou a atenção dos dirigentes do Paulista F.C.. O time do “Galo”, naquele período, possuía vários “boleiros”: Tião Macalé, Jurandir, Ferrari e outros veteranos. A estrutura da agremiação era precária e o ambiente profissional inadequado. Especialmente para um jovem e talentoso jogador.

Nenê foi batizado de Toninho no Paulista. Embora tenha feito gols e se realçado, acabou contaminado pelo ambiente. Deixou o Paulista, passou pelo Saad de São Caetano e outros times menores, até encerrar a carreira com 25 ou 26 anos. Abandonou o futebol profissional prematuramente. Não assimilou o precoce afastamento.

Atormentado, buscou no trabalho, era sócio de uma auto-escola, e na política preencher o seu tempo e a sua mente.

Nenê, deprimido em virtude de sua enfermidade, faleceu em 17.01.88 com apenas 38 anos.

Deixou saudades, inúmeros amigos e uma história de amor pelo esporte.

“Seu” Juca – a história viva do esporte campo-limpense

Se falarmos no sr. José Rodrigues da Silva pouca gente saberá de quem se trata, mas se dissermos “seu” Juca todos o reconhecerão.

Nasceu aqui mesmo, em Campo Limpo, em 1929, nas proximidades do Jardim Santa Catarina. Depois mudou-se para a Rua Rita Lopes e posteriormente para a Rua dos Ferroviários, na Vila Cardoso, onde reside até hoje.

Começou a trabalhar logo cedo, quando adolescente, carpindo arroz na propriedade das Irmãs Franciscanas. Trabalhou também na padaria do sr. Mário Marchetti, no centro. Em 1952 ingressou na

ferrovia, São Paulo Railway – SPR, construída pelos ingleses, na área de eletrificação, onde permaneceu vinte anos.

Mesmo muito jovem já dirigia, com seus auxiliares Lázaro Gregório - “Pachola” e Benedito Rodrigues - “Ditão”, o infanto-juvenil do Nacional A. C., filial da Água Branca, em nossa urbe. O Nacional teve origem no antigo time do SPR.

Dos presidentes do Nacional, o que lembra com saudades é do sr. Armando Lenhaioli, falecido pai do ex-tesoureiro da Prefeitura, servidor público ali, de longa época, o Emerson (“Canário”).

Estudou aqui na escola que ficava fronteira à estação ferroviária, em imóvel de propriedade da família Pereira Pinto, até o 3º ano primário, vindo a completar o 4º ano em Jundiaí.

Nos anos 50, descreve, havia em Campo Limpo imensa rivalidade entre o Nacional e o E.C. Internacional, cujo campo era localizado na área da indústria Manah, na Av. Manoel Tavares da Silva. Outro time da época era, segundo o seu Juca, o Corinthinha, mas somente na categoria juvenil.

No entanto, o clube em que chegou a jogar, de “beque esquerdo”, foi o E.C. Internacional. Tem na memória os piqueniques domingueiros no Nacional, provenientes da Capital, Santos, Taboão da Serra, Jundiaí e tantas outras cidades.

Pedimos que citasse alguns nomes de atletas que se destacaram no Nacional e foram mencionados: Tito Pinheiro, Satião, Ministrinho, Mário Mingotto, Quica, Pachola, Bugrão, Nestor, Hermínio, Vitalino, Jorge Vellasco, Moreno, Tito Savóia, Galega, Bolero e Walter Rossi .

Sobre Quica, o goleiro, diz que recusou proposta para treinar no Santos F. C..

O Nacional teve, ao longo de sua história, grandes equipes, e venceu inúmeros torneios e competições. Seus troféus permanecem em Campo Limpo, e estão expostos na Coordenadoria de Esportes da Prefeitura. Por sua equipe infanto-juvenil passaram vários craques e até políticos de destaque do município, como o Nenê de Assis, o Pardal, o Bruno Patelli, o Zé Custódio e o Aécio Larrubia.

Quando o Nacional encerrou suas atividades em Campo Limpo, passou a treinar os garotos das escolinhas de futebol da Prefeitura, onde está até hoje.

São mais de quarenta anos de dedicação ao esporte, e o seu Juca não pensa em parar. Está sempre entusiasmado com seu trabalho. Costumeiramente sorrindo, não aparenta a idade que tem.

O segredo para tanta disposição é o amor pelo esporte e a alegria de conviver com as crianças.

Para isso, há também um requisito fundamental, conforme o seu Juca: muita paciência e compreensão com os jovens, que o respeitam e ouvem seus conselhos com atenção.

Os próprios pais recomendam ao seu Juca que oriente seus filhos para que se dediquem aos estudos, respeitem os mais velhos e fujam das drogas. Uma das satisfações do seu Juca é saber, quando identifica os alunos, que está treinando filhos e até netos de ex-atletas seus.

A vida do seu Juca se confunde com a história do esporte de nossa cidade.

Palmeirinha x Flamengo

Lembramos ainda, final dos anos 60, iniciava-se o Campeonato Amador de Futebol do jovem município de Campo Limpo Paulista. Os dois melhores times da cidade, como era tradicional, faziam a final da competição: Flamengo x Palmeiras ou Palmeirinha, como era conhecido.

O Flamengo da Vila Cardoso e o Palmeirinha da Vila Tavares. A rivalidade, dentro e fora do campo, ocasionava desentendimentos entre torcedores e atletas. As diferenças eram tantas que não se admitia, por exemplo, que um jogador que residisse na Vila Cardoso vestisse a camisa do Palmeirinha, e

vice-versa. Os jogadores, entretanto, se encontravam aos domingos no Nacional A.C., onde vestiam a mesma camisa, pois o campeonato da cidade era aos sábados no mesmo campo.

O Nacional, filial do clube da Água Branca, era dirigido por ferroviários, e tinha uma razoável estrutura em Campo Limpo Paulista: duas piscinas, salão de festas, parque infantil, campo de bocha, bosque, mesas para churrasco e campo de futebol. Seu acesso era pela antiga Rua do Comércio (hoje Av. Adherbal da Costa Moreira), ao lado do Armazém de Secos e Molhados do Kariya (hoje uma loja de tintas), próximo à passagem de nível, numa alameda que seguia paralela aos trilhos da Bragatina. O sr. Kariya, quem não sabe, foi vereador e emancipador do Município, e atualmente reside em Jundiaí.

O clube, infelizmente, foi desativado em 1977, e sua área adquirida pela Krupp. Com ele desapareceram muitas histórias de glórias e conquistas do nosso esporte, e a cidade perdeu sua principal área de lazer e ponto de encontro. Ainda é possível ver os taquarais que ficavam no fundo de cada meta do Nacional.

Aos domingos, os atletas do Flamengo e Palmeirinha formavam a seleção da cidade e enfrentavam fortes equipes no Nacional. Vinham, a maioria das vezes com as famílias, passar o domingo aqui, em concorridos convescotes.

Chegavam de ônibus e trem pela E. F. Santos a Jundiaí ou pela E. F. Bragantina, pois éramos sua estação final e baldeação para São Paulo. Na década de 60 o trem constituía importante meio de transporte para a região: até mudanças e enterros eram realizados pela ferrovia.

Voltemos ao Nacional; sempre teve grandes times; naqueles anos jogavam Tito, Nelson Marin, Anísio, Nenê Assis, Dinho, Pitanha, Bodinho, Oscar, Luiz Bola, Walter Simões e tantos outros craques. O Nenê e o Anísio desequilibravam as partidas, sendo que o primeiro se profissionalizou.

O Palmeirinha tinha como técnico o Dante Martinelli, que também era diretor, massagista e roupeiro. Ficava ao lado da linha lateral do campo, gritando e incentivando os jogadores. Já o técnico do Flamengo, o Candinho, mais comedido, economizava palavras.

Havia um consenso entre os esportistas, o Palmeirinha era o melhor time, mas o Flamengo tinha mais garra e vibração e acabava sagrando-se campeão da cidade. Isso só mudou no final dos anos 70, quando o Palmeirinha chegou ao tri-campeonato.

Se o Palmeirinha tinha Sabiá, Nenê Assis, Simão, Dinho, Bilú, Zé Roberto, Nelson Marin, Anísio, Adílio, Qüina, Augusto, Pardal, Tito, Walter Simões, Bodinho e etc, o Flamengo, símbolo da raça, contava com Gela, Hermínio, Nestor, Moacir, Ticão Pachola, Dirceu, Tito Savóia, Luiz Bola, Gavião, Pitanha, Oscar, Canário, Chico e outros craques.

Gandula salvador

Durante a partida de futebol profissional realizada na cidade entre o S.C. Campo Limpo Paulista e o E.C. Rio Claro, da série B-2 do Campeonato Paulista de 2000, um gandula deu inusitado espetáculo.

O placar estava 1 x 0 para a equipe visitante e o S.C. Campo Limpo Paulista, embora atacasse com insistência, não conseguia chegar ao empate. No segundo tempo do jogo, num contra-ataque rápido, o centroavante do Rio Claro driblou o goleiro e chutou em direção à meta do S.C. Campo Limpo Paulista.

O atacante já corria para receber os cumprimentos dos seus companheiros, quando o gandula (não revelaram o seu nome) invadiu a área, chutou a bola para longe do gol, e fugiu, não sem antes comemorar o seu “feito” com a torcida.

Com o gandula impedindo o segundo tento do Rio Claro, no final da partida o S.C. Campo Limpo acabou empatando, gol do centroavante Dina (atualmente conhecido por Grafite e atuando no Santa Cruz do Recife).

O fato teve enorme repercursão na imprensa, e mereceu destaque nos programas televisivos da Globo: Globo Esporte, Jornal da Globo, Jô Soares e Globo Internacional.



A fachada da sede Esporte Clube Internacional em construção



A construção da sede do Esporte Clube Internacional



Esporte Clube Internacional, na Avenida Manoel Tavares da Silva, em dia de desfile cívico



Baile de Gala no Esporte Clube Internacional





Convescote do Esporte Clube Internacional ao Parque de Carioba, no início dos anos 50



O aguerrido time do Esporte Clube Internacional, em 1952



O time do Esporte Clube Internacional



O gramado do Nacional Atlético Clube



O "campista" que não "pegou", junto ao placar do Nacional Atlético Clube



Gramado do Nacional Atlético Clube, ao fundo o morro da Krupp, que recebeu o monumento do Cristo



A placa que homenageava o Dr. Antonio Carlos Nogueira Garcez, no Nacional Atlético Clube



O bar e os vestiários do Nacional Atlético Clube



Festa Junina no Nacional Atlético Clube



Nacional Atlético Clube



O "SPR" em 25 de fevereiro de 1945



S.P.R.A.C.



Foto do antigo time do S.P.R.A.C., que deu origem ao Nacional Atlético Clube



Inauguração da Sociedade Recreativa Beneficente Nipo-Brasileira pelo prefeito Jorge Vellasco



Equipe Juvenil do Nacional Atlético Clube, em 1969



Equipe Juvenil do Nacional Atlético Clube, tendo como treinador o seu "Juca"



Equipe do Flamengo Futebol Clube da Vila Cardoso, 1ª campeã amadora da cidade, em 1967



Equipe da S.E. Palmeiras – Palmeirinha – campeã amadora de 1978



Combinado do município, em jogo contra a TV Tupi, 1978



Time do Nacional Atlético Clube



Equipe Juvenil do Nacional Atlético Clube, tendo como técnico seu "Juca"



Equipe Juvenil do Nacional Atlético Clube



Estádio Municipal General Aldévio Barbosa de Lemos



Ginásio de Esportes Nenê Assis



Equipe do Manah Club de Campo Limpo Paulista



Foto de antigo time do S.P.R.



Time principal do Nacional Atlético Clube, onde aparecem Adherbal, Quim, Jorge e José Roberto



Conjunto Aquático do Esporte Clube Internacional



Sede da Sociedade Recreativa Beneficente Nipo-Brasileira



Nenê Assis, então presidente da Câmara Municipal

Artes Plásticas

Campo Limpo Paulista se coloca numa paisagem montanhosa, onde o verde, principalmente na Estância Figueira Branca, faz contraponto metafórico aos silêncios de uma natureza pura ainda não poluída.

Este paraíso torna-se evidentemente um típico panorama para vãos das fantasias criadoras de pessoas contemplativas, que necessitam desse estado de espírito para traduzir numa forma concreta as figuras e imagens criadas nas suas mentes. Essas pessoas são os artistas, os pintores, os escritores.

E é justamente por isso que muitos artistas escolheram como residência a Estância Figueira Branca, loteamento que abrange os Municípios de Jarinu e Campo Limpo Paulista.

Tao Sigulda

Nasceu no dia 4 de abril de 1914 em Riga, Letônia. O seu curriculum é tão vasto que é tarefa quase impossível relatá-lo. Podemos apenas resumi-lo, dizendo que de 1928 a 1938 Tao Sigulda fez estudos técnicos de armeiro em Riga. Em seguida passou pelo Studio Romam Sutta em Petersburg, pela Faculdade de Arquitetura de Riga, pelo Liceu de Artes de Stuttgart (escultura), fez estudos de arte na Itália, estágio na Fábrica de Porcelana Jessen, em Riga. Obteve bolsa de estudo em Munich (escultura, fundição em bronze, anatomia e filosofia), e foi bolsista na Academia de Belas Artes de Berlim (escultura em pedra, madeira e pintura).

Durante a Exposição Mundial de Paris, conheceu Pablo Picasso e freqüentou o seu famoso atelier de Montmartre.

Depois de participar da coletiva do Clube dos Artistas em Stuttgart, como bolsista, voltou a freqüentar as mais famosas academias de belas artes da Europa, sempre obtendo a máxima distinção, culminando com o título de aluno-mestre em Stuttgart.

O período bélico representou para Tao Sigulda um parêntese, quanto às artes figurativas. Nesse período, dando vazão à sua incrível capacidade de produzir, filmou cenas de guerra, e aproveitou também para escrever um livro filosófico com o título "Stein" (Ser).

Em 1960, querendo conhecer novos horizontes, com a esposa Tama resolveu viajar para o Novo Mundo.

O seu destino final era o Canadá, mas depois de ter conhecido o Brasil que o fascinou, seja pela natureza exuberante, ou pelo fato de ser um cadinho de todas as raças, decidiu aqui permanecer. Novas idéias surgiram e tiveram como conseqüência uma corrente ininterrupta de encomendas.

Com a esposa, atriz exímia, encontrou ainda tempo para criar O Teatro Experimental Pro Arte.

Em 1971 Tao Sigulda ganhou o concurso internacional para a decoração da Igreja do "Preciosíssimo Sangue de Cristo", na Tijuca - Rio de Janeiro. Entre os concorrentes estava o famoso Salvador Dali. Tao elaborou Cristo (5,40 m. de altura), a imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus (3,80 m. de altura), a Via Sacra com 44 alto-relevos, 2 altares, 2 sacrários, batistério, luz de pasqua, os vitrais coloridos, as luminárias e tubos de cobre com alto-falantes. A igreja mais moderna do Rio de Janeiro.

Em todas as áreas de artes, Tao Sigulda possui sólida experiência artesanal. Isto faz o profissional, o grande artista. Os seus trabalhos de ferro-gusa possuem todas as técnicas e tratamentos devido ao seu treinamento como armeiro. Só assim ele consegue tirar "poemas" desse material, tais como o pavão, o cavalo, o dinossauro e muitos outros. Tao faz poemas de ferro e concreto, compõe hinos de cobre e alumínio e sonatas de pedra.

Em 1985, Tao e Tama Sigulda decidiram dar à terra que os recebeu tão bem, e lhes proporcionou um ambiente de paz e um mundo maravilhoso de cores e formas, um presente para a difusão das artes e de incentivo aos artistas anônimos.

Construíram em seu sítio, próximo à divisa entre Jarinu e Campo Limpo Paulista, um Centro Cultural, coroando o desejo do casal de artistas de oferecer a jovens ou desconhecidos artistas a oportunidade de apresentar a um público escolhido, as suas obras e talentos conjuntamente com nomes conhecidos e famosos. Neste ano (2002), o Centro Cultural Tao Sigulda comemora o seu 17º aniversário de fundação com exposições particularmente ricas de quadros, esculturas, batik e artesanato em cerâmica e vidro, marchetaria, fotos artísticas e livros.

É de autoria de Tao Sigulda o monumento em homenagem ao trabalhador, localizado defronte ao Paço Municipal.

Tao Sigulda agora chegou aos 88 anos de idade. Ele ainda está bem ativo em seu Centro Cultural, nas suas atividades artísticas criadoras, no trabalho do sítio. Também sua esposa Tama merece elogios, admiração e respeito, ela que o acompanhou fielmente em seu caminho de vida e sempre o ajudou. Tao e Tama, sinônimo de sensibilidade e arte no caminho da complementação do sentido, conforme o jovem filósofo escreveu no seu livro “Ser”: **Sem lei e regulamento, o ser humano se realizando, vive preenchendo o seu “Eu” em intercâmbio mútuo.**

Eugênio Mogor

Como todos os apreciadores da natureza e amantes do belo, que fornece inspiração para suas obras, também Eugênio Mogor, nascido em 1904 em Budapest, Hungria, escolheu a Estância Figueira Branca para construir a sua residência, incrustada nas margens do lago principal.

Brasileiro naturalizado, Eugênio Mogor, desde jovem sentiu-se atraído pela pintura. Mais tarde, porém, dedicou-se à escultura na qual trabalhou por dezenas de anos.

Na sua chácara na Figueira Branca, no entanto, voltou às cores e aos pincéis produzindo várias telas que foram expostas em Viena, Salzburg, Munich e Paris, onde, nessa última cidade permaneceu durante cinco anos, trabalhando na restauração da Catedral Notre Dame.

Mas não era apenas nos pincéis que o seu veio artístico se manifestava. Aqui no Brasil trabalhou também como ceramista, e suas obras atravessaram as fronteiras do País.

No Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, uma sua obra exposta, denominada “O caminho de nossa vida”, foi adquirida pelo Ministério de Educação e Cultura.

Obteve além do mais, vários prêmios no Salão Paulista de Belas Artes, na Associação Paulista de Belas Artes e no Salão Oficial de Santos.

Na escultura, entre as suas realizações destaca-se a ornamentação de várias Igrejas. Em São Paulo, construiu sete altares com diversas estátuas de santos. Na Igreja Matriz de Vila Anastácio montou a fonte batismal, contendo dezoito figuras esculpidas em pedra.

No entanto, uma das suas mais renomadas obras é um alto-relevo em pedra, de nove metros quadrados, que ornamenta a fachada do Lar das Madres da Ordem da Sagrada Anunciação.

Do acervo da Prefeitura constam dois óleos de sua autoria, uma paisagem rural de Campo Limpo, e uma outra paisagem onde é destacada a Krupp. Doou também ao Município o busto do prefeito Adherbal da Costa Moreira, mas que foi furtado do monumento defronte ao Paço Municipal.

Também é de sua autoria o projeto do forro da Paróquia Nossa Senhora do Rosário

Quando a esposa Irene faleceu, em 1972, na Necrópole Bosque de Saudade, onde foi sepultada, esculpiu um túmulo em alto-relevo, uma verdadeira obra-prima que merece ser visitada.

Mas o lado mais comovedor e terno, que demonstra o profundo afeto que unia o artista à sua mulher, é revelado pelo fato de que, ao lado do nome da mulher quis colocar também o seu, querendo com isso reservar para si um lugar ao lado da pessoa amada; e, em 1976, o ocupou definitivamente.

Ahna Hirai

Ahna Hirai (Anna Paciletti Hirai) natural de Milão, está no Brasil há mais de trinta anos.

Encantou-se com a Arte Florentina, ao observar artesões trabalhando motivos florais em metal, técnica que desde o século XVII até hoje é muito desenvolvida na Itália. Passou a estudá-la e executá-la, transformando-a em Arte Figurativa.

Graças a maneira “sue generis” de trabalhar o metal, transforma figuras chapadas em relevos graciosos, cheios de reflexos, luz, cor, perspectiva e equilíbrio, onde a transparência e a plasticidade das figuras esguias e esvoaçantes, com véus, florais aos pés, névoas, olhares sublimes e gestos insinuantes nos levam a perceber a mais perfeita harmonia criativa.

A obra de Ahna Hirai, já está inserida no âmbito da arte internacional, recebendo prêmios em diversos eventos artísticos e culturais, além de merecidos elogios da elite artística.

Seus painéis ornamentam residências e empresas em quase todos os estados brasileiros bem como outros países: Índia, Canadá, Japão, Itália, EUA, Portugal, Bolívia, Paraguai e Colômbia, sendo muito apreciados pelo público por serem altamente decorativos e inspiradores, tocando diretamente o inconsciente de cada um com sua temática arquetípica, evocando o sagrado e o sublime que há em nossos corações...

Helena Bandeira

Pintora, estudou com os artistas e professores Salvador Rodrigues e Galina Schetikaf, participou dos cursos de História da Arte no CADES, em Santos - São Paulo; de Desenho na Escola de Belas Artes, de São Paulo e de Forma e Cor na Arte, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Possuem obras de sua autoria, colecionadores da Alemanha, França, Suíça, Portugal e Paraguai.

Artistas Plásticos de Campo Limpo Paulista

Cadastrados na Coordenadoria de Cultura e Turismo:

Ahna Hirai, Antônio Vieira, Ariane de Fátima Monteoliva, Armando Furtado – in memoriam, Áurea Neide S. Marini, Cátia Ortiz Matos, Cláudia Ortiz, Delsuíto Aguiar, Doroty Calixto da Silva, Dulce Maçon, Edimara, Eugênio Mogor – in memoriam, Graziela Regina Savy, Helena Bandeira, Horieta, Janaina Joice Silva Porto, José Maria Somar Bardallo, Lanora Bonazio, Márcia Lanfranchi Rodrigues, Marco Almeida, Maria de Fátima R. Spinucci, Marisa Lanfranchi Calderaro, Olga Tonet, Ravengar, Romy Bastos, Rosária Gomes Mateus (Rose), Silemar Souza Marinho, Sílvia Mesquita Hiss, Solange Serrador, Sonia Maria Bronzeri, Tama Sigulda, Tao Sigulda, Telma Bordeli de Araújo, Tiago Lage.

Artesanato

Atualmente possuímos duas Associações, de artesãos e artistas plásticos, as quais, foram estimuladas através da Coordenadoria Municipal de Cultura e Turismo de Campo Limpo Paulista, em parceria com a Superintendência do Trabalho Artesanal das Comunidades - SUTACO, programa desenvolvido pelo Governo Estadual de São Paulo, tendo já sido cadastrados mais de 100 artesãos. Este programa de parceria governamental visa a organização e a divulgação dos profissionais locais e, principalmente, fomentar o artesanato, objetivando promover o desenvolvimento da atividade no Estado de São Paulo.

Como podemos notar, há considerável atividade nesta área, nas residências dos artesãos e, em pequenas lojas e pontos de venda que começaram a se espalhar pela cidade, comprovando a viabilidade turística de Campo Limpo Paulista também neste setor.

Já ocorreram experiências de feiras de artesanato fixas na Praça Castello Branco e no Centro de Lazer (Tordilho Negro). O setor municipal de Cultura e Turismo, entusiasmado com a rápida e crescente demanda, que vem sendo observada neste cadastramento de profissionais, e preocupado com a vitalização dos mesmos através de um programa adequado que atenda à esta categoria, vem elaborando projetos que estão sendo estudados para desenvolver o artesanato em vários segmentos, tanto com finalidades socioculturais, como econômicas, além de aprimorar e ajudar a expandir uma das vocações turísticas da nossa cidade.

Música

Banda Municipal

Campo Limpo sempre teve grande tradição em conjuntos musicais, desde a Banda da São Paulo Railway-SPR e de antigos grupos de “jazz band”.

A fundação da Banda da SPR ocorreu em 07 de setembro de 1933, e o maestro era o sr. Antônio Lopes Filho. A Banda SPR, de uniforme azul marinho, foi extremamente ativa de 1933 a 1948, e chegou a contar com 42 músicos.

No período de 1948 a 1966, com a paralisação da Banda SPR, foi organizada em Campo Limpo a Banda Santa Terezinha, cujo maestro era o prof^o João Justo Dias de Sá.

Em 06.12.66, por intermédio da Lei Municipal no. 79, surgiu a banda do Município, ainda sem nome. Seu primeiro maestro foi o sr. Manoel Antiqueira. A banda teve ainda como maestros os srs. Luiz Carelli, Silvério Furquin e o prof^o João Justo Dias de Sá, atualmente é dirigida pelo sr. João Braga.

Através da Lei no. 384, de 05 de outubro de 1973, a banda foi reorganizada e passou a denominar-se Corporação Musical 7 de Setembro. Finalmente, em 23 de fevereiro de 1979, a banda sofreu nova reorganização, e passou a chamar-se Banda Municipal Carlos Gomes.

Histórias da Banda

Esqueceram o surdo

Contam os mais antigos, que certa vez a Banda da SPR viajou para fazer uma apresentação na região de Bragança. Embarcaram, então, na E. F. Bragantina, e quando o trem já estava na Vila Rossi (na área da Krupp), sentiram a ausência de um instrumento musical, o surdo. O maestro não teve dúvida: quebrou o lacre e acionou o alarme do trem. Com essa providência, o músico pôde descer do trem e dirigir-se até o S.P.R. (depois Nacional A. C.), buscar o surdo, retornar ao trem e seguir viagem.

Ataca “Furiosa”

Assim era chamada a banda que se apresentava nas festas da Igreja. Numa ocasião, o músico Pedro Gregório – “Maranhão”, passou a tocar a composição “Galo Esporudo”, de sua autoria. Empolgado, começou a dançar com o seu “baixo-tuba”, que esbarrou num fio elétrico desencapado. “Maranhão” levou um forte choque na boca, produzindo um som estranho, cavernoso no instrumento. Os componentes da Banda pararam de tocar e desataram a rir.

Grupos Musicais

Cadastrados na Coordenadoria de Cultura e Turismo:

Anderson e Alexandre, Banda Vozes, Canela de Ema, Crissia, Everson e Emerson, Fernando e Alexandre, Inaldo e Mariano, Noel Fernandes, Poeta e Jacira, Régis e Roger, Richard e Ruan, Roger e Natan, Rogério e Rafael, Zarakê, Zen Brasil.

Corais

Além de contar com excelentes corais religiosos, especialmente das igrejas católicas e evangélicas, o Município dispõe do coral da EMEF Dr. Francisco Monlevade, que gravou um CD com o Hino de Campo Limpo Paulista, e do coral da Fundação Alfred Krupp, que também gravou um CD de músicas populares brasileiras e internacionais.

Fanfarra Municipal

Campo Limpo Paulista tem tradição em fanfarras. Com a inauguração do Ginásio Estadual, em 1966, a fanfarra do Município começou a fazer sucesso em competições regionais. Posteriormente, já no Colégio Estadual 15 de Outubro, nova denominação do ginásio, a fanfarra continuou conquistando muitos prêmios no Estado de São Paulo.

A prof^a Elza Facca Martins Bonilha, primeira diretora do colégio, era uma incentivadora da fanfarra, que tinha como instrutor o prof. Xisto.

Nos anos 70 a fanfarra passou a ser municipal, sob a coordenação da prefeitura, e teve como instrutor o sr. Aécio Larrubia.

A Fanfarra Municipal de Campo Limpo Paulista foi fundada em 1980. Após uma reestruturação, reativou suas atividades no ano de 1993, passando para fanfarra com um pisto. A corporação tem um projeto musical bem elaborado, com apoio da prefeitura municipal, atualmente através da Secretaria de Educação, realizando o trabalho com crianças, jovens e adultos.

Desde junho de 1999 vem participando de todos os campeonatos oficiais no Estado de São Paulo, conseguindo resultados expressivos, dos quais podemos destacar:

Baliza – 3^a colocada no campeonato nacional em 1999, 3^a colocada no campeonato estadual em 2000 e 2001; 3^a colocada na cidade de Santa Izabel em 2001 e 2002; vice-campeã na cidade de Francisco Morato em 2001 e 2002; vice-campeã no campeonato estadual em 2002.

Linha de Frente – 3^a colocada no campeonato estadual em 2000; 3^a colocada na cidade de Francisco Morato em 2002; vice-campeã na cidade de Santa Izabel em 2002; campeã nacional em 1999; campeã na cidade de Francisco Morato em 2000; campeã na cidade de Santa Izabel em 2001; tricampeã no campeonato estadual em 1999/2001/2002.

Corpo Musical – 3^o colocado no campeonato estadual em 1999; 3^o colocado no campeonato nacional em 1999; vice-campeão na cidade de Francisco Morato em 2000; vice-campeão na cidade de Piedade em 2002; vice-campeão no campeonato estadual 2002; bicampeão das eliminatórias do concurso estadual da Zona Norte/Oeste em 2000/2001; bicampeão na cidade de Francisco Morato em 2001 e 2002; bicampeão na cidade de Santa Izabel em 2001/2002.

Destacam-se também apresentações em eventos culturais, aniversários de cidades e comerciais de televisão.

Maestro: Ederlei Roberto Lirussi

Auxiliar de Maestro e Professor: Marcelo Vieira de Camargo

Coreógrafo: Alexandre de Assis Polini

Auxiliar: Cristiana Maria de Paula

Formação da Fanfarra

A corporação musical é integrada por jovens de **Campo Limpo Paulista**, com objetivo de desenvolver a percepção auditiva, bem como o conhecimento prático e teórico das atividades relacionadas à música, inclusive implementar a formação moral e ética através do convívio em grupo, e culto ao civismo; para tanto, são ministradas aulas teóricas de música com apostilas e métodos para que os aprendizes façam leitura da pauta.

Nas aulas práticas cada aluno conta com seu respectivo instrumento, recebe técnicas individuais com apostilas para iniciantes e métodos profissionais para o domínio total da arte, adquirindo conhecimento necessário de forma que possa atuar posteriormente como integrante da Fanfarra, podendo, inclusive, seguir carreira profissional no futuro, surgindo assim, também a função de “*Conservatório*” para a Fanfarra.

Está segmentada em:

Corpo Musical, composto por: Instrumentistas de sopro e percussionistas;

Linha de Frente, composto por: Pavilhão Nacional e corpo coreográfico;

Balizas e

Equipe de Apoio, composta por pais de componentes ou qualquer outra pessoa da comunidade que queira integrar e auxiliar o trabalho proposto.

Escolas de Samba

Campo Limpo Paulista tem a sua escola de samba, a Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperador da Vila, nas cores verde e branco, e com sede no Conjunto Habitacional São José.

A G.R.E.S. Imperador da Vila foi fundada em 6 de março de 1993, elegendo a seguinte Diretoria Executiva: José de Lima e Silva (“Neguinho”) - presidente, Elza Francisca de Souza - vice-presidente, Luciana Neves de Moraes - 1ª secretária, Cláudio Perroni - 2º secretário, Paulo César dos Santos Brito - 1º tesoureiro e Claudete Aguirre Dezena - 2ª tesoureira.

A Imperador da Vila, desde a sua fundação, tem participado com destaque nos desfiles de escolas de samba da região, notadamente em Jundiaí, chegando ao vice-campeonato em 1996. Em Campo Limpo Paulista a escola costuma encerrar o desfile de rua, abrilhantando esta tradicional festa popular do município.

Dos blocos carnavalescos do município, o mais conhecido e o mais numeroso é o Interior Corinthiano, criado pelo alvi-negro Robson Ydenilson Martinez Garcia - “Lólo”, cujo desfile, na sexta-feira, tradicionalmente precede o Carnaval campo-limpense.

Dalvan

Era o ano de 1983, quando o cantor Dalvan aqui chegou para visitar o amigo “Ze Goteira”. Ver a cidade e se apaixonar por ela foi uma coisa só. Daquele momento em diante Dalvan se tornou um morador de Campo Limpo Paulista.

A sua primeira moradia foi uma casa no Jardim Europa, em seguida outra na Vila Tavares, e por fim se transferiu com a família numa chácara que adquiriu na Estância Figueira Branca.

A carreira de cantor foi iniciada em 1978, com a dupla Duduca e Dalvan. Nos seus quase 24 anos de carreira artística foi premiado com 16 discos de ouro e 7 de platina. Gravou 24 CD's, tendo vendido um total de 5 milhões de cópias no país.

Chegou também a lançar um CD em espanhol, no México, e nesse ano de 2002 será lançado no Brasil um CD acústico com os maiores sucessos de Duduca e Dalvan, e também outro CD de Dalvan, de sua carreira-solo.

Em Campo Limpo Paulista chegou a realizar vários shows, especialmente durante a campanha eleitoral do prefeito "Pardal", em 1988.

Atualmente, Dalvan canta em todo o país, tendo no momento grande sucesso principalmente no Nordeste, com um seu CD evangélico: "Com vestes de louvor".

Com esse CD ganhou o prêmio "Revelação Masculina" na premiação "Gospel", também chamada "Troféu Talento".

Festival de Música

Nos anos de 1976 e 1977, no Colégio Estadual 15 de Outubro, foi promovido um Festival de Música Popular de caráter regional, que fez enorme sucesso na época, especialmente junto à classe estudantil. Tinha o apoio logístico da banda de rock "A Kripta", de Jundiaí, e era apresentado pelo ator de teatro Fernando Antônio Araújo Fernandes.

"Uma vida dedicada à música" – Justo Ricardo Castillo Gervilla ("seu Castilho")

Vindo da Espanha, chegou em Campo Limpo em 1926, e foi residir no Sítio Barroirão, hoje Marajoara. Depois de passar, por razões de trabalho, por Santos e pela Lapa, aqui retornou em 1934.

Ingressou na antiga SPR no dia 6 de setembro de 1940, no cargo de trabalhador braçal. Depois de ter subido na hierarquia funcional, aposentou-se em 1977, no cargo de Chefe da Estação, após brilhante carreira.

Lembra que a SPR teve fundamental importância para o desenvolvimento de Campo Limpo, cuja estação foi inaugurada em 1866, pois tudo transcorria em redor e em função da ferrovia, que chegou a ter, em Campo Limpo, 297 funcionários.

Registra também que, em 1934, o caminho para Jundiaí se dava através do Moinho, com acesso por Várzea, via Promeca (antiga Pito Aceso). Isso quando Campo Limpo ainda não chegava a ter 100 residências.

A memória de Justo Ricardo Castillo Gervilla torna-se mais precisa em particulares quando o assunto é música: a sua grande paixão. Participa de bandas musicais desde 1936, época em que vários músicos atuais eram ainda garotos e o maestro era Antônio Lopes Filho.

Lembra alguns músicos daquela época que conheceu pessoalmente como: José Arroló, Antônio Fecuciello, Fioravante Moreira, Antônio, Juvenal e Jaime Migliorini, Pedro Gregório (Maranhão), Lázaro Gregório, Agapeama, João Bueno Castilho, Isaac e Nagibe.

Com uma expressão de orgulho no rosto, explica que o uniforme usado pelos componentes da banda era de um impecável azul-marinho. Quanto à atividade, a mesma era intensa, principalmente no período de 1933 a 1938.

Costumava apresentar-se nas festividades religiosas locais; na festa de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, e na festa de São Benedito, em maio. Viajava também pelas cidades da região, como Piracacia, Jundiaí e Vargem, além de Santos, quando acompanhava excursões.

Mas o que ainda desperta saudade é a Festa da Uva de 1938, em Jundiá, realizada no centro da cidade. Lembra que os componentes da Banda SPR chegaram na estação e tiveram que caminhar, carregando instrumentos e partituras até o local da festa, onde se apresentaram despertando grande entusiasmo nos presentes.

No período de 1948 a 1966, com a paralisação da SPR, foi constituída em Campo Limpo a Banda Santa Terezinha, cujo maestro era o professor João Justo Dias de Sá. Com a emancipação, foi formada, na administração do prefeito Adherbal da Costa Moreira, a Banda Musical do Município, ainda sem nome, tendo como o primeiro maestro Manoel Antiqueira.

Também nesse ponto a memória de “seu Castilho” revela precisão quando lembra os nomes de alguns músicos que faziam parte da banda: Candinho, Lázaro Gregório, Antônio Ramos, Célio, Isaac, Sebílio Gattamorta, Benedito Peranovick, Benedito (Torrada), João Silva (Batuca), Antônio Migliorini, Nivaldo e João Braga.

A banda também teve como maestros Luiz Carelli, Silvério Furquin, o professor João Justo Dias de Sá e João Braga, o conhecido “Braguinha”.

Segundo Castillo, saxofonista e entusiasta da banda, qualquer empreendimento para ser bem sucedido depende de três fatores: método, disciplina e organização. A música pondera, compõe-se de harmonia, melodia e ritmo, e desperta os sentimentos mais profundos de nossa alma, propicia inspiração, alegria e até mesmo a cura de muitos males.

Esse último conceito é exposto por “seu Castilho” com profundo conhecimento, e ainda afirma, como um último ensinamento: “A banda é parte integrante da história de Campo Limpo Paulista, representa uma manifestação autêntica de nossa cultura, e por isso deve ser preservada”.

Literatura e Poesia

Em meados dos anos 80 foi criado na cidade o Grupo Literário Poetando, liderado pela poetisa campo-limpense Salete Marques Leite. Do grupo constavam expressivas figuras locais, como Benedito Aparecido de Lima (Ditinho), Marcos Aparecido Benassi, Ricardo de Carvalho Corrêa, Aleli Pereira de Souza, Cacilda Aparecida Bertini Pinto, Ana Cristiane Marques, Henriqueta Ehlers, João Justino Leite Filho, Leila Teixeira, Lélia Squizato, Luiz Henrique de Carvalho Vellasco, Marco de Oliveira, Marcos Antônio Boldrin, Maria Aparecida Paes, Nelson Luiz Saldanha, Paulo Roberto Biscuola, Rosana Tavares da Silva e Samuel Benassi (Samuca).

Escritores residentes atualmente em Campo Limpo Paulista: Salete Marques Leite, Silvia Hiss, João Justino Leite Filho e Yonne Santiago.

Desta produção literária, destacamos aqui uma obra da poetisa Salete Marques Leite:

Trilhagem

Trilhos
de muitas voltas
muitas revoltas
que apavoram, que devoram
De margens de acalento
de encantamento
que amam, que se inflamam
De muitos alambrados
muitos alvos sincopados
que se guerreiam, que se golpeiam
De profunda calma
de ritos de magia
que harmonizam, que revitalizam
De muitos caminhos

muitos pergaminhos
 que enlouquecem, que envelhecem
 De muitas passagens
 muitas viagens
 que se baldeiam, que se aduaneiam
 De muita extensibilidade
 e de muita saudade
 dos que por eles passaram
 e não mais regressaram

“Vôo Migrante”

Paulo Setúbal

Um dos pontos turísticos de Campo Limpo Paulista é a “Casa do Poeta”, antiga sede da Fazenda Santa Tereza que pertenceu a Paulo Setúbal, advogado, jornalista, ensaísta, poeta e romancista. Nessa fazenda, localizada no km 7 da Estrada Bragantina, consta que escreveu vários romances.

Nascido em Tatuí, São Paulo no dia 1º de janeiro de 1893, órfão de pai aos quatro anos, veio com a mãe para S.Paulo e durante seis anos estudou no Ginásio Nossa Senhora do Carmo, dos Irmãos Maristas.

Fez o curso de Direito. Ainda freqüentava o 2º ano quando decidiu fazer-se jornalista. Era a época da campanha civilista quando foi procurar emprego no diário “A Tarde”. Lá ingressou como revisor, logo a seguir, a publicação de uma de suas poesias naquele jornal deu-lhe notoriedade imediata, e ele ganhou sua primeira coluna como redator. Já naquela época começava a sentir os sinais da tuberculose que iria obrigá-lo a freqüentes interrupções no trabalho, para repouso.

Concluído o curso de Direito em 1915, iniciou a carreira de advogado em São Paulo. Em 1918, devido ao surto de gripe espanhola, partiu para Lages, Santa Catarina, onde morava um seu irmão mais velho, e lá tornou-se um advogado bem sucedido. Permaneceu nessa cidade durante dois anos, regressando cansado para São Paulo, montando novamente uma banca de advogado.

Iniciou-se, então, a principal fase de sua produção literária que o levaria a ser o escritor mais lido do país. Destaca-se principalmente, pelo gênero do romance histórico com “A Marquesa de Santos” (1925) e “O Príncipe de Nassau” (1926). Sabia como romancear os fatos do passado, tornando-os vivos e agradáveis à leitura. Os sucessivos livros que escreveu sobre o ciclo das bandeiras, a começar com “O ouro de Cuiabá” (1933), até “O sonho das esmeraldas” (1935), tinham o sentido social de levantar o orgulho do povo bandeirante na fase pós-Revolução Constitucionalista (1932) em São Paulo, trazendo o passado em socorro do presente.

Em 1935, Paulo Setubal chegou ao apogeu, ingressando na Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 31. Foi ainda membro da Academia Paulista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico de Ouro Preto e do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco.

Mas nesse mesmo 1935 ele ingressa em nova fase espiritual que vinha de longe e que terá repercussão em sua obra literária: o temperamento sociável, expansivo e alegre, o freqüentador de festas e reuniões dava lugar ao homem introspectivo, vivendo apenas cercado da família e dos amigos mais próximos. Aos problemas crônicos de saúde acrescentava-se a minagem psicológica ocasionada pela desilusão com os rumos da política e consigo mesmo. Começou a freqüentar fervorosamente a Igreja da Imaculada Conceição, perto de sua residência em São Paulo, a ler a Bíblia e livros como “Psicologia da Fé”, e “A Imitação de Cristo”. É quando escreveu o “Confiteor”, livro de memórias, junto com a história da sua conversão, que no entanto ficou inacabado.

Em maio de 1937, seu estado de saúde piora cada vez mais, vindo a falecer na madrugada do dia 4.

Cinema e Teatro

Consta que meses após a exibição dos Irmãos Lumière em Paris, o cinema foi introduzido em São Paulo pelo fotógrafo Georges Renouveau. A apresentação, segundo Máximo Barro, se deu em 1º de agosto de 1896, numa sessão privada para o presidente do Estado, Campos Salles.

O primeiro cinema de Campo Limpo foi num prédio onde está localizada a agência da Caixa Econômica Federal – CEF, o Cine Primavera. Antes da projeção de seriados, como o Flash Gordon, ou do filme anunciado, tocava a valsa Danúbio Azul. No local também funcionava o E. C. Internacional, que posteriormente construiu sua sede própria em frente ao cinema. O Cine Primavera era de propriedade de Alberto Marquesine, e os bailes do Internacional se davam na pista inclinada do cinema.

Posteriormente, no prédio do E. C. Internacional, nos anos 60, funcionou o Cine Aurora, de propriedade de Bruno Munari, diretor da Vigorelli do Brasil. O sr. Felício Fernandes Braga era operador da máquina projetora.

Mais recentemente, no Cine Teatro Ayrton Senna, até 1995, funcionou um cinema mediante parceria entre uma empresa privada e a prefeitura.

O Cine Teatro Ayrton Senna é palco de constantes espetáculos teatrais e musicais, que vêm estimulando a criação de vários grupos de teatro, como o Dramaturgindo, o da Estação Juventude - Parada Monte Alegre, o Núcleo da Estação Juventude e de diversas escolas do Município.

Durante os anos 70, por iniciativa do ator e escritor João Justino Leite Filho, foi formado um grupo teatral na cidade, que manteve-se ativo nos anos 80, com o apoio da prefeitura, especialmente nos governos Bruno Patelli e Pardal.

Nesse período quem também se destacou no cenário artístico foi o ator amador campo-limpense Fernando Antônio Araújo Fernandes, que pertencia ao grupo de teatro estudantil do Colégio Rosa, em Jundiá. Fernando ganhou o prêmio de melhor ator no Festival Nacional de Teatro Amador em São José do Rio Preto.

Eventos Culturais, Cívicos e Religiosos

Numa comunidade o calendário de Eventos, seja de cunho popular, cívico, religioso e/ou cultural, reveste-se de uma grande importância. Tem como finalidade, estreitar laços entre os vários elementos que compõem o tecido populacional, como também incentivar um conhecimento mais amplo entre as diferentes camadas sociais. Representa, enfim, um denominador comum, um fator necessário para uma união voltada à cidadania, e esta se forma justamente nessas ocasiões de congregação coletiva.

Em Campo Limpo Paulista temos, pois, escalonados no ano, os seguintes eventos:

fevereiro

Carnaval Popular, com bailes realizados no Centro Esportivo Municipal, desfiles de Escolas de Samba, com carros alegóricos e Concurso de Blocos.

março

08 - Dia Internacional da Mulher, no Paço Municipal, Câmara dos Vereadores, com palestras, apresentações musicais, danças, exposição de pinturas, distribuição de brindes, além de outras atividades sobre o tema "mulher".

Festa do Peão, no espaço da Festa do Peão, com Rodeio (montaria), parque de diversões, barracas com comidas e bebidas, shows com cantores famosos e apresentação de bandas da cidade. **Cavalgada**, com desfile de cavaleiros de toda a região, charretes, carroças, trio elétrico. Realizada na semana do aniversário da cidade.

21 - Aniversário da Cidade, realizam-se comemorações cívicas e solene hasteamento da Bandeira, com execução dos Hinos Nacional e do Município, abertura oficial complementada por outras atividades comemorativas.

maio

1º - Dia do Trabalho, com competições esportivas e recreativas.

julho

Quermesse Julina, barracas de comidas e bebidas típicas, folguedos e brincadeiras, apresentação de quadrilhas, shows musicais de grupos da cidade, além de danças e apresentações folclóricas de todas as regiões do Brasil, com a participação de entidades assistenciais do município.

Mapa Cultural Paulista, fase municipal, no Paço Municipal. Seleção dos trabalhos inscritos nas diversas modalidades concorrentes.

setembro

7 - Desfile da Independência, na Av. Alfried Krupp, desfile cívico, com apresentação de Escolas, da Guarda Municipal, de Corporações Militares, da Fanfarra Municipal e de instituições policiais.

Festival do Teatro Estudantil - FETEST, data móvel, no Cine Teatro Ayrton Senna, consta: cada escola inscrita faz uma apresentação por noite e no encerramento há premiação para as melhores em várias categorias e também a apresentação de "Sessão Maldita" satirizando as peças concorrentes.

outubro

Festa dos Padroeiros, dois fins de semana próximos a 7 de outubro. Subdividida em três festas: **São Francisco**, **Nossa Senhora do Rosário**, **Nossa Senhora Aparecida e Dia da Crianças**. Com missa, quermesse, noite da macarronada e da pizza, folguedos, apresentações folclóricas, passeios de trenzinho, carreatas, etc.

4 - Celebração do Padroeiro da paróquia São Francisco, São Francisco de Assis.

7 - Celebração da Padroeira do Município, Nossa Senhora do Rosário.

12 - Dia da Criança, na Praça Castello Branco. Brincadeiras, passeios com trenzinho, shows, teatro e canto.

Mostra Cênica Dramaturgindo, data móvel, com apresentação de encerramento das turmas da Oficina de Iniciação Teatral.

dezembro

Semana da Bíblia, este evento foi instituído na Administração Luiz Antonio Braz, para os evangélicos da cidade, que se reúnem no Estádio Municipal com os simpatizantes, chegando ao número de 5 a 6 mil presentes, de Campo Limpo e de cidades próximas. É comemorada anualmente na semana que antecede o segundo domingo do mês de dezembro.

Baile do Havaí do Esporte Clube Internacional.

Cultura - Mapa Cultural Paulista do Estado de São Paulo

Na área de Cultura, Campo Limpo Paulista também tem se despontado em alguns eventos de importância no âmbito estadual. Já há alguns anos, tem se feito representar no setor, num dos eventos mais importantes do Estado de São Paulo, o **"Mapa Cultural Paulista"**. Vale lembrar que a cidade, pertencente à divisão administrativa de Campinas, concorre com quase 100 cidades deste núcleo, e cada cidade pode inscrever três artistas por modalidade, e estes com três obras por categoria.

No ano de 2000, sediamos a Fase Regional do Mapa Cultural, na modalidade **"Desenho de Humor"**, e participamos com artistas, representando a cidade, em quatro modalidades: Desenho de Humor, Literatura – categoria Poesia, Artes Plásticas e Teatro. Tivemos as seguintes classificações: Na modalidade Teatro, 2º lugar na Fase Regional, com o Grupo Teatral Dramaturgindo, com a peça estrangeira "As Bruxas de Salém". Na modalidade Artes Plásticas, a artista plástica Ariane Monteoliva ficou selecionada com uma obra para a Fase Estadual. Na modalidade Desenho de Humor, Menção Honrosa, na Fase Regional, ao conjunto de trabalhos do desenhista Emanuel de Oliveira. Na modalidade Literatura – categoria Poesia, na Fase Regional, Menção Honrosa à escritora Yonne Santiago Carneiro.

Em 2001, sediamos a modalidade **"Fotografia"**, e participamos em seis modalidades: Desenho de Humor, Literatura – categoria Poesia, Literatura – categoria Conto, Artes Plásticas, Teatro e Composição Musical. Essas as classificações: Na modalidade Teatro, 2º lugar na Fase Regional, com o Grupo Teatral Dramaturgindo, com a peça nacional "A Lira dos Vinte Anos". Na modalidade Artes Plásticas, a artista plástica Ariane Monteoliva novamente foi selecionada para a Fase Estadual em 2002, desta feita com suas três obras concorrentes. Na modalidade Literatura, desta vez na categoria Conto, Menção Honrosa à escritora Yonne Santiago Carneiro, na Fase Regional.

Cinema de Animação Brasileiro

Um outro acontecimento importante na área da Cultura, foi a cidade de Campo Limpo Paulista ter realizado a primeira "Mostra de Cinema de Animação Brasileiro/Edição 1998", evento que envolveu toda a comunidade e todos os segmentos da sociedade campo-limpense, tendo o apoio empresarial e da administração pública, a participação estudantil, docente, numa parceria multipartite: administração pública - empresas privadas - escolas - estudantes - professores - coordenadores - diretores - jornalistas - cineastas, etc.

A pedido do corpo docente das escolas e dos alunos participantes do concurso de desenho e redação que, agregados à platéia da mostra, concorreram ao Prêmio Incentivo Estudantil que foi então concedido, a Coordenadoria de Cultura e Turismo realizou uma segunda edição, em 1999, apresentando outros filmes de animação, de outros cineastas, estabelecendo uma continuidade ao prêmio destinado às escolas participantes e aos estudantes concorrentes aos prêmios de melhor desenho e melhor redação.

No dia da premiação, no Cine Teatro Ayrton Senna, com a presença de autoridades e convidados dos alunos e das escolas participantes, fez-se a exibição do filme "Central do Brasil", e reprisou-se um dos filmes participantes da Mostra, o já premiado curta de animação – e mais votado pelo júri popular estudantil campo-limpense durante a semana do evento –, "Jonas e Lisa", desenho animado produzido em parceria com a National Film Board of Canada, com suporte do Ministério da Educação brasileiro, com direção e roteiro de Daniel Schorr e Zabelle Côté. Daniel Schorr veio à Campo Limpo Paulista na noite da premiação dos alunos, e emocionado se pronunciou aos estudantes e ao público presente, agradecendo à nossa cidade, o incentivo ao Cinema de Animação Brasileiro, e agradecendo também o carinho que o público local teve com seu filme, que, um mês depois, obteve mais um prêmio.

Turismo

Campo Limpo Paulista faz parte do grupo de cidades brasileiras detentoras do **"Selo de Município Prioritário para o Desenvolvimento do Turismo"**. Este selo vem sendo mantido, desde 1997 até 2001, atualizando-se as informações do questionário RINTUR (Roteiro de Informações Turísticas), que é realizado anualmente; e, por intermédio deste documento, enviado pela Coordenadoria Municipal de Cultura e Turismo, ao Ministério da Indústria, Comércio e Turismo / Instituto Brasileiro de Turismo – Embratur, é

reavaliado o potencial dos municípios já identificados e categorizados, através desta atualização de dados, portanto, estamos inclusos neste processo.

A cidade possui também o "**Selo de Município Engajado no Programa de Melhoria da Qualidade do Produto Turístico Brasileiro** – ano de 1998" outorgado pelo Ministério da Indústria e Comércio e do Turismo / Instituto Brasileiro de Turismo – Embratur / Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial - INMETRO.

Também fazemos parte do "**Programa Nacional de Municipalização do Turismo** – PNMT", através da 1ª oficina feita em 1999, quando recebemos a 'Roseta de Cidade Participante'.

Pontos Turísticos

- A Estância Figueira Branca por seu clima e localização pode ser considerada atração turística onde além de lagos, centro de lazer, chácaras, modernas e típicas residências e várias áreas de lazer, encontram-se estúdios de pintores, escultores e ceramistas, predominando, dentre os imigrantes residentes, as colônias húngara e alemã.
- O túnel ferroviário de Botujuru, com mais de um quilômetro de extensão
- Pico do Mursa, com uma altitude de 1.100 metros, na Serra dos Cristais
- Cachoeirinha da Bragantina, com águas cristalinas, na Estrada da Bragantina
- Casa do Poeta, antiga sede da Fazenda Santa Tereza, que pertenceu ao escritor e poeta Paulo Setúbal, que aí escreveu várias obras, na Estrada da Bragantina – km 7.
- Monumento do Cristo Redentor, construído no antigo morro da Krupp, um dos locais mais altos do Município
- Campo de golf do loteamento Champ's Privée, com áreas de lazer e agradável paisagismo
- Centro Cultural Tao Sigulda – exposição permanente de arte, na Estância Figueira Branca
- Acampamento Metodista Betel – centro de recreação e belíssima capela sobre um lago, no Jardim Laura
- Centro de recreação com churrascaria, pista de cooper, playground, pista de bicycross e lago, no trevo de acesso da cidade
- Viveiro Florestal, no bairro Campo Verde
- Centro Esportivo Municipal General Aldévio Barbosa de Lemos, no centro da cidade
- Praça Castello Branco, na Vila Tavares
- Pesqueiros, acampamentos e hotéis-fazendas
- Monumento em homenagem ao trabalhador, de Tao Sigulda, em frente ao Paço Municipal
- Casa do Cursilho da Igreja Católica – belíssima paisagem, no Parque Internacional
- Igreja São Francisco de Assis – magnífica arquitetura, no Parque Internacional
- Serra dos Cristais – pedaço da Mata Atlântica na região do bairro do Moinho



Conjunto de Jazz Band



Banda da SPR, 1934



Banda Municipal, 21 de março de 1969



Tao Sigulda



Entardecer na Serra dos Cristais



Pesqueiro no Parque Internacional



Túnel de Botujuru



Cachoeirinha, localizada no Rio Jundiáí, próximo ao km 7 - Estrada Bragantina



Óleo sobre tela do pintor Eugênio Mogor, retratando a Krupp



Restaurante Dona Helena, no Clube Estância Figueira Branca



Hasteamento de Bandeira na Praça Castello Branco



Desfile Cívico na Praça Castello Branco, à frente o atleta Antonino Inocente vencedor da São Silvestre de Campo Limpo Paulista em 1970



Desfile Cívico na Praça Castello Branco



O primeiro desfile do Ginásio de Campo Limpo



Apresentação da Banda defronte à Paróquia Nossa Senhora do Rosário



Apresentação da Banda no Paço Municipal



Apresentação da Fanfarrã Municipal



Monumento ao Cristo Redentor



Lago do Clube da Estância Figueira Branca, em recepção dos moradores do bairro ao prefeito Jorge Vellasco



Campo de golfe no Champ's Privée



Teatro Municipal Ayrton Senna



Casa do poeta Paulo Setúbal, km 7 da Estrada Bragantina



Pico do Mursa

X X I - “Causos” e Folclore

Normalmente no seio de uma comunidade, através da oralidade, de pai para filho, são transmitidos fatos, histórias e manifestações que impressionaram o imaginário popular, e que analisados em toda a sua plenitude, quer no aspecto material, quer no espiritual, fornecem um panorama da psicologia da comunidade onde se deram.

Fazem parte pois, da cultura popular, não apenas acontecimentos peculiares, mas também personagens típicas, que por suas atitudes, e também pela vida que levam, entram na memória coletiva.

Um contador de “causos”...!

Um desses personagens que fazem parte do folclore da cidade é Brasília Gonçalves de Souza, figura conhecida que deu nome a uma rua no Jardim Vitória. Era um conhecido contador de “causos”.

Originário de Vargem (MG), em 1938 chegou em Campo Limpo onde casou, tendo 14 filhos, um dos quais Silvío, mais conhecido por “Cata”. Uma das suas características era andar com um inseparável paletó (sem vesti-lo em qualquer clima), com chapéu, alpargatas e um cigarrinho de palha. Comerciante por vocação e opção, era um “rolista” astuto numa negociação. Quem barganhava com o Brasília dificilmente levava vantagem.

Brasília faleceu em 30 de junho de 1973, com 73 anos.

Mas vamos lembrar alguns desses “causos” do Brasília, relatados por “Cata”, seu filho, e por seu neto Laurides Gonçalves de Oliveira, o “Galo”:

1º - O Brasília era atacante do Guaraiuva F.C. que num jogo perdia por 1 x 0. Final da partida, já nos acréscimos, quando o juiz apitou um pênalti a favor de seu time.

Brasília era o cobrador de pênaltis oficial, e dono de um potente chute. Chutou tão forte que a bola estourou; entrou num canto do gol a câmara de ar e noutro o capotão. Foram validados os 2 gols. Seu time ganhou de 2 x 1 e Brasília saiu carregado pela torcida.

2º - No mesmo campo do Guaraiuva, no final de uma partida, o juiz marcou um pênalti a favor de sua agremiação. O placar estava 0 x 0 e o Brasília se apresentou para a cobrança.

Deu um chute tão violento que a bola bateu na trave e voltou ao seu campo, marcando gol contra. A torcida quase linchou o Brasília.

3º - O Zé Gordo era companheiro de pescaria do Brasília e costumava levar nas viagens pinga e meio saco de pepinos para petisco. Estava se dirigindo para a beira do rio, com seu saco de pepinos nas costas, quando o Brasília, ao armar a linhada, involuntariamente físgou o Zé Gordo com o anzol, jogando-o, juntamente com o saco de pepinos, no meio do rio. O Zé Gordo, para quem não sabe, pesava 180 quilos, e o pior de tudo é que confirmava sisudo esse relato.

4º - Ainda nessa pescaria, quando já estava anoitecendo, o Brasília novamente lançou a linhada. Ocorre que no escuro ele não percebeu que lançou a isca na outra margem do rio, que naquele ponto era estreito. Foram dormir e pela manhã, surpreso, o Brasília verificou que havia físgado um tatu...!.

5º - Certa vez, o Adão, seu amigo, apostou uma caixa de cervejas com o Brasília, e a aposta consistia em que ele, Adão, conseguiria morder a própria testa. O Brasília não acreditou quando o Adão, retirando a dentadura da boca deu uma “dentada” na testa.

6º - Esse mesmo Adão, não satisfeito, apostou mais uma caixa de cervejas com o Brasília que morderia o próprio olho. O que Brasília não sabia é que o Adão tinha um olho de vidro, que tirou e com a dentadura novamente deu uma “dentada” e venceu a aposta. O Brasília nunca perdoou o Adão.

7º - Em nossa região havia muitos pintassilgos, e certa ocasião o Brasília resolveu ir caçar alguns em Campo Largo. Quando foi pegar o trem da Bragantina o guarda não o deixou entrar com a gaiola.

Combinou então, com um amigo, para entregar-lhe a gaiola pela janela do trem. Assim foi feito. Seguiu viagem segurando a gaiola para fora do trem. Só que a gaiola tinha alçapão falso, e ao descer em Campo Largo, percebeu atônito, que havia capturado 25 pintassilgos durante a viagem.

Fatos...estranhos no Paço Municipal

Sobre o Paço Municipal conta-se fatos estranhos que geralmente acontecem de noite, mas também há registros ocorridos durante o dia. Fatos esses, em que não há uma explicação lógica, e por isso impressionaram aqueles que os presenciaram.

São fenômenos que fogem ao raciocínio, e por isso deixam muitas pessoas temerosas e impressionadas diante do imponderável.

Os protagonistas dessas histórias, entretanto, evitam comentá-las. Por temor de serem satirizados, ou por reverência ao inexplicável, os que presenciaram tais fenômenos preferem permanecer calados.

No mínimo essas histórias, ao longo do tempo, transformar-se-ão em crenças populares e enriquecerão o folclore da cidade.

Sobre elas os cartesianos diriam estar diante de experiências físicas que deveriam ser melhor pesquisadas, ou de simples fruto do imaginário coletivo, enquanto os espiritualistas, por sua vez, ponderariam que a história política da cidade foi escrita com extrema ganância e inconstância, resultando no homicídio de dois alcaides e numa interminável luta pelo poder, sem ética e sem limites. Esse ambiente explicariam, é propício às influências negativas.

No entanto, para dona Augusta, que certa vez, ao fazer “serão” no Paço, estando só, na sala do Planejamento, foi bruscamente empurrada, não há explicação plausível.

No Paço há narrações de máquinas de escrever funcionando sozinhas, cadeiras que se arrastam, portas que batem e muitas outras histórias de aparições e acontecimentos inexplicáveis.

Uma vez que o prefeito Pardal se encontrava ausente, viajando, um conhecido político local entrou no banheiro privativo do gabinete. Depois de bastante tempo o mesmo não saía. Bateram, então, à porta do banheiro, na suposição que tivesse acontecido alguma coisa. Inútil, ninguém respondia. Por fim, a porta que estava trancada por dentro foi aberta, e, para surpresa dos presentes, no banheiro não havia ninguém.

Numa outra oportunidade, na presença de vários servidores do Gabinete (Isabel, Maria e Roberto), ouviram-se várias batidas sobre a tampa de uma escrivaninha vaga. Todos ficaram estupefatos e nada entenderam.

Isso quando não aparece alguém, à noite, junto à mureta do piso superior, observando atento o piso do térreo.

Os guardas municipais, então, em especial os que fazem plantões noturnos, têm inúmeros relatos. Alguns dizem que têm receio das inspeções no pavimento superior do Paço.

Os servidores municipais, aqueles mais influenciáveis por esses fatos inexplicáveis recorrem às mudas de guiné e arruda, dentes de alho e outras alternativas disponíveis para afugentar os maus fluidos.

Histórias do Padre Paulinho

Nessas histórias não há nada de misterioso, nem de inexplicável. Muito pelo contrário. Nelas há motivos de hilaridade, provando que mesmo na austeridade da vida eclesiástica, encontra-se sempre oportunidade de momentos de descontração, que terminam com boas risadas.

Monsenhor Paulo Geraldo Perboni, ou Padre Paulinho, como é conhecido, da Igreja Católica Apostólica Brasileira -ICAB, é profundamente identificado com Campo Limpo Paulista.

Estudou no Colégio 15 de Outubro, onde venceu um concurso estadual de redação sobre o Sesquicentenário da Independência e recebeu o prêmio do governador Laudo Natel. Tocou na banda, trabalhou na extinta Fernox e colecionou inúmeras amizades no Município, onde é admirado e respeitado. Cativante e carismático, está sempre disposto a auxiliar e amparar os menos favorecidos. Costuma dizer que esse é o seu rebanho.

É o único monsenhor da ICAB, e o primeiro padre dessa instituição em Jarinu, cuja Paróquia, a de São Sebastião do Pinhal, foi inaugurada em 28 de julho de 1985.

Esquecendo um pouco a rigidez da vida eclesiástica, registramos aqui algumas (são muitas) hilárias histórias vividas pelo monsenhor Paulo Geraldo Perboni. Estas passagens, selecionamos três, são testemunhadas pelo sr. Edson Roberto Pellucci, o “Nino”, seu secretário e ministro da Eucaristia.

1º - Tempo atrás, o monsenhor fora convocado para encomendar o corpo de uma senhora muito conhecida em Jarinu. Era um domingo à noite, e um temporal desabou sobre a cidade. Tudo transcorria normalmente no velório, que não utilizava círios. Eram substituídos por lâmpadas que imitavam o formato das velas.

Em dado momento a tempestade ocasionou a interrupção do fornecimento da energia elétrica. Na escuridão e no silêncio do velório ouviu-se um ruído assustador. Assemelhava-se a um grito tétrico. O padre na frente e os assistentes e familiares atrás saíram em desabalada carreira pela rua, apavorados.

Souberam depois, constrangidos, que o berro na verdade era o zurro do jumento do sr. Quinzinho, que possuía um pasto nas proximidades. Com a chuva e a escuridão o animal buscou abrigo no velório.

2º - O monsenhor guardava cuidadosamente num armário da sacristia, o litro de água benta. Certa vez ganhou um litro de cachaça que colocou no mesmo armário.

Ao ser chamado às pressas para encomendar um corpo, pediu ao “Nino” que providenciasse a hissope da água benta. “Nino” (que jura inocência) colocou por equívoco a pinga em lugar da água benta, pois os litros eram iguais.

Feita a oração final, sem perceber, o padre começou a aspergir aguardente sobre o defunto. Soube-se depois que o falecido era alcoólatra, e o gesto foi interpretado como uma homenagem póstuma.

Vários antigos colegas do morto garantem até hoje que esse era o seu último desejo.

3º - O padre possuía uma tartaruga de nome “Fusquinha”, que vivia solta pela igreja.

Com o intuito de recuperar um alcoólatra, conhecido pela alcunha de “Pelé”, proveniente de Minas Gerais, acolheu-o por algum tempo na paróquia. “Pelé” dormia no coro da igreja, cujo interruptor de luz ficava no piso térreo. Logo após “Pelé” ter-se recolhido para dormir, o “Nino” acendeu um pedaço de vela sobre “Fusquinha” e soltou-a na igreja.

Ao ver aquela luz se movendo, “Pelé” assustado, saiu correndo e gritando: “Corre padre que tem um trem solto na igreja”.

Mesmo depois das gargalhadas e das explicações dadas sobre o “fenômeno”, “Pelé” manteve a promessa de mandar rezar sete missas para as almas. Afinal, pensava, promessa é dívida (aí sobrou para o padre).

Estes são alguns relatos da trajetória do notável ser humano que é o monsenhor Paulo Geraldo Perboni, campo-limpense de coração.

A benzedeira

As benzedeiros exercem precipuamente suas atividades junto às camadas mais humildes da população, no meio das quais podem ser encontrados vestígios de antigas crenças e tradições, heranças de uma cultura primitiva. Muitas vezes, porém, essas práticas conseguem sucesso, os doentes se curam, atribuindo essa melhora à capacidade da benzedeira. Está sedimentada a crença popular que em determinados casos, não adianta a medicina, só benzedeira resolve.

Campo Limpo Paulista tem a sua benzedeira na pessoa de dona Maria Procópio, que numa entrevista dada à estagiária de jornalismo Andressa Paiva conta particularidades de sua atividade.

Maria de Carvalho Procópio Alves, é esse o seu nome completo, nasceu no ano de 1922 em Currais Novos, no Estado de Rio Grande do Norte. Em 1971, decidiu vir para Campo Limpo Paulista tentar a sorte, onde já morava sua irmã Maria Bezerra. Com ela, viajaram seu marido Antônio e três filhos.

Conta que, o dom de benzer as pessoas surgiu quando tinha sete anos, mas não sabe explicar como tudo começou. Lembra apenas que sua mãe a acordava durante a noite para atender as pessoas que a procuravam. Suas especialidades de cura, através de benzedura são: a dor de cabeça, “bicho virado” das crianças e dor nas pernas.

Aqui em Campo Limpo Paulista, depois de ter morado inicialmente num barracão situado no Km 2 da E. F. Bragantina, morou na Rua do Comércio, 529 (atual Av. Adherbal da Costa Moreira) por dezenove anos. Quando começaram as obras da avenida, a prefeitura demoliu o imóvel. Com o material da demolição construiu outra casa na rua José de Alencar, na Vila Tavares, ou melhor, na “Vila do Sapo”, que tem essa denominação em razão das enchentes que ocorriam no lugar, antes do alargamento das galerias sob os trilhos da estrada de ferro.

Em Campo Limpo Paulista, como ela mesma diz, a sua fama de benzedeira começou a se espalhar quando um dia foi até a farmácia do seu Assis (Romualdo de Assis - nosso primeiro farmacêutico) e reparou que ele estava mancando devido a uma dor nas pernas, apesar de este ter gasto uma razoável quantia com um médico em Campinas, sem obter resultado.

Condoída, Maria Procópio solicitou à funcionária da farmácia, Maria Piracaia, que buscasse uma folha de mamona com o cabo. Após ter sido benzido, o “seu Assis” melhorou das dores.

Maria Piracaia se encarregou de divulgar a todos o dom da benzedeira Maria Procópio. De boca em boca sua fama ultrapassou os limites do Município. Hoje chega a atender 40 pessoas num dia, a maioria crianças. Às vezes aparece algum bêbado, mas ela logo adverte: “Eu benzo, mas não volte aqui do mesmo jeito”;

A benzedeira Maria Procópio teve vinte e quatro filhos, dos quais onze estão vivos. No ano de 1957 perdeu três filhos, vítimas da febre amarela. Recorda da solidariedade de dona Nair R. Marchetti, que trouxe um médico até a sua casa, e a ajudou naquele difícil momento.

Histórias do Saci e outras

O sr. Benedito Rodrigues, entrevistado dentro do projeto “Campo Limpo Paulista resgata a sua história”, revelou-se um verdadeiro compêndio de fatos e acontecimentos ligados ao bairro do Moinho, onde nasceu 73 anos atrás; fatos que ouviu pelos relatos de seus pais, avós e bisavós.

A origem do nome do bairro é em razão do moinho tocado a água para a fabricação de farinha de fubá, que lá havia: o maior da região.

Conta o senhor Rodrigues que, quando foi construída a ferrovia SPR, a Fazenda do Moinho já estava em plena atividade. Seu proprietário (posseiro), José Luiz Gonçalves viajava para Jundiá a negócios a cada 15 dias. Conta-se que a mulher dele acabou se envolvendo com um escravo.

Numa dessas viagens, já passava das oito horas da noite, e José ainda não tinha regressado. Os familiares começaram a ficar preocupados já que costumava chegar sempre por volta das 2 horas da

tarde. Às 9 horas chegou em casa apenas um de seus cachorros. Foi então que os filhos e os vizinhos, resolveram procurá-lo e o encontraram morto a pauladas algumas horas mais tarde.

No local onde o corpo foi encontrado foi colocada uma cruz que mais tarde deu origem à capela do Moinho.

Algum tempo depois, a viúva, que tinha se amasiado com o escravo suspeito do assassinato do marido, depois de ter delapidado a fazenda, sumiu.

Novos moradores apareceram no local, entre os quais Chico Antônio, bisavô de Benedito Rodrigues.

O que predominava no bairro naquela época eram as lavouras de milho, feijão, batata, com a plantação de eucaliptos. Depois da abolição da escravatura, por volta de 1896, Chico Antônio montou uma olaria, para a fabricação de telhas, no sítio conhecido por Olho D'água (atual Sítio Encantado).

Chico Antônio costumava viajar até Várzea, para negociar o seu produto, como também para rever os amigos e com eles beber cachaça.

Sua mulher, que tinha o sobrenome de Jesus Gonçalves, não apreciava muito essas viagens do marido. Tinha receio de ficar sozinha, isso por causa do saci. Nesse ponto Benedito Rodrigues é categórico: “Os sacis existem. Hoje eles diminuíram por causa dos centros espíritas”, e para confirmar a afirmação lembra de um caso acontecido com ele, quando estava trabalhando para a ampliação da casa: “Lá pelas 6 horas da tarde, apareceu um negrinho que foi logo dizendo que o pai morreu queimado e que a mãe não sei o que mais. Perguntou qual o horário do trem. Respondi e em seguida ele pediu dinheiro para a passagem. Não tinha. Falei para pedir ao vizinho, o Chico logo à frente. O negrinho desapareceu, não passou no vizinho, e nem voltou. Virou a esquina e sumiu”.

“Uma outra vez, um pessoal do bairro: o Zé Baiano, o Mané, o Pernambuco, e mais uns três foram caçar tatus. Brincavam de assobiar quando ouviram um assobio no mato, que foi ficando cada vez mais grave e forte. Assustados fugiram, já que sabiam que quando o saci começa a assobiar significa que está zangado, e pode tornar-se perigoso” afirma convencido Benedito Rodrigues.

Uma outra aparição do folclórico saci, um pretinho de uma perna só, cachimbo na boca e um gorro vermelho na cabeça, se deu quando dois garotos tinham ido apanhar arará vermelho, onde é a entrada do Sítio Encantado, perto da casinha da imobiliária, quando avistaram um negro que tinha “beijo vermelho” (o saci, conforme a imaginação de Rodrigues tem o ...beijo vermelho) e fugiram. Chico Antonio, então providenciou uma cruz de cedro e a colocou no local para espantar o saci, e sempre segundo o relato de Rodrigues, a cruz se transformou numa bela árvore centenária que se encontra no Sítio Encantado.

Ha também o episódio - relatado por Rodrigues - envolvendo o mineiro Getúlio e sua esposa Ana, que tinham comprado a casa do sr. Sebastião, em 1937, que havia casado com uma moça daqui e foi morar em Bandeirante. Getúlio era negociante e saía muito. A mulher falou que não continuaria morando ali se o marido não parasse em casa, já que estava convencida que a casa era mal assombrada. “É um tropel em volta da casa, parece até que estão arrancando o sapé e empurrando a janela” contava assustada, dizendo também que um dia viu uma mão peluda na janela e que correu para pegar a foice. Getúlio acabou mudando, e montou um restaurante na cidade, perto do local onde é hoje o Bradesco.

Será que o saci existe apenas na fantasia daqueles que nele acreditam? Se for assim deixemos que assim continue. Afinal, na sociedade pragmática em que vivemos, muitas “reais fantasias”, que não deveriam existir, proliferam concretamente.

Aniversário, chopes e...

Quem conta é José Braghetto, que foi o primeiro comandante da Guarda Municipal.

Um certo dia, aniversário de um policial de nome Antônio Ferreira da Silva, o Braghetto quis comemorar a data do colega na subdelegacia (Campo Limpo ainda não tinha delegacia, nem delegado

titular), que ficava localizada na Rua Miguel Roberto Consentino, travessa da Av. Adherbal da Costa Moreira, ao lado do bar do Caíto, e para isso tinha adquirido um barril de cinco litros de chope e um bolo.

Acontece que a subdelegacia ficava próxima da barbearia do vereador Venâncio Gonzaga Ramos, homem íntegro e de hábitos conservadores, que sentiu-se incomodado com a algazarra da festa.

Furioso, com cara de poucos amigos, resolvido a “reestabelecer a ordem” foi até a subdelegacia, e reprovou com veemência o acontecido. Segundo Braghetto, quando ele viu o Venâncio se aproximar, conhecendo-o, rapidamente escondeu o barril de chope na padaria de Mário Marchetti que ficava ao lado.

Diante dos berros de Venâncio, o subdelegado Duílio Balioni, pacatamente tentou convencê-lo a relevar, a abandonar o intuito da denúncia, já que o furioso vereador ameaçava, caso não fosse de imediato reestabelecida a ordem, relatar o fato à imprensa de Jundiáí.

Venâncio, porém, se manteve irredutível. Começaram a ser trocadas expressões pouco recomendáveis, e foi assim que o subdelegado sentindo-se desrespeitado resolveu dar voz de prisão ao “nobre vereador”, recolhendo-o sem delongas numa cela.

Uma prisão que na verdade durou apenas 30 minutos, graças à oportuna interferência do vice-prefeito Joaquim Tavares da Silva e dos demais vereadores, que em seguida solicitaram ao secretário da segurança pública a exoneração do subdelegado, o que acabou acontecendo.

Como podemos perceber, uma festa de aniversário que devia terminar em chopes, acabou ...na prisão!

A latinha estava vazia...

Quem conta é Luiz F. Monticcelli, o “seu Luiz da farmácia”, como é conhecido por todos.

“Quando cheguei em Campo Limpo Paulista, em 1964, onde adquiri a Farmácia Nossa Senhora Aparecida, como não havia hospital, tive que me transformar, por necessidade, em “médico-curandeiro”. Suturava feridas, aplicava soro antitetânico, e vendia fármacos, como os antibióticos, sem receita médica.

“Mas o mais pitoresco, eram os recados que recebia na minha farmácia. Um dia chegou em minhas mãos um bilhete em que estava escrito: **1 vidro de 1/2 patia, alio sativa...!** Traduzindo: o autor da mensagem queria: “1 vidro de homeopatia alium sativum”

“Um outro: **1 vidro de xarope 3 pur mim...!** ou seja, “1 vidro de xarope transpulmin”. Confesso que era extremamente difícil interpretar certos pedidos, principalmente quando vinham por escrito, bem mais difícil que ler as receitas dos médicos, que tradicionalmente são redigidas de forma quase ininteligível.

“Um outro caso curioso aconteceu quando chegou ao balcão da farmácia um cidadão que, como tinha que fazer o exame das fezes, solicitou o recipiente apropriado”.

“Pois bem, alguns dias mais tarde, a enfermeira do laboratório me contou que a tal pessoa, quando foi entregar a latinha que deveria conter o material para o exame, a própria estava vazia. Quando a enfermeira avisou que estava faltando o material, a pessoa ficou furiosa, saiu esbravejando, dizendo que o farmacêutico o tinha enganado, vendendo-lhe uma latinha vazia....!”



sr. Brasília Gonçalves de Souza



Foto do casamento do sr. Benedito Rodrigues



Local onde aparecia o saci e o cedro plantado para afugentá-lo, bairro do Moinho



dona Maria Procópio



Padre Paulinho

X X I I - Promoção Social

A partir do início da Revolução Industrial, no século XIX, os Estados e as sociedades vêm progressivamente reconhecendo que as pessoas que não dispõem de recursos suficientes, tem o direito de obter uma assistência da coletividade para fazer frente a certas necessidades mínimas.

A forma pela qual essa assistência se organiza, varia de país para país, havendo dois tipos principais de política social no mundo contemporâneo. Entre o extremo privatismo de assistência, representado pelas organizações privadas, fiscalizadas pelo poder público, e a extrema estatização, representada pelo governo constituído, há inúmeras formas intermediárias, segundo o grau de desenvolvimento das sociedades e dos Estados.

Assim, mesmo continuando a existir a assistência social, prestadas por entidades de direito privado, como as entidades eclesiásticas, e aquelas ligadas a atividades empresariais, foi criado a Promoção Social, órgão esse subordinado diretamente ao gabinete do Prefeito. Atualmente, através da "Diretoria de Programas e Desenvolvimento Social", a prefeitura atende aos munícipes que se encontram em estado de vulnerabilidade social. Esta ação, em parceria com entidades eclesiásticas e assistenciais, tem alcançado resultados elogiáveis.

Segundo informações prestadas por sua diretora, este departamento, dentre os vários programas desenvolvidos no setor, com grandes benefícios proporcionados aos cidadãos carentes, podemos destacar:

- Distribuição de cestas básicas e agasalhos às famílias necessitadas.
- Encaminhamento para o hospital local e outros, de doentes sem recursos, e em estado que requeira tratamento de urgência.
- Fornecimento de guias, orientação para a obtenção de documentos, incluindo fotografia, pagamento de passes e viagens a indigentes que necessitam deslocar-se para outras cidades.
- Fornecimento de óculos, de próteses, aparelhos auditivos, como também medicamentos através de farmácia própria.

Mantém um perfeito trabalho de pesquisa, com visitas aos bairros mais afastados, contatos com os chefes de famílias necessitadas, proporcionando a implantação de um detalhado cadastro, onde estão devidamente inscritas as famílias que são periodicamente visitadas.

O princípio filosófico que norteia as atividades do departamento rege-se na máxima: **É melhor ensinar a pescar que dar o peixe**, e é por isso que os seus funcionários recusam o termo "assistencial", que rende a idéia de um socorro emergencial. O seu trabalho destina-se a endereçar a pessoa necessitada para uma situação em que possa se sustentar com seus próprios meios, devolvendo o sentido de dignidade e de auto-estima.

Programa "Pró-Ação"

Da parceria entre a Prefeitura de Campo Limpo Paulista, Fundo Social de Solidariedade e entidades eclesiásticas, surgiu o Programa "Pró-Ação", criado em 1997.

O objetivo é, através dessas parcerias, garantir às famílias em situação de vulnerabilidade social uma situação melhor de vida. As famílias são triadas pela Promoção Social, e são cadastradas não apenas para receber benefícios, mas para participar de oficinas artesanais que propiciam uma geração de renda futura.

"Ensinar a pescar" é a idéia e o conceito que direcionam as ações do Pró-Ação. No lugar do assistencialismo e da caridade, a Prefeitura de Campo Limpo Paulista assume seu papel e oferece às pessoas excluídas do mercado de trabalho novas possibilidades de geração de renda.

O Atendimento de Plantão

É a porta de entrada das famílias que necessitam de atendimento, desde cesta básica, óculos, aparelho auditivo, 2ª via de certidão de nascimento ou casamento, enfim, todo apoio possível à família em um momento de dificuldade.

O atendimento ocorre em quatro núcleos:

- **Igreja São Francisco de Assis** - Atendimento prestado aos moradores dos bairros: Parque Internacional, Santa Maria, Marchetti e Pau Arcado.
- **Centro Comunitário LACASA** - Atende às famílias moradoras do bairro São José.
- **Conferência Vicentina Nossa Senhora do Rosário** - Atende toda a região Central da cidade.
- **Diaconia Santo Antônio em Botujuru** - Atende os moradores do Distrito de Botujuru.

Mais uma vez temos aqui a parceria das entidades, que cedem o espaço físico para o atendimento e, um voluntário, que também auxilia nos trabalhos.

O Grupo Convivência

Tem o objetivo de desenvolver, em pequenos grupos, atividades que resgatem a auto-estima e a dignidade dos cidadãos, de maneira que venham colaborar para o desenvolvimento da família. Isto através de uma capacitação que os levem para uma geração de renda.

São grupos em diversos bairros e são desenvolvidas atividades de bijouteria, culinária, manicure, bordados diversos, crochê em linha e barbante, pintura em tecido e costura industrial. Realizam atividades socioeducativas, onde são discutidos assuntos relacionados à saúde da mulher, à educação dos filhos, entre outros.

Ação Cidadão

Em 2001 a administração municipal implantou em Campo Limpo Paulista o "Ação Cidadão" (Programa Emergencial de Caráter Social e Requalificação Profissional).

O programa tem como objetivo atender ao desempregado residente em Campo Limpo Paulista, através de curso de qualificação ou requalificação profissional (operador de empilhadeira, eletricidade, jardinagem, costura industrial, manicure, manutenção de freios e outros); de bolsa-auxílio, além de cesta básica e seguro de vida. Em contrapartida, o usuário auxilia o município em diversas atividades, principalmente nas relacionadas à Diretoria de Serviços Urbanos e à Secretaria de Educação.

Cooperativa Vida Nova

Estes trabalhadores foram estimulados a formar uma cooperativa e a buscar o auto sustento, através da coleta e triagem do resíduo sólido reciclável. Para poder se consolidar como um empreendimento viável economicamente, a Cooperativa Vida Nova tem recebido da Diretoria de Programas e Desenvolvimento Social o necessário respaldo técnico.

Diferente do que ocorre em outras cidades, onde a população simplesmente deposita o material reciclável junto com o lixo, em Campo Limpo Paulista a administração, através da Cooperativa Vida Nova, faz a coleta diretamente nas casas. Mais do que cuidar do meio ambiente, o projeto está garantindo geração de renda para as famílias e dando-lhes uma nova chance no mercado de trabalho.

Este trabalho conta muito com a colaboração da população em separar o seu material reciclável.

Entidades

A cidade conta com um significativo número de entidades, e várias ligadas a instituições eclesiais e privadas.

A Prefeitura, mediante convênios e parcerias, tem integrado essas organizações em projetos e programas de alcance social, esportivo, cultural, educacional e de saúde pública.

Podem ser destacados, como exemplos, Rotary Club; Lar Pedacinho de Luz; Associação dos Aposentados e Pensionistas de Campo Limpo Paulista; Clube BMX; Comunidade Casa, Esperança e Vida; Casa da Paz; Ação Social São Francisco de Assis; Associação Recanto Filhos do Espírito Santo e Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Campo Limpo Paulista – ACISCLIPA e Sociedades Amigos de Bairros, dentre outras. Estas entidades formam, em conjunto com os serviços prestados pelo poder público, a rede municipal de atendimento ao cidadão.

Associação dos Aposentados e Pensionistas de Campo Limpo Paulista

A Associação foi fundada em 30 de janeiro de 1993, e a primeira Diretoria Executiva teve esta constituição: Presidente – José Oliveira da Silva, Vice-Presidente – Joaquim José de Almeida, Secretário Geral – Joel Moreira de Souza, 1º Secretário – Waldomiro Gonçalves, 2º Secretário – Juvenal Muniz de Oliveira, 1º Tesoureiro – Virgílio Rapanha, 2º Tesoureiro – João Inácio e Presidente de Honra – Luiz Sétimo Ziviani.

No dia 30 de janeiro de 1999, em área cedida pela Prefeitura Municipal, a Associação dos Aposentados e Pensionistas construiu sua sede própria na Av. Oswaldo Grandizoli, nº 1.035, no Jardim Corcovado.

Fundo Social de Solidariedade - FSS

O FSS, vinculado diretamente ao Gabinete do Prefeito, é presidido pela primeira dama do Município, dona Maria Cecília Mazon Braz.

Dentre as atribuições do Fundo, está a de coordenar ações dentro e fora da Administração Pública Municipal, objetivando reduzir as carências e melhor assistir às populações em estado de vulnerabilidade social.

O FSS é responsável por projetos como “Oficina de Costura Industrial” e “Cozinha Experimental”, por onde passam pessoas dadastradas pelas assistentes sociais, que necessitam desenvolver um ofício ou um aprimoramento pessoal para geração de renda rápida. O projeto “Conviver” da Melhor Idade procura promover a melhoria na qualidade de vida das pessoas idosas, resgatando ou preservando sua identidade, com o intuito de fortalecer as relações de convivência com a sociedade e também com a família.

Em espaço próprio, inaugurado na administração Luiz Antonio Braz, o grupo do Conviver desenvolve atividades artísticas, artesanais, culturais e de lazer.

Além disso o FSS é realizador de campanhas como a do agasalho, medicamentos, brinquedos, alimentos e material escolar, cujos donativos são repassados à Diretoria de Programas e Desenvolvimento Social do Município, para serem distribuídos aos usuários cadastrados pelas assistentes sociais.



Sede da Associação dos Aposentados e Pensionistas de Campo Limpo Paulista

X X I I I - Dados Socioeconômicos e Geográficos

“ Até agora é possível locar em tal cenário moderno os homens e os fatos das épocas históricas. Dentro em breve, porém, o nivelamento inevitável e salutar do progresso terá feito desaparecer dos olhos novos a visão da terra primitiva.

Felizes os que ainda puderem apanhar nos fugidios delineamentos os derradeiros traços dessa paisagem histórica, já ameaçada pelo tempo igualitário que só lhe conservará a carcaça indestrutível da terra e do céu, e que será a última testemunha presente das lutas, ambições e glória do passado ”.

Paulística, de Paulo Prado.

O Município de Campo Limpo Paulista localiza-se no Planalto Atlântico, sub-região do Planalto Cristalino, que é parte do Planalto Meridional na região sudeste do Brasil, a qual engloba os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

Devido aos seus aspectos físicos e humanos é uma região com acentuadas diferenciações, com áreas de relevo acentuado, intercaladas com extensões planas, do mesmo modo que zonas altamente industrializadas, ou dedicadas à agricultura diferenciam-se de outras que têm no extrativismo a atividade predominante.

Origem do Nome: os primeiros moradores vislumbraram na região um campo sem nenhuma edificação, limpo.

Latitude: 23° 02' 27" S

Longitude: 46° 47' 37" W

Temperatura: máxima média mensal: 26.0° C, medida em janeiro
mínima média mensal: 15.0° C, medida em junho

Precipitação: média anual de 1.355,3mm

Altitude: 740,09 metros

Clima: variável de tropical a subtropical

Divisas com os Municípios: Jundiaí, Várzea Paulista, Jarinu, Atibaia, Francisco Morato e Franco da Rocha.

Localização Administrativa: 5ª Região Administrativa de Campinas, Sub-região de Jundiaí.

Distâncias: da Capital do Estado: 57 km
de Campinas: 50 km
de Sorocaba: 80 km

Distritos: Botujuru (“boca dos ventos” em tupi-guarani)

Rodovias de Acesso: Rodovia Anhanguera, Rodovia D. Pedro I, Estrada Velha de São Paulo a Campinas, Rodovia Edgard Máximo Zambotto, que interliga o Muni – cípio às rodovias retro indicadas e Rodovia dos Bandeirantes, através do Rodoanel

Ferrovias: CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos

Aeroportos mais Próximos: Jundiaí e Viracopos em Campinas

Área Territorial da Cidade: 84 km²
 Zona Urbana: 45.46 km²
 Zona Rural: 38.54 km²

Habitantes: Total: 63.724 (Censo IBGE 2000)
 População Urbana: 62.260
 População Rural: 1.464

Densidade Populacional: 758,6 hab/km²

Taxa de Crescimento Demográfico: 5,06

Hidrografia: Rio Jundiá - manancial de abastecimento; principais córregos: Mãe Rosa, Moinho, Marsola e das Éguas

Área de Proteção a Mananciais: 51,32 km²

Natural ou Habitante de Campo Limpo Paulista: campo-limpense

Consumo Domiciliar de Água: (Fonte: Sabesp)	<u>Consumo (m³/mês)</u>	<u>% Imóveis</u>
	0 a 10	49
	11 a 20	37
	21 a 30	10
	31 a 50	3
	> 50	1

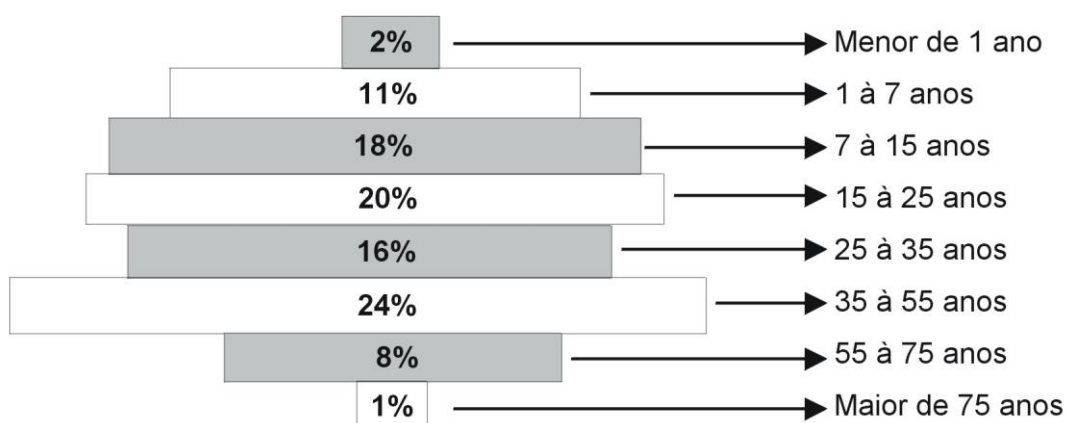
Nº de Servidores Públicos Municipais: 1.256 (nov/02)

Pirâmide Etária

Tabela

Faixa Etária	Masculino	Feminino	Total	Percentual
Menor de 1 ano	532	523	1.055	1,66%
1 à 7 anos	3.584	3.614	7.198	11,29%
7 à 15 anos	5.667	5.670	11.337	17,79%
15 à 25 anos	6.361	6.148	12.509	19,62%
25 à 35 anos	5.051	5.390	10.441	16,38%
35 à 55 anos	7.650	7.491	15.141	23,75
55 à 75 anos	2.419	2.599	5.018	7,87%
Maior de 75 anos	308	404	712	1,12%
Idade ignorada	146	167	313	0,49%

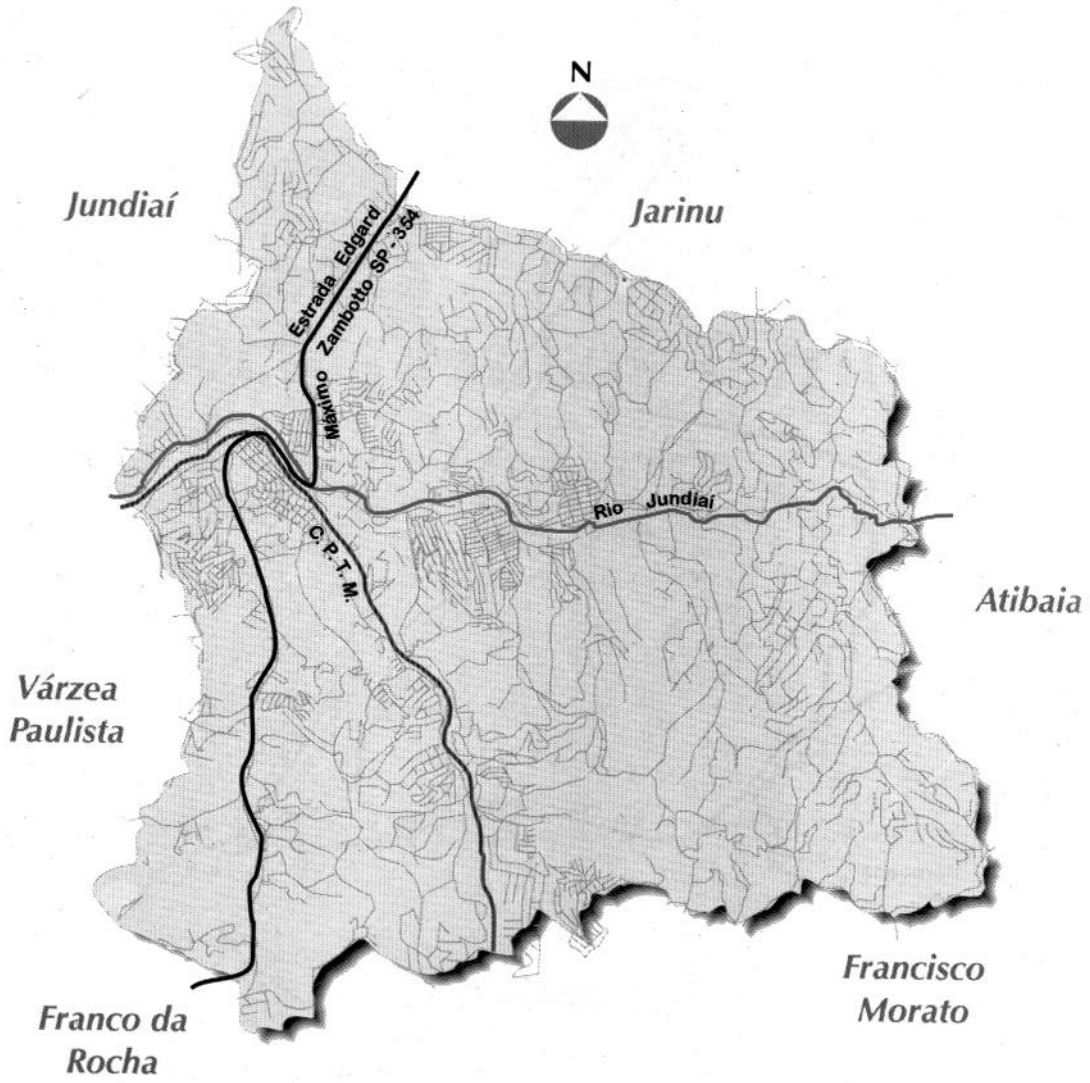
Pirâmide etária – População Total



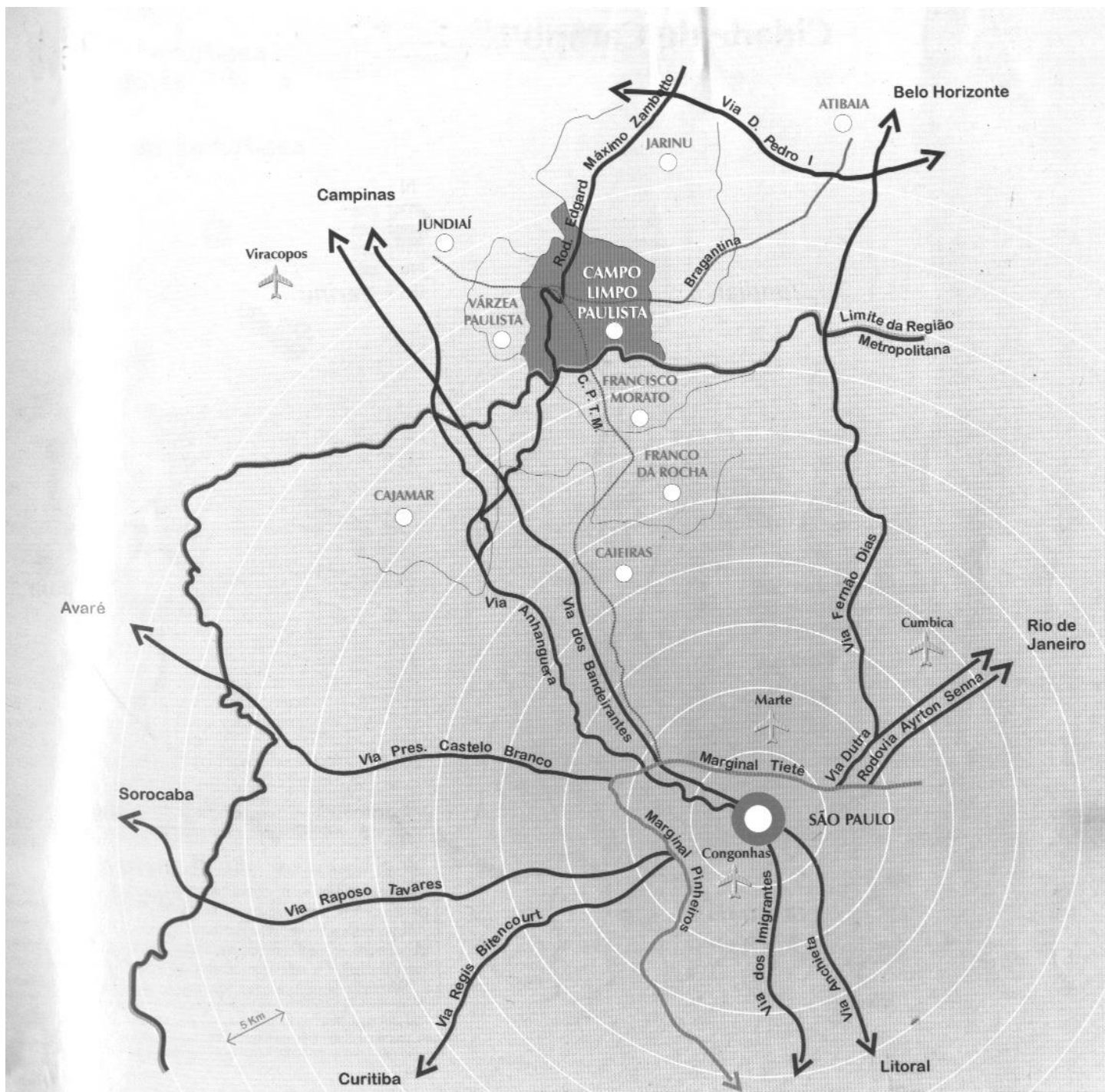
FONTE: Censo IBGE 2000

Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo – DIR Campinas

Cidade de Campo Limpo Paulista



Referências regionais



Principal Atividade: Indústria e Comércio

Principais Empresas por Ordem de Valor Adicionado do ICMS (ano base 2000):

- 1 – Thyssen Krupp (Krupp Metalúrgica Campo Limpo Ltda)
- 2 – Vitrotec Vidros de Segurança Ltda
- 3 – Zamprogna S/A Importação, Comércio e Indústria
- 4 – Prensa Jundiaí S.A.
- 5 – Giba Comércio e Importação Ltda
- 6 – Confecções Esportivas Dell’Erba Ltda
- 7 – Case Comércio e Importação de Tripas Ltda
- 8 – Jorma Indústria de Componentes Eletrônicos Ltda
- 9 – Trofa-L Indústria e Comércio de Alumínio Ltda
- 10 – Artigos Odontológicos Clássico Ltda
- 11 – Têxtil Cryb Ltda
- 12 – Aercamp Indústria e Comércio de Embalagens e Máquinas Ltda
- 13 – TRA Eletromecânica Ltda
- 14 – Superagro S/A Fertilizantes Inseticidas
- 15 – Confecções Maralice Ltda
- 16 – Krosty Indústria e Comércio de Produtos Alimentícios
- 17 – Thermoprat Indústria e Comércio de Embalagens Ltda
- 18 – Carbotex Química Indústria e Comércio
- 19 – ATB S/A Artefatos Técnicos de Borracha
- 20 – Supermercado Dema Ltda

Dados Institucionais

Endereço da Prefeitura: Av. Adherbal da Costa Moreira, 255 – Centro

Prefeito: Luiz Antônio Braz (PSDB)

Vice-Prefeito: Paulo Luiz Martinelli (PPS)

Endereço da Câmara de Vereadores: Av. Adherbal da Costa Moreira, 255 – Centro

Presidente da Câmara: José Roberto Donizete Segalla

Número de Vereadores: 17

Fórum Distrital: Av. Marechal Deodoro da Fonseca, 550

Hospital: Nossa Senhora do Rosário – Av. D. Pedro I, 1901

Delegacia de Polícia: Av. Alfried Krupp, 1300

Polícia Militar: Av. dos Emancipadores, 666

Desmembramentos

O Estado de São Paulo compõe-se de 645 Municípios, cujos desmembramentos tiveram origem nos dez mais antigos:

I	-	1532	-	São Vicente
II	-	1558	-	São Paulo
III	-	1600	-	Cananéia

IV	-	1611	-	Mogi das Cruzes
V	-	1635	-	Iguape
VI	-	1637	-	Ubatuba
VII	-	1645	-	Taubaté
VIII	-	1651	-	Guaratinguetá
IX	-	1655	-	Jundiaí
X	-	1661	-	Sorocaba

O ano que antecede o nome do município é o ano em que o dispositivo legal entrou em vigor ou quando teve início da divisão territorial, não é a data da fundação.

Jundiaí – desmembramentos:

O Município de Jundiaí, com enorme extensão territorial, tinha dentro de seus limites Mogi Mirim, Campinas, Itatiba e outras localidades que, ao longo do tempo, foram se emancipando.

- 1 - 1769 - Mogi Mirim (que se desmembrou em outros municípios)
- 2 - 1797 - Campinas (que também se desmembrou em outros municípios)
- 3 - 1857 - Itatiba: 1964 - Morungaba
- 4 - 1949 - Vinhedo: 1964 - Louveira
- 5 - 1964 - Campo Limpo Paulista**
 - 1964 - Itupeva
 - 1964 - Várzea Paulista

Dados Eleitorais - 2002

Campo Limpo Paulista - 344ª Zona Eleitoral

Locais de Votação - 16

Seções Eleitorais - 90

Nº de Eleitores - 44.835

Locais de Votação	Nº de Seções	Nº de Eleitores
E.E. 15 de Outubro	09	4.573
Centro Educacional SESI	08	4.000
E.E. Mário Pereira Pinto	11	6.217
EMEF. Dr. Francisco Monlevade	08	3.875
E.E. Elza Facca Martins Bonilha	10	5.402
E.E. Frei Dagoberto Romag	16	6.685
EMEF. Figueira Branca	03	1.386
EMEF. Bairro dos Pinheiros	02	1.114

EMEF. Lázaro Gago	01	472
EMEF. Jardim Laura	01	384
E.E. Oswaldo Grandizoli	03	1.402
EMEF. Nair Ronchi Marchetti	02	1.057
E.E. Georgina Helena Fortarel	06	3.344
E.E. Victor Geraldo Simonsen	06	3.068
E.E. Luiz de Carvalho	02	1.121
EMEI. Governador André Franco Montoro	02	735

Fonte: Justiça Eleitoral - 2002

Censo 2000

Saneamento Básico

- 16.700 domicílios. Sendo que 89,6% domicílios particulares permanentes estão ligados à rede geral de abastecimento de água; 64,2% possuem rede de esgotos, e 98,6% estão servidos pela coleta de lixo.

Renda

- Rendimento médio das pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes – R\$ 816,00, sendo que 50% delas recebiam menos de R\$ 570,00.

Escolaridade

- Escolaridade em anos de estudos das pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes:

Anos de Estudo	Nº de Domicílios	%
Sem instrução e até 1 ano	1.373	8,2
1 a 3 anos	2.451	14,7
4 a 7 anos	6.528	39,1
8 a 10 anos	2.969	17,8
11 a 14 anos	2.761	16,5
15 anos ou mais	591	3,5
Não determinados	<u>27</u>	<u>0,2</u>
	16.700	100

Taxa de Alfabetização: 93,8%

Orçamento do Município

Exercício	Realizado	
	Receita	Despesa
1997	20.780.198,12	19.583.936,64
1998	23.255.863,89	23.610.381,68
1999	28.229.556,72	29.010.927,76
2000	47.849.210,77	46.079.953,94
2001	38.800.521,71	34.923.850,14

Renda “per capita” em 2001 (Receita R\$ 38.800.521,71 : 66.948 habitantes) R\$ 579,56

Obs: Receita realizada e população projetada.

Previsão Orçamentária:

Exercício	Valor
2002	33.283.330,00
2003	40.579.609,00

Campo Limpo Paulista – Evolução do Índice de Participação dos Municípios:

Exercício	Índice
2000	0,1488
2001	0,1506
2002	0,1568
2003	0,1659

Índice de Participação dos Municípios

Classificação em 2003: 82º

X X I V - Segurança Pública

Com a República e a descentralização política, a segurança passou a ficar sob a responsabilidade dos estados. No Regime Militar de 1964, a Polícia Militar ficou sob controle central do Estado-Maior das Forças Armadas.

Após a redemocratização do País, a segurança pública volta a ficar a cargo unicamente dos estados.

Em Campo Limpo Paulista a segurança pública cabe a três corporações distintas, que devem garantir a tranqüilidade da comunidade: Guarda Municipal, Polícia Militar e Polícia Civil, que trabalham integradas, sendo que à primeira cabe dar apoio às Polícias.

Guarda Municipal

A Guarda Municipal foi instituída pelo primeiro prefeito de Campo Limpo Paulista, Adherbal da Costa Moreira, através de projeto apresentado pelo vereador Paulo Silva, sendo atribuição desta, zelar pelo patrimônio do Município, sem contudo ter poder de polícia judiciária. Seu primeiro comandante foi José Braghetto.

Atualmente o coordenador é Joaquim José de Almeida, 1º sargento reformado da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

A Guarda Municipal está sediada na Av. Casa Branca, nº 3.552, no Distrito de Botujuru, com plantão de 24 horas e o seu efetivo é composto por 72 guardas, sendo 5 do sexo feminino, mais 3 inspetores e 4 subinspetores.

Todos os casos em que a Guarda Municipal detém alguma pessoa por transgressão ao Código Penal, como furtos, porte de entorpecentes e outros crimes, a mesma é encaminhada para as autoridades competentes, ou seja, a Polícia Militar ou a Civil.

O Primeiro Comandante da Guarda Municipal - José Braghetto

Nasceu em Campinas, em 21 de setembro de 1938. Chegou em Campo Limpo no ano de 1942, com apenas 4 anos de idade, acompanhando a família. Seu pai tinha conseguido aqui um emprego relacionado com a queima do café.

Por isso uma das suas lembranças mais antigas, que bem demonstra o ambiente daquela época é: “o cheiro aqui na cidade era só café”.

Depois de ter completado o 1º grau na Escola Mista da Estação de Campo Limpo, foi para Jundiaí cursar o ginásio. Começou cedo a trabalhar. Tinha 11 anos quando se empregou num pequeno bar na Estação de Jundiaí. Em seguida, já com 14 anos, foi admitido como funcionário na indústria de móveis Filipinas, onde permaneceu até aos 18 anos. Convocado para servir o Exército, deu baixa em novembro de 1957. Dois meses depois casou.

Decidiu, então, ingressar na Polícia Militar. Cursou a Academia de Polícia em São Paulo, e formando-se foi destacado para Jundiaí, onde permaneceu pouco tempo. Em seguida voltou para Campo Limpo, onde ocupou o cargo de comandante da Guarda Municipal durante os mandatos dos prefeitos: Adherbal da Costa Moreira, Joaquim Tavares da Silva e Alcebíades Pardal Grandizoli.

As lembranças do tempo em que ocupou o cargo de comandante da Guarda são aquelas mais vivas na memória: “A primeira ocorrência que tive que atender foi um acidente que se deu na linha da Estrada de Ferro Bragantina, quando um trem atingiu a carroça do Zé Gordo. Essa ocorrência ficou gravada porque

tive que sacrificar alguns animais atrelados à carroça. Tínhamos muito trabalho em Campo Limpo, principalmente por causa dos piqueniques realizados no Nacional A. C., quando nos feriados chegavam de 3 a 4 mil pessoas.

Sobre o assassinato do prefeito Adherbal, as lembranças de José Braghetto são precisas: “Eu, naquele dia, me encontrava de licença-prêmio, e por isso estava na minha lanchonete, localizada na rua que hoje é a Av. Adherbal da Costa Moreira, quando o prefeito que estava passando me chamou: “Oh Braghetto, passa na Prefeitura lá pelo meio-dia, que tenho uma notícia para te dar”. O assassinato deu-se logo em seguida. Um japonês que teve o seu sítio invadido pelas máquinas da Prefeitura, pois nele devia passar uma rua, resolveu falar com o prefeito a fim de demovê-lo da idéia. Foi armado, mas antes de entrar no edifício da Prefeitura escondeu a arma, um revólver, numa pilha de tijolos, perto da entrada.

“O prefeito se mostrou irredutível aos seus apelos. Saiu esbravejando, deixando, porém, o seu chapéu na sala. Foi até a pilha de tijolos, retirou a arma, e voltando com a desculpa de ter esquecido o chapéu, atirou 4 ou 5 vezes no Adherbal, atingindo-o mortalmente no rosto e no peito. Realizado o assassinato, colocou a arma em cima da mesa, e calmamente disse: Podem chamar a polícia..!”

Braghetto lembra ainda que nos breves momentos que se passaram, enquanto o japonês foi buscar a arma, Adherbal se virou para dizer ao advogado Bento Gurgel, que se encontrava na sala: “Deus queira que esse rapaz não faça comigo o que fizeram com o Kennedy. Parecia até uma profecia - continua Braghetto - já que um jornal com a notícia do assassinato do presidente americano, se encontrava aberto sobre a mesa”.

Lembra também, com saudade, dos tempos em que trabalhou para a emancipação de Campo Limpo, e por isso considera-se, com muito orgulho, um “emancipador”: “A minha família toda participou do movimento, meu pai foi o delegado da emancipação na Vila Cardoso, e é por isso que em Campo Limpo há uma rua com o seu nome, e uma outra com o de minha mãe”.

Um sentimento saudoso volta a aflorar quando José Braghetto lembra: “O primeiro subdelegado de Campo Limpo foi Alfredo Rossi. Naquela época não se podia andar com a camisa fora da calça, que os transgressores eram logo repreendidos pelo subdelegado. A cidade era pequena e bem vigiada, qualquer manifestação coletiva, mesmo sendo um simples bailinho, era sempre acompanhada por um policial que garantia a ordem”.

Polícia Militar

Em Campo Limpo Paulista há um pelotão desde 1986, composto por 27 homens, dos quais, 20 soldados, 4 cabos e 2 sargentos. O comandante da PM local, desde dezembro de 2001, é o 1º tenente Geraldo José Casotti, que é também responsável por um segundo pelotão em Várzea Paulista, e por isso, aquele de Campo Limpo Paulista, é interinamente comandado pelo 2º sargento José Eustáquio da Silva.

As atribuições do pelotão são as do policiamento ostensivo, capturas, policiamento comunitário em eventos e escolas.

A Polícia Militar administra o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD, que atende crianças de 10 à 12 anos, dirigido pelo soldado Paulo Tarso Novak, através de palestras nas escolas.

Segundo as declarações do tenente Casotti, Campo Limpo Paulista é uma cidade relativamente tranqüila, quando comparada a outras regiões ou cidades, sendo registradas diariamente entre 5 e 6 ocorrências, das quais 70% referem-se a acidentes de trânsito. Deixa bem claro que sejam os graduados, como também os praças, realizam um atendimento perfeito à população, que mais do que guardas são considerados amigos, prontos a prestar qualquer serviço.

O endereço da Polícia Militar é na Av. dos Emancipadores, nº 666, no Jardim Santa Catarina, num edifício de propriedade do Município. Atualmente, com o apoio da Prefeitura e da comunidade, está sendo construída, no mesmo local, uma nova sede bem mais ampla e funcional.

Um parto ...complicado

Entre os serviços prestados à população pelos efetivos da corporação está incluído também aquele de “parteiro ad hoc”, como bem lembra o sargento José Eustáquio da Silva:

“Lembro que mais ou menos no mês de julho, numa noite fria, com uma viatura da Polícia, acompanhado por um praça, estávamos trazendo de Jarinu uma gestante para o hospital de Campo Limpo Paulista, a fim de dar à luz”.

“No meio do caminho começaram os trabalhos de parto. Percebemos que seria impossível alcançar em tempo o hospital, e por isso fomos obrigados a estacionar o veículo no acostamento, bem na divisa entre as duas cidades. Por sorte a parturiente não deu muito trabalho, e em pouco tempo nasceu uma robusta menina, que por falta de indumentas apropriados, foi envolta na camisa do soldado que me acompanhava. O cordão umbilical foi cortado com um canivete, que por sorte levava comigo, e foi amarrado usando o cadarço de um dos meus coturnos”.

“Quando penso naquele parto, me parece impossível ter conseguido levar a termo a incumbência, isso devido às dificuldades apresentadas. A sala de parto era a traseira de um volkswagem, e a iluminação a fornecida pelos nossos dois faroletes...!”.

“Nunca poderia pensar que passaria por um acontecimento igual, mas na nossa profissão existe sempre a primeira vez, afinal são os “ossos do ofício”.

Polícia Civil

Até a emancipação não havia em Campo Limpo, propriamente, uma delegacia, o que havia era uma subdelegacia, instalada numa casa na Vila Cardoso, ao lado do Posto de Saúde. Foi transferida em seguida para a Rua Miguel Roberto Consentino, e transformou-se em delegacia na emancipação, com a chegada do primeiro delegado, dr. Licínio Hilmar de Oliveira Arantes.

Hoje a delegacia é bem diferente. Instalada num amplo edifício surpreende seja pela limpeza, como também pela organização, que mais a faz parecer com uma sala de estar, bem diferente daquelas que normalmente são conhecidas. Oferece melhores condições de atendimento, através de instalações independentes, realizadas com o apoio da comunidade, e proporcionando assim total conforto aos munícipes.

Além do mais, a fim de deixar esta Unidade Policial como modelo funcional, a mesma foi dotada de toda a tecnologia e prestação de serviço que possa existir, como computadores, xerox, internet, interligação através do sistema on-line e Ciretran, que possibilita a emissão de documentos de veículos em curto espaço de tempo.

O plantão policial permanente foi personalizado, dotado de salas de audiência e salas destinadas à lavratura de autos de prisões em flagrante delito, proporcionando discrição no atendimento às ocorrências diárias.

Há 10 anos como delegado titular, está o dr. Walter Mendonça, e este tem como seu assistente o dr. Josias Guimarães.

A delegacia é vinculada à Seccional de Polícia de Jundiaí, subordinada à Deinter 2.

O pessoal é composto, além do delegado titular e de seu assistente, por seis investigadores, quatro escrivães e quatro carcereiros, tendo à sua disposição cinco viaturas.

A taxa de violência é pequena quando comparada com o que ocorre em outras cidades. Em 2001 houve 11 homicídios dos quais, 10 foram esclarecidos.

Devido a esses números, esta unidade policial foi considerada pelas estatísticas como sendo a unidade da região que menos registrou homicídios, sendo ainda a que mais esclareceu crimes dessa natureza.

O hábito não faz o monge

Esse fato aconteceu realmente e foi relatado pelo delegado dr. Walter Mendonça:

“Em 1995, apareceu na cidade um indivíduo bem apessoado, trajando sempre calças e jaleco branco, que se dizia médico, especialista em infectologia e doenças transmissíveis”.

“Depois de ter alugado um apartamento e adquirido no crediário os móveis, começou a freqüentar a sociedade local, onde foi bem recebido, pois era bem falante, como em geral são os vigaristas”.

“No carnaval de 1995, no decorrer de uma ronda realizada pela polícia, foi encontrado um veículo estacionado num local impróprio e que interrompia o trânsito. Suspeitando que se tratasse de veículo roubado, foi solicitado ao CEPOL uma investigação de placa. Nesse entretempo o proprietário apareceu. Era justamente o “médico”, estetoscópio no pescoço, que além de apresentar-se como tal, alegou ter várias especializações médicas, trabalhando nos principais hospitais da capital paulista, e para encerrar, declarou que era também piloto de helicóptero...!”.

“Apesar de todas as referências apresentadas, comecei a suspeitar que havia algo de não muito claro em tudo isso, pois o “médico” usava uma linguagem própria de marginais, linguagem esta que conhecia bem, isso devido ao meu trabalho”.

“As suspeitas começaram a se avolumar, e por isso, através de um mandado judicial, realizamos uma busca e apreensão na sua residência. Nessa diligência foram encontrados talonários de receitas falsificadas, que permitiam adquirir remédios controlados, além de vários carimbos e outros objetos que confirmavam as suspeitas”.

“Solicitada a ficha de antecedentes criminais ao órgão de identificação, a mesma apresentava mais de 6 metros de comprimento, praticamente incluindo todos os artigos do Código Penal, como também a informação que se tratava de um foragido da justiça, com várias condenações que somadas chegavam a mais de 15 anos”.

“O fato teve grande repercussão na imprensa de São Paulo, como também interessou os canais televisivos, que noticiaram o ocorrido”.



Prédio de esquina onde funcionou a primeira Subdelegacia de Campo Limpo, na Vila Cardoso



Prédio da 215ª Delegacia de Polícia, em Campo Limpo Paulista

Os inícios

Na época em que Campo Limpo era um bairro distante de Jundiá, o atendimento sanitário à população praticamente não existia.

De fato, como revela o sr. Joaquim Tavares da Silva:

“Havia apenas um “curandeiro” chamado Eugênio Lessi, ferroviário da S. Paulo Railway, que nas horas vagas atendia aos enfermos em sua residência. Hoje no local há uma praça com o seu nome, bem em frente à Igreja Católica. Algumas parteiras assistiam às parturientes, entre elas minha mãe, dona Rosalina...”

Havia também um boticário, Romualdo de Assis, que em 13 de junho de 1945 transferiu-se de Campinas para essa localidade. Abriu uma farmácia na Vila Chico Turco, e visto que em matéria de assistência sanitária Campo Limpo daquela época era praticamente desprovido, teve que arcar, além da tarefa de farmacêutico, também aquela de enfermeiro. Saía comumente na madrugada para atender a chamados e aplicar injeções.

Quanto ao atendimento às crianças, a situação não mudava. De fato, como bem lembra o professor João Justo Dias de Sá: *“O primeiro posto de puericultura ficava na área hoje ocupada pela Krupp, onde dona Wanda, sua esposa, atuava como enfermeira. Antigamente Campo Limpo atendia a região. Duas vezes por semana, num vagão acoplado a um trem da Bragantina, eram consultadas mães e crianças das áreas rurais...”*

Ainda conforme o prof. Justo, os primeiros profissionais do posto de puericultura de Campo Limpo foram, pela ordem: 1ª médica – dra. Maria Celeste Jansen Ferreira; 2ª médica – dra. Maria Panzera Iglesias; 3º médico – dr. Ramiro de Araújo Filho; 4º médico – dr. Milton Rondó; 1ª enfermeira – dona Wanda Miceli Dias de Sá; primeiras atendentes – donas Eglantina Rodrigues Ramos, Lucila Ávila e Édina Muzelli.

O dr. Milton Rondó, lembra, foi o primeiro médico a possuir consultório próprio na cidade.

Quando Campo Limpo obteve a emancipação político-administrativa em 21 de março de 1965, a situação do sistema de saúde encontrada pelos administradores do novo Município não tinha mudado muito.

Depois de implantado o Município, de acordo com o que consta no primeiro Plano Diretor, havia na cidade: um médico, uma enfermeira diplomada, que também fazia as vezes de parteira, dois cirurgiões-dentistas e quatro auxiliares de enfermagem.

O presente

Os investimentos em saneamento básico, a reabertura integral do Hospital Nossa Senhora do Rosário e as campanhas sanitárias e de prevenção repercutiram favoravelmente nos indicadores de saúde do Município.

Isto pode ser verificado, por exemplo, pela taxa de mortalidade infantil que atingiu 11,86 em 2000, quando o índice da região de Governo era 15,64 e do Estado, 16,97.

Examinando a extensão da rede sanitária em Campo Limpo Paulista, e comparando-a com o que existia quando de sua emancipação, se poderá aquilatar na sua totalidade o trabalho que os administradores do Município, nesses últimos 37 anos, tiveram para dotar a cidade de um sistema de saúde compatível com a sua importância.

Hoje Campo Limpo Paulista conta com quatro Unidades Básicas de Saúde – UBS's:

UBS do Conjunto Habitacional São José, UBS do Jardim Santa Lúcia, UBS do Distrito de Botujuru e UBS do Bairro do Pau Arcado.

Dispõe também de uma Unidade de Saúde Mental; de um Ambulatório Central; de um Centro Odontológico (para atender, prioritariamente, à população estudantil) e do Hospital Nossa Senhora do Rosário.

A Secretaria de Saúde mantém serviço de ambulância no hospital e na central de atendimento, na Rua Sétimo Patelli, na Vila Imape, além de transportar pacientes para centros médicos especializados na Capital e em Campinas, principalmente.

Estes serviços de transporte, como todos os demais na área da saúde são prestados gratuitamente à população.

A Secretaria de Saúde também disponibiliza, através de contratos e convênios, serviços especializados de ultrassonografia, fisioterapia, laboratório de análises clínicas, consultas com especialistas e outros procedimentos de alta complexidade.

O Ambulatório Central realiza ações em vários programas de saúde, tais como: da criança, da mulher, do adulto, trabalhador, hanseníase, tuberculose, hipertensão e diabetes.

No Ambulatório Central são realizadas pequenas cirurgias eletivas e ambulatoriais, procura-se dar uma solução aos pacientes crônicos, e também oferecer consultas com especialistas.

A Secretaria de Saúde conta, ainda, com equipes de Vigilância Epidemiológica e de Vigilância Sanitária.

História do Hospital da Cidade

Os jovens, formandos em medicina, Lázaro de Freitas Nunes (formado em 1965), Paulo Afonso de Luna Pinheiro (1966), Renato de Almeida Furtado (1966) e Arnaldo Martins dos Reis (1962), os três primeiros em Uberaba – MG e o último na USP, trabalhavam na Capital em 1967, quando vieram a Jundiaí. O convite foi do dr. Lázaro, que trabalhava no antigo Hospital Geral de Jundiaí (atual Hospital Maternidade).

No ano de 1967, o dr. Arnaldo Reis conheceu o vereador Pardal, então presidente da Câmara de Campo Limpo Paulista, ao atender sua esposa no Hospital Geral. Pardal, satisfeito com seus serviços, o apresentou ao prefeito Adherbal da Costa Moreira, que contratou o dr. Arnaldo para gerir o ambulatório central, com atendimento de manhã e à tarde.

Para ajudá-lo nessa tarefa, dr. Arnaldo chamou os colegas do Hospital Geral: drs. Paulo, Renato e Lázaro. O ambulatório ficava na Vila Cardoso, atrás do atual posto de saúde central. Nessa época Adherbal decidiu construir o Hospital Bom Samaritano, desapropriando uma sede de sítio, que foi ampliada e reformada para o nosocômio. Interessados em administrar o hospital, o que deveria ser feito por pessoa jurídica, os quatro médicos criaram a Sociedade Beneficente de Assistência Médica – SOBAM, em agosto de 1968.

O hospital, iniciado por Adherbal e Joaquim Tavares, foi concluído, instalado e oficialmente inaugurado em maio de 1969 pelo prefeito Jorge de Maio Vellasco, na presença, dentre outros, do dr. Jaime Rodrigues, diretor da Faculdade de Medicina de Jundiaí. Com 10 leitos e circuito interno de tv, o hospital era moderno para a época.

No início dos anos 70, surgiu a medicina em grupo no Brasil, com incentivo do governo federal, que autorizava às empresas a utilizarem parte do que repassariam ao INPS, em convênios para seus funcionários. Em 1971, a SOBAM firmou seu primeiro convênio com empresa, foi com a Vigorelli do Brasil. Por força desses convênios, abriram ambulatório em Jundiaí e adquiriram uma ambulância, que transportava seus pacientes para o Hospital Bom Samaritano, que atendia à região.

Diante do crescimento dos convênios e para não sobrecarregar o Bom Samaritano, a SOBAM formalizou um contrato com a Casa de Saúde Domingos Anastácio, em 1972. Naqueles tempos a realidade

era outra, os médicos e hospitais eram melhor remunerados pelo Ministério da Saúde, e não havia o déficit previdenciário que há hoje.

Na primeira administração do prefeito Pardal, 1973-1976, foi ampliada de 10 para 46 leitos a capacidade de atendimento do hospital. A empresa continuou crescendo e decidiu partir para a construção de um hospital. Com recursos próprios e financiamento do governo, por intermédio da Caixa Econômica Federal, concluíram, em julho de 1982, o Hospital Pitangueiras em Jundiá. Campo Limpo Paulista teve um atendimento médico volante pioneiro no final dos anos 70. Mediante unidade móvel de odontologia e assistência médica, atendia à população da periferia. Esse trabalho foi reconhecido num congresso internacional de medicina realizado na França. Na administração de Bruno Patelli, 1983-1988, houve necessidade da prefeitura subsidiar o hospital, pois os recursos do SUS eram insuficientes para o custeio. Esse subsídio foi interrompido na segunda administração do Pardal, 1989-1992, o que levou a Sobam a deixar o hospital. Na mesa de um dos diretores, a do dr. Paulo, ainda é visto um cinzeiro da SOBAM, brinde fabricado em 1971, constando o antigo endereço da Av. D. Pedro I, s/nº, e o telefone de nº 10, do então Serviço Telefônico Municipal de Campo Limpo Paulista.

No ano de 1996 o hospital foi parcialmente reaberto, sob a denominação de Nossa Senhora do Rosário.

Nosso Primeiro Consultório Médico

Entrevistamos o médico Milton Rondó, que chegou em Campo Limpo em 16/09/64 para assumir o posto de puericultura do Estado.

Sua família é de Presidente Wenceslau, onde seu pai, Nicolino, foi prefeito. Ainda menino conheceu Adherbal da Costa Moreira, que era amigo de seu pai. Adherbal, lembra, era representante comercial e vendia produtos ao seu pai, que possuía farmácia em Presidente Wenceslau. Formou-se em medicina em 1949, pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Com a ajuda do Adherbal e do sr. Paulo Assis (antigo morador e proprietário do “O Jornal de Campo Limpo”) conseguiu sua transferência de Itatinga para Campo Limpo, então distrito de Jundiá.

O posto de puericultura ficava defronte ao Paço Municipal, ao lado da casa de dona Quita, sua secretária. Posteriormente o posto mudou para um sobrado na Praça Castello Branco, até a construção do posto de saúde central, na gestão do sr. Jorge Vellasco.

Seu consultório particular, o primeiro de Campo Limpo, ficava ao lado da barbearia do sr. Venâncio, e foi vendido ao dr. Edgard Antônio de Souza depois que deixou a cidade.

O dr. Milton Rondó também clinicou no município de Várzea Paulista, na administração do sr. João Aprilanti. Tinha boas relações com os políticos da época, tais como os srs. Venâncio G. Ramos, Mitiharu Tanaka, Antônio Kariya, Pardal, Joel M. Souza e Jorge Vellasco, além, é claro, de Adherbal. Admirava sobremaneira o nosso primeiro prefeito em razão de seu dinamismo, sua disposição para o trabalho. Não entendia como conseguia fazer tanto em tão pouco tempo.

Recorda com tristeza do assassinato do prefeito Adherbal, quando foi chamado pelo advogado da prefeitura, dr. Bento do Amaral Gurgel, para socorrê-lo. Quando chegou o prefeito já estava morto. O tempo, lembra, estava nublado, cinzento, parecia que entristecera com a cidade. Na véspera de sua morte Adherbal o havia procurado com o vereador Rubens Vellasco. Pedia um espaço, no posto, para a instalação da coletoria da receita estadual.

Quando chegou a Campo Limpo não havia médico trabalhando no distrito, e por aqui ficou até o ano de 1978. Aposentou-se no Estado em 1984, mas até hoje está clinicando em Jundiá. Muitos de seus pacientes são de Campo Limpo, alguns acompanha desde criança. Até sua secretária, a Neusa, é daqui.

O dr. Milton Rondó é casado com dona Jurema de Carvalho e tem dois filhos: Patrícia Helen de Carvalho Rondó, que também é médica, e Milton Rondó Filho, que seguiu a carreira diplomática.

Médico, paciente e...família

Este fato foi relatado pelo dr. Hugo Komei Samejima, atual Secretário da Saúde do Município de Campo Limpo Paulista.

“Me encontrava de plantão, quando um clínico do pronto-socorro veio discutir um caso comigo. Tratava-se do caso de uma senhora de aproximadamente 50 anos, que acusava fortes dores abdominais. Segundo o clínico que a tinha examinado, estava grávida, mas, como a mulher negava terminantemente essa possibilidade, pedia a minha avaliação”.

“A mulher respondeu às minhas perguntas bastante reticente, mas percebi logo, depois do exame, que apresentava um abdome característico do estado de gravidez, com uma dilatação total, e com a criança já em posição para nascer”.

“Mandeí que fosse levada imediatamente para a sala de parto, onde em pouco tempo nasceu um robusto menino. Em seguida à puerperal, mais calma, me confessou que já tinha 4 filhos...bastante crescidos. O mais jovem deles tinha 18 anos, e foi justamente ele que a levou para o hospital para tratar-se de uma simples “dor de barriga”.

“Por isso, no decorrer da gravidez, pela sua idade, manteve escondido dos filhos o seu estado”.

“Quando fui dar a notícia à família reunida, que esperava aflita, foi como se um vento gélido tivesse transformado todos em blocos de gelo. Somente o pai, um senhor de 65 anos, que evidentemente sabia da condição da esposa, em voz baixa me perguntou se correu tudo bem. Garanti-lhe que sim, e naquele ponto percebi que nada tinha mais a fazer, se não parabenizar a todos pelo novo membro da família. Foi o que fiz!”.



Inauguração do Hospital Bom Samaritano - prefeito Jorge Vellasco ao seu lado (à direita da foto) seu irmão Rubens, vereador do município (à esq. da foto) João Amato, diretor de administração da prefeitura



Inauguração do Hospital Bom Samaritano - missa solene celebrada pelo padre Martinelli



Inauguração do Hospital Bom Samaritano, onde se vê da esq. p/ dir. prefeito Jorge Vellasco, dr. Arnaldo Martins dos Reis, dr. Tarcísio Germano de Lemos e sr. Joaquim Tavares da Silva



Posto de Saúde Central



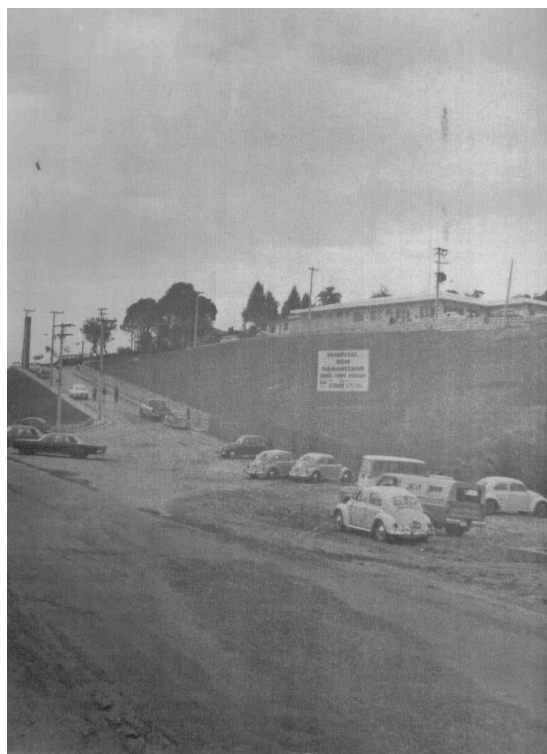
Aqui o 1º Hospital, (placa indicativa do futuro Hospital Bom Samaritano)



Inauguração do Hospital Bom Samaritano - missa solene celebrada pelo padre Martinelli



Hospital Bom Samaritano na data de inauguração



Serviço de ambulância do Ambulatório Médico Municipal, início dos anos 70

X X V I - Saneamento Básico

Campo Limpo, desde sua fundação, teve preocupação com o saneamento básico. Seu primeiro prefeito e emancipador, Adherbal da Costa Moreira, lançou as bases da instalação do que seria o D.A.A.E. – Departamento Autônomo de Águas e Esgoto.

Para isso, contratou detalhado estudo técnico e obteve financiamentos, inclusive junto à “Aliança para o Progresso”, para a construção da autarquia.

O sr. Joaquim Tavares da Silva, vice-prefeito do Adherbal, foi fundamental na instalação do DAAE, preparando-se tecnicamente, através de um curso no Rio de Janeiro, para dirigir a autarquia.

O DAAE foi oficialmente criado na gestão do prefeito Jorge de Maio Vellasco, através da Lei nº 188, de 19 de maio de 1969, e o primeiro diretor foi o sr. Alcebíades Pardal Grandizoli, seu vice-prefeito.

Os sistemas de tratamento de água e esgotos eram avançados para a época. Para se ter uma idéia, a estação de tratamento ficava instalada onde está hoje o Departamento de Serviços Urbanos, na Marginal esquerda do Rio Jundiáí, próxima à divisa com Várzea Paulista.

Após coletado e tratado o esgoto, a água processada, já potável, era despejada no Rio Jundiáí, sem nenhum dano ao meio ambiente.

Por falta de investimentos e atualização tecnológica, o DAAE foi, gradativamente, tornando-se ineficiente e deficitário. Até que em 09 de abril de 1998, por força da Lei Complementar no. 84, de 24 de novembro de 1997, o município de Campo Limpo Paulista assinou o termo de concessão, por 30 anos, dos serviços de água e esgotos à SABESP, numa visita do então governador Mário Covas à cidade.

A opção pela Sabesp, em vez de uma empresa privada, se deu por sua capacidade técnica e de investimento, e foi precedida de audiência pública no Cine Teatro Ayrton Senna.

O Município de Campo Limpo Paulista não tem uma ocupação urbana centralizada, bem definida, ao contrário, ela é esparsa e se estende por todo o seu território.

Região Central - Vila Olímpia; Jardim São Domingos; Jardim Santa Branca; Jardim América; Jardim Marsola; Jardim Paulista I; Jardim Paulista II; Jardim Monte Alegre; Jardim Corcovado; Jardim São Conrado; Vila Tavares; Jardim Campo Limpo; Jardim Santa Catarina; Vila Thomazina; Vila Imape; Jardim Bandeirante; Vila Cardoso; Vila São Paulo; Jardim Palmira.

Região Leste - Jardim San'Tiago; Jardim Amarilis; Jardim Marchetti; Jardim Europa; Jardim Santo Antônio I; Jardim Santo Antônio II; Parque Residencial Califórnia; Conjunto Habitacional São José I; Conjunto Habitacional São José II; Jardim Santa Maria; Parque Internacional.

Ocupação Esparsa Leste - Bairro do Pau Arcado; Chácara Serra Morena; Condomínio Cerro Azul; Recanto do Lago; Recanto do Sapé; Recanto da Videira; Chácara Avarandado; Estância São Paulo; Champ's Privée; Jardim Paiol; Colinas Tropical; Chácara Vale Verde; Chácara São Domingos; Chácara das Videiras; Chácara Santo Antônio; Chácara das Flores e Chácara de Recreio;

Região Oeste - Jardim Solange; Jardim Vitória; Jardim Vera Regina; Jardim Guanciaie; Jardim Maria; Jardim Santa Filomena; Jardim Solange; Sítio Lagoa Branca; Sítio Santa Quitéria; Jardim Santa Branca; Portal da Primavera.

Região Sul - Jardim Brasília; Jardim das Palmeiras; Vila Chacrinha; Jardim Santa Isabel; Colinas do Pontal; Parque Loja da China; Jardim Boa Vista; Jardim Marieta; Vila Firenze; Outeiro das Paineiras; Parque Santana; Chácara Bom Sucesso; Jardim Denise; Vila Constança; Vila Ipê; Vila Botujuru; Jardim Fritz; Jardim Santa Cecília.

Ocupação Esparsa Sul - Bairro do Moinho; Vale das Castanheiras; Chácara São João; Recanto das Rosas; Jardim Vista Alegre; Reserva Bom Viver.

Região Norte - Jardim Laura; Recanto Campo Verde; Parque Yramaia; Parque Niagara, Chácara Nova Essen; Estância Figueira Branca.

Ocupação Esparsa Norte - Fazenda Granja Marajoara; Chácara Nova Germânia; Jardim Timbará; Bairro do Campo Verde; Chácara Novo Hamburgo; Privé Gramados de Santa Rita I; Privé Gramados de Santa Rita II; Chácara Campo Limpo; Ville de Saint James I; Ville de Saint James II.

Estância Figueira Branca - Um recanto europeu num paraíso tropical

A Estância Figueira Branca, em Campo Limpo Paulista, é deveras, um lugar privilegiado. Por sua topografia montanhosa, clima excepcional e belezas naturais, emolduradas no verde de uma natureza ainda não conspurcada, transformou-se, desde logo, num pólo com enorme potencial turístico, embora sem a correspondente e imprescindível infra-estrutura hoteleira para ser explorado.

Localizada numa região que possuía e possui características climáticas muito semelhantes às do clima europeu, por isso, logo após a Segunda Guerra Mundial, imigrantes alemães chegaram a formar uma pequena colônia, juntamente com muitos descendentes de húngaros e suíços.

No entanto, como afirma Carla Peruchi de Candia, em seu trabalho de graduação interdisciplinar: *"Revitalização do Patrimônio Visual e Implantação de Estações de Lazer em Campo Limpo"* (1998);

"A cidade tinha na região norte do território chácaras de recreio, sendo o primeiro loteamento da região denominado Estância Figueira Branca. Este loteamento possuía uma cláusula contratual que na compra de lotes a pessoa tomava-se socioproprietária de um clube de mesmo nome. Apresento, a seguir, um histórico sobre o local, nas palavras do sr. Vicente Baroni, morador do bairro, ex-presidente do Clube Estância Figueira Branca e um dos primeiros a comprar um lote no local;

“A história do bairro da Figueira Branca, começa há mais de cinqüenta anos atrás, bem antes da emancipação dos municípios de Campo Limpo Paulista e Jarinu. O local resumia-se numa grande fazenda com cerca de 110 alqueires de propriedade da família Asbahr, de origem alemã. Plantações de eucalipto e criação de suínos eram as principais atividades desenvolvidas no local.

A cultura do eucalipto foi muito importante ao fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando se tornou difícil a importação de petróleo, obrigando muitas indústrias a se adaptarem à queima de lenha para continuarem funcionando. Esta foi também a época da invenção do gasogênio, que chegou a abastecer muitos caminhões e também automóveis, devido a situação de emergência provocada pela escassez do petróleo. Este quadro nos levou à comercialização de quase toda a cultura de eucalipto da região.

Por volta de 1950, tendo a família Asbahr colocado a propriedade à venda, dois engenheiros compraram a área e deram início ao loteamento, que dividiu a fazenda em 650 lotes de aproximadamente 3 mil metros cada um e uma parte foi destinada para abertura de ruas e ao uso comum dos proprietários dos lotes. Com o objetivo de se formar um condomínio fechado, foram construídos dois grandes portões: um na atual Estrada da Figueira Branca e outro na atual Estrada dos Ipês. Na época não foram tomadas medidas legais necessárias e as ruas caíram no domínio público, impedindo que o local fosse fechado para a formação de um condomínio fechado”

"A Sociedade Ingaí de Imóveis, responsável pela venda dos lotes, construiu uma grande maquete, que ficava exposta no prédio Martinelli da Av. São João em São Paulo; e em visita a este local, o sr. Baroni interessou-se pelo negócio:

" A maquete impressionava pelo seu detalhamento e o livrete de lançamento continha todas as vantagens e condições de compra, prevendo inclusive a formação de um clube de campo no local. Para facilitar a venda, a Ingaí Imóveis pagava a passagem de trem dos interessados em comprar um lote na Figueira Branca e também oferecia condução para levá-los da estação até o local para conhecer os lotes. Próximo à casa sede da antiga fazenda havia um grande galpão coberto de sapê, onde estava instalado o restaurante de dona Helena, local em que os visitantes podiam desfrutar de um delicioso almoço. Helena Vargyas Von Weimerth, de origem húngara, veio para o Brasil acompanhada de seu marido o então violinista da Filarmônica de Frankfurt, e esta tornou-se muito popular chegando a ser eleita vereadora de Campo Limpo Paulista”

O nome do bairro foi escolhido devido a uma árvore de figueira-branca que ficava próxima à casa sede. Segundo o sr. Baroni, a árvore nunca deu flor e um temporal, há cerca de 25 anos, a derrubou.

" Vários atrativos chamavam a atenção dos compradores, como por exemplo o excelente clima da região, os lagos e córregos alimentados por nascentes e a vegetação exuberante. O preço também era convidativo, e as condições de venda previam o parcelamento em até 100 prestações iguais, sem juros ou correções. Havia ainda uma outra vantagem oferecida aos interessados em adquirir um lote no bairro. Segundo o casal Marco e Dora Calheiros, proprietários da Pousada do Marc, cada comprador tinha o direito a um determinado número de cotas do clube, de acordo com o número de terrenos adquiridos. Logo um bom número de interessados adquiriu lotes, entre eles vários de origem estrangeira como alemães, húngaros, finlandeses, italianos, espanhóis, sendo que alguns eram artistas plásticos, fotógrafos, além de profissionais liberais. No início, muitos construíram suas casas, mas desfrutavam do lugar apenas nos finais de semana, temporada de férias e feriados; mas, com o passar do tempo resolveram mudar-se definitivamente em busca de uma vida mais saudável, longe da violência e da agitação das grandes cidades”.

Carla Peruchi de Candia, conclui pois sua exposição sobre a Estância Figueira Branca:

" Estes dados nos dão um breve resumo em relação às chácaras de recreio que se encontram ocupadas até hoje por veranistas: muitos destes, profissionais voltados às artes, que simpatizavam com a beleza do local e que aí se instalaram buscando inspiração para seus trabalhos_".

Carla Peruchi de Candia, relata de forma clara a história do início da Figueira Branca. Mas como era a vida deste bairro, que em seguida se tornou estância?

Neste ponto, nada melhor ouvir, ou melhor dizendo, ler "O Pêndulo", edição de 3 a 9 de setembro de 1999, e que tem como título:"Saudades do Clube Estância Figueira Branca".

"...Antes do asfalto o caminho era pela Estrada das Sete Curvas, e como a própria denominação sugere, era sinuoso com risco para os motoristas. Nesta época operava a "jardineira", antigo ônibus com cabina de caminhão que se aventurava por aquela tortuosa vereda até o centro da cidade".

"A pavimentação da Estrada da Figueira, que se deu na primeira gestão do Pardal (1969-1973), garantiu-lhe a gratidão dos moradores do bairro, seu reduto eleitoral. O bairro era constituído por muitos imigrantes, substancialmente de origem alemã. Residiam também húngaros, suíços, e outros de origem européia".

"Havia dois bem freqüentados restaurantes no bairro, um instalado no Clube, e outro nas proximidades do popular Bar do "Zé Cobreão". O primeiro já desativado, era dirigido pelo simpático casal alemão Osvaldo e Frauke Oerther, que ainda mantém restaurante, o "Ossi's", de destaque nacional, na divisa com Jarinu, o segundo, agora transformado em motel, era administrado pela ex-vereadora Helena Vargyas Von Weimerth, de origem húngara, casada com o sr. Lazlo, exímio violinista, que chegou a tocar na Orquestra Filarmônica do Estado, ambos falecidos".

"A dona Helena, como a conhecíamos, elegeu-se em 1976 já idosa, mas com invejável entusiasmo e disposição para o trabalho. Destacou-se por sua ativa participação nos projetos sociais da cidade. Com seu inconfundível sotaque, trocava masculino pelo feminino e abusava dos diminutivos, chamava, como exemplos, os vereadores de "o Bruninha", "o Anísia", "o Maura", "o Toninha" e assim por diante".

"Dona Helena era exemplo de otimismo e perseverança, irradiava alegria, amava a vida e viveu intensamente".

"A Estância Figueira Branca sempre acolheu renomados artistas plásticos, como Tao Sigulda e Eugênio Mogor, este último já falecido e sepultado, com sua mulher, na Necrópole Bosque da Saudade".

"O bairro possui outras atrações, como lagos, o Asilo Suíço, com arquitetura típica alpina, e lindíssimas chácaras".

Jardim Marsola – sonho de Adherbal

O bairro leva o nome do proprietário da área onde surgiu: João Marsola. Sua construção foi iniciada em 1969.

Era um imenso campo no qual, na uniformidade, se destacavam a casa de Marsola e a Vinícola Grandizoli, de Oswaldo e Arthur Grandisoli.

A idéia do bairro surgiu em 1967, por intermédio de Adherbal da Costa Moreira, prefeito de Campo Limpo Paulista, que dava, então, os passos para a construção do primeiro conjunto habitacional do Município.

Foi assim que nasceu o Jardim Marsola, um empreendimento que gerou empregos para muitos campo-limpenses, com a construção de 428 casas de tijolinhos e telhas de cimento, de dois e três

dormitórios. Era para a época uma iniciativa deveras moderna, pois previa áreas institucionais e verdes, um centro comercial e três avenidas principais com nomes de: Niterói, Rio de Janeiro e Brasília.

Infelizmente o seu idealizador, o prefeito Adherbal da Costa Moreira, não teve a satisfação de ver a conclusão do Jardim Marsola, pois morreu tragicamente assassinado em 1968.

Foi um trabalho em que foram usados, sempre que possível, material fornecido pelas indústrias locais, os tijolos, por exemplo, foram fornecidos pela cerâmica do sr. Ito, que tinha o seu estabelecimento e casa onde hoje existe o estacionamento da Rápido Luxo. A sua casa, por inspiração de Adherbal, foi transformada no Hospital Bom Samaritano, inaugurado em seguida pelo prefeito Jorge de Maio Vellasco.

Os primeiros moradores do Jardim Marsola eram da Capital, e começaram a chegar no início dos anos 70.

Na ocasião não foi vendida a totalidade dos imóveis. Muitos compradores, não suportando o ônus das prestações, abandonaram as casas, que foram a leilão, acarretando uma grave crise para o empreendimento.

No final dos anos 70, uma instituição financeira, por intermédio de Geraldo Perez, assumiu a gestão do Marsola. Reformados e refinanciados, os imóveis foram comercializados e o bairro, refletindo essa transformação, foi revitalizado.

O Distrito de Botujuru

Na língua tupi-guarani, Botujuru tem o significado de “boca dos ventos” e desde o seu surgimento confunde-se com a história de Campo Limpo Paulista, pois ambos nasceram às margens da Estrada de Ferro (SPR).

Botujuru, outrora um pequeno povoado, moradia de ferroviários, oleiros e lenhadores, mais conhecido por seu túnel ferroviário, construído no século passado pela SPR, que com o seu quilômetro de extensão o tornou, durante décadas, o mais longo do Brasil, só se expandiu demograficamente com a proliferação dos loteamentos, quase todos, lamentavelmente, sem a mínima infra-estrutura.

A estação de Botujuru foi aberta em 1908 pela SPR, como posto telegráfico, e até 1979 era apenas uma parada com plataforma de madeira, uma cabina e um posto, quando, então, a Rede Ferroviária Federal inaugurou o prédio novo para a estação.

Consta que, durante a Revolução Constitucionalista de 1932, os paulistas construíram várias trincheiras sobre o túnel, que até hoje existem.

Assim, hoje Botujuru conta com vários bairros: Jardim das Palmeiras; Jardim Brasília; Jardim Fritz; Vila Chacrinha; Vila Botujuru; Vila Constança; Colina do Pontal; Vila Ipê; Outeiro das Paineiras; Vila Firenze; Vila Marieta; Parque Santana; Jardim Santa Isabel; Vale das Castanheiras; Parque Loja da China e Fazenda Santa Paula.

Passou à categoria de Distrito através da Lei Estadual nº 4954, de 27 de dezembro de 1985, e teve um papel de destaque na história do Município, pois é considerado o berço da emancipação, pois lá residia o presidente da Comissão da Emancipação Político-Administrativa, Adherbal da Costa Moreira, que em seguida se tornou o primeiro prefeito eleito de Campo Limpo Paulista.

Adherbal, que tinha a têmpera do homem público, voltado para o desenvolvimento social, foi também o presidente da Sociedade Amigos de Botujuru. Foi obra dele a construção da Praça da Igreja Santo Antônio com respectivo coreto. Sua esposa, dona Yolanda, deu o nome a uma creche do Distrito.

Vários outros políticos locais se destacaram, como os vereadores Jair Pereira dos Santos, Antônio Faustino Bizetto, Valdir de Jesus Alvarez, Manoel Bananeiro e José de Souza Charrua, este último, antigo morador de Botujuru, ferroviário (cabineiro da Estação), deu o nome a uma escola do Distrito, na Av. Casa Branca. Pela sua habilidade política, Charrua chegou a ser presidente da Câmara Municipal.

Botujuru foi também o local onde se instalou, em 1946, o primeiro empreendimento industrial de Campo Limpo Paulista, a “Fábrica de Fogos Dois Anões”, de propriedade da Loja da China, um importante estabelecimento comercial da Capital, e que deu nome ao loteamento Parque Loja da China, que hoje compõe o Distrito de Botujuru. Há relatos que a fábrica sofreu uma explosão acidental, ocasionando a intervenção do Exército no local.

Como curiosidade, reportamos o que nos foi dito por dona Maria Olga Paulino dos Santos, viúva do vereador Jair Pereira dos Santos, que conta que Vila Chacrinha era também conhecida como a “Vila dos Pelados”. A alcunha foi dada pelos passageiros de trem, que passando pelo local viam freqüentemente crianças nuas..”

Enfim, como podemos ver, não é só em extensão territorial que Botujuru é grande. Sua importância transcende aspectos meramente socioeconômicos ou geográficos.

Conjunto Habitacional São José - A realização de um idealista

O Conjunto Habitacional São José, hoje considerado bairro da zona Leste da cidade, é realização, fruto do idealismo, de um homem que elegeu Campo Limpo Paulista como o seu lar.

Nos referimos ao engenheiro Fernando Seixas Ribeiro Bastos, o “Fernandinho”, como era conhecido carinhosamente pelos amigos e pelos campo-limpenses em geral.

Nascido em São Paulo-Capital, em 1944, formou-se em Engenharia Naval na Escola Politécnica da USP. cursou a pós-graduação nas áreas de Economia e Pesquisa Operacional na Universidade do Rio de Janeiro.

Foi professor das cadeiras de Estatística e de Serviços Municipais na Escola Técnica de Administração Municipal da Fundação Prefeito Faria Lima - CEPAM, e na cadeira de Estatística da Faculdade de Engenharia da PUC de Petrópolis. Foi também coordenador responsável e professor de diversos cursos do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional.

Trabalhou com sucesso no antigo BNH, onde entrou através de concurso, ocupando os cargos de engenheiro, assessor da Diretoria e assistente da Presidência.

Como não desejava ser transferido para o Distrito Federal, prestou concurso e foi aprovado em primeiro lugar na Fundação Prefeito Faria Lima - CEPAM, na qualidade de Engenheiro.

Através de um anúncio de jornal, foi atraído para Campo Limpo Paulista, onde adquiriu uma propriedade no bairro do Pau Arcado. Com a mulher, a artista plástica Romy Bastos, se transferiu definitivamente para Campo Limpo, onde nasceu a filha, a campo-limpense Joana.

Assim que instalado na cidade, se empenhou em participar ativamente da vida comunitária. Foi sociofundador da APAE e da Sociedade Amigos do Bairro do Pau Arcado. Em 1978, foi o primeiro presidente da SAB.

Colocou, sem titubear, a sua vasta experiência a serviço do Município, elaborando e executando, com técnicos da CEPAM, um projeto que visava a despoluição do Ribeirão das Éguas, sem acarretar com isso qualquer ônus para a municipalidade.

Idealizou, também, um estudo de planejamento urbano que trouxe para Campo Limpo Paulista, sempre através da CEPAM, o projeto PROFILURB, um financiamento do SFH, que visava a construção de conjuntos habitacionais destinados às camadas populacionais de baixo poder econômico.

Decidido a levar em frente esse empreendimento de grande repercussão social, no decorrer dos anos 80, não mediu esforços a fim de sensibilizar os Poderes Executivo e Legislativo da cidade a fim de que esse projeto fosse concretizado. Para isso, chegou a promover um debate público no plenário da Câmara Municipal sobre a conveniência da obra, à qual recebeu o nome de Conjunto Habitacional São José, e que deveria ser implantado no Sítio Santo Antônio.

Por fim a iniciativa foi aprovada, mas não sem acaloradas discussões por parte de alguns políticos locais, entre os quais o Pardal, que se encontrava em campanha eleitoral, e por isso temia que o conjunto habitacional se transformasse numa poderosa arma de propaganda nas mãos dos adversários. E isso realmente aconteceu, pois Tanaka foi eleito, tendo consagrada votação nas últimas seções eleitorais na Escola Francisco Monlevade, que representavam, principalmente, os eleitores do São José.

Assim, o Conjunto Habitacional São José foi levantado, mas não conforme a concepção inicial de seu idealizador, que previa residências e lotes mais amplos, em menor número, integrados à paisagem e em forma de condomínio fechado.

De qualquer forma, o Conjunto Habitacional São José significa a coroação do idealismo de um homem, ao qual, o Município de Campo Limpo Paulista deve reconhecimento e gratidão, e que tem um lugar de destaque na sua história.

Contemplando o Campo Verde . . .

Muitos que passam pela Estrada Aksel Ernits, no Campo Verde, e não têm raízes no Município, provavelmente não conhecem a história da admirável personalidade que deu o nome a essa vicinal.

É uma pena, diria a professora aposentada Hayvé, viúva do sr. Aksel, pois seu marido foi um grande homem: culto, generoso e de notável grandeza d'alma. Natural de Tallinn, capital da República da Estônia, país báltico localizado no centro-norte da Europa, Aksel era de família nobre. Seu pai, Gustav Ernits, possuía título de barão.

Dada à instabilidade política do país, que chegou a viver após a I Guerra Mundial sob ocupação dos comunistas russos e tropas alemãs, a família decidiu imigrar para o Brasil. Aksel chegou ao país em 1928, com seus pais e seus irmãos Walter e Ellen. Primeiro se fixaram em Ribeirão Preto, depois em São Paulo e, finalmente, durante a II Guerra, em Campo Limpo, então bairro de Jundiaí.

A família adquiriu um sítio no Campo Verde, onde criou alevinos de carpas para o Ministério da Agricultura, depois passou a criar gado leiteiro holandês, galinhas legornes, gansos e cisnes.

Dona Hayvé nasceu em Bebedouro, interior de São Paulo, e estudou num colégio de freiras. No ano de 1951 residia em Jundiaí, quando foi designada para substituir, por trinta dias, a professora titular da escola rural de Campo Verde. Desembarcou do trem e dirigiu-se à escola de charrete, pela então Estrada das Sete Curvas. A princípio, lembra, ficou impressionada com o cenário, mas achou o lugar muito pacato, quase esquecido. No caminho perguntou ao cocheiro de quem era aquele belo sítio (do Aksel), ao que aquele respondeu:

- De um solteirão.

Isso lhe ficou gravado na memória. Até que um dia, no sítio do sr. Lazinho Gago, onde temporariamente residia, conheceu o sr. Aksel. Ele veio socorrer uma vaca do sr. Lazinho, pois tinha prática veterinária.

Quem tem o privilégio de conhecê-la sabe, não há como não gostar de dona Hayvé: cativante, bem-humorada, amável e gentil. Agradece a Deus todos os dias por ter vindo a Campo Limpo, esta terra abençoada, onde conheceu o sr. Aksel.

Recorda que seu marido trouxe a energia elétrica ao Campo Verde, através de Jundiaí, e que participou, como delegado do bairro, do movimento de emancipação de Campo Limpo. Viajava de trem até o ABC e trazia, nas mãos, várias e pesadas peças para as instalações elétricas. Extremamente forte, disposto e solidário, nunca mediu esforços para ajudar entidades assistenciais e esportivas do Município, a quem doava, por exemplo, tijolos de sua olaria. Numa ocasião doou um órgão à Igreja, e enviava, regularmente, material pedagógico e merenda para a escola do bairro.

Dona Hayvé lembra com orgulho e incontida alegria, que trabalhou por vinte e nove anos na escola do Campo Verde (hoje E.M.E.F. Lázaro Gago), e que sua nora Roseli está lecionando no mesmo estabelecimento, sucedendo-a nessa honrosa missão.

A Roseli, assevera, estava receosa de lecionar para a 1ª série, porém convenceu-a. Afiançou-lhe que com carinho, dedicação e amor seria bem sucedida. Isto, destaca, efetivamente aconteceu.

Outra grata recordação de dona Hayvé é com respeito à Capela Santo Antônio, que ajudou a construir e onde promoveu inúmeras celebrações e festividades religiosas, com a participação da comunidade e de seus alunos. No local da Capela, ressalta, ficava um rancho em ruínas, ao lado de um cemitério de anjinhos (crianças). Nos anos 60, o sr. Aksel mantinha uma olaria no sítio, dotada de cinco fornos.

O sr. Aksel faleceu prematuramente em 1981, deixando os filhos Carlos Gustav, casado com a Roseli, e Henrique, casado com a Heloísa.

A família, unida, permanece residindo no sítio. As casas do Carlos e do Henrique foram construídas, à esquerda e à direita da residência do Sr. Aksel, onde podemos observar, amiúde, a dona Hayvé sorrindo, contemplando o seu Campo Verde . . .

Bairro do Pau Arcado - Do Cavaleiro Essio Grandisoli – “in memoriam”

“ Isso mesmo. Cavaleiro. Mas bem que poderia ser acrescida a letra “h”, já que o saudoso líder comunitário era, antes de tudo, um autêntico cavalheiro. Nasceu no povoado do Pau Arcado, em novembro de 1913, cujo cenário rural e campestre contrastava com o sacolejar dos trens da Estrada de Ferro Bragantina. O menino Essio, filho do casal de italianos Ottorino e Letícia, juntamente com os irmãos Oswaldo, Artur, Josefina, Elide, Ermelinda, Guiomar, Hugo, Mário, Zélia e Luiz, ajudavam no labor agrícola em terras de Atibaia, Jarinu e Campo Limpo, pois o Sítio Campininhas (hoje denominado “Champ’s Privés”) estava plantado exatamente na confluência das três fronteiras, embora os municípios fossem apenas Atibaia e Jundiá. De tanto trabalhar a terra o “velho” Essio foi conhecendo todos os segredos da vida do campo. Em virtude dessa intimidade com as coisas simples do sertão, aprendeu a montar e a vender animais, principalmente bois e cavalos. De quando em quando um cachaco, uma cabra ou um coelho. Quatis, capivaras, tatus, veados, bugios, sabiás, canários e outros moradores do “Matão do Sargento” jamais. Esse era o perfil do Essio Grandisoli. Amigo da natureza e respeitador da vida animal.

Foi no mesmo povoado que conheceu a ternura e o amor de Irene, simpática – representante da Família Zem, que morava nas proximidades. Depois de uma reza de São Gonçalo juraram felicidade através dos tempos. E, dessa união chegaram Moacyr, Alcebíades, Aba e Dilva. Para sustentar os quatro filhos continuava trabalhando a terra, e de seus sítios saía o suficiente para cuidar da família e educar os dois meninos e as duas meninas, além de ser sua casa ponto referencial para todos aqueles que necessitavam de ajuda, apoio e solidariedade. Quem caísse em situação aflitiva já sabia de um endereço onde encontraria abrigo, pão, remédio caseiro, uma prece para Nossa Senhora do Carmo e algum dinheiro. Mesmo que fosse utilizado para uma dose de Coqueiro – a mais afamada aguardente da região.

E, lá ia o tropeiro Essio cavalgando até Francisco Morato, onde vendia e comprava animais. E lá vinha o conhecido Essio amarrar o seu cavalo nas proximidades do Bar do Chico Turco, para aguardar algum comprador de lenha da Capital, o qual utilizava os modernos trens ingleses puxados a gigantescas locomotivas, contrastando com as pequeninas “marias-fumaças” da Bragantina. De quando em quando lá vinha Essio para verificar se a baldeação de seus engradados, cheios de galinhas caipiras, embarcados na lara, seguiam até o mercado da Lapa. E sempre de chapéu escuro, definindo sua personalidade. E nesse corre-corre ainda tinha tempo para desincumbir-se da áspera missão de inspetor de quarteirão do Bairro do Pau Arcado. Era chamado, com frequência, para dar um “pito” nos briguentos de sempre na única venda de secos e molhados da região, após umas “branquinhas a mais”. E além disso, ainda ajudava na construção da primeira escola e na ampliação da primeira capela, erguida em homenagem à Virgem do Escapulário. Mas as atividades não cessavam: idealizador de Festas da Uva do Bairro do Pau Arcado e responsável pelo surgimento da Cooperativa Pró Energia Elétrica do Pau Arcado. E rotineiramente selava seu companheiro de tantas jornadas e caminhadas empoeiradas, que era conhecido como o cavalo Formoso, sendo substituído algumas vezes pela mula Ipiranga, os quais, dóceis e domesticados, pareciam compreender os motivos das viagens do “velho-moço” Essio, cavalgando com fibra e ritmo pelas estradas de Atibaia, Jarinu, Francisco Morato, Campo Limpo, Várzea e Jundiá.

Mas, sua saga não está resumida nessas cavalgadas teimosas, pois ainda despertou no mesmo a idéia de entender tudo sobre a enologia, e produzir vinhos de ótima qualidade, não só em seu sítio, mas, anos mais tarde, na propriedade dos Grandizoli, agora com a grafia ornamentada com um “z” no lugar

do “s”. A par disso tudo era considerado o “xerife” do bairro do Pau Arcado, ou o benemérito daquelas cercanias. Poderia ter escolhido Campo Limpo para morar, mas preferiu continuar fiel às suas origens: lombo de cavalo e de burro, pra lá e prá cá, com o mesmo chapeuzinho empoeirado e “surrado”. E continuava vendendo lenheiros inteiros para a Eucatex e Duratex. Era dotado de um olho clínico para esse tipo de negócio. Via o lenheiro à distância e sabia avaliar quantos metros cúbicos de lenha poderia ser comercializada.

Foi porta-voz do bairro, junto com outras celebridades daquele rincão: coronel Victor Atolino, José Palma, José Óleo, Elzo da venda, Bruno, Aurélio, Manoel e tantos outros. Conseguiu a linha de ônibus e até Posto Policial. Conseguiu o orelhão. Ajudou na transformação da Cooperativa em extensão da Light, depois Eletropaulo. Lutou pelos telefones. Comprou as primeiras bolas de capotão e uniformizou o time do Pedrinho Preto. Tomou umas e outras, só para experimentar, na coleção de pingas do Antônio Falconi. Transportou a primeira professora na charrete e depois a segunda, a terceira, a quarta, a quinta e outras mais. Vinha buscar o padre para uma Santa Missa de vez em quando. Palmeirense ranzinza, respeitava todas as torcidas, inclusive a do Corinthians.

Mantinha soro antiofídico para salvar vidas e não deixava ninguém matar qualquer cobra, pois ensinava que o Butantã necessitava daquele veneno. Era procurado pela turma de São Paulo para que ajudasse naquelas enroscadas de sempre: o cachorro caiu no poço; as abelhas podem ser africanas; alguém entrou na chácara sem permissão, levando o gramofone e discos do Caruso; chamar algum carro ou o Manezinho ou o Manelão, pois a dona Cota está sentindo as dores do parto e a dona Rosa parteira não estava em Campo Limpo, e tantas outras reivindicações da comunidade. E o “velho” Essio teve orgulho desse seu jeito matuto e descontraído quando foi distinguido pelo saudoso Adherbal da Costa Moreira para ser o representante do Movimento de Emancipação, lá nos idos de 1963. E ficou mais orgulhoso ainda, quando o seu filho Alcebíades Pardal Grandizoli fez uma carreira política e administrativa de sucesso: emancipador, vereador, presidente da Câmara, vice-prefeito, prefeito, sub-chefe da Casa Civil para Assuntos do Interior do governo Paulo Maluf, administrador regional da Freguesia do Ó, quase prefeito em 1982, prefeito novamente em 1988, tendo a dor indescritível de acompanhar o féretro do eterno prefeito Pardal naquele triste 9 de maio de 1993. Mais uma vez, deixou exemplos de coragem e de fibra, deixando patenteado para todos que, ali estava o pai sofrido e amargurado, mas, firme, em companhia de sua esposa Irene e das filhas Aba e Dilva, agora com esposos e filhos. O primogênito Moacyr havia falecido meses antes e a postura do “velho” Essio foi a mesma. Firme e altivo, mas, com o coração em pedaços pelo trágico acontecimento.

E, ainda hoje, os mais antigos se recordam do Essio, seu cavalo e seu chapéu. Lembram de seu pioneirismo e liderança. Evocam seus exemplos e sua tenacidade. Lembram que ele ia e vinha seguidamente, troteando o companheiro de tantas estradas”.

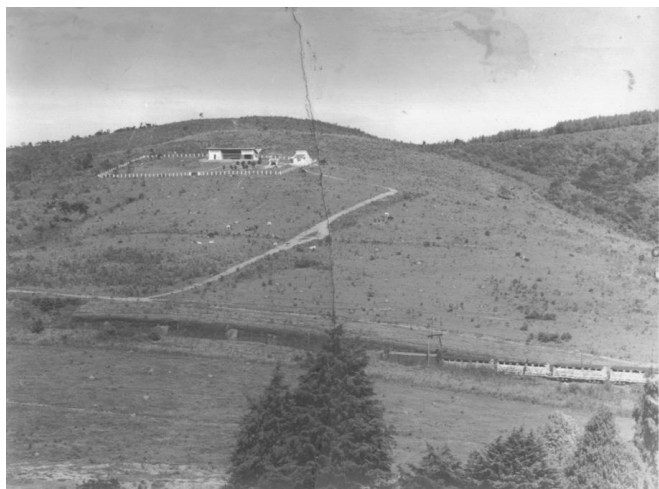
Essio Grandizoli faleceu em 02 de agosto de 1998, e este justo e inspirado tributo foi elaborado por seus familiares.



Jardim Marsola logo após a conclusão das edificações



Pavimentação do Jardim Marsola, na administração de Jorge Vellasco



Rua São Pedro, em Botujuru



Casario antigo de ferroviários junto à Estação de Campo Limpo Paulista



Avenida Casa Branca - 1958



Sede da SAB de Botujuru (acima e abaixo)





Inauguração do Cruzeiro (atual Praça Thomaz Larrubia, no Jardim Marsola)



Antiga estação de Botujuru - julho/1973



Vista Parcial do Conjunto Habitacional São José



Ponte no bairro de Campo Verde, divisa com Jarinu



Centro comercial no Jardim Marsola



Antiga casa em Botujuru, conhecida por “Castelinho”



Lago no Clube Estância Figueira Branca



Asilo Suíço na Figueira Branca

Antigas Olarias



Botujuru



Parque Internacional



Moinho - desativada



Sede de antiga fazenda, na região do Pau Arcado



“Ponte Seca” de Botujuru



Construção antiga no Bairro do Moinho

XXVIII - Imprensa

A imprensa, em qualquer coletividade, grande ou pequena que seja, representa sempre um sinal de vitalidade. Externa o desejo de comunicar, de servir à comunidade a qual é dirigida. É a vontade de unir os vários segmentos da sociedade usando uma linguagem que seja o denominador comum para essa união. Enfim, uma imprensa sadia é a expressão da coletividade como um todo, mas, ao mesmo tempo, também é a voz do isolado homem da rua.

Em Campo Limpo Paulista foram editados:

“O Noticiário” – Foi o primeiro jornal local, ainda do tempo em que Campo Limpo era Distrito de Jundiá. O redator responsável era Januário A.C. Moreira, filho de Adherbal da Costa Moreira. Circulava no período da campanha para a emancipação. Tinha como finalidade sensibilizar a opinião pública para a necessidade de tornar a cidade um município independente. Circulou até 1965, e seu primeiro número data de 04.07.64.

“O Jornal de Campo Limpo” – Circulou de 1966 a 1968, seu redator responsável foi Roque José Agostinho, posteriormente Paulo Assis. O primeiro número data de 28.03.66.

“BBA – Boletim Brasil de Artes” – Circulou de setembro de 1990 a março de 1993. Formato tablóide. Proprietários: Yonne S. Carneiro, Sérgio S. Lage e Dalva A. Nunes. Jornal mensal, informativo, de arte, cultura e educação. Distribuição gratuita em Campo Limpo Paulista, Jarinu, Várzea Paulista e Jundiá.

Hoje circulam os seguintes periódicos:

“O Pêndulo” - Circulou pela primeira vez em 01.05.1993. Proprietários: Nilceu Celso Garbin e Maria Helena T. Garbin. Jornalista responsável: José Maurício dos Santos. Circulação em Campo Limpo Paulista, Jarinu, Várzea Paulista e Jundiá. Gratuito e semanal.

“Folha da Cidade” - O primeiro número circulou em 11.01.99. Diretora: Marli Rubin de Oliveira. Jornalista responsável: Luciana Piccione. Circulação em Campo Limpo Paulista, Várzea Paulista, Jarinu e Jundiá. Gratuito e semanal.



Paulo Assis, proprietário do “O Jornal de Campo Limpo”, com Jorge Vellasco

XXIX - Comércio e Serviços

Quando Campo Limpo, então pertencente a Jundiá, começou a despertar, devido ao entroncamento das duas Estradas de Ferro, a SPR e a Bragantina, era um simples vilarejo, com algumas casas e um incipiente comércio, que vendia apenas mantimentos para a subsistência dos moradores.

De fato, depoimentos de testemunhas daquela época, relatam que na década de 20 havia apenas três vendas, do João, Chico e Zé Turco, aquela do Mansur, que era ao mesmo tempo também barbeiro e padeiro, o armazém do italiano Biagio Germelli, a olaria e o armazém com a agência do Correio de Joaquim Pereira Pinto, e a olaria dos Irmãos Rossi, na Vila Rossi.

Mas as coisas foram paulatinamente melhorando, nas décadas sucessivas, com o aumento da população, e principalmente pela instalação de empresas nacionais e estrangeiras, como a Manah e a Krupp, que provocaram uma mudança radical no pensamento dos moradores. A população iniciou um movimento para obter a emancipação do bairro, que teve o seu desfecho com a elevação de Campo Limpo a Município, com a Lei Estadual nº 8092/64, que o desmembrava de Jundiá.

A relação que segue é a lista dos estabelecimentos industriais e comerciais que existiam em Campo Limpo na época de emancipação. Como podemos facilmente verificar, tratava-se, na sua quase totalidade, de empresas familiares com pouca expressão econômica.

Pioneiros Empreendedores

Na época da emancipação político-administrativa de Campo Limpo, havia, dentre outros, os seguintes estabelecimentos industriais e comerciais no então Distrito:

Krupp Metalúrgica Campo Limpo; Manah S/A Indústria de Adubos e Rações; Vinícola Grandizoli Ltda; Casa Dois Irmãos – de Pedro Utida; Açougue São Miguel – de Antônio Spinassi; Nativo – Alfaiate; Relojoaria do Onofre; Armazém de Secos e Molhados – de Antônio K.Kariya; Credi – Suely; Padaria e Confeitaria “A Soberana” – de Francisco Mouron; Açougue São Geraldo – de João Ferreira dos Santos; Bar Teixeira – de João Pinheiro; Casa das Bicicletas – de José Soriano Castelar (“Pepe Espanhol”); Padaria Santo Antônio – de Mário Marchetti; Moreira & Filhos Ltda – Imobiliária e Material de Construção; João F. Guerra – tijolos e areia; Fazendinha Ilona – restaurante e hotel da dona Helena (na Figueira Branca); Empório Nossa Senhora Aparecida – de Gregório Muniz; Irmãos Ogawa & Cia Ltda – materiais de construção em geral; Armazém Botujuru – de Acácio Augusto; Monteiro – despachante; Farmácia São José – de Rubens de Maio Vellasco; Manoel Caetano de Almeida – corretor de imóveis; Bar Cruzeiro – de Edézio Pinheiro; Armazém de Secos e Molhados – de Odovílio e Dema Rossi; Serviços de Terraplenagem – de Jorge Paulo Filho; Bazar São Judas Tadeu – de Inah Aparecida de Jesus; Alfaiataria São Geraldo – de Geraldo da Silva; Tiquinho – funilaria e pintura; Bar Gaúcho – de Roque de Almeida; Casa de Vidros São Jorge – de Gentil M.Gonçalves da Silva; Empório Orlando – de Orlando Sebastião da Silva; Bar Ponto da Mocidade – de Benício Ferreira Dias; Empório – de Matsuji Tanaka; Quitanda Nossa Senhora Aparecida; Bar e Restaurante Campista – de Campelo & Braghetto; Eliezer Palma – advogado; Casa de Calçados Cássia – de Walter Rossi; Auto Viação Souza (linha Campo Limpo – Figueira Branca) – de Antônio Francisco de Souza; Loja Santa Izabel – de Maria Aparecida Casagrande; Foto Rossi; Farmácia Nossa Senhora Aparecida – de Luiz F.Monticelli; Sapateiro Antônio Casamassa (o popular “Veneno”); Mário Ruivo – construções; Bar e Sorveteria Campo Limpo; Mercadinho Nossa Senhora Aparecida – de Yolanda Rossi Dal Bello; Bar do Enício; dr. Arioaldo Affonso Elia – dentista; dr. Seji Oura (dr. “Carlos”) – dentista; Posto de Gasolina – de Censi & Dalmazio; Armazém de Secos e Molhados – de Yukio Ichida (“Kyô”); Escritório Paulo Assis – imobiliária, e William Despachante – de William Holmes de Assumpção Corrêa.

Hoje muitas dessas empresas desapareceram, algumas foram substituídas por outras de maior poder econômico, como pode ser verificado pela lista das razões sociais que hoje mais contribuem em valor adicionado do ICMS, apresentada no capítulo XXIII - Dados Socioeconômicos.

No entanto, houve algumas que conseguiram adaptar-se ao novo rumo, acompanhando o desenvolvimento econômico-social da cidade.

Entre elas destaca-se o “Armazém de Secos e Molhados” de Odovílio e Dema Rossi, que atualmente, com uma série de filiais, é o “Supermercado Dema”.

O proprietário dos Supermercados Dema é Waldemar Rossi, mais conhecido como o “Dema do Supermercado”, e é o descendente de um dos pioneiros no comércio de Campo Limpo Paulista.

O primeiro Rossi que chegou em Campo Limpo em 1898, foi o seu avô que fixou residência em Pau Arcado. Um de seus filhos, Mentore Rossi, pai de Waldemar, que aqui chegou quando tinha apenas dois anos, casou-se com Judite Perin Rossi, com a qual teve 6 filhos: Ernesto (falecido), Angelina, Catarina, Olga, Odovílio e Waldemar.

Mentore começou as atividades comerciais na Rua do Comércio, nº 29, em 1937, com um armazém de secos e molhados. Havia também a vendinha de Chico Turco (Francisco Miguel), o bar de dona Tica e o armazém dos Marchetti.

Waldemar Rossi nasceu no bairro de Pau Arcado, e com 12 anos já ajudava o pai no armazém, e ao mesmo tempo estudava em Jundiáí, pegando o trem das 6 horas.

Os divertimentos para as crianças - lembra - escassos, limitavam-se a ir à estação carregar malas para ganhar alguns trocados, se jogava bola de meia, bola de gude. Eram disputados também “rachas”, entre os times acima e abaixo da linha do trem.

Depois que Waldemar assumiu a direção da empresa mudou a localização para o outro lado da avenida, passando o estabelecimento a chamar-se “Armazém Central” para depois assumir o nome de “Supermercado Dema”.

“É o supermercado mais antigo da cidade - lembra Waldemar - pois teve início em 1973. As mercadorias vinham pelas Estradas de Ferro Santos a Jundiáí e Bragançana. Aquelas que provinham de Bragança eram fumo, torrescão e outros derivados de carne suína”. Dema lembra que o torrescão era cortado com machado e embrulhado em papel pardo.

Tem saudade daqueles tempos, mesmo reconhecendo que o progresso é indispensável para o desenvolvimento de uma comunidade; no entanto, lembra saudoso as procissões da Sexta-feira Santa, os passeios que se restringiam em ir à estação nos fins de semana à noite, o circo e as matinês no cinema que se localizava onde está a Caixa Econômica Federal, como também os bailes aos sábados no sítio dos Rossi e no EC Internacional, do qual foi fundador. “Eram tempos aqueles em que havia mais familiaridade entre as pessoas. Todos se conheciam, e se ajudavam. Enfim éramos uma grande família. Talvez a razão da saudade depende do fato que se tratava do tempo da nossa juventude..!”.

Instituições bancárias

O primeiro banco em Campo Limpo Paulista

O primeiro banco que se instalou em Campo Limpo foi em 1963, o Moreira Salles, originário de Poços de Caldas - MG, que, em 1940, nasceu da fusão do Banco Machadense, da Casa Bancária de Botelhos e Casa Bancária Moreira Salles.

Em 1967, após fundir-se com o Banco Agrícola e Mercantil do Rio Grande do Sul, surgiu a União dos Bancos Brasileiros, que, em 1975, assumiu a denominação de Unibanco.

A instituição manteve a agência de Campo Limpo Paulista até os anos 80, quando encerrou suas atividades na cidade. A agência era localizada na Av. Adherbal da Costa Moreira, esquina com a Av. dos Emancipadores.

O sr. Ariel Ferraz Busch, que substituiu Rodolfo João Agostinho, o “China”, como procurador da União dos Bancos Brasileiros, e aqui se aposentou, lembra dois bancários que tiveram uma brilhante carreira política em Campo Limpo: Alcebíades Grandizoli, o “Pardal” e André Zilioli, que passaram pelo Banco Moreira Salles, o primeiro como caixa e o segundo como subcontador.

Lembra também alguns nomes de ex-funcionários do Unibanco: Harumi Hamada, Romualdo de Assis Filho (Dinho), Roberto Neves, Maurílio Pimentel, Norival Wonrath, Noemi Bento (a primeira bancária), Velci Fidélis, Sidney Patelli, Celso Costa, Adilson Mello, Tinho e Raimundo Bunni.

Ariel não lembra de nenhum assalto a banco naquela época, mesmo não havendo para o transporte de dinheiro o carro forte. Caso a agência ultrapassasse o limite de depósito, o transporte do numerário era feito com seu próprio carro para a agência de Jundiaí.

A cidade tinha bons e grandes clientes, tradicionalmente pontuais em seus compromissos. Nunca foi necessário fazer-se nenhuma execução contratual.

Hoje, em Campo Limpo Paulista, atuam as seguintes instituições bancárias, ano base 2002:

NOSSA CAIXA - instalada no Município: 24/08/67
nome do primeiro gerente: Nivaldo Rufino
número de clientes: 5.000

HSBC - www.hsbc.com.br

BANCO ITAÚ S/A - instalada no Município: 17.11.68
número de clientes: 5.200

BANCO BRADESCO - instalada no Município: 6.11.74
nome do primeiro gerente: Waldemar Paiva
número de clientes: 6.500

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - instalada no Município: 1992
nomes dos primeiros gerentes: Lílian Cristina Silveira
Pupo / João Carlos Garcia

Cartório

Quando Campo Limpo era apenas um Distrito de Jundiaí, o Cartório ficava na Rua da Estação, numa casa que pouco tempo depois da emancipação foi demolida. Mudou, então, para um prédio na mesma rua, em frente à estação ferroviária.

A data em que o Cartório iniciou suas atividades é 16 de novembro de 1955.

Hoje está instalado na Av. Presidente Vargas, no. 255 - Vila Tavares, e o tabelião responsável é o bel. Saulo de Oliveira Salvador.

Realiza os tipos de serviços relacionados com: registros de nascimento; casamento; óbito; natimorto; reconhecimento de firmas; autenticação; escrituras; procuração e testamentos.

Os tabeliões anteriores foram: Enéas Bortz (de 16.11.55 a 31.12.55), João Ignácio Vellasco (de 01.01.56 a 02.12.68) e Jorge de Maio Vellasco (de 03.12.68 a 22.05.99).

Como podemos ver, de 1956 a 1999, os tabeliões foram João e Jorge Vellasco, pai e filho que por 43 anos se sucederam na direção desse importante segmento da burocracia da cidade.



Restaurante da Dona Helena no Clube Estância Figueira Branca



A ponte de concreto inaugurada e com iluminação central, ao fundo pode ser visto o armazém do Tanaka



Primeiro posto de gasolina de Campo Limpo Paulista, localizado defronte ao Paço Municipal, onde foi instalado também o primeiro Banco



Prédio onde funcionou o armazém de secos e molhados do Vereador Kariya



Avenida Adherbal antes da construção do viaduto Brigadeiro Eduardo Gomes



Agência dos Correios, local onde outrora havia o Serviço Telefônico Municipal



No primeiro salão, da esq. p/ direita, funcionou o Cartório,
no segundo a Junta do Serviço Militar, na rua Joaquim P. Pinto

X X X - Necrópole Bosque da Saudade

Necrópole, um vocábulo extraído de duas palavras gregas: “necros” = mortos, e “polis” = cidade, tem pois o significado de cidade dos mortos.

Assim como uma maternidade significa o início do ciclo representado pela vida, a necrópole significa o fim. Este ciclo é também representado de forma metafórica pela primeira e última letra do alfabeto grego, alfa e ômega.

Como os hospitais, as escolas e as outras instituições municipais, também a necrópole faz parte desse complexo que forma um Município.

Campo Limpo, quando ainda bairro de Jundiáí, justamente porque bairro, não possuía um seu cemitério. Os funerais eram realizados em Jundiáí, e como a distância não era pequena, e como também porque ainda não existia uma estrada digna deste nome, o transporte era realizado por via férrea.

O ataúde e os acompanhantes eram acomodados num vagão funerário especial, e aí eram levados até a estação de Jundiáí, onde devia-se percorrer, a pé, o trajeto que não era curto, até chegar ao destino, o cemitério.

Com a emancipação de Campo Limpo, entre os vários problemas que a nova administração teve que enfrentar, havia também aquele da construção de uma necrópole municipal. Foi justamente o primeiro prefeito, Adherbal da Costa Moreira que iniciou os trabalhos para dotar o novo município de um próprio recanto a fim de enterrar seus mortos.

Não teve, porém, tempo de ver concluídos os trabalhos, o seu mandato foi interrompido de forma trágica, e por isso a Necrópole Bosque da Saudade foi concluída pelo seu sucessor Jorge de Maio Vellasco.

A sua inauguração, se assim podemos definir o seu primeiro sepultamento, se deu em 17 de julho 1970, quando foi enterrada a senhora Josefa do Nascimento Cunha, suicida.

Diz a lenda que como “Sucupira”, do imortal Dias Gomes, o cemitério, mesmo depois de muito tempo concluído, não conseguia ser inaugurado. Ninguém morria na cidade. Até que houve um suicídio. A prefeitura custeou as despesas fúnebres da família e pôde inaugurar a necrópole.

Daquela época muitos outros campo-limpenses se acomodaram nas suas quietas alamedas, tendo alcançado o ômega da vida.

Uma visita a esse recanto é como rever um pouco a história da cidade. Os nomes gravados nas pedras dos jazigos trazem à memória fatos e acontecimentos que a poeira do tempo tinha coberto, como por exemplo a sepultura do prefeito Mitiharu Tanaka, morto em circunstâncias trágicas, assassinado. No entanto no seu túmulo pode-se ler: *A sua caminhada não foi longa, mas a trilha é um marco de honradez, de humildade e amor ao próximo. “Amai pois os vossos inimigos” - Jesus (Lucas 6:35).* Poucas palavras que valem por um inteiro tratado sobre a tolerância e o amor ao próximo.

Um outro túmulo que fala do amor, e toca o coração do visitante, é aquele do casal Eugênio e Irene Mogor, falecidos em 1976 e 1972 respectivamente.

Para quem quiser acreditar

Estes dois relatos a seguir descritos, foram contados por Eurico Reis, 53 anos, que há seis anos trabalha na Necrópole Bosque da Saudade.

Devolva o que é meu!

“Tinha um coveiro, cujo apelido era Zé Bonitinho, que um dia recebeu de uma mulher que não conhecia um estranho pedido: queria uma caveira! Lógico que Zé Bonitinho recusou. Violar sepulturas é crime. Mas a mulher tanto insistiu que o coveiro se prontificou em fornecer-lhe alguns outros ossos”.

“De uma sepultura abandonada pelos familiares, extraiu alguns pequenos ossos do pescoço, e esperou que a mulher voltasse para entregar-lhe a encomenda”.

“Durante a noite, na cama, porém não conseguiu dormir, pois parecia que alguém o estava estrangulando. Esse pesadelo continuou pelas duas noites seguintes, até que Zé Bonitinho, assustado, considerando que a mulher não tinha aparecido, resolveu devolver os ossos à sepultura de onde os tinha tirado”.

“Resultado: Zé Bonitinho conseguiu dormir enfim tranqüilo, sem pesadelos e sem...estrangulamento!

Para quem preparastes a cova?

“Trabalhava na necrópole um coveiro apelidado de Canário”.

“Ele andava às turras com a mulher, até que um dia cavou uma sepultura, usando toda a sua arte. Era destinada à esposa, que evidentemente desejava morta”.

“Porém, alguns dias depois, quem morreu foi ele, e assim ele justamente, o autor da cova, que se alojou nela para todo o sempre...”.



Padre Martinelli, na capela da Necrópole, na sua inauguração.
Ao lado do prefeito Jorge Vellasco, está o vereador Tanaka



Inauguração da Necrópole Bosque da Saudade



Primeiro sepultamento na Necrópole:
Josefa do Nascimento Cunha



Mausoléu de Eugênio e Irene Mogor



Vista parcial do centro - no alto ao fundo, pode ser vista a
Necrópole ainda antes do surgimento do Jardim Guanciale

X X X I - Serviço Telefônico Municipal

Um serviço telefônico eficiente representa, sem dúvida nenhuma, um dos instrumentos imprescindíveis para a vida de uma sociedade moderna. Hoje, a comunicação necessita de uma imediata e correspondente resposta, e requer uma velocidade que apenas uma telefonia de alta tecnologia tem condições de proporcionar.

Seria inadmissível, hoje, que uma cidade não pudesse usufruir de um serviço desse porte, permanecendo pois estacionada no tempo em que uma comunicação dependia da prévia passagem numa central, sujeita aos percalços do congestionamento das linhas transmissoras.

Essa última suposição, no entanto, representava a realidade existente em Campo Limpo Paulista, quando de sua emancipação de Jundiaí.

De fato, nos anos 60, na administração de Adherbal da Costa Moreira, primeiro prefeito do Município, existia o que podemos chamar Serviço Telefônico Municipal. Na realidade se tratava de uma única linha (PABX) com 39 ramais que pertenciam, observada a grafia original da lista telefônica de então, aos assinantes: Adherbal da Costa Moreira, telefone 44; Antônio K. Kariya, 32; Antônio Gebran, 17; Aguiar Sales, 19; Banco Moreira Salles, 21; Câmara Municipal, 11; Cordovil Fidélis, 57; Estação E. F. Santos à Jundiaí, 38; Felício Consentino, 20; Francisco Censi, 12; Francisco Morom, 18; Frantsch Veejvoda, 27; Gregório Muniz, 34; Henrich Owalde Müller, 25; Horácio Ângelo Censi, 23; Hussen Tataravich, 28 e 47; Irmãos Ogawa, 14; João Ferreira dos Santos, 45; João Stefani, 39; Joaquim Paoletti, 15; Joaquim Tavares da Silva, 13; Joaquim Pereira Pinto, 37; José Tavares da Silva, 46; José Poli de Oliveira Dorta, 40; Manah, 41; Mário Marchetti, 16; Matsuji Tanaka, 31; Odovílio Rossi, 42; Prefeitura Municipal, 33, 55 e 22; Rubens de Maio Vellasco, 36; Salvito Magalhães Eugênio, 56; dr. Seji Oura, 29; Thomazina Brandão, 35; Waldemar Rossi, 30; Yuchio Ichida, 43 e Figueira Branca, 50.

Joel Moreira de Souza, que foi diretor do Serviço Telefônico Municipal, lembra que naquele tempo existiam à disposição do público que não possuía um telefone ligado à Central, três cabines, que podiam ser usadas uma por vez. O operador da Central podia intervir a qualquer momento na ligação. Nesse ponto Joel Moreira de Souza explica: “Caso as ligações não se demonstrassem urgentes e importantes, as mesmas eram sumariamente cortadas, alegando-se que a linha tinha caído...!”.

As ligações fora dos limites do Município tinham que ser solicitadas com antecedência, e às vezes demoravam até um dia para serem completadas.

As telefonistas que trabalharam na Central como: Dalva da Silva Marques Cocença, Maria Luiza Castilho, Maria Thereza Bizetto, Ana Maria Paganelli, Maria Vilma da Silva, Noêmia Montoya, Inês Fernandes, Maria Thereza Teixeira, Marly Arruda, Heleni Lessi e Maria Thereza Napoli, faziam quatro turnos (6 às 12, 12 às 18, 18 às 24 e das 24 às 6 horas), e não recordam de reclamações pelos serviços prestados, apesar da natural demora das ligações. Todos se conheciam, e o respeito era mútuo.

A única queixa, se assim podemos defini-la, é de Joel Moreira de Souza, quando lembra que: “Muitos danos nas linhas telefônicas eram causados pelos tiros de armas de fogo disparados contra os fios”, o que o obrigava, junto com o técnico Alexandre e seu ajudante José Simon de Camargo, a uma incessante verificação das linhas de transmissão.

Hoje Campo Limpo Paulista está completamente integrado na evolução do sistema de telecomunicações, telefones celulares digitais, internet etc., no entanto, percebe-se nas palavras daqueles que viveram como protagonistas dessas mudanças, uma pitada de saudade, pois com a frieza tecnológica perdeu-se o calor humano e o romantismo de então.



"Aqui, brevemente, Centro Telefônico Automático de Campo Limpo", na Praça Castello Branco



Praça Castello Branco

XXXII - Cronologia

1615 Fundação de Jundiaí por Rafael de Oliveira, o Velho, e Petronilha Antunes

1617 Construção da Capela Nossa Senhora do Desterro

1634 A Capela Nossa Senhora do Desterro é considerada Freguesia

1655 A Freguesia de Jundiaí é elevada a Vila, em 14 de dezembro. Seu primeiro alcaide foi Estevam Maciel

1846 O imperador D.Pedro II visita Jundiaí pela primeira vez

29.10.1859 Concessão da SPR aos ingleses

Em 28 de março, a Vila de Jundiaí foi promovida à categoria de cidade e município. O presidente da Câmara era Antônio de Queiroz Telles, mais tarde, Barão de Jundiaí

1867 Inaugurada a São Paulo Railway-SPR (Estrada de Ferro Santos a Jundiaí)

06.04.1872 Lei Provincial nº 36 determina a construção da E. F. Bragantina

1875 O imperador D.Pedro II visita Jundiaí pela segunda vez, acompanhado pela imperatriz D.Teresa Cristina

1875 Foi criada a Comarca de Jundiaí por José Joaquim do Amaral, 1º Juiz de Direito

22.12.1878 Início da construção da E. F. Bragantina

1881 Implantação da estação de Campo Limpo da São Paulo Railway – SPR

15.08.1884 Inauguração da E. F. Bragantina

1886 Construção da Capela de Santa Cruz em Campo Limpo

1887 Chegada dos primeiros imigrantes italianos a Jundiaí

1903 SPR adquire as ações da Bragantina

1910 Ruy Barbosa visita Jundiaí, em campanha eleitoral para a presidência da República

03.03.1933 Fundação do Nacional A.C. de Campo Limpo

07.09.1933 Fundação da banda da SPR em Campo Limpo

1938 e 39 Queima dos estoques reguladores de café nos depósitos do DNC

1941 Chega a energia elétrica em Campo Limpo, através da Light

13.06.1945 Abertura da 1ª farmácia, do sr. Romualdo de Assis

21.08.1945 Inauguração Grupo Escolar da estação de Campo Limpo

29.09.1945 Chegada das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria em Campo Limpo

1946 Instalação da primeira indústria de Campo Limpo, a Fábrica de Fogos Dois Anões, de propriedade da Loja da China, em Botujuru

- 13.10.1946 Pelo Decreto-Lei nº 8.969 o Governo Federal encampa a São Paulo Railway, que passa a denominar-se Estrada de Ferro Santos a Jundiaí
- 1947 Grupo Escolar Estação de Campo Limpo passa a denominar-se G. E. Dr. Francisco Monlevade
- 1950 Início do loteamento Estância Figueira Branca
- 01.02.1950 Fundação do Esporte Clube Internacional
- 1951 Inauguração do novo prédio (endereço atual) do Grupo Escolar Dr. Francisco Monlevade
- 1951 Instalação da Manah em Campo Limpo, num dos armazéns do extinto Departamento Nacional do Café – DNC (na área atual da Krupp)
- 1952 Aquisição da Fazenda Santa Rita pelo empresário Fritz Johansen, onde planta mais de 300.000 mudas de árvores
- 30.12.1953 Lei Estadual nº 2.456, transforma a Vila Campo Limpo em Distrito de Jundiaí
- 30.08.1954 Lei Municipal no. 350 de Jundiaí, ratifica a transformação da Vila em Distrito de Campo Limpo
- 14.09.1955 Certidão de Nascimento nº 1 do Cartório de Campo Limpo – Iraci Aparecida Galves
- 16.11.1955 Início das atividades do 1º Cartório de Campo Limpo – Tabelião Enéas Bortz
- 27.11.1955 Lançamento da pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora do Rosário por Dom Paulo Rolim Loureiro
- 28.11.1955 Certidão de Óbito nº 1 do Cartório de Campo Limpo – João Martim Gonçalves

10.12.1955 Certidão de Casamento no. 1 do Cartório de Campo Limpo – Garcia de Oliveira Dorta com Antonia da Silva

20.12.1955 Inaugurada a quadra de basquetebol no Nacional A. C., técnico Verner Frederico Giesel

15.11.1957 Fundação da 1ª Sociedade Amigos de Bairro de Campo Limpo, em Botujuru

1958 Início da construção da Krupp

05.06.1959 Lei Municipal nº 703, de Jundiaí, cria a subprefeitura do Distrito de Campo Limpo

02.10.1959 Chegada do frei Dagoberto Romag ao Convento das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria

11.12.1959 Lei Municipal no. 807 de Jundiaí, define o ano de 1961 para o início de funcionamento da subprefeitura do Distrito de Campo Limpo

21.04.1960 Criação da paróquia de Campo Limpo

1961 A estrada de Jundiaí a Campo Limpo é asfaltada

17.06.1961 Inauguração da Krupp, com a presença do presidente Jânio Quadros e do governador Carvalho Pinto

11.06.1962 Nomeação do 1º vigário local, padre Daniel Hubert Janssen

16.03.1963 1ª reunião oficial do movimento de emancipação político-administrativa de Campo Limpo

18.06.1963 Fundação da Sociedade Recreativa Beneficente Nipo-Brasileira

01.12.1963 Plebiscito da Emancipação Político-Administrativa de Campo Limpo

1964 O governo militar não autoriza a convocação de eleições para novos municípios

28.02.1964 Lei Estadual nº 8.092, desmembra Campo Limpo de Jundiá

1964 Lei Estadual nº 8.492, cria o Ginásio Estadual de Campo Limpo

04.07.1964 Circula o primeiro jornal de Campo Limpo, "O Noticiário"

07.03.1965 1ª Eleição Municipal

21.03.1965 Emancipação político-administrativa de Campo Limpo

27.03.1965 Posse do prefeito Adherbal da Costa Moreira, vice Joaquim Tavares da Silva

01.04.1965 1º registro de funcionário na prefeitura: Luiz Camilo da Silva – conserveiro residente em Botujuru

11.1965 Lei Municipal nº 30, cria o Serviço Telefônico Municipal

11.1965 Lei Municipal nº 31, cria a Guarda Municipal

30.04.1966 Câmara muda do Nacional A.C. para prédio alugado na Rua do Rosário, 145, do sr. Manoel Lopes Lopes

28.12.1966 Circula o primeiro número do "O Jornal de Campo Limpo"

- 05.05.1966 Resolução nº 20/60, do Conselho Estadual de Educação aprova Instalação do primeiro Ginásio Estadual (atual 15 de Outubro)
- 29.09.1966 Mudança da sede da prefeitura do Nacional A. C. para prédio próprio na Av. dos Emancipadores
- 06.12.1966 Lei nº 79/66, cria a 1ª Banda Musical Municipal
- 01.02.1967 Início das atividades do 1º Delegado de Polícia do Município: Dr. Licínio Hilmar de Oliveira Arantes
- 20.05.1967 Inauguração da escola do Campo Verde (atual Lázaro Gago)
- 21.06.1967 Última viagem da Bragantina
- 23.06.1967 Início da linha de ônibus Campo Limpo – Atibaia
- 17.07.1967 1º veículo lacrado na Delegacia de Campo Limpo – Ford Galaxie – chapa 3504519, pertencente à Krupp
- 24.08.1967 Inauguração da ponte da Rua do Comércio (Av. Adherbal da Costa Moreira), denominada Ponte 29 de Março
- 24.08.1967 Inauguração da Caixa Econômica Estadual, gerente Nivaldo Rufino
- 19.09.1967 Lei Estadual no. 9.842/67, altera o nome do município para Campo Limpo Paulista
- 02.10.1967 Inauguração da Agência Coletora da Secretaria da Fazenda Estadual
- 21.10.1967 Flamengo da Vila Cardoso sagra-se campeão invicto do 1º Campeonato Amador de Futebol do Município, ao empatar com o Palmeirinha da Vila Tavares por 2 x 2

- 06.11.1967 Lei Municipal nº 114, institui o primeiro Plano Diretor do Município
- 19.11.1967 Início do 1º Torneio Popular de Xadrez de Campo Limpo Paulista no E. C. Internacional
- 06.03.1968 Decreto Estadual nº 49.359, denomina 15 de Outubro o Ginásio Estadual de Campo Limpo Paulista
- 07.06.1968 Assassinato do prefeito Adherbal da Costa Moreira, assume o vice Joaquim Tavares da Silva
- 21.03.1969 Posse do prefeito Jorge de Maio Vellasco, vice Alcebíades Grandizoli (Pardal)
- 19.05.1969 Lei Municipal nº 188, dispõe sobre a criação do DAAE – Departamento Autônomo de Água e Esgotos
- 19.09.1969 Lei Municipal nº 205, autoriza a instalação da Delegacia de Serviço Militar no Município
- 11.12.1969 Assinatura de convênio com a EBCT para instalação do Posto do Correio
- 17.07.1970 1º sepultamento na Necrópole Bosque da Saudade – sra. Josefa do Nascimento Cunha
- 29.03.1971 Lei Municipal nº 264, oficializa o Brasão, a Bandeira e o Hino do Município
- 1972 Visita do governador Laudo Natel ao Município – Ano do Sesquicentenário da Independência
- 31.01.1973 Posse do prefeito Alcebíades Grandizoli (Pardal), vice José Roberto de Assis
- 04.1973 Inauguração do Asilo Suíço na Figueira Branca pelo Cônsul da Suíça, Eduard Brugger

- 05.10.1973 Lei Municipal nº 384, denomina a banda Corporação Musical 7 de Setembro
- 11.11.1974 1º Torneio de Pássaros e Exposição de Flores no Nacional A.C. e no Clube Estância Figueira Branca
- 01.05.1975 1ª Festa do Peão de Boiadeiro, com peões de todo o Brasil e apresentação do cantor Agnaldo Timóteo
- 25.01.1977 Inauguração do Paço Municipal, projeto do arquiteto José Nelson Tosta
- 01.02.1977 Posse do prefeito José Roberto de Assis, vice Adilson Tavares da Silva
- 01.02.1977 Câmara muda para o Paço Municipal
- 05.1977 Implantação da 1ª creche da cidade, na Avenida Marechal Deodoro da Fonseca, no prédio das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria
- 23.02.1979 A Banda Municipal passou a denominar-se Carlos Gomes
- 12.03.1979 Inauguração da nova (em alvenaria) Estação Ferroviária de Botujuru, sendo Chefe da Estação Roque Lopes da Cunha
- 12.10.1979 Fundação da APAE de Campo Limpo Paulista
- 01.02.1983 Posse do prefeito Mitiharu Tanaka, vice Bruno João Patelli
- 08.04.1983 Inauguração da Escola SENAI "Alfried Krupp"
- 09.04.1983 Assassinato do prefeito Mitiharu Tanaka, assume o vice Bruno João Patelli

- 27.12.1985 Lei Estadual nº 4954, passa Botujuru a Distrito
- 13.06.1986 Fundação da Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Campo Limpo Paulista – ACISCLIPA
- 01.01.1989 Posse do prefeito Alcebíades Pardal Grandizoli, vice Aécio Larrubia
- 28.05.1990 Promulgação da Lei Orgânica Municipal
- 01.01.1993 Posse do prefeito José Roberto de Assis, vice Maria Catarina B. Buckvieser
- 30.01.1993 Fundação da Associação dos Aposentados e Pensionistas de Campo Limpo Paulista
- 01.05.1993 Fundação do jornal “O Pêndulo”
- 09.05.1993 Falecimento do prefeito Alcebíades Pardal Grandizoli
- 08.09.1995 Campo Limpo Paulista é homenageada pela Loteria Estadual – foto do Paço Municipal
- 01.01.1997 Toma posse o prefeito Luiz Antonio Braz, vice Paulo Luiz Martinelli
- 09.10.1997 Seminário “Campo Limpo Paulista – Tempo de Mudança”, no Cine Teatro Ayrton Senna
- 09.04.1998 Visita do governador Mário Covas e data assinatura do termo de concessão dos serviços de águas e esgoto à SABESP
- 11.01.1999 Fundação do jornal “Folha da Cidade”

- 07.07.1999 Visita do governador Mário Covas, com inspeção às obras viárias e contra enchentes em Botujuru
- 13.07.1999 Falecimento do prefeito Jorge de Maio Vellasco
- 11.11.1999 Lei Municipal nº 1.555, institui a Semana dos Evangélicos
- 01.01.2000 Fundação do Clube Ornitológico Colibri
- 09.03.2000 Realização do 1º Júri Popular do Forum de Campo Limpo Paulista
- 01.01.2001 Posse do prefeito reeleito Luiz Antonio Braz, vice Paulo Luiz Martinelli
- 26.05.2001 Visita do governador Geraldo Alckmin, data da inauguração do Banco do Povo

XXXIII - Agradecimentos**Cidadãos**

- Ademir Aparecido Castilho
- Aléssio Otorino José Grandizoli
- dr. Amílcar Barletta
- pastor Ângelo F. dos Santos
- Antonio Faustino Bizetto
- Antônio Odoni – “Marmo” – in memoriam
- Ariel Ferraz Busch
- Armando Ferreira da Silva
- Benedito Rodrigues
- Benedito Spinassi – in memoriam
- Berenice Ranalli Aparecida Trevisan
- Cláudio Devecchi
- Dalva da Silva Marques Cocença
- Dalvan
- Edson Roberto Pellucci – “Nino”
- dra. Denise Campos Freitas Vieira
- Elizeu Pereira da Silva
- Eurico Reis
- Frauke B. Oerther
- Felício Fernandes Braga
- Fernando Antonio Araújo Fernandes
- Fernando Moutran
- Geraldo B.Tomanik
- 1º tenente Geraldo José Casotti
- Hayvé Ernitz
- Hermelindo Rotatori – “Rota”
- Inês Castillo Bueno
- João Basílio Neto
- João Braga – “Braguinha”
- João Gomes de Almeida – “Dalvan”
- João Reis
- diácomo João Silvestre da Rosa
- Joaquim José de Almeida
- Joaquim Gonçalves de Souza – “Kuina”
- dr. Joel Moreira de Souza
- José Braghetto

- sargento José Eustáquio da Silva
- José Marques da Silva Neto – “José Rizatto”
- José Rodrigues da Silva – “seu Juca”
- José Simon de Camargo
- dr. Komei Samejima – “dr. Hugo”
- Laurides Gonçalves de Oliveira – “Galo”
- dr. Lázaro de Freitas Nunes
- Lourdes do Carmo Aleixo Nascimento
- Luiz Fellipini Monticcelli
- Maria de Carvalho Procópio Alves
- Maria de Lourdes A. Prado de Biazzi
- Maria de Lourdes Salomão Marinho
- Maria Olga Paulino dos Santos
- Maria Terezinha dos Santos
- Maria Thereza Rossi
- Maurício Nani – “Gela”
- dr. Milton Rondó
- monsenhor Paulo Geraldo Perboni – “padre Paulinho”
- Natalino Berardino Calderaro
- Odair Ito
- dr. Paulo Afonso de Luna Pinheiro
- Paulo Silva
- Pedro Américo de Paiva
- dr. Pedro Miguel
- Raquel Pierim
- Raul Roncolleta – in memoriam
- Roberto Januário
- Roberto Savóia
- Romy Bastos
- Roque Lopes da Cunha
- Rosa Odoni
- dr. Seji Oura
- Sérgio Vicente Amato
- Tao Sigulda
- Tama Sigulda
- pastor Valdemir Campos Rocha
- Venâncio Gonzaga Ramos – in memoriam
- Vera de Lourdes Gonçalves
- Vicente Baroni – in memoriam

- Yuchio Ichida – “Kyô”
- Waldemar Rossi – “Dema”
- Waldemariovisk Benício de Almeida
- Waldevar Barroso
- dr. Walter Mendonça
- Wanda Miceli Dias de Sá
- Willian Holmes Assumpção Correa

Estagiárias de Jornalismo

- Andressa Paiva
- Maria Emília Leal Gerez
- Suellen Danúbia Silva

Comissão Encarregada do Projeto “Campo Limpo Paulista resgata a sua história”

- Bruno João Patelli
- Carla Peruchi de Candia
- Emanuel de Carvalho Moura
- Gevair Antônio Salgado de Castro
- Marise Balieiro Nigro
- Patrícia Iglesias
- Paulo Luiz Martinelli
- Rosalina Yosko Kawamoto
- Soraya Bosco Bistene Lacerda
- Suzi Regina de Almeida

Instituições

- Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Campo Limpo Paulista - ACISCLIPA
- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE de Campo Limpo Paulista
- Associação dos Aposentados e Pensionistas de Campo Limpo Paulista
- Câmara Municipal de Campo Limpo Paulista
- Câmara Municipal de Jundiaí
- Cartório de Registro Civil de Campo Limpo Paulista
- Delegacia da Polícia Civil de Campo Limpo Paulista
- Escola SENAI “Alfried Krupp”

- Escolas Municipais de Educação Infantil e de Ensino Fundamental
- Jornal “Folha da Cidade” de Campo Limpo Paulista
- Jornal “O Estado de São Paulo”
- Jornal “O Pêndulo” de Campo Limpo Paulista
- Krupp Metalúrgica Campo Limpo
- Polícia Militar de Campo Limpo Paulista
- Prefeitura Municipal de Várzea Paulista
- Sociedade Recreativa Beneficente Nipo-Brasileira

à população campo-limpense

dr. Luiz Antônio Braz

Maria Aparecida de Lima – “dona Mariquinha”

profº João Justo Dias de Sá – “prof. Justo”

Justo Ricardo Castillo Gervilla – “seu Castilho”

Joaquim Tavares da Silva – “Quim Tavares”

Rodrigo Vellasco

dr. Roque José Agostinho – “Roquinho”

Yonne Santiago

X X X V - Posfácio

Foi o amor ao torrão natal que fez nascer a consciência cívica de nossos concidadãos, gerando uma luta sem trégua para a conquista da emancipação política do nosso Município. Assim, podemos afirmar, sem medo de errar, que a sua criação não foi um presente, senão uma necessidade para a população que se aglomerava nesta terra e nas suas vizinhanças. Expressou, na verdade, o reconhecimento de um direito que o povo conquistou pelo seu trabalho e devotamento à terra que o viu nascer, crescer e prosperar à custa dos mais ingentes esforços e sacrifícios.

O que foi esta luta gloriosa, a história o revelará um dia, para que ela se perpetue através dos tempos, servindo de estímulo e incentivo às gerações que virão depois de nós, mantendo acesa a chama do entusiasmo que até aqui nos animou, alimentada pela vontade férrea que a todos encoraja para os embates cívicos e políticos, garantindo-nos a liberdade e o poder de construir o nosso destino e de dar a nossa parcela de trabalho no desenvolvimento da Pátria comum, pois o Município, como já foi dito alhures, “é uma miniatura da Pátria, uma imagem dela, e, nas coisas políticas, o primeiro amor dos cidadãos. Esse amor, esse aferro ao torrão natal, ao círculo de relações de vizinhanças, de contigüidade de comunidades de interesses, engendra o espírito cívico. A autonomia local, esse patriotismo local de si mesmo, sereno, intenso e duradouro é a raiz do patriotismo nacional”.

Honrado com o mandato de prefeito deste Município, logo depois de sua criação, entregamo-nos de corpo e alma ao trabalho de administrar para lançar as bases definitivas do seu progresso, tudo fazendo para corresponder à confiança que em nós foi depositada, arrostando sacrifícios de todas as ordens, sempre com o pensamento e o coração voltados para os interesses da comunidade.

.....

Procurando dinamizar todos os setores da Administração, nosso único intuito foi alcançar os objetivos a que nos propusemos, ou seja, criar melhores condições de vida para a população e colocar a nossa comuna em lugar de destaque no cenário político-administrativo do Estado.

.....

Adherbal da Costa Moreira - Prefeito Municipal

- Trechos da mensagem do prefeito Adherbal da Costa Moreira à Câmara Municipal, em 15 de dezembro de 1966, onde prestava contas do seu primeiro ano de mandato.

X X X V I - Bibliografia

Divisão Territorial do Estado de São Paulo
CONAM – Consultoria em Administração Municipal S/C Ltda
Armando Marcondes Machado Jr.
1997

Anuário Jundiaiense de Artes Plásticas
Editora Literarte
Celso de Paula
1998

Vôo Migrante
Edicon
Salete Marques Leite
1985

Estrada de Ferro Bragantina
Uma trajetória nos trilhos do tempo (1876 – 1967)
Prefeitura Municipal de Bragança Paulista
Francisco César de Araújo
1998

Revitalização do Patrimônio Visual e Implantação de Estações de Lazer em Campo Limpo Paulista
Faculdade Mackenzie – Trabalho de Carla Peruchi de Candia
1998

Plano de Desenvolvimento e Ação Coordenada de Campo Limpo - SP
Nível Engenharia Ltda
1967

O Jornal de Campo Limpo
de 22/03/66 a 31/10/68

Jornal “O Pêndulo”
Campo Limpo Paulista

Jornal “Folha da Cidade”
Campo Limpo Paulista

Campo Limpo Paulista
Edição Escalibur
Alceu de Toledo Pontes (do Instituto Histórico e Geográfico)
1973

Caderno Campo Limpo Paulista em Números
Prefeitura Municipal de Campo Limpo Paulista
Datagraf
1997

Café e Ferrovias
Odilon Nogueira de Mattos

Conhecendo a Região Bragantina
Editora da Universidade de São Francisco – EDUSF
Amílcar Barletta
2000

Economia Cafeeira
Sérgio Silva

A Política do Café em São Paulo
L.Zacharias de Lima

A Imigração Italiana da
Unidade à Segunda Guerra Mundial
Sori E.

Jornal “O Estado de São Paulo”

Almanaque Abril
Editora Abril
2000

Monografia de Jundiáí
Assis Cintra

São Paulo no Século XVI
Taunay

Marcha para o Oeste
Cassiano Ricardo

A História de Jundiaí
Expo Municipal – 2ª edição
1998

Ivoturucaia – O bairro mais antigo de Jundiaí
Dr. Walter Grossner
Museu de Jundiaí

Jornal “O Noticiário”
Campo Limpo

As Ferrovias de São Paulo (1870-1940)
Flávio Azevedo Marques de Saes

São Paulo e Outras Cidades
Nestor Goulart Reis Filho

Sua opinião é muito importante

No intuito de ter um livro sempre atualizado e cada vez com mais informações e mais perfeito, gostaríamos de receber de todos os leitores:

Informações, curiosidades, dados discordantes, novidades, comentários e todas sugestões que quiserem.

E-MAIL: saf@intercamp.com.br

FAX: (11) 4039-1491

Prefeitura da Cidade de Campo Limpo Paulista
Av. Adherbal da Costa Moreira, 255
13230.000 – CAMPO LIMPO PAULISTA – SP

A/C:
Paulo Luiz Martinelli

Notas:

1 - Esta obra não contém matéria comercial.

As empresas, instituições e pessoas citadas são
exclusivamente de caráter informativo.

2 - Direitos reservados.

Os direitos autorais desta obra
pertencem exclusivamente à Prefeitura Municipal de Campo Limpo Paulista

